



Combustão

Denise A. Agnew

Tradução: Bárbara
Formatação e revisão final: Mell





GrupoRR Apresenta:
Título original: COMBUSTION
Publicação *Liquid Silver*
Por **Denise A.Agnew**

Sinopse:

Um pouco quente...

A ex-Saltadora de Fumaça **Autumn MacAllister** retorna a Montana depois de uma tragédia quase tirar sua vida. Ela não esperava que o inseguro menino bochechudo que ela, uma vez, conhecera, tivesse se transformado em um homem lindo e viril.

Uma pequena chama...

O bombeiro **Jack Dillon** nunca esqueceu sua paixão de infância por Autumn, ou o incêndio devastador que misturou suas vidas. Agora ela está de volta e, criando confusão em seu coração e, ele não pode ignorar a tensão entre eles, que ameaça inflamar.

Combustão!

Agora, eles devem juntar forças quando um incendiário ameaça queimar sua cidade e, um velho inimigo ameaça criar um incêndio que pode consumir tudo o que é amado por eles.



Dedicação

Para os bombeiros, equipe de resgate, e policiais que deram suas vidas para salvar outras em 11 de setembro de 2001. Para aqueles que sobreviveram e continuaram à procura por sobreviventes.

Estes homens e mulheres valentes são heróis de verdade, em todos os sentidos da palavra.

Para os bombeiros que batalharam contra as chamas durante a horrorosa temporada de incêndios selvagens de 2002.

Sua coragem nunca será esquecida.

E, acima de tudo, para papai, que fez isto a seu modo.

(9 de maio de 1918 — 7 de fevereiro de 2002)

Prólogo

Clifton, Montana

11 de setembro de 2001

CNN vociferou na pequena televisão no alto, acima do bar e, um silêncio incrédulo pairou sobre aqueles que assistiam. Com uma precisão dura como diamante, imagens horríveis se tornaram gravadas nas mentes dos consumidores que observavam o terror transmitido na tela. O perigo existia para todo mundo naquele segundo, naquele minuto, naquele momento de destruição.

O observador olhava o caos e atraía o odor do bar esfumaçado, da cerveja e o inconfundível fedor de horror. A incerteza se tornou uma coisa ao vivo, se contorcendo no ambiente e envolvendo as pessoas, como uma cobra estrangulando uma última respiração. O tempo pairou e se calou.

“Oh, meu Deus,” uma mulher sentada próximo ao Observador disse. “Eles atacaram o World Trade Center.”

Ele sentiu a descrença da mulher e quase riu da vaga expressão que ela tinha impedida de falar pelo choque.

As tolas criaturas ao redor não podiam acreditar no terror que se desdobrava diante deles. Todos estavam pasmos e falando em sussurros. O garçom parou de limpar o bar e olhou à tela da televisão numa atordoada fascinação.

A princípio, o Observador se encolheu como o resto deles, adoecido pelas imagens na televisão, mais do que intimidado, estava enfurecido e vingativo pela visão.

Então ele absorveu a magnitude dos eventos, saboreou o sincero desamparo vazando de cada pessoa no ambiente. Regojizando-se nas sensações, ele estremeceu conforme o prazer se empilhou mediante a fascinação. Sim, o comum Joe Blow nas ruas estaria colado à televisão por horas. E o Observador se alimentaria da violência com profundo prazer.

Ele olhou para a televisão novamente e viu bombeiros se apressando para o local de terrorismo.

Aversão e ódio se rasgaram pela alma do Observador. O bombeiro de Clifton, Jack Dillon, seria provavelmente voluntário para ir à Nova Iorque.

Ele não podia corresponder o mal desdobrado em tão atordoante escala, mas hoje à noite, a pequena cidade de Clifton, Montana, teria uma amostra do fogo e da mutilação que destruíram o *World Trade Center*. Ele sentiu a pressa e o desejo de criar o poder

exigido para a destruição. A irresistível ânsia de queimar, suprimida por meses, surgiu como uma fome voraz.

Jack Dillon não sabia disso, mas o incêndio hoje à noite não tinha sido o primeiro que o Observador dera a Jack.

Não seria o último.

Capítulo Um Clifton, Montana Março de 2002

Tudo começou com um estrondo.

Literalmente.

Autumn MacAllister nunca esperava chocar-se com Jack Dillon do modo que o fez naquela segunda-feira. Especialmente depois de somente duas semanas de volta a Clifton, Montana.

A neve começou enquanto seguia de seu quarto alugado até o trabalho de fotógrafa e repórter para o *Clifton Times*, a cinco milhas de distância. Luz, flocos molhados se transformaram em pesados blocos de umidade. As condições miseráveis fizeram com que ela diminuísse a velocidade de seu veículo até o arrastar de uma tartaruga.

Conforme puxava seu velho *Taurus* (carro Ford Taurus) azul para o sinal de parada na esquina, olhou ambas as direções mais de uma vez para certificar-se de que o cruzamento estava livre. A rua estava vazia, uma área residencial quieta não longe de um parque. Satisfeita, virou a direita na direção de *Jackson*. Ela tinha dirigido talvez metade de um quarteirão quando viu uma grande *SUV* descendo pela estrada pelo menos a vinte milhas acima do limite de velocidade. Segundos mais tarde o *SUV* começou a deslizar. O motorista lutou contra o movimento de rotação e o enorme veículo desviava de lado a lado.

Gelo. Gelo escuro.

Autumn diminuiu a velocidade seu carro, pronta para tomar uma ação evasiva.

Antes de poder sequer inalar, o *SUV* começou a girar... e deslizar direto em direção a ela. Autumn amaldiçoou quando girou a roda à direita e dirigiu-se à calçada. Nenhum carro ao longo do meio-fio. Ninguém caminhando por ali.

Muito tarde, Autumn. Muito lenta.

A enorme, grade e prateada *SUV* enfrentou-a como um monstro em um filme futurístico. Ela viu um rosto velho, enrugado, na roda do **Behemoth*** veículo, a boca escancarada em surpresa ou choque.

* **Behemoth** é o nome de uma criatura fantástica descrita na Bíblia, no Livro de Jó, 40:15-24. No idioma Hebreu é transcrito como **תומהב, Bəhēmōth, Behemot, B'hemot**; em Árabe **توميهب (Bahīmūth)** ou **تومهب (Bahamūt)**.

Sua descrição é tradicionalmente associada a de um monstro gigante, podendo ser retratado como um leão monstruoso (como acontece em alguns RPGs eletrônicos, por exemplo na série Final Fantasy), apesar de alguns criacionistas o identificarem como um saurópode. Em uma outra análise vemos este como um animal pré-histórico muito conhecido como braquiossauro. Os relatos no livro de Jó capítulo 40 (Bíblia) apontam para este grande herbívoro. Esta criatura tem um corpo couraçado e é típica dos desertos(embora Behemot também seja como os hebraicos chamavam os hipopótamos).

O *SUV* vislumbrou seu pára-lama dianteiro direito e forçou o sedan a girar à direita. Ela clamou quando seu cinto de segurança estalou tenso e a segurou no lugar. O metal se torceu e foi triturado. O vidro foi destruído. Seu sedan continuou a patinar, se direcionando para o poste de luz à frente, do lado da rua. Instintivamente, ela lançou seus braços sobre seu rosto e cabeça. A porta traseira da lateral do motorista se chocou contra o poste e vibrações radiaram por seu corpo com uma atordoante força. Rasgando o metal e o barulho de vidros se quebrando em uma cacofonia contra seus ouvidos. Um ferrão afiado perfurou sua bochecha, então outra pontilhada de dor tocou em sua mão esquerda e seu pescoço. Por um instante ela esperou que o poste despencasse, colidindo com o teto e talvez esmagando o carro, ou que as linhas de tensão faísassem eletricidade em torno do veículo.

Sua respiração raspou em sua garganta, e ela ouviu o motor lento. Por vários atordoados segundos ela não podia pensar. O ar ártico soprou pela janela e envolveu seu corpo como um manto glacial.

Manteve seus braços acima da cabeça e seu corpo esboçado rigidamente. O motor emitiu um som enfadonho e deu sinal, ainda funcionando. Conforme a neve soprava na janela quebrada do lado do motorista, ela abaixou os braços e agarrou a ignição para desligar o carro. Com dedos trêmulos, desenganchou seu cinto de segurança. Pedacos pequenos de vidro se aninhavam em seu colo e, ela notou um filete de sangue em sua mão esquerda. Ergueu o olhar ao redor para olhar para o outro carro. Ele permanecia no canto como um gatinho para o Sedan. A frente parou próxima à porta lateral traseira. A figura pequena no *SUV* afundou sobre o volante.

Os calafrios agitavam o corpo de Autumn conforme ela tentava pensar.

Se a porta lateral do motorista tivesse batido no poste, ela poderia ter ficado seriamente machucada. Ao invés disso, a porta de parte de trás do lado do motorista estava profundamente triturada pelo poste.

Enquanto olhava para a devastação ao seu redor, um vazio e um pensamento ridículo vieram à mente.

Eu fiz isto. Cheguei atrasada ao trabalho.

Antes de poder se mover, ela ouviu alguém gritar e uma agitação começou em torno do acidente. Dois carros pararam do outro lado da larga pista.

Seu corpo inteiro doía com um enfadonho pulsar. Ela precisaria de uma boa imersão na banheira naquela noite. Primeiro, precisava escapar deste emaranhado de metal. Desde que chegara a Clifton, duas semanas atrás, sua vida pareceu se tornar mais complicada a cada minuto. Agora ela podia adicionar outro bizarro incidente em sua crescente lista de esquisitices.

Eu estou sempre no meio da ação. Ela respirou fundo e tentou tranquilizar seu acelerado coração. *Vamos. Você já esteve em situações muito mais perigosas que esta.*

Um homem calvo, bochechudo, de meia-idade de repente apareceu em sua janela. Seu nariz estava vermelho pelo frio e seus olhos cheios de preocupação. “Você está bem?”

“Sim.” Ela se empurrou contra a porta lateral do motorista, mas não moveria. “E a pessoa no *SUV*?”

“Ela está inconsciente e outra pessoa a está ajudando.” O homem tentou arrancar a porta, mas, não abria. “Eu tentarei as outras portas.”

Ela percebeu que, embora a janela do lado dianteiro e janela traseira do motorista estivessem destruídas, seu pára-brisa formou uma teia de aranha estranha, que se não quebrou. Como este carro velho não tinha airbags, ela teve sorte do pára-brisa não ter desmoronado e banhado-a com mais vidro.

O homem lutou para abrir as outras portas e falhou. “Que bagunça. Você não deformou o poste de telefone, entretanto, e isto é bem impressionante.” A apreensão desenhou sua boca em uma carranca quando ele olhou para cima. “Pelo menos não ainda.”

Ao longe, uma sirene gemia. Ela deu a ele um sorriso fraco. “É ajuda o que eu ouço chegando?”

“A rodovia está fechada. Eu não me moveria se eu fosse você. Você pode ter lesões.”

Oh, sim, eu sei. Conhecía o exercício de rotina muito bem e, empurrou de volta uma memória que ameaçava crescer e apoderar-se de sua garganta como de um cachorro louco. Ela retraiu um profundo fôlego.

Mais rápido do que teria imaginado um veículo vermelho brilhante e uma ambulância chegaram à cena, as sirenes gritantes diminuía conforme os veículos de emergência iam parando.

Bombeiros foram descarregados do veículo. Vestidos com capacetes pretos, calças de lona, suspensórios, jaquetas impermeáveis e botas emborrachadas com biqueiras de aço; o traje a lembrava da carreira que ela desistira a três anos atrás.

“Aqui!” O homem de meia-idade acenou para os bombeiros. “Este carro não abre e ela está presa. A motorista do *SUV* parece estar em má forma.”

Alguns dos bombeiros dirigiram-se ao *SUV*, enquanto dois próximos vieram para o carro de Autumn. Eles se curvaram para baixo, avaliando o dano por detrás das coloridas lentes dos óculos de segurança.

“Senhora, você está bem?”

A voz profunda, masculina, pertencia ao mais jovem dos dois homens. Por um atordoado segundo tudo que ela pôde registrar foi o bonito rosto, sobrancelhas desenhadas juntas em feroz concentração. Oh, ela não via um bombeiro tão bonito assim há muito tempo... Se é que vira algum dia.

A preocupação dobrou sua fronte e os atordoantes olhos de jade se estreitaram. “Senhora, você está machucada?”

Acorde, Autumn. Você está boquiaberta por ele como um filhote de cachorro apaixonado. Ele vai achar que você tem um dano cerebral. Ela sorriu fraco. “Não, eu estou perfeitamente bem.”

Algo surrealista e familiar tocou seus pensamentos. A preocupação foi indicada nos olhos dele quando a avaliou. Ela podia dizer que ele não acreditou nela. Ele tentou torcer para abrir a porta.

“Eu estou presa.” Ela percebeu dois segundos mais tarde o quão pouco convincente soara.

Um sorriso de parar o coração quebrou-se sobre seu rosto, transformando-o em nada menos do que um soco no estômago, de tão absolutamente magnífico.

Ela piscou e perguntou-se se começara alucinar. “O outro motorista está bem?”

“Ela ficará bem, senhora. Não se preocupe com ela agora,” o bombeiro mais velho disse antes de se virar e gritar instruções para outros membros do grupo.

De repente lágrimas queimaram seus olhos. Ela levou uma respiração ofegante e empurrou a não desejada emoção de volta a onde pertencia. Uma das lágrimas escapou. Ela enxugou a ofensiva evidência de sua vulnerabilidade.

“Ei.” O homem mais jovem lançou outro sorriso largo conforme substituíra suas luvas de couro por outras de látex. “Você ficará bem. Você não está chorando porque está machucada em algum lugar?”

Ela fungou, mas se recusou a reconhecer que queria chorar e, chorar muito. “Não. Eu tenho certeza.”

“Nós verificaremos para termos certeza.” Ele alcançou no carro e começou o exame padrão, juntando seus sinais vitais e fazendo perguntas de sondagem. Quando ele a tocou, suas mãos enviaram mensagens mornas que foram além do conforto. Entretanto, seu toque era profissional, o que ela sentiu a fez pensar se realmente não tinha batido sua cabeça. Uma doce dor começou em baixo de seu estômago quando os dedos dele examinaram seu pescoço. Um formigamento correu por sua pele.

Parecia surrealista ter alguém cuidando dela daquele modo e até tão mais enervante, que ela quis seu toque intimamente. Como seria sentir suas mãos traçarem as áreas mais íntimas, as áreas proibidas?

“Alguma dor em seus braços ou pernas?” Ele perguntou.

Ela tentou afastar para longe seus pensamentos vaporosos, e respondeu no negativo.

Ele tocou um corte em sua cabeça com gaze e a dor a surpreendera com uma pequena arfada. Os olhos dele se estreitaram. “Desculpe. Dói muito? Você bateu a cabeça?”

“Não. Deve ter sido o vidro.”

“Nós precisaremos colocar um colar de pescoço. Um pouco mais de tempo e então nós teremos tirado você.” Sua voz gentil, profunda e calmante a tranquilizou ou ao mesmo tempo em que provocou os mais primitivos dos pensamentos carniais. “Nós precisamos ter certeza que você não tem quaisquer problemas sérios.”

Quando ele esfregou as grandes mãos em sua cabeça, a consciência sensual foi chamuscada dentro dela mais uma vez. Ela ponderou sua reação e responsabilizou a adrenalina.

A impaciência a desgastava, embora soubesse que ele seguia o procedimento. Ela queria sair do carro. “Eu estou bem. Eu poderia escalar a janela para sair e te poupar de usar os equipamentos para conseguir me tirar.”

Ele agitou a cabeça. Quando sorriu minimamente, ela notou uma covinha pequena em seu queixo — uma discreta cavidade. “Nós não deixaremos você subir para sair daí e arriscar-se. A adrenalina pode mascarar as lesões.”

“Eu sempre fui à pior paciente que já existiu”, ela murmurou.

Ela tinha provado aquilo quando tinha ficado em uma cama do hospital três anos atrás com o orgulho ferido, a tristeza e o joelho direito esmagado. Automaticamente agarrou o joelho.

“O que está errado?” Seu tom soou rude, a preocupação era evidente nos olhos.

“Nada. Eu estava pensando em um machucado antigo.”

“Diga-me se houver algum problema.”

Sua voz firme disse tudo e ela se encontrou respondendo à força dele. Ela gostou do modo que ele trabalhava, eficiente e rápido. Ele deslizou um *colar em c* e colocou ao redor de seu pescoço.

Momentos mais tarde outro bombeiro caminhou em sua direção, com uma mandíbula de maquinaria viva.

O alívio diminuiu a velocidade das batidas de seu coração para uma velocidade razoável quando ela viu o especialista em libertações.

Ele a tiraria fora dali rápido.

Ouviu o homem jovem dizendo algo para outros bombeiros juntos, próximos ao carro. A equipe de resgate logo colocou a mulher do *SUV* em uma maca.

Autumn olhou para cima quando seu bombeiro deu um atraente sorriso, que desgostosamente falava em charme, e talvez, um pouco de petulância nas bordas.

Meu bombeiro? De onde isso veio? Então, ele tem um sorriso atraente. Certo, mais que bonito. Delicioso e com direitos comestíveis estabelecidos. Certo. Nah, eu não saio com bombeiros. E ela não saía. Mesmo tendo sido bombeira, não conseguia se imaginar casada com um. As horas de turnos misteriosos, o perigo...

Não achava que gostaria de se pôr naquilo. Não com sua história.

Segundos mais tarde, a ambulância levou a velha mulher acelerando para longe. Autumn perguntou-se se poderia ter feito qualquer coisa para prevenir o acidente. Ela tentou recordar a seqüência de eventos, mas tudo parecia borrado. Não podia lembrar-se de detalhes e aquilo a assustava. Sabia muito bem, que a tensão podia gerar numa pessoa em uma condição de desordem mental e problemas de memória.

O bombeiro bonito voltou-se para ela com um cobertor. “Eu vou cobrir você por cima, de forma que quando nós abrirmos esta porta, você não seja atingida pelos escombros, certo?”

Ela movimentou a cabeça. “Certo.”

Ele pousou o cobertor sobre ela, seus olhos preocupados ondularam quando ele sorriu. Reassegurou-se de que ela estava debaixo do pano abafado.

Um bombeiro usou as *Mandíbulas de Vida*, e ela pôs os dedos nos ouvidos para não deixar entrar o tremendo barulho conforme a maquinaria chocalhava e o metal protestava. Momentos mais tarde a porta rangeu para abrir. O bombeiro jovem puxou o cobertor e se ajoelhou ao lado dela. O olhar avaliador procurando qualquer lesão nela que ele tivesse perdido.

Outro pessoal de resgate trouxe o encosto e a maca. Conforme seu bombeiro a ajudava a se libertar do carro, mil pontos de consciência apressaram-se para ela. Pessoas conversando, o tráfego distante e o som de outra ambulância chegando. Atada ao colar, ao estabilizador de cabeça e ao encosto, sentiu-se como uma galinha pronta para ser assada.

Outro homem disse alguma coisa para o bombeiro jovem que estava cuidando dela e ela ouviu o outro homem o chamando de “Jack”.

Conforme a direcionavam para a ambulância, memórias a bombardearam como uma avalanche.

A surpresa ondulou até seus dedões do pé.

Não podia ser. Devia ser.

O bombeiro jovem tirou o capacete e seu curto cabelo loiro escuro ondulado veio à vista. Em seguida, ele removeu os óculos de segurança e revelou mais de seus olhos verdes. Ele tinha aberto a jaqueta em algum momento durante o salvamento e ela viu seu codinome na camisa do uniforme; perguntou-se por que não notara isto antes. Certamente não o teria reconhecido de outra maneira.

Ela o alcançou e apertou o antebraço dele e ele avançou. A preocupação apareceu através de sua máscara de profissionalismo.

“Jack Dillon?” Ela perguntou.

Quando a deslizaram na ambulância, sua voz soou longe. “Sou eu.”

“O Jack Dillon?” Ela não podia manter o assombro fora da voz quando recordou o jovem menino de excesso de peso que ele fora uma vez.

Uma centelha entrou em seus olhos quando ele subiu na ambulância com ela. “O único e apenas.”

“Você não sabe quem eu sou não é?” Quando a ambulância desapareceu da cena, ela decidiu que daria uma pista a ele. “Eu sou Autumn MacAllister.”

Quantos segundos se passaram antes dele falar, ela não podia dizer. O tempo voltou, separando os anos. Tantos anos e tanta distância.

O reconhecimento floresceu no olhar dele e ela viu que ele também se lembrava da ventosa tarde, dezessete anos atrás, quando se conheceram. Parecia que tinha sido há toda uma vida.

*

Jack não podia acreditar naquilo. Esta era a **sua** Autumn deitada em uma maca, cortada e contundida por um acidente. Quando ele olhou para baixo para a esbelta magra —, porém, de forte olhar — mulher na maca, seu coração deu uma pancada e quase parou. A respiração encurtou. A adolescente que dera tanto para ele todos aqueles anos atrás florescera em uma estonteante mulher.

Uh, sim. Certo. Tente fodível. A número 1, uma linda Wallbanger*.

* *Wallbanger* é um drink feito da mistura de um licor italiano de ervas, flores e frutas (chamado Galliano), vodka (ou gim) e suco de laranja. Famosa pelo efeito no sistema locomotor de seus consumidores.

Jesus Jack. Se controle.

Sim, ela era uma paciente e, sim, não era nada profissional que a encarasse daquela maneira, mas parecia não conseguir poder evitar. Desde que a tinha visto no carro, com olhos um pouco arregalados, parecendo um pouco assustada, ele a quis proteger. Saboreá-la. Os lábios dela se separaram e o estômago dele se apertou.

As memórias voaram por sua cabeça. A primeira vez que vira os cabelos loiros prateados e os olhos azuis dela, sentira uma sensação de *déjà vu*. Ele havia ignorado aquilo e saltado para a ação, o instinto empurrando-o a fazer seu trabalho. A voz de Autumn, tão familiar como ele lembrava, enviou uma onda de desejo por ele. Deixou que a fome, as apreciativas e inconfundíveis sensações masculinas viessem. Uma cena carnal relampejou em sua cabeça num imparável momento: As longas pernas dela envolvidas em seus quadris enquanto seu pênis afundava rápido e profundo nela.

Merda. Tinha perdido a mente por uma batida de coração.

Percebeu que a tinha olhado fixamente por algum tempo sem falar. “Passaram-se dezessete anos.”

Ela sorriu e a ternura naquele sorriso fez seu coração sacudir, falhar e começar uma batida nova e frenética.

“Eu não posso acreditar que você esteja aqui.”

“Eu não acredito também. Que maneira de nos encontrarmos novamente”, ela disse.

Uma torção moveu os lábios dela e exaltou a cor em suas bochechas; o fizeram pensar se ela estava envergonhada. Ele sorriu.

Quando gentilmente tocou as pernas dela, procurando qualquer sinal de dano, tentou lembrar-se de sua ética novamente. Construída atleticamente, ela obviamente trabalhava para manter seu grande tônus muscular.

Seus seios eram redondos, cheios e bonitos debaixo da longa túnica vermelha que vestia a cintura e quadris eram finos. Suas escuras calças colantes não faziam nada para

disfarçar a curva firme das pernas. Ele sempre tinha sido um homem de pernas. Nada que ele gostasse mais do que uma mulher nua calçando sapatos de 'foda-me'.

Uma ígnea fantasia foi lançada sobre ele, ela espreguiçando-se em seu quarto, vestindo apenas um sutiã preto, uma calcinha do tamanho de um selo postal e afiados salto-altos. Oh, sim.

A ambulância deu uma pancada de velocidade e quando eles se empurraram, ele pegou seu antebraço. "Você está bem?"

"Você certamente me perguntou muito isso." Suaves lábios vermelhos separaram-se em um sorriso.

A voz de Autumn soava sussurrante e macia e ele recordou como seu fervilhante tom uma vez o ensinara as lições, quando era sua monitora de inglês. Um calor se fixou em sua barriga e seu pênis endureceu um pouco. Ele quase friccionou os dentes. Agora não era hora para conseguir uma furiosa rigidez.

As palavras deslizaram dele antes que pudesse pará-las. "Claro que eu pergunto isto muito. Estou preocupado com você."

Ele percebeu o quão íntima sua declaração soara. *Ótimo, Dillon. Ela pensará que você é um doido. Faça seu trabalho e não chateie a paciente.*

"É meu trabalho," ele disse. "Preocupação com o paciente." Ele inalou e tentou abaixar a velocidade fora de controle de seu coração. Limpou a garganta. "Minha mãe disse que você estava vindo para a cidade e alugaria um quarto dela."

"É verdade. Sua Mãe é a melhor." Ela apressou-se, com sua marca registrada, a habilidade de saltar de um assunto ao próximo sem desperdiçar uma pulsação. "Ela me disse — na verdade, várias pessoas me disseram quando eu entrei em Clifton — que você se tornou bombeiro."

"Isto surpreende você?"

Ela demorou um momento para responder e a decepção o fez franzir as sobrancelhas. Como os psicólogos chamam quando fitas velhas tocadas por sua psique te lembram suas falhas? As fitas velhas dele o transformaram no gordo Jack Dillon que nunca se totalizaria em nada.

As feições de Autumn se suavizaram e ele podia jurar que ela olhava para ele com genuíno afeto. "De maneira nenhuma. Quando eu deixei Clifton, você tinha toda a confiança do mundo."

Quando ela deixara Clifton, sua determinação em se tornar bombeiro tinha se solidificado. Mas não por causa de confiança. Memórias não desejadas se intrometeram.

A visão da casa de Autumn estourando em chamas. As línguas de fogo que alcançavam o céu da noite como uma chama faminta, devoraram a casa com velocidade incrível.

Não. Ele não tinha tempo para recordar a noite horrível que mudou ambas as vidas para sempre.

"Sim, toda a confiança do mundo." Jack sorriu tristemente e sentou-se mais ereto.

"Eu estava tentado a me encher de orgulho quando me juntei ao corpo de bombeiros há dois anos atrás, mas consegui manter a cabeça direita."

"Eu posso ver como você seria tentado." Antes dele poder responder, ela continuou. "Eu ouvi que você foi para a faculdade, ganhou um diploma de *Ciência Química e Incêndio*, então foi para Detroit. Por que Detroit?"

"Eu tinha uma namorada de faculdade que vivia lá."

"Oh. Você morou com ela?"

Nada como ser pessoal. Ela sempre seria direta.



“Sim.”

“Hmm.”

Maldição. A mulher sabia o que aquele som fazia com um homem quando saía ofegante da boca? A boca larga de Autumn chamou sua atenção e então ele percebeu que como todos aqueles anos atrás, ela pegou-o encarando-a novamente. O calor aumentou no rosto dele.

“Eu me lembro também, Jack.”

Ela quis dizer que pensava na atração selvagem que ele sentia por ela, ou no incêndio?

Qualquer um dos dois, ele não queria pensar sobre aquilo. Melhor deixar o passado no passado, onde não podia machucar nenhum deles.

Ele percebeu que sua outra mão ainda segurava o braço dela. Recuou quando chegaram ao hospital.

Quando eles rolaram a maca de Autumn na sala de emergência, aquela profunda reação de estômago bateu dentro dele. Ele queria saber mais sobre a vida dela e o que aconteceu nos anos em que esteve fora. Certo, ele ouvia rumores sobre ela de vez em quando. Tentando como podia evitar escutar aqueles rumores, ele absorvia tudo o que podia prender sobre ela de qualquer maneira. A culpabilidade substituiu a excitação.

De volta ao trabalho, Jack. “Até mais. Cuide-se.”

Ele acenou e sorriu quando Autumn estava sendo levada para longe. Ela ergueu a mão em despedida, mas não disse nada e, seu olhar se prendeu no dele por muito tempo, até que ela virou num corredor.

Forçando seus pés a se moverem, ele voltou para a ambulância e sorriu. Perguntou-se o que ela faria se ele a chamasse para sair. Desde que sua mãe disse que Autumn voltara para Clifton, ele considerou entrar em contato com ela novamente, apesar do doloroso passado compartilhado por eles.

Agora que ele a tinha visto, com as longas pernas e um corpo com deliciosas curvas, ele queria ver se a antiga Autumn teria mudado mentalmente também.

Maldição. A mulher por quem fantasiara por anos andara diretamente de seus sonhos para a realidade. Excitação rodeou sua alma e se concentrou em sua virilha.

Hora de fazer algo sobre isto, Dillon.

Capítulo Dois

Glaciais rajadas de vento sopravam pela janela do carro conforme o Observador esperava na esquina da *Main Street* * com a *Wilmington Drive*.

Ele se perguntou se Autumn MacAllister percebera o problema que trouxe quando retornara a Clifton. Ela entendia o tumulto que sua reaparição causaria nesta cidade? Antigas feridas, antigos jogos, memórias antigas rolariam por este lugar como uma avalanche. Somente o mais esperto sobreviveria. Cadela estúpida!

Ele a tem seguido pela cidade, detendo-se longe o suficiente apenas para que ela não o visse

Excitação bombeou o Observador; Espiá-la parecia quase tão bom quanto estudar um incêndio. Com olhos fechados, esperou-a sair do carro, e imaginou chamas lambendo e surgindo ao redor dela, crescendo mais e mais quente até que explodissem.

A estimulação erigiu e fluíu em seu corpo e um prazer quente cresceu. *Ah, sim.*

Ele ouviu o estrondo da porta do carro e seus olhos estalaram abertos.

Quando observou Autumn parando na frente da loja de esquina do velho Hamilton, o Observador percebeu que ela não tinha mudado muito. Certo, seu cabelo não caía mais nas costas em deliciosas grandes ondas. Ao invés, ela usava um daqueles bagunçados cortes curtos que ele desprezava. Parecia superficialmente com a Meg Ryan, com características delicadas que a faziam parecer ainda mais jovem do que sua idade verdadeira. Ainda, seu corpo era alto e desengonçado. Houve um tempo em que seu caminhar era pura elegância; Agora ele falava de uma confiança ao estilo 'não-me-sacaneie'. O Observador supôs que sua atitude se fora com sua antiga carreira.

De todos os estúpidos trabalhos para uma mulher. As mulheres sempre tentaram fingir que podiam fazer trabalhos de homem. As mulheres estúpidas, que não sabiam qual era seu lugar, o faziam ver cinquenta sombras de vermelho. Ele tomou profundas inspirações para tranquilizar as batidas do coração e parar o suor escorrendo de sua testa. Novamente sua obsessão exigia. Oh, começar um fogo agora e se alimentar da chama e aliviar a fome.

Não deve ser apagado agora. Tempo demais foi investido neste. A cadela vai pagar... E logo.

Arranhou o queixo e ponderou se Autumn já pensara sobre aqueles dias, dezessete anos atrás. Claro, ela deve ter pensado. Como poderia esquecer o que eles compartilharam? O Observador sorriu e saboreou as memórias dos gritos de Autumn e, doce, doce vingança.

** Main Street é, normalmente, o verdadeiro nome da principal rua nas cidades pequenas. Todas as ruas têm nomes diferentes, menos a Main Street, que é o ponto de onde todas as outras derivam.*

* * * *

Quando Autumn saiu do sedan vermelho que conseguiu emprestado com Bitsie Dillon, parou e saboreou o ar fresco das grandes altitudes. Ela aspirou profundamente, apreciando o delicado ar e seu odor especialmente limpo. Seu olhar caiu sobre os cumes altos e, uma vez mais, se maravilhou com a neve agarrada aos ápices azuis. Entre a floresta de *Helena* e a *Floresta nacional de Deerlodge*, Clifton batalhou contra invernos loucos que foram de leves a severos em uma batida do coração. Perto das cidades de *Deer Lodge*, *Butte* e *Helena*, Clifton trouxe para dentro esquiadores, através dos campos, no inverno e, caminhadas no verão. Março podia ser um mês cruel nas montanhas. Lá em cima uma pessoa podia congelar até a morte ou morrer desafiando um incêndio.

Sua respiração foi impedida, memórias não desejadas entraram em seus pensamentos. Ela fechou os olhos e as imagens vieram duras e rápidas:

Ventos poderosos forçando ela e seu parceiro de salto muito perto do fogo. A linha de seu parceiro fluindo quando se recusou a abrir. O puxão quando seu pára-quedas abriu, e seu companheiro agarrado a ela enquanto ela desesperadamente tentava salvar a vida dele. O medo bombeou nela como se tivessem saltado diretamente para o próprio Purgatório.

Ela ofegou e forçou seus olhos a se abrirem. *Relaxe. Esqueça isto. Está tudo no passado.* Não. O esquecimento não aconteceria. Talvez aceitação.

Alguns dias ela pensava que tinha posto de lado o que aconteceu. Outros dias ela não sabia.

Esfregou a parte de trás do pescoço, cansada. Quando a tensão aliviou, Autumn tomou nota da quietude e apreciou os vitorianos escritórios e casas que enfileiravam a *Main Street*. Alguns turistas se desgarravam de uma loja de antiguidades até outra, levando seus **Cappuccinos* e *Lattes*, conforme caminhavam. Sentia falta deste sossego... ou da ilusão de paz. Os limites exteriores da cidade ostentavam novas cadeias de fast-food, um minúsculo centro comercial e outras conveniências modernas. Aqui ela podia deslizar de volta para a Clifton dos velhos tempos.

Indo embora das montanhas, caminhou um pouco até que viu a excêntrica loja de esquina do Hamilton. Quando chegara a Clifton notara com alívio que a minúscula loja tinha permanecido nos negócios.

Recordou a data, todos aqueles anos atrás, em que tinha entrado naquela loja com George Beckett para comprar sorvete. Deus, ela era tão jovem. Recentes dezessete anos de idade, com um novo trabalho de monitoria particular e idéias excitantes para o futuro; mal sabia da estrada complicada que viajaria. Sabia que nunca mais queria ver George novamente enquanto vivesse. Sua garganta apertou-se pelo pensamento nele. Queimava pela vergonha do que permitiu que ele fizesse e, pelo respeito próprio que perdera. Agitando a cabeça, Autumn decidiu que não tinha tempo para insistir em coisas que não podia mudar. O passado deve permanecer no passado.

Agora que retornara a Clifton, se sentia insegura. Quase como se nunca tivesse vivido ali. Como um bebê explorando seu ambiente, ela precisaria nadar com precaução e negociar com as águas.

Entrou na loja e não notou muitas mudanças ao longo dos anos. O tempo parecia ter tirado uma folga.

“Posso ajudá-la a achar algo?” Sylvester Hamilton ou, Velho Hamilton, como todo mundo o chamava, não parecia ter envelhecido. Ele devia ter mais ou menos setenta e cinco anos agora.

**(Latte: bebida de café com um pouco de leite batido com espuma)*

Autumn sorriu quando ele veio aproximando-se da caixa registradora e a espreitou com curiosidade.

Certo, então talvez ele parecesse mais encurvado, mas seus olhos, de um pálido azul, pareciam afiados e claros como topázio.

Ela ofereceu sua mão para apertar a mão trêmula dele. “Sr. Hamilton, você não deve se lembrar de mim. Eu sou Autumn MacAllister.”

Sua boca caiu aberta por um segundo, então seus olhos brilharam e a diversão filtrou por sua expressão. Ele recuperou sua mão do aperto dela e coçou seu cabelo acinzentado na cabeça calva. “Por Deus, se não é você. Você cresceu um bocado. Se isto não alegra o dia de um homem... Você não se importará se eu puser isto com minha esposa, não é?”

“O que?”

“Ela disse que você não estava voltando para a cidade até a semana que vem. Ela ouviu isto de Manny Phillips, acima da garagem, quando nós fomos consertar o alternador de nosso caminhão” Ele balançou uma mão em sinal de rejeição. “Bem, isso não importa muito, mas você sabe o que eu quero dizer. Não se pode ficar espalhando por aí informações falsas, sabe. Existe muito disso por aí hoje em dia.”

A diversão foi substituída por irritação.



“Absolutamente. De forma alguma. Sinta-se livre para corrigir Stella. A propósito como ela está?”

Sr. Hamilton prosseguiu, informando as novas doenças que seu hipocondríaco cônjuge tivera inventado ao longo dos últimos dezessete anos e, então o tópico mudou. “Eu certamente senti muito quando ouvi que você tinha deixado Clifton, garotinha. Todo mundo sentiu uma terrível falta de você.”

“Obrigado, Sr. Hamilton.”

Ela explicou que queria gaze e bandagens para cuidar dos cortes secundários incorridos em seu corpo durante o acidente de carro. Depois de dizê-la onde achar os artigos, ele foi para trás de seu registrador.

Depois de terminar de juntar o que precisava em uma pequena cesta de compras, ele a tocou e tomou seu dinheiro. “Eu estou um pouco surpreso por você ter voltado para a cidade.”

“Por quê?”

Ele encheu de dinheiro seu antigo registrador. “Eu não me importo em dizer que não teria voltado. Você tem uma alma valente.”

O calor aqueceu em seu rosto quando ela se lembrou do dia em que partira. E a véspera dele. *Por que as pessoas não me deixam esquecer?*

As palavras deslizaram dela antes que pudesse pensar. “Eu sou estúpida, provavelmente.”

A porta bateu ao abrir, encontrando a parede oposta com tal força que Autumn saltou. A princípio, pensou que o vento causara o problema, entretanto ouviu uma risada cruel. Algo se perdeu dentro de seu cérebro, uma lembrança de um tempo e de um lugar que ela não podia trazer para frente de seus pensamentos.

Os olhos do Sr. Hamilton endureceram quando ele olhou fixamente para a entrada e, ela se girou deliberadamente.

Um homem magro com duras características queimadas pelo vento, caminhou em direção ao balcão, ao seu estilo country era evidente em sua camisa de flanela vermelha surrada e suas botas de trabalho, de biqueira de aço.

Seu cabelo liso e oleoso de tom castanho médio precisava de um corte. Autumn pegou o brilho frio de seu olhar azul quando ele a avaliou totalmente, do cabelo até seus tênis atléticos.

Logo atrás dele passou um homem enorme vestindo uma camisa de brim suja e jeans, manchados de tinta e uma leve inclinação dos lábios. Os cabelos eram castanhos escuros ondulados na altura do colarinho, bagunçados pelo vento. Seus olhos pareciam com piscinas marrons de miséria envolvidas em ódio. Um frio ondulou por seu corpo e fez seus pêlos arrepiarem.

Conforme ela olhava cara a cara, tentava reconhecê-los. O magro parecia ter vinte e tantos anos, mas ela não podia ter certeza, com aquele nariz grande e vermelho e as rugas ao redor dos olhos. A pele curtida e um sorriso amarelado deram arrepios a ela. Um feroz sorriso largo e um bagunçado cabelo castanho o emprestaram um ar sinistro. Ela sentiu cheiro de suor e a água-de-colônia barata, projetada para escondê-lo.

O rapaz possuía um grande corpo volumoso, tão espesso quanto uma **Sequóia Canadense* que diminuíam ela e o companheiro dele. Sim, seu peso, era puro massa de músculos e o mau-hálito dominaria qualquer um.

O homem magro parou próximo a ela e sorriu. Ele mastigava um palito que fazia falharem suas palavras um pouco. “Bem, olhe o que nós temos aqui. Qual é o seu nome, querida?”

O nojo rolou através dela. Ela agarrou sua bolsa de mantimentos. “Com licença.”

O homem maior bloqueou seu caminho. “Espere um minuto. Você é nova na cidade? Você parece familiar.”

O aborrecimento apertou seus músculos. Ela respirou fundo e ‘se tornou’ a pessoa que tinha sido antes. Então, como agora, um movimento em falso poderia significar desastre. Endurecendo os ombros, lembrou o que um de seus antigos chefes uma vez lhe disse: Fale como um homem. Nenhum ‘talvez’. Nenhum ‘se’, ‘e’, ou ‘mas’. Seja dolorosamente brusca.

“Existem cerca de quarenta mil pessoas nesta cidade. Você me confundiu com outra pessoa.”

Declaração falha, mas teria que servir. Ela começou a andar, dando a volta ao redor dele, mas o sujeito magro pegou seu ombro direito. O pânico a ameaçou, mas percebeu que idiotas como aqueles se alimentavam de medo e usariam isto para vantagem. Melhor seria era bancar a fria e ganhar através da obstinação.

Sua mãe uma vez disse a Autumn que ela era tão teimosa que não renunciava uma polegada, nem sequer quando as evidências mostravam que continuar não era mais de seu melhor interesse. Sua mãe não considerava aquilo um elogio. Talvez agora viesse para bom uso. Sr. Hamilton passou sem tocar a garganta e começou a andar em torno do registrador, sua expressão era feroz.

“Ei, deixe-a em paz.”

Ela imaginou os dias, mais jovem, em que Sr. Hamilton poderia ter desafiado estes vermes sem problema. Agora ela se preocupava com ele ser machucando. “Está tudo bem, Sr. Hamilton.”

Ela olhou os outros homens. “Solte-me.”

O ‘saco-de-ossos’ não escutou. “Nós não acabamos com você ainda.”

Vermelha de fúria por dentro, ela manteve suas palavras lentas e niveladas. “Talvez você queira que a polícia ouça isto.”

“Eu testemunharei contra estes gambás.” Sr. Hamilton firmemente disse.

O homem maior grunhiu. “Quieto, velho. Isto é entre nós e a pequena dama.”

“Qual é o seu nome, garotinha?” Pedeu o magro idiota.

Autumn imaginou assar o doente bastardo em uma fogueira, mas manteve seu tom tranquilo.

**Sequóia Canadence (tipo de árvore)*

“Autumn MacAllister.”

“Se não é a Senhorita MacAllister.” O maior dos dois porcos sorriu como uma besta contemplando uma refeição. Ele tomou outro avanço. “Eu pensei que esta era quem você era.”

Oh-oh. Agora os reconhecia. Ela não podia acreditar naquilo. Todd Geraldo e Micky Romano eram meninos feios dezessete anos atrás. Agora eles pareciam usados, desprezíveis vermes com atitudes más.

Seu estômago saltou e então todos os músculos se pressionaram tanto quanto uma flecha num arco. O instinto dizia que eles estavam esperando que ela fizesse um movimento em falso e, então, iriam para cima dela como fedor na merda.

“Vocês não acham que possivelmente podem se livrar disto,” ela disse. “Numa cidade pequena como esta... a polícia acontrará vocês.”

O rapaz esquelético não a libertou ou saiu do caminho. “Nós não fizemos nada, senhorita. Nem uma maldita coisa. Estamos só tentando ser amigáveis.”

“Eu não tenho tempo para isto.” Ela encolheu os ombros e o magrelo a libertou. “E eu não quero nenhum problema.”

O rapaz grandão se deslocou em seus pés e enfiou as mãos nos bolsos. Ele olhou para seu amigo magro. “Vamos sair daqui. Nós temos trabalho a fazer.”

Sem outra palavra, os “sacos de imundices” saíram pesadamente da loja. Uma vez mais, eles deixaram a porta bater e o sino tiniu alto suficiente para dar uma enxaqueca.

Suas mãos tremiam ligeiramente. Pôs a bolsa de volta no registrador. “Aqueles dois idiotas ainda estão por aqui?” Ela sorriu para o Sr. Hamilton, tentando esconder os nervos. “Eu pensei que Micky costumava ser o encenqueiro.”

“É.” Sr. Hamilton apoiou-se no registrador como se toda a briga o tivesse deixado exausto. “É verdade. É como eles tivessem trocado de corpos. Você sabe como os garotos são. Eles mudam quando se tornam homens.”

Ela quase fez um bufar nada feminino, mas parou. “Obviamente algumas coisas não mudaram muito sobre eles. Eu imaginei que eles estariam mortos ou na prisão há esta hora.” A raiva ferveu nos olhos do Sr. Hamilton. “Você está bem? Você quer chamar a polícia?”

Ela sorriu. “E dizer a eles o que? Que dois vermes me intimidaram verbalmente? Não vale a pena e não há nada que a polícia possa fazer.”

Sr. Hamilton suspirou. “Bem, você lidou com eles muito bem. Muitas mulheres teriam se assustado demais suas mentes.”

Ela manteve seu sorriso firmemente no lugar. “Eu tive muitas experiências com situações assustadoras.” Um silêncio misterioso cresceu no ambiente, Autumn pensou que até poderia ouvir seu coração. “Eles são criminosos?”

Sr. Hamilton grunhiu. “Ninguém nunca os pegou por qualquer coisa ilegal. Não tenho certeza se isso significa que eles são limpos ou não.”

Depois que deixou a loja, ela se apressou para o carro e, enquanto dirigia, pensou em seu retorno a esta cidade. Ela veio ali para se recuperar, descansar no aconchego de sua família e se reagrupar. Recordou o dia em que deixou Clifton, com quase dezoito anos e machucada em cada fibra de seu ser. O rosto em lágrimas de Jack sempre retornou para ela. Aquela imagem parecia gravada em seu cérebro como uma estigma. Perguntara-se naquele dia e todos os dias depois, se poderia ter feito alguma coisa para aliviar a dor do pequeno garoto. Se tivesse ficado em Clifton poderia ter feito mais por ele?

Inesperadas lágrimas brotaram em seus olhos e desesperadamente tentou conter a reação.

Teria Jack apagado aqueles impronunciáveis dias e noites ou, ele pensava todos os dias na infelicidade e no horror que eles compartilharam? Ele bloqueara aquilo com o trabalho, salvando pessoas das chamas? O trabalho exorcizou o interminável conhecimento de que uma noite tinha mudado suas vidas para sempre?

* * * *

Dezessete anos atrás

Dia do Incêndio

08h00minh da manhã, sábado

Insistentes batidas despertaram Autumn de um sono de morte. Ela piscou pela luz da manhã, a total confusão mascarava seu cérebro até que ela percebeu que a voz pertencia à sua mãe.

Autumn tentou falar, mas sua voz falhou. “Ok, mãe. Já levantei.”

“Você vai se atrasar.”

Autumn sentia-se terrível. A noite anterior relampejava em seu cérebro com agudez cruel. Virou-se de lado e estremeceu. A dor radiava de cima abaixo em seu corpo e, se perguntou se ao invés de ter corrido para casa, deveria ter caminhado para o hospital. Não, não poderia ter caminhado para tão longe ontem à noite. A casa estava mais próxima e a segurança de estar em seu próprio quarto era um cobertor temporário sobre a severa realidade.

Lágrimas floresceram em seus olhos. Era melhor esquecer a noite anterior e George. Depois de ter se libertado do poderoso aperto dele, ela perguntou-se se ele a perseguiria com seu *Firebird** e... *Não. Eu não vou pensar nisso.*

“Autumn?” Sua mãe bateu novamente.

“Sim, eu já levantei. Eu estou entrando no chuveiro.”

Pelo menos sua mãe não abria a porta antes de bater. Muitos pais o faziam.

Ouvira mais de uma história embaraçosa de suas amigas sobre o que os pais viram quando abriram a porta do quarto de um adolescente. Não que tivesse muito para esconder. Desde a sua mãe que parecia ter desprezo por pôsteres, Autumn sequer tentava apimentar as paredes do quarto com seus filmes e cantores favoritos. A mãe a faria levar tudo abaixo, então, por que perder tempo? Ela escondia seu diário debaixo de camadas de roupas no armário, então, a menos que mãe fosse à caça, não acharia aquilo.

Com medo de adormecer novamente, Autumn deslizou para fora da cama e olhou para seu relógio. Oito horas já? Ela pensou que fixara o alarme, mas quando o verificou, viu que o deixara para tocar as nove, ao invés de oito. Seu cabelo caiu em seus olhos quando se apressou para o pequeno banheiro. Uma vez no chuveiro, ensaboeou o cabelo como uma mulher louca. Quando fosse para universidade planejava cortá-lo. Talvez conseguisse um corte que não a escravizasse.

Conforme esfregava seu corpo, via contusões aqui e ali. Uma em seu ombro, no topo de sua coxa. Pequenas indicações da força e intenção de George marcaram sua pele com rigidez e inegável evidência. Água caía em cascata sobre seu cabelo, enxaguando o Xampu.

“Não,” ela sussurrou.

Ela esqueceria. Rompera com George a noite passada e não teria que vê-lo novamente. Quando deixava o chuveiro e se enxugava na toalha, não parecia poder permanecer aquecida. Desejava ter escutado as advertências de sua mãe e pai sobre ele.

Estúpida, Autumn. Você é tão estúpida!

Ela nunca teria imaginado, em um milhão de anos, que a reação de George para as questões sobre tê-lo visto beijar Cherry Guillett causariam uma onda de violência.

Autumn conseguiu preparar-se em tempo record. Hoje ela estaria fazendo um teste para a última peça teatral colegial do ano e então iria para o *Parque e Centro Comunitário Spring Fling*. Esperava que Cherry não tivesse mentido quando disse que não iria fazer o teste para a mesma personagem. De alguma maneira, entretanto, ela estava certa de que Cherry iria.

Deus, o que fez Cherry se virar contra ela? Por que Cherry achava que tinha que ter tudo?

Autumn olhou-se no espelho e seu coração parecia pesado, lágrimas encheram seus olhos apesar de todas as tentativas em contê-las. Tragou e cobriu seu rosto com as mãos.

As coisas nunca seriam as mesmas novamente.

(* Clone do ‘Chevrolet Camaro’, o ‘Pontiac Firebird’ foi, por 35 anos, uma grande opção de carro esporte para os americanos.)

Capítulo Três

“Ei, Cherry. Você me trará uma cerveja, não trará?”

Como se eu não tivesse nada mais para fazer além suprir esse idiota. Eu vou matá-lo.

Carlotta “Cherry” Guillett ouviu a voz de George Beckett acima do som alto da pequena televisão na sala de estar do minúsculo apartamento. Parou de lavar os pratos na pia e considerou agarrar a faca de açougueiro e fazê-lo agora mesmo. Visões de sangue encheram sua mente como cenas de terror de filmes *classe B*. Picar fora seu pinto normalmente seria sua primeira escolha, mas hoje ela queria mais apunhalá-lo no coração. Ela olhou para a brilhante alça da arma de metal barato e se perguntou se teria culhões para fazer aquilo. Podia alegar que a constante vibração do tubo a fez cometer o assassinato. As pessoas se alegavam inocentes com as mais ridículas desculpas.

“Maldição!” Sua exclamação soou na sala de estar quando a torcida gritava na multidão no basquete na televisão e o comentarista reportou que tal time tinha marcado novamente.

Grande coisa. O cabelo caiu em no rosto quando olhou para baixo, para luvas de plástico em suas mãos. As tirou e lançou na bancada salpicada de verde limão. Uma das luvas escorregou e caiu sobre o chão de linóleo. Ela não a recolheu.

Quem em sã consciência colocaria piso de linóleo branco em uma cozinha?

“Cherry, querida! Minha cerveja!”

Sua voz soava alegre, mas a ordem queimou em seu estômago. Ela quase não obedeceu, encarando a geladeira como um idiota em teste de manequim. “*Querida*” *droga nenhuma*.

E ainda sim, aquela palavra pode tê-lo salvado. Uma palavra que fazia tudo ficar bem. Desde que ele desse a ela os três “A”s, ela lhe daria uma folga. Afeto, atenção e apreço. “Certo! Eu estou indo!”

Abriu a antiga geladeira em um puxão e achou a cerveja light. Ele insistia em cerveja light barata. Avançou em direção à sala de estar com a bebida, sorrindo e sabendo que algum dia ela teria um homem que bebesse Martinis ou possuísse uma coleção de bons vinhos.

Um sujeito em particular veio à mente como exemplo. Jack Dillon. *Agora sim, um homem de verdade. Deus, o que eu não faria por uma foda com ele.*

Quase tropeçou na esquelética mistura de Labrador e Pastor no chão, perto do sofá.

“Cooley, o que você está fazendo? Saia do caminho.”

Os gelados olhos azuis de George foram nela quando entregou a suada garrafa de cerveja.

“Deixe-o em paz. Ele não está fazendo nada.”

Ela colocou as mãos nos quadris. “Ele ocupa espaço e gasta dinheiro. Você deveria levá-lo pra fora e dar um tiro nele.”

Ele tomou um gole e olhou de volta para a televisão riscada. “Não ocupa mais espaço do que você.”

Uma raiva quente como uma fornalha queimou no fundo de sua garganta. “Eu pensei que tivesse dito a você o que faria da próxima vez você dissesse algo assim para mim.”

Ele pôs a cerveja na riscada mesa de café de plástico e permaneceu. “Eu não quis dizer nada com isso, doçura. Sério.” Ele alcançou os ombros dela lentamente. Apertando-a contra ele, ele apertou sua virilha no estômago dela. “Não significou nada mesmo.”

Um tolo, autoconfiante sorriso torceu seus lábios. George Beckett poderia ter o QI de uma pulga, mas sabia como agarrar, daria este crédito a ele. Ela olhou sua forma alta. “Assista seu esquisito jogo de basquete e não arrume idéia. Não estou no clima.”

“Você está sempre no clima.”

Estúpido bastardo. Ele a lembraria sempre do que podia lhe dar. O homem era bem-dotado como um cavalo e ela gostava daquilo sempre que podia ter.

“Bastardo!” Ela se torceu para sair dos braços dele, se dirigiu para a cozinha como um furacão e recuperou a faca de açougueiro. Tomou fôlego e voltou para a sala de estar. “Eu te disse o que eu faria George.”

Quando ele viu a faca, empalideceu e levantou as mãos. “Ei, agora. Você sabe o que aconteceu na última vez que teve essa idéia lá fora, no gramado.”

Ela se lembrou dos vizinhos chamando a polícia e o resultante da confusão de explicações. “Eles não me verão chegar em você desta vez. Nós estamos no apartamento.”

Toda pretensão de charme deixou seu rosto e, apreensão substituiu seu sorriso. “Eu me sentarei aqui mesmo e vou beber minha cerveja, sem dizer uma única coisa que seja a noite toda.”

Ela abaixou a faca. “Faça isto.” Ela se virou e retornou a cozinha. “Eu estou saindo.”

“Para que?”

Deslizou a faca de volta no bloco de madeira. “Não é da sua conta.”

Cherry pensou que tivesse ouvido-o rir silenciosamente. “Você esta indo para o quartel de bombeiros para ver aquele bombeiro bicha novamente?”

“Talvez.” Ela olhou fixamente para a pintura amarela descascada, próxima à despensa. “E ele não é um bicha. Pelo menos ele tem um trabalho, George. Todo mundo, inclusive eu, tem um trabalho nesta cidade.”

Silêncio.

“Eu consegui um trabalho,” ele finalmente disse. “No depósito de madeira, ajudando Todd e Micky. Eles vão fazer algumas construções nos novos locais residenciais.”

“Eu acreditarei nisto quando vir.”

“Não, sério. Eles estão trabalhando com construções.”

Ela rolou o olhar para o teto e suspirou. Então desejou não ter olhado; Teias de aranha estavam penduradas nos cantos do teto sujo. “Você não me disse nada sobre nenhum trabalho.”

“Só descobri na sexta-feira.”

Certo.

Ela se visualizou agarrando uma frigideira. Sentindo o peso do ferro fundido em sua mão, iria avaliar o peso da caçarola e caminhar para a sala de estar novamente. Ela apontaria. Então, assistiria a rachadura de seu crânio abrir e a porcaria que ele tinha como cérebro se derramaria sobre sofá de couro marrom-cocô. Ao invés disso, ela foi pegar seu casaco no armário e recuperou a bolsa. “Chegarei tarde.”

George olhou fixamente para a televisão e não disse nada. Enojada, ela saiu.



A caminho do Centro Comercial para gastar o dinheiro que não tinha, pensou em parar no posto de bombeiros para ver se Jack estaria lá. Fantasizou sobre como a vida seria quando Jack descobrisse como se sentia sobre ela. Quando descobrisse que a queria como esposa.

Um sorriso separou seus lábios quando decidiu pôr o plano em ação.

Todos estes anos de longa espera estariam terminados.

*

George esperou até que tivesse ouvido o carro de Cherry gritar longe do meio-fio, então lançou a cerveja vazia na lata de lixo transbordante e agarrou outra gelada do refrigerador. Deitou-se sobre o sofá e pensou em como poderia satisfazer Cherry.

Ele nunca sabia o que ela faria de um minuto até o próximo. O problema das mulheres é que elas não sabiam o que, diabos, queriam na metade do tempo. Então, quando descobriam o que queriam, queriam na hora. Ela queria foder com o bombeiro e, nem sequer escondia o fato.

Jack Dillon. Que grande desculpa para um homem.

George assistia os jogadores pularem através da tela, mas não os via.

Ao invés, pensava sobre o que precisaria para derrubar um cara grande como Dillon. Certo, o bombeiro malhava, entretanto ele também malhava. Ele podia estalar o pescoço do bombeiro sem sequer derramar uma gota de suor.

Outro gole de cerveja afiou seu apetite para uma boa luta. Um dia destes, ele mostraria a Cherry que merecia sua luxúria em tempo integral. Conforme drenava a cerveja, conspirava seu próximo movimento. Micky e Todd teriam muito prazer em ajudá-lo.

Dillon logo deitaria sobre o pó, com os vermes comendo a carne dele.

Então talvez Cherry parasse de tratá-lo como chiclete na sola do sapato.

Coma merda e morra Dillon.

* * * *

O suéter de lã e acrílico de Autumn, que parecia tão confortável num dia de inverno, fazia sua pele coçar em volta do decote. Ela precisava de uma severa dose de caféina, e seu estômago roncava porque perdera o almoço. Mexeu-se na cadeira e tentou se concentrar nas características escritas bem na sua frente. Ao invés, deu uma olhada para fora da janela e viu novas agitações de neve flutuando para o chão. Teria que lutar contra o gelo hoje à noite no caminho do trabalho a casa?

Decidindo que não podia fazer nada sobre o tempo, voltou para seu computador e para o trabalho que o *Clifton Times* a pagava para realizar.

O pequeno jornal consistia em seis repórteres, inclusive ela, todos juntos em uma área além da escrivaninha da recepção e da sala de espera. Naquele dia, o constante zumbido do disco rígido do computador e o estalar de chaves eram um fundo para o feroz vento uivando fora do edifício.

Pelo menos Booger e Squeeze deixaram o edifício aquela manhã em missão. Artemis 'Booger' Carmichael e Thaddeus 'Squeeze' Rollins podiam fazer suficiente barulho para deixá-la a beira da loucura.

Ela pausou e esfregou seus olhos. “Preciso conseguir café.”

“Você está murmurando novamente, MacAllister?” Ginger Parks perguntou de sua pequena escrivaninha perto. “Deixe para lá. Eu farei uma nova garrafa de café.” A linda jovem repórter de cabelos ruivos, mastigava chicletes e sorria quando caminhava para a antiga máquina de café. “Você tem estado murmurando sob a respiração a manhã toda.”

Autumn ergueu sarcasticamente uma sobrancelha e continuou digitando. “Estar em um acidente de carro e lidar com as conseqüências faz isso com uma pessoa. Isto me deu um tranco.”

Ginger riu, o som musical era agradável e sincero. “Eh, nós só estamos contentes que você esteja bem.”

“Obrigada. Eu quero esquecer isto.”

“Eu acho que alguma outra coisa está aborrecendo você,” Ginger disse.

Autumn digitou a tecla errada e teve que apagar. “O que?”

“Eu ouvi que Jack Dillon estava lá para salvar você no acidente e, que ele ligou para o hospital mais tarde naquele dia para ver como você estava.”

A cabeça de Autumn se ergueu e ela alfinetou Ginger com um olhar fixo. “Era preocupação profissional.” Autumn retornou a escrever. “Nada mais, nada menos.” Ela encolheu os ombros.

“Bem, talvez algo menos.”

Ginger sacudiu seus longos cabelos de volta para trás por sobre seu ombro. “Vamos. Jack é uma doçura. Completamente alheio ao meu charme, mas por outro lado um classe A, número 1 de sexy.”

Autumn riu da descrição de Ginger. Jack evoluiu para um primordial exemplo de beleza e autoconfiança masculina. Tanto, que somente pensar sobre ele fazia seu sangue esquentar. Esquentar? Tente ferver. Não conseguia parar de pensar em passar algum tempo com ele. E, sendo muito honesta consigo mesma, foder com ele.

Ginger abriu o pote de café e colocou pó no filtro. “Eu ouvi dizer que vocês costumavam ser amigos.”

Os dedos de Autumn se recusaram a tocar outra tecla. Trocou o peso do corpo na cadeira e se debruçou para trás. “Costumávamos ser’ são as palavras certas, Ginger. Costumávamos.”

“Isso não significa que vocês não podem renovar a amizade, não é?”

Conforme assistia Ginger passear para pegar água, Autumn contemplou o que ela tinha dito.

Ginger retornou da área da cozinha no lounge dos empregados momentos mais tarde. Despejou a água na cafeteira e apertou a chave de ligar. “Você sabe o que mais eu acho?”

“Eu estou certa que você me dirá de qualquer jeito” Autumn disse com falsa alegria.

Ginger retornou a sua escrivaninha e escorou suas pernas cobertas pelo jeans sobre sua escrivaninha. “Eu acho que ele gosta de você.”

“De onde você tirou essas coisas? Eu mal o conheço.”

Ginger piscou. “Um pássaro me contou.”

“Certo. Você quer dizer, um bombeiro grande, musculoso chamado Hank Newland?”

Ginger corou. “Um... sim. Eu quero dizer, eles são bons amigos. Eles dizem tudo um ao outro.”

Autumn suspirou e esfregou o nariz. “Você quer dizer que puxou as informações de Hank no calor do momento.” Ela arriscou jogar um olhar para Ginger e o rosto da mulher se tornou profundamente vermelho. “Eu estou certa?”

Com uma risadinha nervosa Ginger disse “Algo assim. Como você soube?”

“Eu sou uma repórter, lembra?” Autumn acenou com a mão ao redor como um mago. “Eu vejo tudo.”

Ginger apertou as mãos no estômago e afundou em sua cadeira um pouco mais afastada.

“Você trabalhou aqui menos de duas semanas. Eu não disse muito sobre Hank.”

Autumn riu. “Em média, duas vezes por dia você diz o como quente ele é. O quão difícil pode ser para mim conseguir uma pista?”

“Conseguir uma pista sobre o quê?” Uma voz profunda perguntou à frente.

Autumn cheirou a picante água-de-colônia masculina antes de ver o dono. O odor seria suficientemente atrativo se o usuário não o aplicasse tão liberalmente.

“Boa tarde senhoritas.” Elliott Welch, editor do jornal, piscou para elas. “Como estão indo?”

Autumn respondeu primeiro. “Está indo. Eu espero que você tenha uma tarefa para mim. Eu estou quase acabando este aqui.”

“Já?” O sorriso de Elliott, largo e atraente, se espalhou sobre seu rosto de mandíbula quadrada.

“Uma mulher atrás do meu próprio coração.”

Ele esfregou a mão pelo grosso e liso cabelo escuro. Um toque de cinza lhe dava um ar sofisticado, contrastando com o rosto jovem, desalinhado. Ela achava que ele estava na faixa dos quarenta, mas não podia ter certeza. Enquanto seu elegante estilo parecia estar, de alguma maneira, fora de sintonia em Clifton, ele pegava o olhar de muitas mulheres locais. Elas gostavam de sua mentalidade ‘terno-e-gravata’.

Ele sentou na extremidade da escrivaninha de Autumn. “Como você está se sentindo hoje?”

Ela o lançou um sorriso torto. “Bem.”

“Eu poderia conversar com você em particular então?”

Conforme o seguia para seu ‘tudo-menos-espacoso’ escritório, deu a Ginger um ‘quem-sabe’ olhar e encolheu os ombros. Ele fechou a porta e gesticulou para ela sentar-se. Ela sentou na pequena cadeira de metal na frente de sua escrivaninha enquanto ele afundava em sua cadeira de couro executiva.

Seu primeiro impulso foi brincar com ele. Quando seu nível de tensão crescia, ela se tornava irreverente, uma característica que tentava restringir. Engolindo com força, ela esperou que ele falasse.

Elliott agarrou uma das canetas em sua bagunçada mesa. “Eu tenho duas áreas que gostaria que você cobrisse de agora em diante. Você ouviu sobre o incêndio numa residência na Rua do Distrito ontem, certo? Bem, tinha outro pequeno incêndio em uma loja abaixo da *Main Street* esta manhã. Circunstâncias suspeitas.”

“Eu pensei que Artemis estava cobrindo os incêndios.” Ela não podia agüentar chamá-lo de Booger, ainda que a palavra descrevesse um homem irritante ao máximo.

Elliott movimentou a cabeça. “Ele estava. Mas eu vi o texto ontem à noite e não tem o que eu estou procurando.”

Oh, Deus. Ela não sabia se tinha gostado daquilo. “Artemis irá— como eu posso colocar isto delicadamente — me odiar se você me der à história dele.”

Elliott suspirou e lançou sua caneta de volta na mesa. Bateu numa pilha de documentos que rolou para o quase enterrado borrão de tinta. “Ele está a quase perto de conseguir ser despedido. Eu preciso de você.”

Seu implacável olhar falou de mais do que interesse profissional, com um toque de calor que a surpreendeu. Vira olhares semelhantes dele antes, mas sempre os dispensou como imaginação sua. Agora ela não podia ter certeza. A atenção dele aterrissou por um momento em seu bem ajustado suéter e, ele não se incomodou em disfarçar um inconfundível brilho de interesse.

“Por que não entrega isto para uma pessoa mais experiente como Ginger? Ela está aqui há cinco anos, certo? Eu sou nova nesta posição. Estou ainda em fase de aprendizado. Ou talvez Squeeze goste da tarefa.”

Por um momento, ele não disse nada, seu exame minucioso voltou para o databook na sua frente.

“Ginger pode ser descarada às vezes e Squeeze tem seu próprio trabalho para fazer.”

Uma risada de surpresa, suave, mas inconfundível, escapou dos lábios dela. “Ginger é descarada?”

“Você parece...” Ele pareceu escolher bem as palavras certas. “Você aparece mais delicada. As pessoas não esperam que você seja forte. Então você os acerta com um ou dois socos e, os nocauteia antes deles saberem o que está acontecendo.”

Quando seu profundo olhar castanho a tocou novamente, ela decidiu que suas palavras também tinham tido outro significado. “Eu posso ser pequena, mas eu sou muito forte.”

Autumn lamentou as palavras. A defesa era sempre sua melhor ofensa, mas ela perdeu meses tentando esquecer que seu corpo tinha falhado com ela quando mais tinha precisado. Ela odiava que os homens não pudessem ver mais do que sua aparência.

Antes de poder falar, ele parou e caminhou para uma das janelas atrás dele. Olhou fixamente a enfraquecida luz solar da tarde e o estacionamento. A neve soprava através da janela.

“Sua experiência comprova isto, Autumn. Mas este não é o seu trabalho mais.”

Obrigada por me lembrar.

“Claro que não.” Ela quis forçá-lo a declarar o óbvio. “Então qual é a história toda?”

“Como você sabe, existem rumores de que os incêndios podem ser premeditados. O corpo de bombeiros e a polícia estão mantendo uma tampa apertada na verdade. Alguém como você pode quebrar isto.”

“Ginger tem um namorado no corpo de bombeiros. Talvez ela pudesse conseguir informações desta maneira. Ela parece ser muito boa em extrair coisas dele.”

Repentinamente ele explodiu em uma risada profunda e ela corou. *Autumn, você poderia ser mais estúpida? Olhe sua língua.* “Eu... eu não quis dizer da maneira que soou.”

“Eu sei o que você quis dizer.” Ele sentou-se na extremidade de sua mesa, perto demais para que ela se sentisse confortável. “Você é diferente, Autumn.”

“As pessoas me dizem isso.” Raiva e embaraço se misturavam em uma sopa desagradável. “Algo mais? Seria melhor eu voltar trabalhar.”

Ele sorriu. Poderia ser seu chefe, mas ela aprendeu quando a contratou que ele estimava sua honestidade. “Sim. Tem. Você está livre sábado à noite?”

A surpresa segurou imóvel sua língua. Quando ela finalmente soltou do céu da boca, perguntou: “Por quê?”

“Eu pensei que você poderia gostar de jantar e depois dançar no *Top ‘O The Morning Club.*”

Intranquila com a idéia, ela perguntou, “Jantar com o chefe?”

Parecendo magoado e como um garoto prestes a chorar, ele sorriu ainda novamente. “Ninguém teria que saber. Pense nisso como um encontro de negócios.”

“Metade da cidade saberia assim que nós entrássemos no edifício.”

Ele levantou suas mãos. “Certo, certo. Eu entendi.” Sua voz baixou e seu olhar mostrou sinceridade e genuína avaliação. “Eu gosto de você. Eu queria que você soubesse. Seu trabalho não te impede de ter um encontro comigo. Isto não é assédio sexual.”

Então, todos aqueles olhares e piscadas realmente significavam algo. “Eu aprecio sua honestidade. Agora eu vou ser honesta. Eu não saio com o chefe e, isto poderia ser considerado assédio sexual.”

Um golpe na porta a surpreendeu, então ele abriu para admitir Artemis. Alto, magro e com um sorriso tão largo quanto o de um palhaço, o jovem cabeça de estopa tinha toda a elegância de um bebê girafa.

“Você não poderia usar o telefone para interromper?” Elliott perguntou lentamente.

Artemis corou, mas a excitação despejava dele. “Desculpe, mas eu ouvi no scanner que existe um grande incêndio abaixo do distrito do armazém.”

Elliott movimentou a cabeça em sua direção. “Autumn.”

Uma onda de incerteza a ameaçou. Ela não participou de qualquer tipo de incêndio como profissional ou espectadora em três anos. O medo e a excitação fizeram acelerar as batidas de seu coração.

Ela parou e dirigiu-se à porta, ignorando a expressão de desapontamento no rosto de Artemis. “Eu estou dentro.”

“Descubra se for incêndio premeditado,” Elliott disse quando ela agarrou sua máquina fotográfica, o bloco de anotações e a pequena bolsa.

Incêndio premeditado.

Sabia muito sobre aquele assunto. Memórias inundaram de volta e ameaçaram invadir todos os seus pensamentos.

Conforme entrava no pequeno e sujo estacionamento e se dirigia para o *Focus**, as palavras ‘incêndio premeditado’ queimavam seu estômago. Pôs as chaves na ignição e se sentou, congelada. Arranhando com uma batida desconfortável, seu coração bombeava muito mais rápido. Antes que pudesse controlar, imagens cresceram para reivindicá-la.

* Ford Focus (carro)

* * * *

Dezessete anos atrás

Vozes ásperas despertaram Autumn, seus estridentes, inflexíveis tons exigindo respostas.

“Ela está indo para universidade no próximo outono. Jornalismo. É isso que ela quer,” A voz de seu pai disse. “Eu não quero ouvir mais discussão.”

Certo, Papai. Não escute ninguém. Só diga o modo que vai ser. A irritação fez o estômago de Autumn fermentar. Por que ele tinha que ser tão teimoso?

A voz da mãe entrou, cheia de determinação. “Ela quer ser bombeiro exatamente como você, Dirk.”

Papai resmungou. “Este não é um bom trabalho para uma mulher.”

Sua mãe fez um som não delicado. “Ela não vai ser como eu. Ela não vai se acomodar, casar e cuidar de bebês. Não está nela.”

Não está nela.

Realmente, Mãe? As palavras a picaram de um modo diferente. *Por que não estava nela casar e ter filhos?*

A confusão segurou Autumn em uma fuga. Ela queria se casar e ter uma família algum dia. Talvez. Se ela pudesse ser um bombeiro como papai primeiro, isso seria o destaque de sua vida. Quem disse que ela não podia fazer as duas coisas?

Segundos passaram conforme ela continuava deitada na cama, sem se mover. O afastamento da discordância de seus pais alcançou novas alturas. Suspirando, ela virou-se e puxou as coberturas para as orelhas. No ano passado seus pais, uma vez amorosos, pareciam ter perdido o jeito. Entretanto ela tentou fazer com que entendessem que sua maneira de comunicação levava a mais discordâncias, eles olhavam para ela como se ela tivesse perdido a mente em algum lugar. Frequentemente, ela entrava em confusão se falasse sobre suas discussões. Eles disseram que uma menina de dezessete anos de idade não entendia de casamento e comunicação.

Lá no fundo, a raiva de um com o outro a feria. Experimentou o descontentamento deles como uma faca que torcia seu estômago. Uma vez eles tinham sido tão felizes... ou então ela achava. Sua satisfação parecia envolvida na deles, seu coração cheio, se eles aprovassem seus objetivos. De alguma maneira, entretanto ela os amava aos pedaços e perguntava-se quanto tempo mais eles poderiam permanecer juntos se sua infelicidade continuasse.

Se fosse para universidade e se tornasse bombeiro, seu pai desaprovava. Se não se tornasse bombeira e seguisse o jornalismo, sua mãe ficaria infeliz. Uma pedra e um lugar duro não descreviam a precária posição de Autumn. Ela oscilava em um precipício com um par enorme de tesouras prontas para o corte da sua linha da vida em dois.

Podia seguir o jornalismo em vez de Ciência de Incêndio. Ser repórter sempre a atraía. Como ajudar crianças com o inglês. Crianças como Jack.

Um brilho satisfeito entrou em seu coração quando pensou sobre o atarracado, sensível Jack. Uma criança doce, forte, tão cheia de coração e, ele fez progresso este ano na escola. Gostava de pensar que poderia tê-lo influenciado a dar grandes passos adiante. Quando se mudasse para a universidade neste próximo ano, teria lembranças do pronto sorriso de Jack. Até a diferença de idade não parecia uma grande coisa. Eles podiam conversar como iguais a maior parte do tempo.

A voz dura e profunda de seu pai ecoou quando ele subiu os degraus. “Você quer que ela seja bombeira porque você admira aquele bastardo, Dillon, não porque ela estaria seguindo os meus passos.”

Os sentidos de Autumn ficaram em alerta total. Dillon. Ele deve ser o pai de Jack. Ela se sentou ereta, tentando ligar a luminária do lado da cama.

“Não comece.” A voz de sua mãe segurou um imperdoável espetáculo glacial. “Nós falamos sobre Mitchell Dillon uma dúzia de vezes. Eu não o estou encontrando. Estou horrorizada por você pensar tal coisa.”

Sim. Não comece a conversar sobre isto. Não diga o que você realmente pensa, Papai. Ela sabia o que ele pensava e, a idéia a fez querer gritar. A mãe nunca o trairia.

Nunca.

“Eu vi o modo com que você olha para ele, Alma. Aqueles sorrisos e olhares quentes, certamente como inferno, que não eram para mim.” Sua voz veio como o grunhido de um leão, com descrença e desejo de machucar em cada sílaba.

“Vá para a cama.” A voz da mãe era fria e distante, com uma propriedade de quase ‘eu-não-poderia-me-importar-menos’.

Autumn ouviu a retirada de seus pais para os quartos separados. Momentos mais tarde seu pai ligou o scanner da polícia e, em seu imprudente modo, não diminuiu o volume. Ela ouviu o grito quando um relatório de incêndio estourou no scanner. Medo e uma curiosa alegria ondularam sobre sua pele quando ela ouviu a situação.

Um incêndio no depósito.

* * * *

Autumn empurrou para longe seu passado. Com um olhar no relógio, percebeu que ficara no estacionamento do *Clifton Times* mais tempo de que devia, enquanto o passado brincava em sua cabeça. Forçando-se à ação, ela ligou o carro e se dirigiu ao incêndio.

Ela colocou de lado sua infância. Não tinha nenhum tempo para relembrar os bons velhos tempos que nunca eram bons. Ela tinha que admitir isto para si própria. Estava excitada por ver Jack em ação no incêndio.

Calma agora, Autumn. Você está ficando à frente de si mesma.

Novo medo ameaçou seus pensamentos. E se ele fosse para este incêndio e ficasse machucado? Não.

Não. Um homem como ele mergulhava através das chamas ileso. Ele possuía suficiente bom senso para dois homens.

Sua adrenalina subiu até que quase se sentia como se estivesse em um novo acidente. Ela diminuiu a velocidade do carro, ciente da neve derretendo conforme batia na calçada. Tomando inspirações profundas, sucumbiu numa mistura de fascínio e medo que o fogo sempre gerava dentro dela.

A fumaça crescia acima dos edifícios mais altos de Clifton e o vento soprava na direção sudoeste. Uma névoa vermelha moveu-se com a brisa e, ela cheirou a fumaça apesar de estar fechada no carro. Ao longe ela ouvia sirenes e olhava em seu espelho retrovisor no caso de quaisquer veículos de emergência surgissem atrás dela. Se ela tomasse uma rua paralela, ainda estaria na ação e não ficaria no caminho.

Então ela viu aquilo.

Chamas alaranjadas dançavam no último andar do armazém de quatro andares. Agarrando seu equipamento, Autumn deixou o carro e dirigiu-se à cena. Mais fumaça agrediu suas narinas. Ela respirou fundo e lamentou por isto. Sufocou-se um pouco com o cheiro. Ela virou uma esquina a menos de um quarteirão do incêndio e viu o aparato de emergência já na cena. Segundos mais tarde, quando acelerou seu passo, um estranho barulho de sucção encheu o ar. No fundo de seu ser ela sabia o que aconteceria.

**Flashover.*

Uma explosão destruiu as janelas no último andar. Ela se abaixou numa estreita passagem no caso dos escombros voarem abaixo na área onde estava. Chamas rugiram das janelas com incrível força, o estranho barulho de rotação que elas criavam eram testemunhos de sua ferocidade.

Então, ela ouviu algo que quase parou seu coração.

“Dillon e Newland estão no terceiro andar! As chamas estão perseguindo descendentemente para as posições deles! Escada bloqueada! Consigam uma escada externa agora mesmo!”

***Flashover:** É quando ocorre um aumento quase instantâneo da temperatura dentro de um ambiente fechado, chegando a valores maiores que 550°C, ocorre uma mudança de comportamento do fogo, passando de uma superfície de ação para o volume de todo o ambiente e, quando então, o fogo assume

uma marcada propensão de se expandir para outros ambientes, em poucos segundos, estamos diante de uma situação chamada de “flashover”. Nesses poucos segundos, ocorre a ignição instantânea de grande parte dos elementos combustíveis presentes no interior da peça onde se originou o incêndio. Isso ocorre principalmente devido ao aumento das temperaturas nas superfícies dos diversos materiais existentes na peça, que passam a liberar gases que, misturados ao oxigênio e numa temperatura acima de 500°C, tornam-se inflamáveis e entram em combustão instantaneamente. O tempo que leva um incêndio até atingir o “flashover” e a temperatura de ocorrência do fenômeno são funções das características geométricas do local, de ventilação e dos materiais existentes no ambiente.

Numa situação de “flashover” torna-se praticamente impossível a sobrevivência humana, havendo inclusive explosões inflamatórias do ar presente na sala ou ambiente de origem do fogo. Essas explosões ocorrem devido às misturas entre os vapores emitidos pelos materiais e o oxigênio.

Analisando-se o aspecto do dano causado, define-se o “flashover” como um marco. Após a ocorrência do fenômeno, os danos são sensivelmente maiores, chegando a afetar as partes estruturais da edificação.

Capítulo Quatro

Jack está naquele prédio.

Autumn olhou de relance as chamas que despejavam das janelas. Um caminhão de bombeiros dispensava água no fogo, tentando dar fim ao monstro. A água aquecida pelo fogo emitia fumaça e espirros pelas janelas. Ela viu bombeiros no telhado, provavelmente tentando serrar um buraco para ventilação.

Sua garganta apertou e seu coração começou um novo ritmo de antecipação e irritada trepidação. Ela sabia que Jack devia sentir a mesma coisa. Frequentemente o medo mantinha viva as pessoas nesta profissão, junto com habilidade, determinação, força, e talvez, a estúpida sorte.

Agora mesmo, ela queria que Jack tivesse toda a estúpida sorte do mundo.

As ordens gritadas misturavam-se com as exclamações dos espectadores. Bombeiros conseguiram a escada de extensão e, acima do barulho ela ouviu os comandos de segurança necessários para a escada. Logo eles tiveram a escada içada e segura. Mais sirenes soaram quando um segundo caminhão rugiu até a cena e mais bombeiros saltavam do grande veículo.

Ela sabia que incendiários frequentemente ficavam na cena para apreciar suas criações de fogo, então ela se moveu mais perto da crescente multidão. Trinta ou quarenta pessoas assistiam suas expressões cheias de fascinação e horror.

Tirou várias fotografias em rápida sucessão, certa em pegar cada ângulo. Ela não poderia lutar em incêndios selvagens mais, mas entendia a excitação de conquistar a besta em chamas e procurava documentar a luta, como também a fascinação da multidão — para o caso do incendiário estar nas redondezas.

Depois de tirar várias fotografias, viu Todd Geraldo e Micky Romano de pé na multidão, suas expressões escuras e interessadas, como se saboreassem a batalha. Estremecendo em repulsa, ela tirou suas fotos. Poderia também adicionar suas desagradáveis faces à seleção.

Um impacto ecoou do edifício e, então mais gritos. Enquanto observava os bombeiros fazendo seu trabalho, a amargura a perseguia. Amaldiçoou o acidente que

roubara sua carreira de Saltadora de fumaça. Respirando profundamente, prendeu o demônio à submissão.

Testemunhar o fogo revelou sentimentos de inadequação e desamparo. Ela não estava muito orgulhosa naquele momento, desapontada por não poder assistir um incêndio sem desejar que pudesse ajudar. Bem, o que ela esperava? Talvez ela não estivesse curada de tudo que a afligia mental ou fisicamente. Precisava de mais tempo. Afinal, ela trabalhava como repórter de um jornal em Denver, então como saltadora de fumaça durante a estação de incêndios. Ela fazia malabarismo com os dois trabalhos, sabendo que não poderia lutar com incêndios para sempre. O jornalismo era sua rede e seu próximo interesse.

Ainda, o antigo remorso se demorava.

Ela foi embora da multidão e rabiscou anotações em seu bloco. Como uma reflexão tardia, adicionou o que sentiu. Elliott disse que esperava que seus relatórios fossem mais do que meros fatos especulativos. Faria duas histórias; uma seria a verdade do evento, a outra, os sentimentos em relação ao que viu. Deslocou-se para ouvir o que os outros bombeiros diziam sobre Jack e Hank.

Seu estômago se fechou quando pensou sobre perigo enfrentado pelos bombeiros. Um debilitado telhado poderia desmoronar, lançando-os nas chamas, ou abaixo alguns andares, para sua morte. Um calafrio substituiu a adrenalina. Forçou-se para tirar mais fotografias e notas, agarrando-se a cada detalhe.

Outra série de gritos subiu quando uma janela se quebrou para fora, um machado colidindo no vidro pelo lado de dentro. Dois bombeiros apareceram na janela e escalaram para fora, sobre a escada, um por um. Sabendo que um deles devia ser Jack, ela se apressou adiante em algum alívio. Ela manobrou para posição e alcançou a frente da multidão. Ela tirou outra fotografia dos homens descendo a escada.

“Esta foi por pouco,” um dos espectadores disse para outra pessoa assistindo o fogo.

“Muito perto.”

Ela sabia o que ele quis dizer. Seu coração pareceu emperrado em algum lugar da garganta. Uma vez que os dois bombeiros alcançaram o chão, Autumn se deslocou para ver se os reconhecia. Eles ainda tinham o aparato de respiração no lugar. O capacete de um dos homens tinha escrito ‘*Paramédico*’ na frente, embaixo de ‘*Quartel de Bombeiros Número Um*’.

Quando o homem com ‘*Paramédico*’ no brasão do capacete alcançou a ambulância, arrancou o capacete e o aparato de respiração individual numa pressa, quase como se não pudesse esperar mais para tirar.

O rosto e o cabelo desgrenhados de Jack surgiram. Graças a Deus. Alívio se misturou com o sentimento que apertava em seu peito. Ele olhou para cima e encontrou o olhar dela. Dor claramente marcava suas feições e, a preocupação dela se elevou. Antes que pudesse dar um passo adiante, entretanto, os olhos dele ficaram calorosos e surpresos. Um genuíno sorriso curvou sua boca. Ele piscou e um turbilhão de calor sexual sem barreiras substituiu a sensação de confusão no estômago dela. Seu coração começou uma batida instável e ela se sentiu acalorada pela maneira que o olhar dele dançou sobre o dela.

Homem infernal. Ele tinha um apelo tão mau que ela parecia não conseguir segurar o fôlego estando próxima dele.

Tirou dois retratos em sucessão rápida e, uma expressão quase convencida se apressou sobre o rosto dele. Então, o homem tinha um pouco de ego. Bom. Um sujeito nesta linha de trabalho precisava de uma dose saudável de confiança própria.

Outro bombeiro deu um tapa em suas costas. Um impulso selvagem de correr para que ele a agarrasse. Ela quase se apressou através da multidão, mas conseguiu se conter.

Momentos mais tarde, ela viu um rosto pouco conhecido no meio da multidão. Carlotta Guillett. Mais conhecida como Cherry. *Eu reconheceria aquele petulante lábio inferior em qualquer lugar.*

Autumn não estava contente em ver a antiga amiga. Os lábios de Cherry se franziram como se visse algo que gostasse. Autumn seguiu o olhar de Cherry e viu onde a atenção da mulher se fixara. Jack. Interessante.

Um desconcertante segundo estalou na mente de Autumn como um sonho ruim. Jack achava Cherry atraente?

Curiosidade manteve a atenção de Autumn na delicada mulher. Cherry costumava ser uma morena com longos cachos. Agora, o vermelho alaranjado produzido em garrafa, num corte curto de fada emoldurava seu malicioso rosto. Ela era como a maioria dos homens diria, 'em grande quantidade'. Com seu casaco azul marinho e botas pretas de salto, Cherry parecia pronta para devorar e foder qualquer homem que parasse perto. Autumn perguntou-se como Cherry andava com aquelas impraticáveis botas. Então novamente, Cherry sempre tinha sido uma daquelas mulheres que preferiam estar em plena moda a confortáveis. Mesmo com as botas ao estilo 'me foda', Cherry continuava alguns centímetros mais baixa que Autumn.

Cherry encarou-a de volta. Antes que Autumn pudesse fingir que não vira a mulher, Cherry começou a vir em sua direção. O sorriso da ruiva, amplo e fingindo sinceridade, a deixou nervosa. Todos os músculos do corpo enrijeceu pela batalha.

"Autumn é você?" Cherry agarrou Autumn e deu-lhe seu abraço. "Sou eu, Cherry. É tão bom vê-la."

Um pouco atordoada pelo afeto, não teve nenhuma escolha além de retornar o gesto. "Oi, Cherry."

"Faz tanto tempo. Eu ouvi que você estaria na cidade." Cherry olhou de relance o edifício. "Eu suponho que você está fazendo uma matéria sobre isto, certo?"

Autumn assentiu com a cabeça, mas antes que pudesse responder, Cherry agarrou a manga do casaco de Autumn e a arrastou-a para longe da multidão. "Isto vai parecer estranho, mas eu parei aqui em meu caminho do trabalho para casa. Eu tenho a lata velha de George como carro e, ele tem uma daquelas coisas de scanners de emergência." Ela encolheu os ombros. "Eu não sei como eles são chamados. De qualquer maneira, eu ouvi sobre o fogo e vim diretamente."

Autumn conseguiu dar um sorriso meio sincero. "Eu não me lembro de você ter propensão a assistir incêndios."

A risada de Cherry segurou a ofensa. "Oh, eu não tenho. Mas desde que Jack Dillon voltou, bem, meu interesse em incêndios começou."

Os olhares da ruiva devoravam Jack, a intensidade de seu desejo e a luxúria era embaraçosa de testemunhar. Quando Autumn sentiu a primeira agitação do ciúme não desejado, lançou de volta a emoção com ímpeto. *Bom Deus, garota, você está louca?* Autumn

Decidiu que não queria manter uma conversa sobre Jack, especialmente se significasse ter que assistir Cherry babar ao falar dele.

Desconfiada, Autumn disse, "eu estou um pouco surpresa com a sua saudação. Quando eu deixei Clifton, alguns anos atrás, nós não nos separamos exatamente em boas condições."

A dúvida queimou nos grandes olhos de Cherry, então desapareceu. "Sério? Eu não me lembro. Nós éramos apenas crianças, afinal." Novamente, aquela risada sensual que ela parecia usar com todo mundo ondulou no ar. "Além disso, eu não guardo rancores. Eles não são nada produtivos."

Ela não guarda rancores? Autumn nunca fez nada para Cherry, então não existia nenhuma razão para Cherry guardar rancor, em primeiro lugar. A Cherry que ela se lembrava era um núcleo de egoísmo e tinha um ego maior que Montana. As pessoas ainda podiam mudar.

“Então você trabalha em uma firma de contabilidade?” Autumn perguntou.

“Como você soube isto?”

“Bitsie Dillon me disse.”

“Oh.” A voz de Cherry soou desapontada. “E aqui estou eu esperando que você tivesse ouvido alguma fofoca verdadeiramente succulenta sobre mim.”

“Dê-me tempo.”

O olhar de Cherry voltou-se como navalha afiada, um centímetro perto em dar uma resposta incisiva. Rapidamente o olhar desapareceu, fazendo Autumn imaginar se realmente tinha visto aquilo. “Esta cidade é ruim para isto, eu admito.

“Você pode pensar que crescendo como crescemos nos libertaríamos da mentalidade de cidade pequena.”

“Nunca se pode dizer.” *E Jack? Você o está namorando?* Autumn apertou seus lábios bem fechados para evitar perguntar.

“Bem, eu preciso ir.” O sorriso brilhante em simpatia de Cherry não fez convencer Autumn. “Entretanto, Jack é delicioso de se olhar, não é? tocar todos aqueles magníficos músculos é simplesmente divino.” Cherry lançou outro sorriso quando começou a caminhar para longe.

“Te vejo depois” Autumn murmurou quando a mulher caminhava quarteirão abaixo.

Tocar todos aqueles magníficos músculos. Autumn sentiu todos os seus músculos tensos em reação a declaração de Cherry. Cherry quis dizer que tem estado apalpando Jack? Tudo em Autumn se rebelou, mas ela respirou fundo. Ela não foi ali para avaliar a musculatura de Jack ou sua vida amorosa, ela foi ali para fazer um trabalho.

Ela deslizou o olhar novamente para o incêndio e viu por um momento Jack no trabalho, seu capacete colocado no lugar novamente. Incapaz de tirar os olhos dele, ela tirou fotografia após fotografia.

Admiração e um pouquinho de inveja brotaram dentro dela. Ela queria estar do outro lado da linha policial, lutando contra a besta.

Quando o fogo se transformou em fumaça e brasas, ela percebeu que a maior parte das fotografias que tinha tirado caracterizava Jack. Jack com a cabeça molhada, rosto suado, rosto e queixo sujos de fuligem.

Ela obrigou-se a entrevistar Hank e, o grande, e espesso homem com a cabeça calva e enorme bigode que não parecia se importar nenhum pouco em responder as suas perguntas.

Determinada a não permitir que seu olhar oscilasse em direção a Jack mais uma vez, ela voltava em direção a seu carro e ao jornal.

“Autumn! Espere!”

Surpresa, ela girou e viu Jack, que caminhava num ritmo acelerado em direção a ela. Ele tinha tirado sua jaqueta *Nomex*, uma parte do uniforme que impedia que as chamas chegassem a queimar a pele. Embora parecesse despenteado e sujo, as batidas do coração dela aumentaram em pura apreciação feminina.

Músculos ondulavam de seus braços, seus ombros largos davam um certo porte, mostrando sua inconfundível virilidade. Ele poderia estar suado, mas ela adoraria puxá-lo para o beco mais próximo e descobrir o quão delicioso era seu gosto. Seus

lábios. Seu peito. Seu pênis. Uma imagem daquele ato sacudiu sua cabeça com a velocidade de um raio.

Jesus, Autumn. Vá mais devagar.

Outra parte sua se rebelou. Por que ir mais devagar? Então ela descobriu que Jack não era mais um garoto nerd. Ele não podia ler sua mente e ninguém mais podia. Um pouco de fantasia baixa e suja nunca machucava ninguém.

Então novamente...

Um pouco de realidade baixa e suja com Jack poderia ser exatamente o que ela precisava para animar as coisas em sua vida. Poderia divertir-se, mas não precisava ficar mais envolvida do que isto.

“Oi.” Ela forçou energia em sua voz, embora observasse que o fogo parecia ter drenado ela de um modo misterioso. “Não poderia deixar Hank ser o único entrevistado, eh?”

Novamente, ele piscou e ela perguntou-se se outras mulheres achavam seus longos cílios hipnotizantes. “Ei, cuidado.”

Depois de rirem, ela perguntou, “Sua mãe conseguiu entrar em contato com você? Ela me ligou mais cedo para me dizer que tem um encontro de última hora com o comitê no Centro comunitário. Então nosso jantar terá que ser remarcado.”

Um sorriso gentil tocou os lábios dele. “Que pena. Eu estava esperando ansiosamente para reviver os velhos e bons tempos.”

“Bem,” ela disse com um suspiro, “você sabe o que eles dizem sobre os velhos e bons tempos. Eles normalmente não eram tão bons. Além disso, seu prêmio de consolação será estar no jornal amanhã. Hank pode ter conseguido a entrevista, mas seu retrato será material de primeira página, eu aposto.”

“Sério?” Ele não soou convencido. “Isso será diferente. Eu nunca apareci num jornal antes para nada exceto...”

Ele pareceu lembrar-se ao mesmo tempo em que ela. O incêndio dezessete anos atrás tinha trazido as famílias Dillon e MacAllister para a primeira página dos jornais por semanas. A antiga dor a perfurou como um profundo espinho.

A dor deve ter sido refletida em seu rosto, porque ele apertou os ombros dela e então a soltou. “Desculpe. Não quis trazer isto de volta.”

Ela administrou um sorriso. “Eu não me escondo do passado, Jack.” Encolheu os ombros. “Não muito, de qualquer maneira.”

A dúvida cobriu o rosto dele. Ela podia ser tão transparente assim? Ele percebeu que pesadelos ocasionais a lembravam daquela noite terrível, anos atrás?

Jack deu uma tosse profunda e rouca e, antes que ela pudesse pensar no que estava fazendo, pegou em seu bíceps. “Você está bem? Eu o vi tossindo mais cedo.”

“Um pedaço de escombros caiu em mim quando uma parte do telhado do armazém desmoronou. Atingiu-me por cima e tirou meu fôlego.”

“Meu Deus, Jack.”

“Eu estou bem.” Ele olhou de volta para a contínua limpeza. “Olha, eu preciso ir.” O olhar de Jack fez uma rápida, mas inegavelmente admirada varredura sobre ela. Um quente desejo sexual a preencheu quando reconheceu o interesse no olhar dele. “Nós podemos jantar hoje à noite? Nós dois?”

A surpresa fez sua boca abrir, mas levou alguns segundos para que ela respondesse. “Eu não vejo por que não. Ficarei no jornal até tarde hoje à noite de qualquer maneira e, estarei morrendo de fome.”

“Às sete horas, está bem para você?”

Quando seu olhar tomou outra rápida incursão sobre ela, tudo que ela podia pensar era que Jack tinha lhe dado outra olhada devoradora. Duas vezes. “Parece-me ótimo.”

Ele acenou e voltou para o seu equipamento. “Preciso ir. Até mais!”

Quando partiu, ela se perguntou se o que aprenderia sobre Jack naquela noite. Não confiava nos loucos sentimentos girando dentro dela. Parte dela dizia que ela tinha brincado com fogo em mais de um sentido. Ela não podia permitir se afeiçoar a Jack e, se sua taxa de pulsação era qualquer indicação, seu corpo estava bem a caminho de querê-lo.

Talvez hoje à noite ela libertasse as inibições e permitisse acontecer o que quer que venha acontecer.

Afinal, ela tinha retornado para lá para se refazer e, que melhor maneira para isso do que se saciar em um quente e pesado jogo sexual sem amarras.

Ela sorriu. *Tome cuidado, Jack.*

* * * *

O Observador esperou que Autumn partisse e, depois, que os bombeiros continuassem a limpeza. O Observador cerrou os punhos de lado quando viu Autumn falando com Jack Dillon.

Ódio explodia no estômago do Observador.

Não há como negar que Dillon tinha um sério tesão por Autumn; O modo como seus olhos a comiam quando pensava que ninguém estava olhando era, cem por cento, um grito de necessidade.

O prazer acabara agora que o fogo fora extinto, não mais o assustador animal excitante. O Observador não podia culpar os bombeiros pela destruição das chamas.

Sim, bombeiros deviam amar destruição em seu próprio modo. Eles sentiam aquele puxão nas virilhas e uma ponta de luxúria. A maior parte deles negaria o desejo sexual, entretanto alguns iam para suas casas e agarraram suas esposas para a liberação.

Temporariamente saciado, o Observador decidiu partir. Logo a ânsia viria novamente e ele não lutaria contra isto. Lutar contra os impulsos por anos não tinha matado o desejo, somente atrasara o inevitável.

Suspirando, moveu-se da área, as memórias das chamas mantinham vivo o desejo ardente.

* * * *

Acima do alvoroço e do barulho do *Quartel de bombeiros Número Um*, Jack se ocupava na cozinha fazendo uma enorme panela de Chili*. Girando os ombros, ele soltou um grunhido de desconforto. Seus músculos doíam. Claro, ter sido atingido nas costelas por uma droga de pedaço de madeira não ajudava. A limpeza no armazém tomara muito tempo e, ele prometeu aos companheiros que faria Chili, embora seu turno tivesse terminado há muito tempo. Talvez, só talvez, ele pudesse sair dali logo, tomar uma chuveirada quente e correr para o jornal a tempo de ver Autumn.

Autumn. Sabendo disto ou não, ela representava o pleno, não-contido sexo.

Toda vez que pensava nela, seu pênis reagia e, ele pensava nela freqüentemente. Tinha acordado mais de uma vez depois de sonhar com seu corpo nu sobre o dela, mas ali no Quartel de bombeiros ele não podia fazer uma maldita coisa sequer sobre aquele tesão de outro mundo, além de ranger os dentes e empurrar os pensamentos dela para fora da cabeça. Uma mulher nunca preocupara sua mente daquela maneira, principalmente não no trabalho.

Existia somente uma maneira de eliminar o efeito que ela tinha sobre ele. Certo, talvez duas maneiras.

Ele podia ir para casa e esquecer como seus arredondados, cheios seios empurravam contra a blusa, como suas longas pernas se sentiriam envolvidas ao redor dos quadris dele quando martelasse o pênis dentro dela repetidamente.

Ou podia fazer sexo com ela. Suficiente para saciar este desejo.

Jesus. Seu estômago fechou e então o pênis se contraiu quando o calor encheu sua região lombar. Quando a viu no incêndio quis achar um beco em algum lugar e beijá-la insensatamente. A crua necessidade intensificou sua persistência e exigiu ação. A obsessão o impulsionara a chamá-la para jantar.

O problema era que ela poderia não querer ir para a cama com ele. Ele vira interesse em seus olhos, não estava enganado. O olhar dela cruzou sobre ele mais de uma vez e, ele até achou que a pegara olhando para seu pênis uma vez.

Mãe de Deus, o salve.

* Chili é uma comida mexicana à base de feijão (sem caldo), carne moída e muita pimenta.

Uma mão grande tocou em seu ombro e o fez saltar. Seu amigo, Hank, apertou seu ombro e soltou.

“Como estão as costelas?” Hank perguntou.

“Tudo tranquilo.”

“Tão ruim assim, eh?”

“Naw. Estou só um pouco dolorido.”

“Você quebrou alguma coisa?”

“Não. Algumas contusões e tensão muscular. Só isso.”

Hank agarrou uma colher e a afundou no Chili para prová-lo. “Cara, isto está cheirando bem.”

“Melhor tomar cuidado,” Jack disse. “Esta é uma amostra forte.”

A colher nem sequer alcançou boca de Hank. “Maldição.”

Jack riu, então gemeu quando sua lateral protestou. “Cara, veja se chego ao fim de um *dois-por-quatro novamente.”

Hank olhou a colher em sua mão, como se pudesse assustar a pimenta diretamente para fora do Chili. “Eu sei qual é o seu verdadeiro problema.”

Jack pôs a tampa na borbulhante criação e se debruçou contra o balcão. “E eu suponho que você me dirá?”

“Algum dia eu *não* dei a você minha opinião?”

“Não.”

“Você deveria parar algum tempo, camarada. Você não tira férias há séculos.”

Jack decidiu que não se importaria com as afirmações de Hank. O homem se prendia às idéias como um cachorro a um osso. “Sim. Eu preciso de férias. O que isso tem a ver com a merda ser expulsa de mim por um incêndio?”

Hank parecia triunfante. “Nada. Eu só queria ouvir você admitir isto.”

Jack grunhiu. “Foi o que eu pensei.”

Hank parou de encarar a colher em sua mão e decidiu mergulhá-la. Quando provou, fez significantes sons de aprovação. Quando engoliu o Chili, imediatamente foi procurar por água na geladeira, enquanto Jack ria.

Hank bebeu meia garrafa de água. “Jesus! Me fodam!”

Jack gesticulou para a panela atrás do fogão. “O material de baixa octanagem está na outra panela.”

Hank sorriu. “Você é um filho de uma cadela.”

“Ei, eu te avisei.” Jack gemeu. “Não me faça rir.”

“Eu vou te matar.”

“Mas então você não conseguiria minha receita de Chili.”

“Eu pensei que você tivesse me cortado de sua vontade há muito tempo atrás?”

Chefe Frank Hallam veio para o canto. Ele tinha uma força metálica em seu alto, sobressalente corpo. O cabelo espesso acinzentado, como um arbusto, tinha propensão a se projetar para o alto.

“Isso está com um cheiro bom,” o Chefe disse.

Hank mexeu a variedade não letal. “Bom e apimentado. Se você quiser manter o cabelo na cabeça eu sugiro esta outra versão.”

* dois-por-quatro (two-by-four): expressão usada para toras de madeira ou escombros em geral, de 2 inches (5cm) de profundidade por 4 inches (10cm) de largura. Foi o que o atingiu.

Chefe Hallam agitou a cabeça. “Com o que você está preocupado? Você não tem muito mais cabelo do que eu para perder.” Antes de seu subordinado poder retaliar com uma piada, Hallam disse:

“Eu ouvi um rumor que o Dillon aqui vai ser divulgado por toda parte no jornal amanhã de manhã. Eu acho que ele pensa que conseguirá uma promoção para tenente antes sequer de fazer os testes.”

Jack parou de espalhar manteiga no pão francês. “O que?”

Hank deixou a panela de Chili. “Isso não me surpreende nada. Eu o vi ficar todo envaidecido com a máquina fotográfica quando nós estávamos lá fora.”

Jack bufou. “Como se você não tivesse feito a mesma coisa.”

Hank levantou suas espessas sobrancelhas, fazendo Jack se lembrar do Mr. Clean*. “Você está certo. Eu sempre quis posar para um daqueles calendários de bombeiro. Sabe, para caridade.”

Jack suspirou e jogou o olhar para o teto. “Certo.”

“Eh, é uma boa coisa.” Chefe Hallam se moveu para mais perto do fogão e cheirou. “Isto mantém em alta a boa imagem do corpo de bombeiros, sabe.”

“Calendários?” Jack perguntou descrente.

As bochechas do Chefe Hallam ficaram coradas. “A publicidade do jornal.”

Hank sentou-se em uma cadeira de plástico duro, próxima a mesa de jantar. “Ele não pode me enganar, Chefe. Eu vi o modo com que ele olhou para aquela repórter. Qual é o nome dela?”

“Você sabe quem ela é,” Jack respondeu pausadamente.

Hank apertou suas mãos atrás da cabeça e debruçou-se para trás na cadeira. “Senhorita saltadora de fumaça. Aquela com quem você vai jantar hoje à noite.”

“Ex-saltadora de fumaça,” Jack disse.

“O que aconteceu? Ela não pôde agüentar?” Hank perguntou.

Jack olhou para Hank, surpreso pela reação defensiva criada dentro dele. Refreando uma réplica, falou uniformemente. “Ela esteve em um acidente no trabalho. Machucou o joelho e isso encurtou a sua carreira.”

“Onde você ouviu isto?” Hank parecia desconfiado. “Bitsie te disse?”

“Eu ouvi coisas ao longo dos anos.”

Hank cruzou os braços e sorriu. “Então você a tem acompanhado?”

Sem ter certeza se estava irritado ou divertido, Jack agitou a cabeça. “Hank, cale a boca. Você está fazendo fofoca como uma mulher velha.”

Com uma risada alta e intensa, marca registrada, Hank fez o que foi dito. O Chefe sorriu e deixou a cozinha.

* Mister Clean é uma marca da ‘Procter & Gamble’, que produz um material isolante para tubos e dutos. Ficou famosa pelo uso em isolamentos acústicos de estúdios e auditórios. A marca é representada pelo desenho de um homem de meia idade, forte e careca, com sobrancelhas grossas e um brinquinho (que passa a idéia de um homem descolado para a idade). Muito engraçado.

Capítulo Cinco

Autumn fechou o documento em seu computador e olhou o relógio. Seis e trinta.

Logo ela estaria com Jack e, não podia negar que a idéia a excitava. Esfregou os olhos e se recostou na cadeira, por um momento, com os olhos fechados. Ela não deveria estar tão preocupada por um jantar com um amigo velho. Afinal, Jack poderia achá-la atraente, mas isso não significava que ele iria querer engatar um tango sexual maduro com ela. Então novamente, o modo com que ele a olhava falava em sexo.

Ela queria somente sexo? Algo para tirar essa necessidade ardente por ele? Sim. Ela não planejava ficar em Clifton. Melhor coçar a coceira e depois esquecer.

Depois de fechar o computador, entrou no lounge dos empregados e agarrou uma garrafa da água da geladeira. Tomou vários goles, percebendo que se encaminhava para a desidratação enquanto digitava no computador. Tinha estado tão absorvida em terminar o artigo do incêndio e cumprir o prazo, que não se moveu da escrivaninha.

“Oi, Autumn.”

Autumn quase saiu da própria pele. Ela suspirou e voltou. A garrafa escapuliu de suas mãos caindo no chão, respingando água em todos os lugares. Ela se abaixou e pegou a garrafa antes que perdesse mais água. Olhou de relance o monte sólido de músculos, vários centímetros mais alto que ela, enchendo a entrada. Mas este não era o homem que esperava ver.

O cabelo castanho escuro para cima como perfurantes cerdas de porco-espinho. Sua macia, quase infantil beleza, dava a ele a aparência de um homem muito mais jovem. Uma cicatriz pequena acima da sobrancelha direita o impedia de parecer enganosamente suave e, o duro brilho nos olhos dizia a verdade. O suéter azul que vestia acentuava os ombros e braços poderosos. A calça jeans era muito apertada, realçava seu pênis. Aos dezoito anos ele tinha sido um garoto de aparência formidável, mas agora parecia mais forte, mais alto, mais largo e, mais desprezível.

Ela pensou que tivesse trancado a porta por fora, mas talvez não. Nauseada, engoliu com força.

“Qual é o problema?” Ele perguntou. “Não me reconhece, querida?”

A voz do homem manteve a grave qualidade associada a muitos cigarros, ou talvez muita bebida.

“George.” Seu coração lançou-se no peito como uma martelada. “O que você está fazendo Aqui?”

O concentrado olhar dele, cheio de uma repugnante intenção, fez o cabelo de trás do pescoço dela arrepiar. “Eu ouvi por aí que você voltou a Clifton e tinha que ver por mim mesmo.”

O suor escorreu no rosto e ela percebeu que estava respirando muito rápido. *Não. Recupere o controle, Autumn. Você não pode deixá-lo ver o que faz a você.* “Eu já estou saindo. Tenho que ir a um lugar, então se você me der...”

Ele avançou e ela pensou que seu coração pararia. Ele sorriu como um dragão de komodo* avançando pela sala. “Nós precisamos conversar. Conhecermos-nos novamente. Existem coisas que você precisa saber.”

A raiva fluíu pelo susto. “Você acha que eu iria querer vê-lo novamente depois do que você me fez?”

Ele sorriu e, ela freqüentemente perguntava-se por que céus desperdiçara tanta beleza nesta escória. “Nós estávamos namorando.”

“E isso fazia com que estivesse tudo bem? Você se aproveitou de mim do pior modo possível, George.”

Assim que as palavras escaparam de sua boca, ela não podia acreditar como havia suavizado que tinha acontecido. Não podia empurrar a feia verdade por seus lábios. “Era o que você queria.” Seu tom suave, atado a fragmentos de ameaça, fazia o coração dela acelerar novamente.

Calafrios desciam por suas costas. “Deus, se eu tivesse ganhado uma moeda de dez centavos cada vez que eu ouvisse um homem dizendo isso ...”

O riso a cortou.

“Isto é tudo que você quer me dizer?”

Ele deu outro passo adiante e todas as fibras do corpo dela enrigeceram em reação. Ela poderia lutar, mas perderia. Ele tinha quase 30 centímetros a mais do que ela e uma tremenda força.

“Ouvi que você era Saltadora de fumaça no Colorado. É verdade?” Ele perguntou.

“Sim.”

Ele cruzou os braços e inspirou. “Interessante. Mas agora você vê que não era a coisa certa a se fazer, não é?”

“Eu não sei sobre o que você está falando.”

“Uma mulher pequena como você não pode fazer aquele tipo de trabalho.”

O ressentimento explodiu dentro dela. “George, eu posso arrastar quase oitenta quilos. Eu tenho suportado equipamentos em minhas costas que pesam vinte quilos ou mais, sobre quilômetros de terrenos acidentados. Isso não me qualifica como uma mulher pequena. Agora, se você me der licença, eu estou cansada de conversar.”

O desgosto cintilou em seus olhos antes que pudesse esconder com seu charme de marca registrada. Ele não sabia que sua personalidade nojenta vazava por aquela mera desculpa para o carisma? Ele deixou que seus braços caíssem dos lados e os pés se separaram.

“Uma mulher é uma mulher. Você deveria ter ficado em Clifton e se casado comigo.” “Casar com você? Eu não acredito que esteja ouvindo isto. Você tem que ser louco. Depois do que você fez...” Ela não pôde terminar, a tensão em sua garganta ameaçava sufocá-la. Dirigiu-se à entrada, incentivando-o a sair. “Se você sair agora, eu não terei que chamar a segurança.”

“Meio que me surpreende que eles tenham deixado uma menininha como você aqui sozinha.” Seu sorriso definiu a palavra ‘selvagem’. A mão de George atacou e agarrou o braço esquerdo dela.

“Espere um minuto.”

Ela recuou de seu agarre apertado. Ele não a deixou ir. “Eu juro por Deus, se você não me soltar, eu cortarei seu pau e o alimentarei com ele.”

A risada vigorosa encheu o ambiente quando ele lançou a cabeça para trás, mas não a libertou.

“Você gostaria de provar o meu pau, não é?”

* O dragão de Komodo é o maior dos lagartos que existem na terra. Habita na ilha de Komodo na Indonésia, e em outras pequenas ilhas adjacentes. Este incrível gigante é um predador notável, já que por regra não mata instantaneamente a sua presa; morde, e a infecção causada pela sua mordedura vai acabar por matar o animal, ou mesmo o humano, ao fim de alguns dias. Depois, quando cheira a carne putrefata - e o dragão consegue captar o cheiro até 7 km de distância! - dirige-se ao local, para então fazer o seu banquete. Como a carne já está em adiantado estado de putrefação, os dragões arrancam pedaços com a boca e com as enormes unhas que possuem. O que normalmente acontece é que vários dragões chegam à mesma presa e ao mesmo tempo, sendo então a refeição partilhada, de forma hierárquica, mas sempre com algumas lutas entre eles. A hierarquia é estabelecida pelo tamanho corporal e forçados animais. As presas preferidas dos dragões de Komodo são os búfalos, os javalis, os cervos, os cavalos e os macacos.

A repulsa a fez sentir um calafrio e, ela se odiou por não conter o impulso de se aninhar em medo. Ela puxou de volta seu punho, mas os dedos dele apertaram sua pele. Ela apenas conteve um gemido de dor. Segundos mais tarde ouviu uma porta abrir no escritório exterior.

“Autumn?”

A voz de Jack veio de fora da área de funcionários e o alívio quase a deixou tonta. “Eu estou aqui, Jack.”

Ela deu um puxão para trás e George a liberou. Correu para porta e quase se chocou com Jack vindo do corredor. As mãos dele seguraram a parte superior do braço quando a pegou. Um suspiro escapou dela quando ele segurou a parte do braço que George tinha machucado.

As feições de Jack se contorceram em preocupação. “O que está acontecendo?”

George passou por eles, seu sorriso estava cheio de triunfo. Apreciara assustá-la ao inferno, sem dúvidas.

“Ei, Dillon.”

A boca de Jack se estreitou numa linha perigosa quando olhava o outro homem. “O que você está fazendo aqui, Beckett?”

“Só visitando uma velha amiga.” Com uma risada que ecoou no ambiente, ele apontou para ela.

“Eu te vejo depois. Você pode apostar nisto.”

George bateu a porta e o vidro crepidou.

Jack olhou para ela, a raiva clara em seus olhos. “Que diabos ele estava fazendo aqui?”

“Eu não sei. Eu estava no lounge quando aquele verme apareceu e quase me matou de susto.” Ela tomou uma profunda respiração, depois outra, tentando recuperar a sensação de equilíbrio.

Os dedos dele acariciaram ombros dela. “O que ele fez?”

“Nada. Ele é um verme, só isso.”

Olhos de Jack ardiam, sua linha da mandíbula endureceu como granito. “Filho de uma cadela.”

Ela sorriu fracamente para aliviar a tensão. “Você pode dizer isto novamente.”

Os dedos dele deslizaram para baixo nos braços dela, depois para cima novamente e, daquela vez ela não pôde evitar uma pequena arfada de dor. “Você está tremendo.” Ele a moldou em seus braços e ela se aconchegou no forte calor com um suspiro.

Imaginara qual seria a sensação de estar nos braços de Jack e descobriu que a realidade parecia dez vezes melhor. Firme e grande, seu corpo a embalou ternamente. Absorveu o calor, a força e o cuidado no toque dele. Quando as mãos traçaram as costas dela, ela pôs a cabeça no ombro dele e começou a relaxar. Apreciação pelo corpo dele estar tocando o dela, misturou-se com a felicidade por ele estar ali.

“Ele machucou você?” Ele perguntou.

“Eu acho que ele contundiu meu braço.”

“Filho de uma cadela!”

Ela se puxou de volta um pouco para examinar rosto dele e sorriu. “Eu acho que nós concordamos nisto.”

“Deixe-me ver.”

Para surpresa dela, um rubor deslizou para suas bochechas. Sufocando o embaraço, tentou outro sorriso. “Eu teria que tirar minha blusa para que você pudesse ver. Eu olharei isso mais tarde.”

Ele esfregou os dedos nas costas dela. “Você está tremendo demais. O bastardo doente agrediu você. Nós devíamos chamar a polícia.”

Ela agitou sua cabeça. “Não foi tão mal.”

“O inferno que não foi.”

“Por favor. Vamos sair daqui.”

A natureza sombria nos olhos dele, entretanto, disse que a conversa não estava acabada.

* * * *

Jack não gostou da expressão tensa de Autumn quando ela afundou na cabine, de frente para ele. Ela parecia nervosa, evidência que Beckett agitara sua sensação de segurança. Ele sabia que sobre as características enganosamente delicadas residia uma bem afiada força física e mental. Força. O pensamento de Beckett a maltratando, entretanto, enviou a pressão sangüínea de Jack em órbita.

Quando se dirigiam para o restaurante, Jack sentiu uma incômoda suspeita sobre o que aconteceu no jornal. Lutou para conter o desejo de caçar Beckett e arrancar os pulmões do tórax dele.

Para se libertar dos pensamentos caóticos, decidiu começar a conversa do jantar com um tópico seguro. “Minha mãe disse que você teve que conseguir caronas para trabalhar. Eu tenho uma SUV mais velha que você pode pegar emprestado até achar outro carro. Eu tenho uma caminhonete também, então, não terá problema.”

“Isso seria fantástico. Tem certeza que não tem problema?”

“Pode apostar. Para que são os amigos?”

Um vislumbre de humor retornou a seu rosto. “Obrigada, Jack. Eu espero poder te recompensar um dia.”

“Você pode me recompensar hoje à noite.” Ele permitiu que sua voz ficasse mais rouca, profunda e a atou com nuances sensual que ela não pôde deixar de reparar.

O olhar dela se prendeu ao seu e ele notou a pesada atração fervendo nos olhos dela.

Uma das sobrancelhas dela se ergueu, e um brilho provocador entrou em seus olhos. “Hum?”

“Sim.” Ele trocou um pouco de seu peso de lado quando seu pênis endureceu e se esquentou contra sua calça jeans. “Eu quero beijar você.”

Os olhos dela se arregalaram e um rubor leve encheu suas bochechas. “Você é muito direto.”

“Eu aprendi a ser ao longo dos anos.”

“Isto foi inesperado.”

Ele agitou a cabeça. “Não, não foi. Tenho fantasiado com isto desde que eu era adolescente.”

O sorriso dela foi inclinado e sem arrependimento. “Tanto tempo?”

“Por Deus, sim.”

Ela riu e o som suave e gutural endureceu seu pênis mais ainda. *Foda-se.*

Maldição, se ela não parecesse linda como inferno. Gostou da receptividade e do modo com que ela não recuou. Eles ficaram mudos por um momento e ele a deixou perceber um prazer que não parecia poder controlar.

“Algo errado?” Ela perguntou.

Ele apoiou-se na mesa, mantendo sua voz baixa. “Desculpe. Eu a estava encarando.”

“Sim, você estava.”

Ele suspirou e piscou. “É porque você é malditamente linda.”

Seu sorriso não era auto-depreciativo e ela o olhou diretamente nos olhos quando disse. “Obrigada.”

Eles permaneceram em silêncio enquanto liam os menus, mas sentimentos primitivos se construíram dentro dele.

Jack se importava com o que tinha acontecido a ela com uma ferocidade que o agitava. Desde o dia que ela voltara para sua vida, percebeu que ela sempre permanecera dentro dele, numa parte dele.

Perdera tempo demais somente sonhando com ela. Ela estava ali. Ele estava ali. Agora ele pretendia compensar as fantasias.

Depois de trazer os refrigerantes, o garçom tomou seus pedidos. Enquanto bebericavam as bebidas, Jack decidiu que tinha que saber que assuntos Beckett tinha com ela.

“Então, o que George queria?”

A cautela encheu os olhos dela. “Eu não sei por que ele estava lá ou até como ele soube eu ainda estava no trabalho.”

“Talvez ele tenha estado observando você.”

Ela puxou seu casaco de volta, para cima dos ombros. “Eu... ele me pegou de surpresa.”

Jack sentiu sua temperatura subir. “Diga-me tudo o que ele disse.”

Ela olhou para cima rapidamente. “Eu te disse tudo.”

“Olhe, vamos colocar desta maneira: Qualquer relação que você teve com ele no passado, o homem é um bastardo. Fique longe dele.”

“Eu não sei o que ele tem em mente, mas eu também não gosto de receber ordens. Não vou tolerar isto.”

Calma, Dillon. Você está fazendo isso ficar pior. Esfregou uma mão na mandíbula em frustração.

Ela brincava com o invólucro do canudinho na mesa, em frente. Ele colocou sua mão sobre as dela e acalmou o movimento. “Eu sinto muito. Não queria que parecesse uma ordem. Eu via o resultado de violência contra mulheres. Nós já fomos chamados para ajudar alguns casos de abuso doméstico quando mulheres eram feridas. George está no limite. Ele poderia ser o próximo sujeito que nós ouviríamos ser preso por bater na namorada.”

“Eu não sou a namorada dele, Jack.”

“Eu sei disso.” Ele levantou seus dedos por cima dos dela em uma carícia involuntária. “O que eu estou tentando dizer é que ele é perigoso. Cherry é louca por estar com ele.”

“Cherry Guillett?”

“Sim. Ela vive com ele.”

Autumn fez um suave barulho de desgosto. “Eu devia ter adivinhado. Ela estava no incêndio do armazém no outro dia e mencionou que estava com o carro dele. Ela é louca.”

Não surpreendeu a Jack que Cherry aparecesse no incêndio. Mais de uma vez ele tinha olhado ao redor numa cena de incêndio e a visto lá.

Quando o garçom trouxe a comida, Jack observou Autumn colocar molho vinagrete em sua salada com uma indiferença que o fez imaginar se ela não teria aperfeiçoado a habilidade de esconder seus sentimentos. Ela teria que empurrar de volta algumas emoções em sua antiga linha de trabalho. Chorar daria a impressão de debilidade, ainda que as lágrimas não tivessem nada a ver com emoção.

Ele comeu seu *BLT e ela mergulhou na salada com um ar distraído. Quando o silêncio se prolongou por muito tempo, ele falou. “Algo ruim aconteceu entre você e Beckett todos esses anos atrás, não foi isso?”

Ela manteve o olhar na comida. “Podemos não conversar sobre isso agora? Eu não... tudo está no passado.”

“Muitas coisas aconteceram em nosso passado. Você conversou com alguém sobre isso?”

“Eu não conversei com ninguém sobre que aconteceu entre mim e George.”

Ele engoliu com força. “E sobre o incêndio?”

“Eu discuti isso com minha Tia Edith e Tio Bedford depois que eu deixei Clifton e fui viver com eles, depois do Incêndio. Conversei principalmente com minha tia. Meu tio quis fingir que aquilo não tinha acontecido, eu acho.”

“Você e eu não discutimos sobre o incêndio.”

“Não, mas você era um menino e eu era muito jovem para saber que devia conversar e liberar o sentimento.” Ela manteve o olhar imobilizado na comida. “Eu me lembro que depois do enterro do seu pai você estava muito arrasado. Eu não me lembro de já ter visto um menino chorar tanto antes.”

Um ígneo carço se formou na garganta dele. Antigas emoções retornaram, tristeza e um sentimento de incompreensão cresceram nos dois. Ele deixou o sanduíche. “Quando você não chorou e apareceu como um zumbi no enterro do meu pai, eu achei que você não se importasse.”

Ela olhou por cima de seu prato. “Você sabe que eu me importei.”

“Eu sei agora.”

O feminino olhar se encheu em súbita dor. “Eu sou uma monstruosidade no controle sobre certas coisas. Acho que isso é uma reação ao caos e, a única maneira que senti que poderia agüentar.”

“Ajudou? Manter todas as emoções em cheque?”

Autumn empurrou a alface em seu prato. “Eu não tenho certeza mais.”

Ele odiou a nota de resignação na voz dela. O sofrimento e uma onda de ansiedade tomaram sua expressão. Reluzente e afiada, em resposta, uma punhalada de compaixão o cortou ao meio.

Ela mastigou um pedaço de cenoura. “Foi meio que um choque. Eu me culpei por mais ou menos umas cem coisas que não poderia ter prevenido. E me senti traída. Por tudo e todo mundo. Não me restou energia para confortar você.” Sua voz se tornou rouca. “Você era meu amigo e, eu te abandonei.”

Novamente ele agarrou sua mão, apertando-a suavemente. “Está tudo bem. Talvez algum dia você confie o suficiente em mim para me contar o que aconteceu entre você e Beckett.”

“Não se trata de confiança. Está no passado e eu não vivo no passado.” O olhar dela se estreitou. “Podemos começar novamente e manter isso leve, Jack?”

*BLT (famosíssimo sanduíche de bacon, alface e tomate: Bacon, Lettuce and Tomato)

Eu não vim para Clifton para reviver o passado. Preciso de um tempo para relaxar, não traga à tona velhas feridas.” Com o olhar sempre puntiforme e inflexível, ela agarrou a atenção dele e a segurou com firmeza. “Eu não vou ficar em Clifton.”

Certo, é assim que ela realmente quer. Parte dele sentiu alívio. Afinal, ele não queira que as coisas ficassem pesadas também. Ele podia exercitar estas ânsias físicas por ela sem medo que ela se apegasse ou quisesse algo mais. Bom.

Ele movimentou a cabeça. “Eu entendo.” Ele voltou à posição em sua cadeira e terminou seu BLT. “Desculpe ter mergulhado na verdade sobre Beckett. Eu estava só preocupado por ele ter machucado você.”

“Obrigada por se importar.”

*

“Sempre.”

O minucioso exame de Jack, avaliando e desconcertando, enviava calafrios de desejo pela barriga de Autumn. Intensos e concentrados, todos os seus desejos primordiais ardiam. Os mamilos endureceram e um delicioso formigamento latejava entre suas pernas. A consideração a fome do másculo olhar enviavam ondas frescas de desejo sexual pulsando para a fachada. Deus, ela o queria. Mas não queria conversar sobre o passado mais e, o melhor caminho para se livrar daquilo era o sexo.

“Você disse que costumava fantasiar sobre mim?” Ela perguntou.

Jack se debruçou adiante, a atenção rebitada nela. “Sim.” Ele sorriu e seu olhar faiscou com diabólica diversão. “Desde a época que eu tinha quatorze anos. Eu fui um atrasado iniciante, mas quando os hormônios me acertaram, cuidado.”

Ela devolveu o sorriso dele, embora sua revelação a lançasse fora de guarda. “Meninos adolescentes sempre são bolas furiosas de hormônios, não são?”

Ele balançou a cabeça ligeiramente para o lado, a curiosidade que se misturavam com humor. “Alguns mais que outros. Meus sonhos diurnos eram muito explícitos e também os noturnos. E isso não parou na universidade.” Seu olhar faiscava nuances de alta potência sexual. A voz ficou rouca e quente como veludo.

A respiração dela foi encurtada e as batidas do coração aceleraram. “Eu estou lisonjeada. Conte-me mais.”

Ele tocou as costas da mão dela com seu dedo indicador. Ela suavemente inspirou, sua respiração gaguejou conforme o calor se espalhava por todo o braço.

A mão dele envolveu a dela, segurando-a suavemente na mesa quando os dedos se enrolaram ao redor dos dela.

Impulsos selvagens fizeram cócegas à libido feminina, então sopraram numa flutuante consciência.

Sem perder uma batida sequer, sua imaginação foi inundada com imagens do corpo dele nu e poderoso, as mãos envolvendo com segurança o cheio, firme monte de carne aninhado entre suas pernas.

O calor espalhou-se mais baixo até que veio florescer entre suas pernas. De repente, ela tinha que saber os detalhes.

“Quando você fantasiava, no que você... pensava especificamente?” Ela apertou sutilmente os dedos dele.

“Você dá o nome, eu pensava.” Ele olhou para baixo, para mesa um momento, seus escuros, longos cílios ocultavam segredos. Quando Jack olhou para cima novamente, o olhar capturou e segurou o dela.

“Eu pensava em fazer amor com você em todos os lugares e a qualquer hora que fosse.”

Fazer amor. Deus, as palavras soaram tão eróticas nos lábios dele. A maioria dos homens não chama isto de fazer amor — eles se referem a isso como fazer sexo, foder. Você nomeia, eles normalmente aparecem com o termo menos romântico possível para a idéia de dormir juntos. A voz rouca e profunda dele agitava desejos dentro dela que julgava há muito tempo abandonados.

Ele sorriu um sorriso torto. “A maior parte do tempo eu imaginei você na minha cama, e nós estávamos fazendo isto ao estilo missionário*.” Ele encolheu os ombros. “Às vezes a imaginação de um menino adolescente não se aventura muito além do que o sexo rápido e fácil.”

Os lábios dela se curvaram sarcasticamente e então não pôde conter uma risada suave.

Jack não soltou sua mão, seu toque tão gentil e primorosamente excitante. “Eu perdi muito tempo me masturbando no chuveiro.”

A expressão dele ficou séria quando girou a mão dela na sua, embalando a palma para cima. Traçou seu dedo indicador por cima da palma dela e, um afiado, doce prazer se lançou pela pele dela. Seu corpo inteiro ardeu em uma febre crescente que ela não quis extinguir.

“Quando eu cheguei à universidade, desenvolvi um cenário inteiro de posições e situações,” ele disse.

Os lábios de Autumn se separaram. Ela quis dizer algo, mas os pensamentos se confundiram, sua mente se encheu de flashes de eróticas possibilidades.

“Desde que a vi novamente, aqueles sonhos voltaram” ele disse. “E as fantasias são mais ricas. Mais explícitas.”

“Deus.” Ela nem tentou esconder o tom sussurrante da voz.

O olhar dela se enlaçou ao dele, o coração batendo numa frenética nova batida para acompanhar o inegável tremor abaixo em sua barriga. Ela permaneceu em um precipício com ele, um que ela *queria* saltar fora. Podia extinguir o recém descoberto desejo que fervia dentro dela.

A garçonne os abordou e entregou a conta. Jack insistiu em pagar a conta daquela vez e ela permitiu.

“Tem certeza que não quer rachar a conta?” Ela perguntou quando deslizaram da mesa.

Ele deslizou os braços ao redor da cintura dela e a ajustou perto dele. “Não desta vez. Além disso, você pode me pagar com aquele beijo.”

“Ah, entendo.” E cara, o corpo dela entendeu. Mantida próxima ao poderoso corpo de Jack, ela ansiava compartilhar aquele beijo e ver o que aconteceria.

“Entende?” A pergunta soou divertida e ela não respondeu. Deixe o mistério se construir. Deixe os jogos começarem.

Quando alcançaram a caminhonete dele e deslizaram para o lado de dentro, ele disse, “Você pode pegar o SUV* hoje à noite se quiser.”

“Por que não? Parece uma boa idéia.”

Dirigiram em silêncio e em alguns minutos estacionaram no estacionamento do condomínio, ao lado do outro veículo dele.

* O Estilo Missionário é a posição onde o homem fica em cima, a mulher deitada e, os parceiros se encaram.

SUV* Automóvel Utilitário esportivo.

Uma vez fora do carro, ele tirou a chave do molho de chaves e entregou a ela. “Aqui está.”

“Obrigada.” Ela deu uma olhada no SUV. “Cara, esse é um dos grandes.”

Ele sorriu e se moveu mais próximo a ela. Quando ela se moveu para mais perto do SUV, ele colocou uma mão no carro, perto da cabeça dela e se debruçou. “Você consegue lidar com ele?”

“Acredite em mim, eu lidei com maquinários muito maiores que esse.”

Quando ele pairou próximo, seu olhar varreu sobre ela na fraca luminosidade, ela se sentiu vulnerável e forte, tudo de uma vez. Estremeceu por dentro, mas não de medo; instintivamente entendeu que podia confiar em Jack cem por cento. Tudo nele parecia honrado e forte. Saciara a vontade com ele enquanto ficasse em Clifton significaria prazer e diversão sem envolvimento. Um profundo desejo cresceu em seu centro até que ela tremeu.

“Obrigada por tudo, Jack.”

Ela não deu chance dele lhe dar um beijo. Ela podia ver a necessidade crescente em seus olhos e sentiu o desejo aumentar a energia dentro de si. Sem hesitar, deslizou os dedos pelos ombros largos dele e se inclinou para ele. A cabeça dele abaixou e então...

Oh... sim...

A boca dele cobriu a dela suavemente. Ela inalou suavemente quando as bocas se moldaram e tomaram forma.

A exploração suave do beijo dele a surpreendeu, no entanto, o recato a inflamou e instigou. Sensações explodiram.

Quando o corpo dele apertou ligeiramente o dela à lateral da caminhonete, esculpiu a impressão dos músculos duros, as mãos dele desceram pelo carro, em cada lado da cabeça dela. A consciência a transbordou quando o beijo morno, suavemente encantador, saboreou seus lábios. A abordagem sem pressa dele era tão deliciosa, a erótica pressão enviava um delírio por ela. Ela respondeu o beijo com movimentos tentadores, explorando-o tanto quanto ele a ela.

Tensas ânsias circulavam em sua região lombar e o desejo umedeceu seu corpo em preparação para o sexo.

Ela inalou profundamente e saboreou seu morno odor.

Novamente, ela explorava enquanto deslizava para cima, envolvendo a mandíbula dele. A barba a fazer se eriçou debaixo dos dedos dela e enviou formigamentos pela pele. Ainda sim, ele não fez nada além de beijá-la com persuasiva investigação, até que o corpo dela começou a doer, o desejo crescendo mais a cada segundo. Ela pensou que fosse descolar sob a marca quente de seus lábios. A fome do toque dele a fez deslizar os dedos nas costas dele, abaixo dos ombros.

Ele se afastou a tempo suficiente de enterrar o rosto no pescoço dela e murmurar com voz rouca e difícil, “Deus, Autumn.”

Ela estremeceu, deliciada com o óbvio desejo dele. “Exatamente como em suas fantasias?”

“Vinte vezes melhor.”

Jack pressionou beijos suaves em seu pescoço e os mamilos endureceram e formigaram. Ela se contorceu um pouco nos braços dele, querendo os dedos em seus mamilos, puxando, arrastando, lambendo.

A potência foi radiada dele e ela sentiu a tensão crescer dentro de Jack, como se ele pudesse se enroscar e partir. Seu pênis estava uma rígida barra de carne contra a barriga dela. O fôlego sugava levemente, o próprio quadril dela se movia em resposta.

A restrição dele se rompeu, os braços envolvendo-a pelas costas e cintura para arrastá-la de encontro ao seu peito.

Autumn envolveu os braços ao redor do pescoço dele, estimulando-o a se aproximar mais ainda.

Mais uma vez, ele a beijou e, desta vez sua língua encontrou a dela, numa ardente dança, golpeando como se não pudesse ir fundo o suficiente. A mente dela derreteu como seu corpo, pensamentos desapareceram conforme ela se transformava em nada mais do que uma autêntica sensação. Eles não pararam em um beijo longo, mas arriscaram uma segunda, então terceira descoberta penetrante. Ela se alimentou da boca dele, seus lábios se tornaram famintos quando a temperatura assava todas as inibições e, ela cambaleou no limite da combustão. Uma eternidade do sedoso, quente prazer dançou por seu corpo.

Velozes necessidades ardentes criaram um turbilhão dentro dela. Uma umidade quente molhou sua calcinha e ela quis alinhar seu tecido sensível com o pênis dele e se esfregar contra ele para diminuir o desejo. Os quadris dela se contorceram e as mãos dele deslizaram para o topo de suas nádegas.

Oh, sim. Por favor.

Mas ele não a envolveu, ao invés disso, ele afagou, seu toque demorando de um modo que enviava ondas de desejo explícito pelo corpo dela. Ela nunca sonharia que beijá-lo a faria sentir-se tão quente, morrendo por finalização.

Quando ele recuou, ela viu chamas mais quentes do que qualquer fogo, dentro dos magníficos olhos.

“Uau.”

Ela sorriu. “Eu que o diga.”

Ele lentamente se afastou dela. “Eu adoraria convidá-la a entrar, mas tenho que chefiar um treinamento em algum terreno florestal no meio do nada às três da manhã.”

Ela suspirou, desapontada. “Eu entendo.”

Ele levou os dedos à bochecha dela em uma carícia gentil que só aumentava seu tormento.

“Quando formos para a cama juntos pela primeira vez, eu quero que dure a noite toda.”

O calor explodiu em um flash e ela se doía para tê-lo enterrado profundo em seu corpo, afastando a fome e satisfazendo sua paixão inumana. Dando a ele um sorriso trêmulo,

Ela disse, “Quando formos para a cama? Você está muito seguro de si mesmo, Jack Dillon.”

O convencido, autoconfiante olhar dele dizia tudo. “Você pode negar que é o que nós dois queremos?”

“Não. Eu só nunca pensei que você iria... que nós iríamos...”

“Nem eu.”

Ele envolveu os ombros dela e mergulhou em um voluptuoso, beijo de língua que enviou calafrios selvagens por seu corpo. Ela se arqueou contra ele, quase a ponto de implorar que a tomasse por dentro. Ela recuou do beijo, alarmada em quanto o queria e, pelo fato de que ela imploraria, em primeiro lugar. Normalmente não embarcava em um desejo animal sem pensar ou considerar.

Mas é disso o que você quer de Jack. Direto. Descomplicado. Sem nenhum componente emocional.

“Boa noite então,” ela disse com um sorriso quando destrancou o SUV e subiu.

Enquanto ela ia embora, ele a observava da calçada. Ele não dissera nada sobre vê-la em breve e, isso não a preocupou. Eles acabariam na cama mais cedo ou mais tarde. Ela sabia daquilo sem dúvida nenhuma.

Deus, Autumn. Você está cobiçando Jack? Lembranças dele quando um jovem menino a quem ela dera aulas particulares todos aqueles anos atrás abandonaram a mente no minuto em que ele a salvou do acidente de carro. Sua masculinidade, sua autoconfiança, afastou quaisquer pensamentos de que ele era jovem demais. Afinal, os dois eram adultos agora.

Além disso, ele obviamente não queria amarras. Sexo sem complicações. Os beijos dele se reprisaram novamente em sua cabeça. Os pensamentos de fazer amor com ele, de descobrir todos os segredos daquele corpo a provocaram durante todo o caminho de casa.

Capítulo Seis

“Uau.” O pequeno rosto redondo de Bitsie Dillon traia seu prazer quando inspecionou as fotografias na primeira página do *Clifton Times*. Ela espalhara o jornal em sua frente na mesa da cozinha momentos atrás. “Segundo dia consecutivo apresentando Jack e o departamento de bombeiros. Fotografias coloridas e tudo.”

Autumn riu. “Eu deveria usar preta e branca, mas decidi experimentar. Que bom que as fotos ficaram ótimas ou Elliott teria cortado minha cabeça para o almoço.”

“Eu sabia que meu filho era bonito, mas estes retratos falam por si só.”

Satisfeita, Autumn sentou-se em uma cadeira à mesa e tomou um gole do chá de ervas.

“Obrigada. Eu estava inspirada.”

Autumn examinou a grande fotografia de Jack em plena regalia. Ela o pegou em um momento de força, seu machado pronto para derrubar as perigosas madeiras que ameaçavam cair sobre qualquer bombeiro que viesse a caminhar pela entrada do armazém.

Nada do menino vulnerável que ela uma vez conhecera. Outro olhar na fotografia fez uma agitação de satisfação dançar em seu centro. Sim, nenhuma dúvida sobre isto. O homem era indiscutivelmente heróico.

“Eu exibi várias fotografias dos bombeiros na frente de Elliott, mas ele achou que este retrato era o melhor. Serviu para o sumário de ontem e de hoje,” Autumn disse.

“Você tem uma cópia extra das fotografias que eu possa comprar do jornal?” Bitsie perguntou enquanto passava uma mão pelos cabelos com fios mesclados de brancos. “Você tirou várias outras fotos de Jack, certo?” A expressão de Bitsie se encheu de travessura e, Autumn leu a especulação em seus olhos verdes.

Engolindo em seco, Autumn então disse, “Eu tive que entregá-las, mas tenho certeza que Elliott me deixará te dar algumas cópias.”

“Eu gostaria de ver o rosto de Jack quando der uma olhada neste jornal. Ele ficará envergonhado.”

Autumn lembrou a petulância na expressão de Jack na noite anterior. “Ele é tão modesto assim?”

Bitsie olhou de relance o artigo novamente. “Às vezes aquele menino é a imagem da humildade. Coragem e discrição misturadas.” Outro astuto brilho cintilou nos olhos da mulher.

“Eu fico surpresa por alguma garotinha não o ter arrebatado ainda.”

Sem ter certeza de parecer desconfortável com as insinuações de Bitsie ou um pouco interessada na idéia, Autumn procurou uma resposta. “Bem, ele é jovem ainda. Ainda o que... vinte e nove?”

“Vinte e oito.”

“É só um bebê.”

“E você é uma anciã, minha querida.”

“Trinta e quatro. Decrépita.”

Elas riram.

Instabilizada pela própria transparência, Autumn mudou o ângulo. “Tenho certeza que ele tem muitas namoradas para mantê-lo ocupado. Da minha experiência, bombeiros têm este apelo heróico em que as mulheres acham irresistíveis. Os homens com quem eu trabalhei no salto de fumaça não tinham problemas para achar garotas.”

Olhos de Bitsie se nublaram e, uma inundação de memórias saltou para Autumn como um ioiô. Sórdidos rumores, dezessete anos atrás, sobre a relação entre o marido de Bitsie e sua mãe encheram a cidade. Os rumores acabaram por ser verdade. Apressando-se em tranquilizar Bitsie, Autumn alcançou e cobriu a mão da mulher mais velha com a sua própria. “Não se preocupe com meus sentimentos. Eu sei o que aconteceu entre o seu marido e minha mãe.”

A pele cor de pêssego de Bitsie, mais jovem do que a idade normalmente permitia, ficou vermelha com raiva e vergonha. “Meu marido não era um santo. Eu sabia disso quando me casei com ele. Encobrir os fatos não funcionava na época, não vai funcionar agora.”

Autumn tentou um sorriso, mas ele pareceu frágil.

Bitsie ficou muda por um longo momento. “A noite que meu marido e seus pais morreram... bem, meu marido admitiu que tivesse tido um caso com sua mãe. Ele disse que o bebê que ela carregava era dele.”

Partes iguais de memórias dolorosas e aceitação deslizaram por Autumn como uma lenta queimadura.

Seus pais disseram a ela, na noite em que morreram que sua mãe estava grávida de quatro meses do caso com Mitchell Dillon. E enquanto ela não queria acreditar que a mãe teria um caso, a briga dos seus pais na fatídica noite tinha confirmado os rumores do adultério.

Autumn respirou fundo e deixou aquilo sair lentamente. “Meus pais tiveram uma briga na minha frente no jantar na noite em que morreram. Quando eu percebi que eles estavam dizendo que Mitchell era o pai do bebê... bem...” Autumn agitou a cabeça e lágrimas ameaçaram cair. “Então, nada do que você diz é surpresa. Exceto você me falar isso agora.”

Os olhos do Bitsie se encheram com um pouco de água. “Eu sinto muito. Eu não devia ter lhe devolvido lembranças ruins.”

“Por favor, não se preocupe. Eu estava mesmo considerando te perguntar isso. Só não esperava ouvir tão cedo.” Uma dor se construiu no peito de Autumn. “Nunca

mudou a maneira como eu me sentia sobre você e Jack. Você dois são pessoas fantásticas.”

Engoliu com força para libertar o pedregulho que parecia hospedado em sua garganta, esboçou um sorriso fraco. “Eu sempre gostei de como você dizia a verdade. Isto foi uma coisa que eu aprendi de vocês todos aqueles anos atrás. que Minha mãe era muito boa fingindo que as coisas não estavam acontecendo, quando elas estavam. Pelo menos na minha frente.”

Bitsie sorriu desta vez e as lágrimas que se vislumbravam em seus olhos se dissolveram. “Eu estava preocupada que se até insinuasse o que aconteceu entre meu marido e sua mãe, poderia começar algo terrível entre nós duas. Nós nunca tivemos a chance de conversar antes de você ir embora, todos aqueles anos atrás. Estava muito ocupada ajudando Jack a lidar com a morte do pai. Então muitas coisas foram deixadas e não-ditas.” Bitsie fungou. “Que confusão.”

Elas se sentaram silenciosamente, sorvendo seu chá e refletindo. Autumn percebeu que não tinha mais nada a dizer sobre o escândalo que balançou suas vidas anos atrás.

A expressão de Bitsie iluminou. “Eu acho que já que estamos sendo sinceras aqui eu perguntarei outra coisa. Por que você voltou para Clifton?”

Autumn perguntou-se quando alguém perguntaria. “Depois do acidente de pára-quedas, eu precisava de uma parada e tempo para me recuperar. Estou me mantendo em contato com terapeutas e médicos e eles me disseram que eu posso voltar a saltar logo. Meu joelho está essencialmente bem para ir, mas—” Ela não quis dizer aquilo. Aquelas palavras provariam que ela não tinha mais coragem para fazer o trabalho. “Eu tentei saltar de um avião umas duas vezes no último verão.”

“Tentou?”

“Eu não consegui. Eu percebi que precisava de mais tempo.”

A expressão de simpatia de Bitsie fez Autumn parecer pior. Ela não queria a pena de ninguém.

“Eu sinto muito,” Bitsie disse.

“Por favor, não sinta. Eu acharei a confiança novamente de uma forma ou de outra. Vim para Clifton para uma mudança de ritmo. Eu gosto deste jornal pequeno mais do que o maior que eu estava trabalhando na corrida de ratos de Denver. Até pagamento vale à pena.”

“Bem, eu estou feliz que você esteja aqui e ficando em minha casa.”

“Obrigada novamente pelo quarto.”

Bitsie encolheu os ombros. “É o mínimo que eu podia fazer pela jovem que virou a vida do meu filho.”

Autumn frequentemente se perguntava se o incêndio que matara seus pais e o pai de Jack tinha sido primeiro motivo na decisão de Jack em se tornar bombeiro. “Você está me dando muito crédito. Ele precisava descobrir seu caminho verdadeiro na vida. Ser o foco da crueldade das outras crianças faz você mais forte, ou te leva para a outra extremidade. No caso de Jack, parece que o fez mais forte. Eu acho que ninguém joga areia em seu rosto agora.”

Bitsie bebeu de sua xícara de chá com um trago satisfeito. “Definitivamente não, minha querida. Do primeiro dia que você o tutorou até o último, ele aprendeu a se levantar por si mesmo. Você fez o que outra pessoa não parecia poder fazer. Nem mesmo o pai.”

Ela agarrou a xícara vazia de Bitsie. “Mais chá?” Quando Bitsie balançou a cabeça, Autumn levou as xícaras para a pia, enxaguou-as e as colocou na máquina de lavar prato. “Certo, façamos à sua maneira. Eu sou uma deusa.”

Bitsie riu. “Chega desta conversa pesada. Eu preciso ir para meu encontro. Jack estará aqui a qualquer momento agora. A menos que exista outro incêndio, ele fará o jantar hoje à noite.”

“A sua pizza famosa? Eu aposto que é tão incrível quanto o Chili de Jack.”

“Nada é tão bom quanto o Chili do Dillon.”

Autumn recordou um piquenique onde o pai de Jack a serviu um enorme prato de seu Chili, famoso no quartel de bombeiros. Autumn quase queimou a língua com as especiarias. “Jack suavizou a receita ou eu devia colocar roupa de baixo a prova de fogo da próxima vez que prová-la?”

Bitsie sorriu. “Ele fez algumas modificações. Eu o deixarei dizer quais são quando você o vir.”

Ver Jack naquela noite seria uma questão arriscada se ela esperava manter a sanidade.

Pelos últimos dois dias tudo que ela pensava era em foder com ele. Uma nervosa comichão de antecipação a deixou pronta para qualquer coisa naquela noite.

“Jack te disse qualquer coisa sobre o incêndio do armazém ser premeditado?” Bitsie perguntou quando elas se moveram para a cozinha e começaram a trabalhar na pizza.

“Não, mas eu não conversei com ele muito tempo sobre isto. Hank disse que não existia nenhuma evidência apontando naquela direção. Pelo menos não no momento. Quem sabe o que eles descobriram desde então? Poderiam ter sido crianças brincando com fósforos.”

Ela soube que mentira, mas não queria pensar sobre o que uma série de incêndios premeditados poderia significar. Não queria lembrar aquele incêndio premeditado que destruiu a família de Jack e a sua.

Segundos mais tarde a porta da frente abriu e a voz de Jack penetrou o ar. “Ei, onde está todo mundo?”

Fique firme. É só o bom e confiável Jack. Nenhuma razão para ficar como uma garotinha.
Hum, certo.

“Nós estamos aqui,” Bitsie gritou.

Jack arrastou-se pesadamente para a cozinha e seu olhar caiu sobre Autumn.

Autumn pensou o quão clichê era pensar na Terra parando de rodar e, quando o olhar de Jack capturou o dela, o calor se construiu como numa tempestade de fogo. Ela sentiu um flash de conexão elétrica entre os dois. O puro interesse masculino em seus olhos quase a desfez até os tênis atléticos que usava. Um suéter de tricô azul se ajustava perfeitamente sobre os ombros largos, a calça jeans era bem apertada às coxas cheias de músculos e, ele calçava botas em seus grandes pés. Ela quis rir. Até quando era criança ele tinha pés grandes.

Eu me pergunto se o resto das medidas do corpo é proporcional. Uma imagem do pênis dele pareceu ser mostrada na mente dela e o calor aqueceu seu rosto. Talvez naquela noite ela descobrisse.

“Ei.” Um sorriso lento, de roubar o fôlego, curvou a boca dele. “Autumn.”

Atordoada pela força de sua atração por ele, ela abriu a boca, mas, nada saiu.

Bitsie limpou a garganta e Autumn começou. Autumn tentou falar e acabou gaguejando. “Hum... oi, Jack.”

Ele passeou por Bitsie e deu nela um abraço enorme e, Bitsie beijou o filho no rosto e bateu levemente nas suas costas. “Bem, agora que você está aqui, deixarei você dois terminarem de fazer a pizza. Eu vou chegar atrasada para minha reunião.”

Depois que ela saiu, Autumn deu a Jack seu maior sorriso. Entregou-lhe a faca que segurava. “Aqui. Você pode terminar de cortar os cogumelos enquanto eu coloco a salsicha.”

Ele concordou com um sorriso de volta. Autumn também tomou a oportunidade para observar os músculos dele.

Nunca, em um milhão de anos, ela imaginaria que Jack Dillon preencheria um suéter daquele modo. Seus dedos doíam para tocar aqueles grandes ombros e testar a força de seus braços novamente. Ela retraiu uma respiração funda.

Percebendo que sua fantasia alcançou um arriscado novo nível, ela perguntou, “Então,

O que você achou da primeira página estendida no jornal, Jack?”

Ele balançou suas sobrancelhas. “Notável.” Ele dirigiu-se ao refrigerador e pegou uma lata de refrigerante. “Eu amei a propaganda. Faz bem para o meu ego.” Ele estalou o topo da lata e tomou um grande gole. “Todo mundo tem estado me provocando.”

Autumn franziu seu nariz. “Mas você gostou do artigo? Eu sabia que você gostaria das fotografias.” Ela encolheu os ombros. “Bem, eu pensei que você fosse gostar delas se não te embaraçassem.”

*

Jack olhou Autumn e quis dizer a ela muitas coisas, nenhuma delas relacionada com aquelas fotografias. Pelo menos a vergonha não transparecia nos sentimentos dele. “Sem problemas, sério.”

“Bom.”

“Seria melhor você se preparar para a polícia querer olhar para as fotografias,” ela disse.

“Eles já fizeram.”

Jack saboreou assistir Autumn trabalhar no balcão da cozinha, seus movimentos tão eficientes. Hoje seu corte curto de cabelo, com estilo bagunçado pelo vento, parecia sexy como o inferno.

Não havia nada de provocativo no suéter ou calça jeans azul que ela usava, mas o corpo dela o deixava dolorido. E não nas costelas, de qualquer maneira. Na noite anterior seus sonhos se encheram de cenas de Autumn deslizando o molhado, apertado calor pelo seu pênis e o montava até que ele ejaculasse alto e com força. Ele acordou no meio da noite com o coração batendo em acelerado e o pênis em alerta total. Se não a fodesse e extinguisse com essa atração acima dos limites logo, acabaria se envergonhando no trabalho.

Podia facilmente se imaginar deitado no beliche com o pênis armado como uma barraca em baixo do lençol e cobertor. Merda.

Quando Autumn se debruçou para abrir o gabinete em baixo da pia, ele apreciou a visão do arredondado, apertado e pequeno alvo. Quis envolver aquelas metades, apertá-las até que ela ofegasse de desejo. Quase sorriu, então percebeu que se alguém o olhasse

naquele momento teria visão total de seu sorriso enlouquecido por sexo. Deus, ele amou beijá-la e queria fazer aquilo novamente.

Eles mantiveram a conversa em tons baixos. Perdeu um tempo considerável olhando a boca de Autumn e se perguntando como seria sentir aqueles lábios chupando seus mamilos, aquela língua sorvendo seu pênis como num sorvete de casquinha. Aviões de guerra fizeram manobras aéreas em seu estômago. Ter Autumn tão próxima o fazia mais quente que um coquetel de Molotov*.

A claridade da janela da cozinha ricocheteou o cabelo dela e, ele pensou em esfregar as mãos por eles, agarrá-lo conforme...

Dê um tempo, Dillon. Ela está olhando para você de forma estranha. Quem pode culpá-la? Você provavelmente parece um lunático faminto por sexo.

* Coquetel Molotov é uma arma incendiária geralmente utilizada em protestos e guerrilhas urbanas. A sua composição mais frequente inclui um líquido inflamável, geralmente querosene ou álcool e eventualmente um agente que melhora a aderência do combustível ao alvo, misturados no interior de uma garrafa de vidro, servindo um pano embebido na mistura de pavio. Para utilizar a arma é necessário acender o pavio antes de arremessar a arma contra um alvo. A garrafa parte-se no impacto espalhando o conteúdo inflamável sobre o alvo, que arde então.

Ela dedicou a ele um sorriso com potência total. Num minuto ele se sentiu como o antigo amiguinho dela, no outro quis agarrá-la nos braços e a beijá-la até que não ela pudesse mais permanecer de pé.

Fodê-la até que ela chegasse perto de desmaiar. Era isso o que ele realmente queria.

Autumn alcançou e ligou o pequeno rádio de cozinha no balcão. Uma abafada, pulsante canção encheu o ar. Eles terminaram de projetar a pizza. Depois que a deslizaram no forno, sentaram na pequena mesa de jantar da cozinha.

“Sua mãe é verdadeiramente um amor,” ela disse.

“Ela ama ter você aqui.” Quando ela não respondeu, ele se certificou de observar a expressão do rosto dela, tentando ler a verdade em seus olhos de safira. “Por que você ficou longe tanto tempo?”

“Ninguém sentiu minha falta, tenho certeza.”

“Droga, eu tinha esperança que você tivesse sentido a minha, mas como eu era uma amolação na maior parte do tempo, não posso culpá-la por se manter tão longe quanto podia.”

Ela sorriu. “Você pode ter sido uma amolação, mas era uma ótima criança para se ter por perto.”

“Agora, esse é o tipo de coisa que eu gosto de ouvir.”

“Falando das pessoas que eu não senti falta, Cherry esteve cobiçando você no incêndio do armazém noutro dia.”

Ele riu. “Ela tem uma queda por mim, eu acho.”

“Não brinca.” Seu tom soou um pouco abrasivo e, ele olhou para Autumn de perto.

Ela não poderia estar com ciúme.

“Você não viveu em Clifton todo esse tempo que eu também estive fora. Conte-me mais sobre o que esteve fazendo,” ela disse.

Grato pela mudança de assunto, ele disse, “eu vivi em Detroit por vários anos. Terminei com minha namorada e decidi que devia parar de vagabundear no Quartel de bombeiros. Precisava deixar Detroit e voltar para onde eu pertencia.”

“Você estava comprometido?”

“Não. Eu pensei que ela me amasse, mas ela amava mais o trabalho. Conseguiu uma transferência e me disse que tinha sido divertido, mas tinha um bacon maior para fritar. Eu acho que ela literalmente quis dizer aquilo. Era bombeira também.”

Suas sobranças se trançaram. “Oh, Jack. Eu sinto muito por não ter dado certo.” Movimentou os ombros novamente, encolhendo-os. “A parte engraçada é que ela se casou menos de dois meses mais tarde.”

“Você está brincando?”

“Não. Eu percebo agora que não teria dado certo se tivéssemos nos casado. Ela obviamente não me queria e, eu sei que não a amava.”

Outro silêncio cobriu o ambiente. A boca de Autumn caiu ligeiramente aberta, como se fosse dizer alguma coisa. Seu olhar cruzou com os dele e o calor desceu em um espiral, num movimento apressado até a virilha. Ele achou que vira admiração em seus olhos.

Oh, sim. Ela o estava conferindo novamente. Admita. Ela tem você nos mínimos detalhes, Dillon.

Somente o som parado de jazz se movia no ambiente. Jack decidiu que gostara do modo que podia ficar em silêncio com ela. Quando era criança, na sala de aula depois da escola e ela era sua monitora de Inglês, ele costumava apreciar os silêncios. Uma estranha tranqüilidade do fundo da alma o envolveu.

Isto me faz sentir de um modo muito doméstico. Um alarme de incêndio número cinco soou em sua cabeça. *Retraia isso, Dillon.*

Estes loucos sentimentos não são sobre nada além de sexo. Mantenha isto de forma clara.

Eles comeram o jantar em companhia confortável, enquanto ele a atualizava sobre o que mudara na cidade nos dezessete anos passados. Trocaram algumas histórias antigas que os fizeram dar risadas. Depois que terminaram de colocar os pratos no lugar, ele se ofereceu para fazer café.

Enquanto moía os grãos, olhou de relance para ela e pegou a erótica visão de sua língua varrendo o lábio inferior. Ele imaginou correr sua língua pela carnuda boca dela e uma flecha de desejo tomou o controle. Foda-se o café. Ele largou a máquina e chegou mais perto dela.

Um endiabrado brilho refletiu nos olhos dela. “Bitsie me disse umas histórias sobre você.”

“Sim?”

“Suficiente para deixá-lo em sérios problemas. Como o fato de que você odeia sanduíches de atum e que o BLT é o seu favorito. Deveria sair com gente além dos meninos do Quartel.” Ela bateu levemente no braço dele. “Sabe, BLT é sanduíche de menininha.”

Apreciando o senso de humor, ele se debruçou um pouco mais perto dela. “Não os BLTs. Eles têm bacon e, não existe nada menos menininha do que bacon. Agora, sanduíche de salada de ovo é comida de garota. Eu não os como.”

“Sim, certo, parceiro. Conta outra.”

Ele permitiu que seu olhar se movesse até delicada linha da clavícula dela, então se fixou na aparentemente indefesa carne de seu pescoço. Ele viu o pulso dela latejando contra a pele e, um desejo louco de saboreá-la quase o fez se adiantar.

“Eu gostaria que fôssemos amigos novamente. Se você permitir,” ele disse.

“Permitir?” A pergunta saiu soando afiada. “Por que eu não permitiria isso?”

“Você parece um pouco nervosa comigo perto.”



“Pareço?” Um pouco ofegante, a voz dela diminuiu até quase um mero sussurro. “Bem, eu não esperava me sentir dessa maneira.”

Ele foi arrastado pelo clarão no olhar dela e pela entonação ligeiramente rouca em sua voz. “Como você se sente?”

Os lábios de Autumn se separaram. Ele se fixou no lábio inferior dela, que era um pouco mais cheio que o superior. Quando pegou um relance daquela língua rosada, sua virilha apertou.

Cara, oh, cara, ele a queria. Ele quase podia sentir o cheiro do desejo dela, sentir a maneira que o pulso dela acelerava. Droga, ele estava perdendo a cabeça de tanto que a queria.

Os lábios dela se abriram. “Eu me sinto...”

“Sim?” Ele se debruçou um pouco mais perto, sua cabeça girando um pouco de lado. Suas mãos desceram no balcão, uma em cada lado dela.

*

A inata sensibilidade de Autumn por ele enviou uma lenta e atordoante necessidade por ela. Ele cheirava tão bem — cheiro de couro e um almíscar que criavam um potente desejo. O olhar dele queimava sem chama, a atenção terrivelmente íntima. Ela sentia uma força refreada dentro dele e, a instigava, removendo suas tão bem construídas defesas. Os escuros cílios abanaram o rosto dela quando ele olhou de relance para sua boca. Ela se sentiu desequilibrada. Ainda bem que encostara as costas contra o balcão ou suas pernas nunca a segurariam. Deslizou em uma opressiva necessidade que não podia resistir e não queria que acabasse.

Ao redor dos dois a música aumentou até que ela viu, ouviu, e sentiu se entrosar com todas as fibras de seu ser. Ela nunca experimentara uma onda de atração e fusão de mentes tão rápida ou profunda. O rosto de Jack parecia mais atraente do que qualquer coisa que ela tenha imortalizado no Jornal. A detida expressão dele a surpreendeu e satisfez. Deus, ela desejava que ele a tocasse. Que a beijasse agora.

O coração trovejou em suas orelhas. Ela nunca experimentara tamanha desgastante conexão sexual como o que sentia com Jack. Seu corpo queimava todas as vezes que o via, sua alma cantava com prazer. Agora, conforme ele a imprensava no balcão, ela se sentia deliciosamente presa, cativa aos impulsos que temia explorar. Sim, eles tiveram uma história juntos, mas agora sua forte presença a enchia com segretos desejos. A altura, a força, a gentileza que ela sentia que ele carregava. Ele era todo macho, mas a ternura que ele já exibira para ela a atraía ainda mais perto dele. Sim, ela o queria por todos estes fatores.

“Eu tenho uma proposta para você. Várias propostas, na verdade.” O timbre profundo de sua voz vibrou e remoeu o desejo como um diapasão.

Ela queria saber? Autumn colocou a palma no peito dele e absorveu seu calor e energia. Ele era tão vivo e capaz de prendê-la. “Parece interessante. Diga-me.”

Ele permitiu a carícia delicada, então a alcançou e envolveu a face dela com uma mão. Ele traçou um dedo ligeiramente por seu rosto e um tremor passou por Autumn. “Por anos eu te quero, mas minhas fantasias eram mal formadas. Agora que você está aqui, eu quero explorar aquelas fantasias uma por uma.”

Uma absoluta surpresa e um malvado apreço lutaram por supremacia. Deus, ela não podia acreditar naquilo e, ainda sim, desejava com fervor. Traçou os dedos por cima de seu rígido peitoral, deliciando-se nos músculos duros como pedra. Ele estremeceu pelo toque dela e ela sentiu aquele poder crescer e exigir atenção.

Linhas de expressão dobraram a área entre as sobrancelhas dele. “Algo errado?”

Ao mesmo tempo em que o acariciava, observava seu toque brincar com o selvagem tórax dele.

“Vamos dizer que eu estou surpresa com o quão rápido nós estamos indo.”

Ele levantou o queixo dela e ela teve que olhá-lo nos olhos. “Você quer diminuir a velocidade? Olha, eu quero você e você sabe disso. Mas, não vou te pressionar a fazer nada com o que você não esteja confortável.”

“Eu estou confortável com isto, mas quero as cartas na mesa. Nós temos muita história juntos. Eu não quero que isso interfira.”

Ele pareceu preocupado. “Como interferiria?”

“Nós não nos conhecemos mais. Muito tempo passou e nós mudamos. Eu mudei.” Ela suspirou. “O que eu não estou dizendo muito bem é... vamos manter isso de forma leve, Ok? Eu não vou ficar em Clifton por muito tempo.”

Jack deslizou uma mão por trás do pescoço dela e se inclinou. Ele apertou um beijo gentil no rosto dela. “Só tempo suficiente para decidir o que você quer?”

O desejo a aqueceu de dentro para fora. Sua masculinidade não dominava, pelo menos não naquele momento. A ternura dele faiscava e borbulhava em seu sangue. “Saltar na fumaça é a minha vida, Jack, e, eu estou voltando para isto.”

Seus olhos estreitaram o suficiente para fazê-la imaginar se ele tinha acreditado. Então o esfregar dos lábios dele em seu rosto novamente sufocou o pensamento.

“Bom. Você deve fazer o que quer. Um brinde à liberdade da autodeterminação.” Ele a libertou e deu um passo atrás. “Então, quais são os limites?”

“Como eu disse, vamos manter isso leve. Nenhuma expectativa. Nada profundo. Vamos explorar suas fantasias.” Ela piscou.

“E se a primeira fantasia estiver cheia de sexo? Você está pronta para isto?”

Uma deliciosa excitação percorreu a espinha pelo pensamento de fazer amor com ele. “Sim.”

Um sorriso malvado tocou a boca dele e ela viu um flash de alívio em seus olhos. Bom. Jack retornou à posição — se moveu para a matança, mãos que a aprisionavam contra o balcão.

“Você não saberá o que eu planejo fazer até o momento certo,” ele disse. “Isso te assusta?”

“A antecipação é o tempero.”

“Eu não vou te machucar.”

“Eu sei.” Ela sabia. Se tinha uma coisa que Jack era, era honrado. Ela podia afirmar que aquela característica não tinha enfraquecido ao longo dos anos.

“Diga-me pra parar em qualquer momento que você quiser.”

Ela voltou e espalmar as mãos no peito dele, desta vez com as duas mãos. Deus, ele se sentiu tão duro. Depois, sensual.

Ele se debruçou para sussurrar na orelha dela. “Não se preocupe com nada. Se nós fizermos amor, eu vou te proteger.”

Ela sorriu, inalando profundamente a combinação arrojada de homem e almíscar.

“Controle de natalidade? Eu uso pílula.”

Quando ele recuou, o olhar mostrava fome. “Eu sou saudável, então você não precisa se preocupar com isso. Ainda... eu quero que você saiba que pode confiar em mim. Nós usaremos preservativos, também.”

“Eu confio em você.”

Preservativos e ela na pílula. Uma linha dupla de defesa. Por um momento, a clínica, mas necessária conversa ameaçou amortecer o entusiasmo para a fantasia.

Os lábios dele pairaram próximos aos seus e seu corpo se alinhou ao dele quando ele a apertou mais perto.

Com um beijo morno ele a persuadiu a se render. Mas ela não queria ou precisava ser atraída. Ela o desejava. Quente. Duro. Levando-a da mais primitiva maneira possível. Fazendo-a se esquecer de tudo que viesse na frente, numa cega paixão que garantia explosão. Conforme suas mãos acariciavam os ombros dele, as mãos masculinas espalmavam as costas dela, deslizando para baixo de seu corpulento suéter de tricô, para um aperto suave, em atormentadoras carícias. Poucos homens a tocaram daquela maneira, com uma paixão tão forte que ela cairia em seu feitiço sem mais do que uma lamúria. Jack a envolveu em uma tempestade de sensações físicas. E conforme o beijo crescia luxuriantemente sensual, uma tempestade de emoções também a assaltou. Lágrimas inesperadas apareceram em seus olhos e ela ofegou na boca dele. A língua dele mergulhou fundo. Ele acariciou e provocou a língua dela em uma dança e, a última hesitação de Autumn voou para longe, em um abrasador vendaval de desejo.

Capítulo Sete

A boca de Jack se contorceu sobre a de Autumn, um som faminto deixou sua garganta. De repente as mãos dele foram para os quadris dela e ele a ergueu sobre o balcão. Uma pequena arfada de surpresa deslizou da garganta feminina, mas o beijo dele afundou e roubou as palavras dela. Os quadris dele separaram as coxas dela. Quando sua ereção a pressionou, ela inspirou nitidamente mais uma vez, o prazer rápido radiando de seu clitóris, fazendo seus quadris se contorcer. O duro, e rugoso pênis se esfregava contra a carne excitada dela e, seu corpo se fechava e liberava em necessidade.

Sim. Oh, sim. Isso era melhor do que qualquer fantasia. Muito melhor.

Os lábios dele deslizaram para a bochecha e ele lhe deu beijos ternos até alcançar sua orelha. “Você é tão suave.”

As palavras roucas de Jack enviaram uma ardente necessidade em direção a seu centro, e ela arqueou os quadris numa mensagem clara. Ele assobiou numa respiração difícil e apertava para frente, e para trás, para frente, num inegável ritmo. Seus lábios desceram para o pescoço, achando o ponto de pulsação e, o acariciou.

Ela tremeu de tão excitada, que sentiu que poderia entrar em combustão naquele mesmo lugar se ele não fizesse algo para reprimir o fogo. Quando a grande mão espalmou os seios, ela gemeu e se curvou ao toque. Suavemente ele apertou,

envolvendo toda a plenitude. Mesmo a tendo tocado sobre o suéter, ela poderia também ter estado nua, as sensações pareceram muito aguçadas. Seu dedo polegar passou pelo mamilo dela e, ela ofegou. Oh, Deus, isto não podia continuar sem ter um final explosivo — a sensação era muito arrebatadora, muito exigente.

Agarrada a ele, ela o trouxe para mais perto, querendo tudo e oscilando à beira de descobrir quão longe iria. Ele recuou ainda a cercando dentro de seus poderosos braços. Corajosamente seu olhar a envolveu, as pupilas dilatadas, o peito subindo e descendo.

“Sua mãe pode voltar,” ela disse.

Com o sorriso reservado e mau, ele pareceu dizer que compreendia. Envolveu o rosto dela com as mãos. “Vamos para o seu quarto.”

“Sua mãe ainda poderia voltar para casa.”

Ele suspirou, estreitando os olhos. “Talvez vá direto para uma das minhas fantasias preferidas, então.”

“Oh?” Ela não podia esconder a falta de ar em seu tom de voz.

Ele a ergueu do balcão e tomou sua mão. “Vamos.”

“Onde nós estamos indo?”

Ele a arrastou em direção à porta da parte de trás e, ela agarrou sua bolsa e casaco da prateleira quando passaram.

“Se lembra da ‘Pedra do Camelo’?” Ele perguntou.

“Claro. O lugar aonde os adolescentes iam para dar uns amassos.”

O sorriso dele era impenitente. “Aham.”

Quando subiram na caminhonete, ele girou em direção a ela. “Existe uma parte da fantasia que começa aqui mesmo na caminhonete.”

Calor chamoscou no rosto dela quando a excitação cresceu. “Diga-me.”

“Tem certeza?” Ele franziu as sobrancelhas. “É muito espontâneo. Na sua expressão.”

Aspirais de excitação mergulharam e levantaram vôo em seguida, dentro dela. “Diga-me.”

Na semi-escuridão criada pela luz da sacada, ele parecia suficientemente delicioso para se lamber. Se ele não a dissesse logo e apagasse aquele fogo, ela poderia fazer amor com ele ali mesmo, naquele momento.

“Assim que o aquecedor esquentar, abra sua calça jeans e a deslize até os joelhos,” ele disse.

A boca dela abriu. “Você está certo. Está... em seu rosto.”

Ele franziu as sobrancelhas. “Se você não quiser fazer isso, tudo bem. Sem pressão.”

“Não. Quer dizer, sim. Eu quero.” A voz dela se agitou um pouco e o questionamento nos olhos dele manteve a precaução. “O que acontece depois disso?”

O sorriso inclinado dele continha partes iguais de pecado e satisfação, como se ele já tivesse realizado uma importante sedução. Os pensamentos e sensações se apressaram nela à medida que percebia todas as implicações que esta noite poderia trazer. Antecipação correu quente e espessa por suas veias. A consciência sexual tomou o controle. No confinamento da cabine da caminhonete, ela mergulhou no odor masculino, tão sexy em seu sombrio e sedutor modo. A luz filtrada pelo pára-brisa pegava as douradas mechas do cabelo dele e as refletia como um escudo brilhante e espesso. A pulsação dela saltou quando ele ligou o SUV e arremessou um olhar para ela. Cheio de um calor inalterado, seu olhar dizia que ele a queria, nada mais os impediria, sem mais tempo a perder.

Quando ele saiu da rodovia, ela percebeu que estavam indo para o pico. Eles se conheciam por tanto tempo e, agora os anos de diferença entre os dois se dissolveram. O passado não importava, o futuro estava em espera. Tudo o que tinham era este momento louco.

“Agora.” Sua voz saiu da semi-escureidão, conforme sombras dançavam na cabine.

Ela não precisou perguntar o que ele estava pedindo. Mesmo atada ao cinto de segurança, ela conseguiu manipular as roupas. Desfez-se do cinto da calça jeans de cintura baixa, trabalhou no botão e zíper até que a calça abriu. Ela o viu dar mais uma olhada.

“Olhos na estrada, Dillon,” ela disse com voz provocante.

“Sim senhora.”

A idéia de que alguém poderia vê-la se despiando de sua calça jeans fez seu coração palpitar e bater com violenta excitação. *Oh, sim. Sim.*

“Rosa,” ele disse, sua voz tão rica quanto uísque e pecado.

“Eu presumo que você esteja falando da minha calcinha.”

“Oh, sim.”

A reação dele com a calcinha dela, em um simples algodão, lembraram-na que um homem nem sempre precisava de sutiãs e calcinhas de renda para acabar com seu fogo.

“Você devia ver meu sutiã.”

“Deus, eu espero que sim.”

A masculina declaração sem desculpas a fez sorrir suavemente. Embrulhado num coração de um bombeiro competente estava um homem em fogo puro.

“Abra as pernas” ele disse quando atravessaram para o lado silencioso das ruas.

Ela abriu e, oferecer-se para ele daquela maneira enviava ondas de calor ultra-sensível direto às suas íntimas dobras. Segundos mais tarde, ele a alcançou e traçou os dedos por ela, descendo pela barriga, até que tocou o cóis da calcinha de algodão. Ela sugou uma respiração e observou a mão masculina se mover. Seu corpo todo se inclinou, tremores deslizaram por sua pele. Com um golpe lento, ele imergiu a mão entre as pernas dela e esfregou seus dedos pelas dobras cobertas pelo algodão. Ela ofegou quando o doce prazer formigou em seu clitóris. Mesmo não tendo olhado para ela, os lábios dele se separaram. Ele ficou mais corajoso, moveu o dedo em um golpe rápido, leve, acima do clitóris. Outra arfada, desta vez com assombrada excitação, separaram os lábios dela.

“Oh, Deus,” ela conseguiu dizer com um fôlego. “Jack.”

“Mais?”

“Sim.”

Por todo o percurso da rua ele provocou a carne dela. Seus toques nunca apertavam demais, sua atenção sempre atormentando, agradando, levando-a ao limite de um grito de liberação que nunca se materializava.

Ela agarrou a lateral do assento e seguiu o caminho lançando a cabeça para trás e permitindo sensuais ondas de prazer em espiral no seu clitóris.

“Jack.”

“Mmm.”

“Por favor.”

Os dedos dele deslizavam para cima e para baixo, manipulando a úmida calcinha. Ela não se importava mais se alguém os visse. Estremecia no limite, seus quadris se contorcendo, sua respiração ficando cada vez mais rápida e difícil, o coração martelando. O orgasmo ameaçou, provocou. Não veio. O tempo desaparecia quando os dedos dele persuadiam e atormentavam sua carne.

“Jesus, você está molhada.”

Sua declaração gutural a fez sorrir suavemente. “Você está me deixando louca, Jack.”

“Bom.”

Ela quis rosnar pela presunçosa declaração dele, mas a satisfação a inundou. Conforme mantinha os olhos fechados e a cabeça lançada para trás contra o apoio para cabeça, ela caiu em um mundo onde nada existia além toque do Jack e o êxtase que pairava fora de alcance. Cada primorosa esfregada do dedo dele sobre seu clitóris a levava mais alto, até que seus quadris se contorceram.

“Jack.” Seu apelo ofegante só provocou a parada dele.

“Nós estamos quase lá.”

Ela gemeu, não ousando abrir os olhos ou perderia o momento. “Eu estou quase lá.”

A risada suave dele seguiu a declaração agressiva que ela dera. “Mantenha os olhos fechados. Nós acabamos de cruzar com um carro cheio de adolescentes indo na outra direção.”

Ela gemeu novamente.

“Nós chegamos,” ele disse.

Ele tirou mão dela e, ela sentiu a caminhonete virar à esquerda quando ele encontrou um lugar para estacionar. Arremessando olhares em torno da área, ela viu que eles estavam sozinhos na área isolada. Ele desligou as luzes e o motor. O som do cinto de segurança dele abrindo parecia proclamar uma última chance. Um último chamado para parar a loucura sexual. Mas ela não parou.

Ela esperou, bebendo em somente um pouco das formas obscuras dos pinheiros cambaleantes e montanhas lisas e escuras que os cercava. Quando ele deslizou no banco em direção a ela, ela desafivelou seu cinto de segurança e entregou-se nos braços dele.

Na escuridão ela não podia identificar muitas coisas. Só a curva do nariz dele, o formato da linda boca. Então ele a beijou e nada mais importava além de descobrir e tocar o prazer descoberto. Dentro da caminhonete o ar era morno e ela deslizou os ombros fora da jaqueta de couro e a lançou no banco de trás. Os lábios dele encontraram os dela, o beijo faminto tornando-se termonuclear sem a hesitação do momento. A língua de Jack achou a dela, e ela gemeu suavemente na boca dele.

Ela ofegou quando ele deslizou a mão debaixo do suéter encontrando o gancho dianteiro do seu sutiã. Com um movimento rápido, o sutiã abriu. Quando a mão morna dele envolveu seus seios, os mamilos endureceram como duras miçangas. Ele esfregou os dedos por seus seios e ela se contorceu em tormento. Sem remorso, ele puxou, acariciou os mamilos presos entre seus dedos até que Autumn achou que perderia a cabeça.

Jack, aparentemente, quis dizer exatamente aquilo, quando disse que a traria ali para uns amassos. Ele a saboreava com beijos longos, lentos, tão profundos e sensuais que ela flutuava em um mundo nebuloso mundo de sensualidade alucinada. A boca dele se moveu para seu pescoço, apertando beijos tenros sobre os pontos sensíveis.

Ela se moveu em prazer, com dedos que deslizaram pelos ombros dele, movendo-se para seu rosto quando a língua dele examinou superficialmente a cavidade de seu pescoço. Ela se contorceu nos braços dele. Mais um beijo, profundo, saqueando, tomando sua boca com torturantes golpes de luxúria.

Ela arrancou sua boca da dele. “Por favor.”

Ele esfregou os lábios pelo nariz dela. “Por favor, o que?”

“acabe com meu tormento.”

Jack ergueu o sutiã e suéter fora do caminho e então sua boca quente cobriu o mamilo. Ela choramingou.

“Oh, Deus. Sim.”

Ela, uma vez, ouvira alguém dizer que fazer amor não era bonito. Mas sua ofegante declaração, tão áspera e dolorida de desejo, soava doce aos ouvidos e a abastecia sua ânsia.

Ele lambeu, acalmando e a deixando louca com os beliscões de seus dentes, depois com a língua, saboreando-a com os toques. Lambendo um mamilo, arrastou o outro entre seus dedos novamente. Trocou de mamilos até que ela se contorceu sob seu toque. Ela enfiou os dedos pelo cabelo dele enquanto ele demorava sobre seus seios. Os dedos dele se moveram para baixo até que pôde deslizar sob o cós da calcinha. Quando seu toque deslizou entre as coxas dela, ela ofegou em prazer. Toques gentis demoravam sobre a região de calor entre suas pernas. Ela estremeceu pega em prazer.

No fundo da mente, ela sabia que eles podiam ser pegos — alguém podia ver — e ainda sim, seu desejo cresceu mais ainda com a idéia. Cada golpe aquecido entre suas pernas exaltava sua libido e a levava mais alto, em direção ao fogo. Ela estremeceu no limite, pronta para mergulhar. Jack a beijava enquanto continuava o trabalho de entorpecer a mente dela, enquanto a explorava. Ele deslizou dois dedos dentro dela e, ela arqueou e choramingou. Ela estremeceu quando ele começou um ritmo. Ela ofegou, alcançando o ultimato e o encontrando. Puro êxtase se espalhou de seu centro para fora e, ela gritou. Os dedos dele a deixaram tempo suficiente para provocar seu clitóris e ele acendeu a luz piloto. O clímax estourou por seu centro.

“Jack!”

Gemendo, se arrepiando sob o ataque devastador, ela caiu em felicidade.

Quando abriu os olhos, seu sorriso segurou uma malvada luz que ela não podia resistir. “Isso foi maravilhoso.”

Ele encostou o nariz em sua orelha. “Mmm. Bom.” Rouco e profundo, sua voz remoia um novo desejo dentro dela quando ela deslizou de seus braços. “Onde você está indo?”

“Lugar nenhum. Diga-me o que mais tinha nesta ‘fantasia-sexual-de-caminhonete’.”

Até na fraca iluminação, ela pegou um brilho dos olhos dele. Lentamente ele levou a mão dela até a rígida evidência apertando contra a calça jeans. Sua coragem enviou um calafrio de excitação por ela.

“Nada de sexo?” Ela perguntou.

“Não aqui. Essa é outra fantasia.”

Excitação, ainda sim, pulsou na região lombar dela e, seu olhar caiu para o colo dele. Sem hesitar e, com um sentido de antecipação, ela agarrou o botão do zíper da calça jeans dele.

Em segundos ela deslizou o pênis para fora da cueca. Quando seus dedos o tocaram, a respiração sibilou para dentro. Autumn levantou o longo e espesso membro na mão e, sua boca salivou quando ela intimamente o explorou. Quando fechou os olhos, esfregou os dedos para cima e para baixo, em todo do comprimento. Para cima, para baixo, para cima, para baixo. Ela desenvolveu um ritmo, então se debruçou adiante para saborear a ponta. Ela saboreou seu sal, lambendo ao longo do cume, então o levou para sua boca.

Ele gemeu, seus quadris se contorceceram quando ela iniciou uma jornada, determinada a fazê-lo encontrar o mesmo êxtase satisfatório que ela tivera. Lambendo seu macio aço, ela manteve sua mão apertada firmemente ao redor dele. Ela encontrou um ritmo, sua boca e mão trabalhando nele até que ele ficou mais rígido ainda, mais grosso; as arfadas dele e gemidos eram um sinal claro que logo ele chegaria ao clímax. Ela nunca quisera tanto dar isso a um homem tanto quanto queria dar a Jack, o corpo dela respondendo com consciência exaltada e uma dor crescente. Os dedos dele entraram pelo cabelo dela — ele não a segurou no lugar — as masculinas mãos estavam inquietas. Chupando, torturando, ela bombeou nele até que ele tremeu.

*

Jack sentiu uma sacudida de surrealismo. Jesus, ele nunca esperou que suas fantasias mais profundas se tornassem verdade e, agora ela estava ali. Ele gemia incapaz de parar, não querendo parar a reação enquanto ela lambia seu pênis com uma intensidade febril. Ele amaldiçoou quando ela, implacavelmente, manipulou sua vulnerabilidade, levantando seu desejo muito facilmente; Ele soube que tinha descoberto o Nirvana. Os dedos dela provocaram, insultaram, e roçaram seu pênis. Seus quadris se moveram incontrolavelmente, trabalhando em seu contra-movimento.

Quando os lábios dela desceram por sua carne novamente, ele estremeceu. “Filho de uma cadela, isto é bom.”

Ele viu o flash de sorriso dela na luz fraca e, então, ela retornou a torturá-lo. Cada lambida de sua língua suave, molhada e o forçava mais perto do limite. E antes que ele pudesse perceber, o limite estava lá.

Ele ofegou palavras saindo estranguladas.

“Baby, se você não quer que eu...”

Com um gemido severo ele liberou sua semente. Ela o aceitou, mantendo-o dentro de sua boca quando ele lhe dava tudo que tinha. Tremendo e ofegando, Jack endureceu e lançou outro gemido de puro prazer. Seus dedos apertaram no cabelo dela e, então, ela o libertou. Quando ela olhou para cima, para ele, lambeu os lábios.

Ele empurrou os dedos no cabelo dela e o tirou de seu rosto. “Autumn.”

“Mmm?”

“Essa foi à melhor coisa que eu já... Merda, eu não consigo pensar nas palavras.” Ele permitiu que sua cabeça caísse para trás, no apoio de cabeça, e fechou os olhos. “Fodidamente maravilhoso.”

“Eu estou contente.” Ela suavemente riu. “Qual é a próxima fantasia do seu livro de brincadeiras, Jack?”

“Eu quero fazer surpresa na próxima vez que estivermos juntos.”

Ela pareceu feliz com isto, mas seu silêncio o preocupou um pouco. Droga. Talvez ela não quisesse essa fantasia tanto quanto ele. Ele não disse nada, não querendo quebrar a embriagadora sensação de estar fora do corpo, que parecia circundá-lo.

“Venha aqui,” ele suavemente disse, e a trouxe para seus braços.

“Qual é a próxima fantasia, Jack?” Ela se aconchegou profundamente no abraço e suspirou.

“Talvez eu deva surpreendê-la.”

“Diga-me agora.”

Ele riu e a acariciou as costas dela. “Você e eu nus em meu condomínio. Sexo sem sexo.”

“O que?”

“Jogo sexual lento, meticuloso, com propósito de explodir sua mente.”

A cabeça dela levantou e, ainda na fraca iluminação, ele pôde ver a surpresa nela. “Isso é...”

“Sim?”

“A maioria dos caras que eu conheço teria dito que queria simplesmente ir ao ponto. Aqui. Agora. No carro.”

Ele permitiu que um sorriso lento separasse seus lábios. “Oh, mas eu não sou como os outros caras que você conhece.”

Ela esfregou seus dedos pela mandíbula dele. “Eu sei disso.”



“Se nós vamos realizar minhas fantasias, vamos fazer direito. Uma de cada vez e, em ordem. Que tal daqui há duas noites? Eu estou em turno até lá.”

Quando ela se aninhou de volta no ombro másculo, suspirou profundamente. “Ginger quer fazer uma ‘noite das garotas’ na Boate *Top O’ The Morning*, na sexta-feira à noite. Quer nos encontrar lá? Nós poderíamos dançar um pouco.”

“Fazer um pouco de amor?” Ele perguntou.

“Eu acho que existe uma canção assim em algum lugar.”

Ele riu. “*Top O’ The Morning*, será então.”

* * * *

Esbofeteado por uma necessidade de dormir, a mente de Jack misturava-se aos sons do corpo de bombeiros com seus sonhos. O tempo voltou até que tinha doze anos novamente. Antes de Autumn. Antes do incêndio.

A voz de sua mãe se ergueu em raiva. “Eu sei que aquelas últimas vezes não eram apenas limpeza no Quartel de bombeiros. Por que você não me diz o que está acontecendo?”

Cara, ele certamente podia fazer um lanchinho naquele momento. Algo doce ou talvez algo salgado. Mas sua mãe não o queria mais comendo porcarias então ela mantinha as porcarias fora de casa.

Ele demorou no corredor, na esperança de que eles não viessem ao segundo andar e o vissem antes que pudesse voltar para o quarto. Ele odiava ouvir mamãe e papai discutirem. Acordando de manhã, ele teve aquela estranha sensação de que cairia em um precipício. Uma vez perguntara aos pais sobre as brigas. A mãe disse que ela e papai não brigavam. Eles discutiram. Se aquilo era discutir, ele não queria fazer aquilo ... nunca.

“Bitsie, eu já tive o suficiente do seu ciúme e suas acusações. Você está nos afastando.”

“Eu estou nos afastando? Você nunca volta para casa, Mitchell. Você está sempre no trabalho. Você está saindo com alguém?”

Jack aninhou-se em medo internamente. Até agora, eles pareciam estar segurando algo, loucos de raiva sobre uma coisa ou outra. Alguma coisa estranha sempre parecia estar presente logo ao virar a esquina, como num filme de terror com monstros. Ele sentia aquilo perto em suas costas, chegando mais perto. O medo traçou caminhos por sua pele. Ele odiava aquilo. Odiava aquilo.

“Você acha que eu deveria ignorar o que esta acontecendo?” A mãe disse. “Fingir que não me importo e que entendo?”

“Nada está acontecendo além da sua imaginação exagerada.”

A voz de mamãe e papai enfraqueceram ao entrarem em outro quarto e Jack se acolchoou no chão de taco e depois foi de volta para seu quarto. Uma vez debaixo das cobertas, se permitiu uma única lágrima descer por seu rosto. Mamãe e papai não amavam um ao outro mais. As pessoas que amavam não podiam brigar daquela maneira.

Ele despertou com um suspiro assim que o alarme da estação foi desligado e, lançou-se da cama com um foguete. Completamente acordado, comprimiu o sonho para o além do limite de sua mente. Sem tempo para hesitar. Os instintos de anos como bombeiro mandaram ele e os outros homens à ação.

Motores rugiram na noite, sirenes vociferando. Quando retornaram menos de uma hora mais tarde, de um alarme falso, Jack sentiu um esgotamento que corroia sua habilidade de pensar.

Hank entrou no quarto dos fundos, onde várias camas de rolar estavam prontas para o uso.

“Ei.”

Jack passeou em direção da própria cama, com esperança de que algumas mais piscadas de sono removeriam a névoa em seu cérebro. “Ei o que?”

Hank se jogou sobre sua própria cama e desatou as botas. “Você estará fora de turno em menos de quinze minutos. Por que não vai para casa?”

Jack baqueou de volta sobre seu travesseiro com um gemido. “Estou muito cansado.” Ele puxou as cobertas sobre si e suspirou. “Eu preciso dormir.”

“Você não volta para o seu condomínio há dias. O que está acontecendo?”

Jack não sabia. “Eu chegarei lá em umas horas. Depois de dormir mais um pouco.”

Certo, então ele sabia o que estava errado. Toda vez que voltava para o condomínio começava a sentir necessidade de mudança. Que tipo de mudança, ele não podia dizer com certeza, mas pensava em comprar uma casa pequena acima da parte mais antiga da cidade de Clifton.

As casas da era vitoriana de Clifton eram um apelo para ele e, ele pesquisou algumas que poderia se ajustar ao seu orçamento.

O salário de bombeiro tinha que se esticar; ele certamente não ficaria rico apagando incêndios. Sua mente decidiu que ele estava muito cansado para se importar naquele momento.

Jack esperava dormir novamente, mas daquela vez seus pensamentos foram para Autumn e na época em que ela tinha sido sua tutora, todos aqueles anos atrás. Linda, loira Autumn com suas longas pernas. Dezesete anos e namorando George Beckett. Gemendo, Jack virou de lado e percebeu que pensar em Autumn o manteria acordado a noite inteira. Ele lembrou como os passos largos de Autumn sempre cobriam o corredor da escola em tempo record. Seu coração batia forte quando ele assistia seu cabelo bagunçado pelo vento e sorriso sincero.

Ele recordou um dia em particular e perguntou-se por que esta memória se intrometia agora, quando ele procurava o sono.

“Ei, Jack!” Jeremy Short, seu amigo, gritou quando surgiu atrás de Jack no corredor da escola. “Quê você tá fazendo?” Jack girou e Jeremy olhou para ele com um sorrisinho. “Esperando Autumn.”

“Esperando Autumn” Jeremy imitou voz de Jack com um zombar. “Você tem uma queda por ela, não é?” Ele correu uma mão suja pelo cabelo curto e ele grudou todo pela cabeça. “Todo mundo sabe.”

Jack não sabia por que Jeremy estava tão quieto ultimamente. Jeremy parecia pensar que Jack deveria odiar Autumn. “Ela é legal. Claro que eu gosto dela, mas não tenho nenhuma queda por ela.”

“Sim, certo, nerd.”

“Qual é o seu problema? Desde que ela começou a me ajudar você tem agido como um idiota.”

A expressão do Jeremy ficou irritada. “Eu acho que Micky e Todd estão certos. Você se transformou em um adorador de meninas. Isso é doentio, cara!”

“Sobre o que você está falando?”

Jeremy o golpeou no braço e partiu, rindo enquanto saía e, fazendo gestos e barulhos de beijos. Autumn apareceu no exato momento, passando por Jeremy e olhando para o barulho que o menino fazia como se ele tivesse um terceiro braço.

Quando caminhou até Jack, ela deu a ele aquele sorriso que sempre fazia seu coração acelerar. “E aí, Jack? Jeremy ficou maluco?”

“Quase isso.”

“Vamos, vamos falar sobre o Inglês.” Ela começou a caminhar em direção a desocupada sala de aula onde passavam algum tempo, três vezes por semana. “Nós temos trabalho a fazer se você quiser passar no próximo teste.”

Até naquela época ele se pegava assistindo como a bunda dela balançava debaixo daquela saia delineadora. Quando criança seus hormônios não faziam a transição entre a fascinação que ele tinha com a bunda dela e ter uma enorme queda por ela. Ele sabia que pensava nela o tempo todo e queria muito estar com ela.

Pensando nela já adulto, aquela bunda muito boa fazia sua garganta ficar seca. *Cara, eu achava que tinha esquecido aquele dia para sempre.*

Jack rolou sobre suas costas e gemeu quando suas costelas deram uma pontada. Lembrou como aquele soco no braço tinha doído e, como Jeremy o trocara por Todd Geraldo e Micky Roman.

Meninos da máfia. Autumn apelidou os dois idiotas de ‘Meninos da Máfia’ quando ela os viu tentando atacá-lo um dia. Ela deve ter visto como a traição de Jeremy também machucava, mas nunca interferiu. Como se soubesse que ele devia aprender a construir confiança própria. Ele passara naquele teste de inglês; suas notas na escola subiram naquele período e nunca caíram novamente. Mamãe e papai tinham estado mais felizes do que porcos se espojando na lama.

Até o incêndio.

Tudo se baseava naquele incêndio e a vida se alterou para sempre. Inclusive a vida de uma mulher que Jack não podia tirar da mente.

Deus, ele queria se arrastar dentro dela, empurrar forte até que os dois chegassem à ‘Supernova’ * com o êxtase daquilo.

Ele permitiu que seu corpo operasse em forma rudimentar por instinto quando realizaram a fantasia na caminhonete, a profundidade de sua paixão surpreendendo-o absurdamente.

Ele nunca teria acreditado, nem por um minuto, se alguém dissesse que sua tutora de inglês retornaria para a cidade e enviaria sua libido para o espaço sideral. Lançou o braço por cima dos olhos fechados para ficar fora da luz e, pensou novamente na longa conversa com Autumn na outra noite e, no encontro vaporoso que experimentaram nos braços um do outro.

Cada vez que ele a via, seus primordiais instintos masculinos apareciam de volta, com uma vingança má, forte. Ele queria pegá-la, levá-la para sua toca e se certificar que todo homem sabia que ela era dele.

Aceite, Dillon. Você está ferrado. Você quer tanto fodê-la que nem consegue pensar direito.

Hank tropeçou no quarto, no caminho de volta do banheiro e, caiu de costas na cama.

“O que você está fazendo? Sonhando com Autumn MacAllister?”

“Sim.” O cérebro cansado de Jack deixou a confissão escapar.

“Deus, grande problema em River City.”

* Supernova é o nome dado a explosões de estrelas com mais de 10 massas solares, que produzem objetos extremamente brilhantes, os quais declinam até se tornarem invisíveis passadas algumas semanas ou meses. Em apenas alguns dias o seu brilho pode intensificar-se em 1 bilhão de vezes a partir de seu estado original tornando a

estrela tão brilhante quanto uma galáxia, mas com o passar do tempo sua temperatura e brilho diminuem até chegarem a um grau inferior aos primeiros.

Capítulo Oito

“Nós precisamos de outro ângulo nestes incêndios premeditados, Autumn.” Elliott caminhou com ela e Ginger na barulhenta e alvoroçada *Top O’ the Morning Club*.

Para a sua decepção, Elliott aparecera do lado de fora do estabelecimento naquela noite. Ele teria sido surpreendido por vê-las lá, mas ela suspeitava que ele escutara Ginger pedindo que ela a acompanhasse na danceteria.

A música pulsava contra suas orelhas enquanto Autumn perguntava, “Você não acha que as pessoas ficarão entediadas com o assunto?”

“Você está brincando?” Ginger disse. “Com o onze de setembro tão recente, todo mundo quer ver e ouvir sobre bombeiros. Dá a eles algo bom sobre o que pensar.”

Onze de novembro. Aquela alcunha permanecia no ar nestes dias como um sonho ruim. Ela deixou o emprego de saltadora de fumaça bem antes dos eventos daquele dia traumático. Ainda sim, sentiu a agonia tanto como ninguém.

“Alguns dos caras da Estação Um foi para Nova Iorque no ano passado para ajudar nos esforços de recuperação. Quatro voluntários.” A expressão de Elliott iluminou-se. “Ei, isso poderia ser um bom ângulo. Ninguém os entrevistou depois que voltaram. Eles ficaram lá por um mês. Veja se você pode organizar isso como um artigo separado.”

“Você acha que eles conversarão comigo?” Autumn perguntou.

Ele esboçou um grande sorriso. “Use seus encantos. Eu estou certo que eles irão.”

“Sobre que tipo de encantos nós estamos falando, Elliott?”

“Seja você mesmo. Eles vão aceitar.”

Certo, Elliott. Isso não foi o que você quis dizer e eu sei disso.

“Eu acho que você deveria visitar um posto de bombeiros,” Elliott gritou acima da música à medida que eles pausavam no meio da multidão. “Se você for cara a cara com eles, eles terão menos razões para recusar. Conversando no telefone não vai colar.”

“Eu já marquei uma entrevista com o Chefe dos bombeiros, Hallam, para semana que vem. Eu verei se posso organizar entrevistas adicionais com quaisquer dos outros homens.”

“Excelente,” Elliott disse.

Luzes picavam em flashes próximos ao teto, as cores pulsando ao tempo das batidas sistemáticas. A boate que ocupava duas lojas pulsava como uma coisa viva conforme as pessoas se contorciam nas músicas. A multidão na noite de sábado vestiam uma conglomeração de estilos. Alguns vestiam roupas de marca. Outros usavam as mais ultrajantes peças.

Elliott vestia uma calça azul escura e uma camisa de seda verde musgo que gritava a desenhista italiano. Autumn escolhera a única peça de noite em seu armário inteiro, um

vestidinho preto básico colado ao corpo, com mangas longas e um decote em ‘v’ no pescoço. A batinha terminava mais ou menos duas polegadas acima do joelho.

Os sapatos de salto alto poderiam matar seus pés antes do fim da noite, mas eram os únicos sapatos de festa que ela possuía. Agora que estava realmente vestindo o vestido, questionou sua sanidade. Ela estava louca? O modo como Elliott a olhava fixamente a fazia achar que devia ter se vestido com panos de saco.

Você se vestiu deste modo por causa de Jack. Os olhares admiradores de Jack nunca machucam seu ego.

“Vamos subir.” Elliott disse para Autumn e Ginger conforme as encaminhava para os degraus de metal que levavam ao próximo nível. “Está muito lotado aqui embaixo até para se pensar direito.”

“Não que estará melhor lá em cima,” Ginger disse.

Uma vez que subiram, Autumn viu que Ginger estava certa. O chão debaixo de seus pés parecia vibrar conforme a multidão de cima enchia a pista de dança e se congregava em torno do bar.

Sentados no bar, cada um bebericava uma coca e assistia as pessoas girarem. Autumn não tinha estado em uma boate há séculos. Não que achasse que faltava qualquer coisa. Sua vida em Denver consistia em fazer seu trabalho, retornar para casa, para um apartamento um pouco puído, e tentando sobreviver à política de trabalhar em uma carreira onde o ambiente era dominado por homens.

Elliott desculpou-se e caminhou em direção aos sanitários.

Ginger se debruçou em direção a Autumn e gritou acima do barulho, “eu pensei que essa era para ser uma noite de meninas. Sem homens.”

Autumn riu. “Existem homens em todos os lugares. Como você espera cair fora deles? Além disso, eu fiquei surpresa quando você me chamou para sair. Eu achei que você e Hank estariam juntos.”

Ginger fez uma cara feia. “Nós tivemos uma briga.”

“Oh, não. Sobre que?”

Ginger suspirou. “Nós temos saído por quase um ano e, eu achei que ele poderia estar pronto para levar nossa relação para um nível mais sério. Ele me disse que não está pronto.” Ginger tomou um gole do refrigerante. “Nós concordamos em alguns dias longe um do outro para nos acalmar. Vamos ver o que acontece então.”

A decepção brotou de dentro de Autumn. Ela testemunhou muitas relações entre bombeiros e seus importantes parceiros ir por água abaixo e odiou que aquilo pudesse acontecer entre Ginger e Hank. Eles sempre pareceram bons juntos e Autumn sabia que eles se importavam muito um com o outro.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa mais, Elliott retornou.

Então Autumn avistou Todd Geraldo se vangloriando em sua direção, a suja calça jeans e camiseta esfarrapada eram dolorosos aos seus olhos e bom gosto.

“Oh, inferno. Ele está vindo nessa direção.” Elliott fez barulho de riso e ela fechou a cara para ele. “O que é tão engraçado?”

Antes que ele pudesse responder, Todd chegou. “Ei, ‘O que manda?’” Todd estendeu sua grande mão. “Quer dançar, Autumn?”

“Um... não. Desculpe Todd. Meus pés estão me matando.”

“Como eles podem estar te matando? Você acabou de chegar,” Todd disse.

Então Todd, o Sapo, a tinha estado observando. A pele dela arreprou.

Naquele exato momento ela viu Jack se entrelaçando pela multidão. O coração acelerou quando ela contemplou uma possível salvação. Jack era um sonho que andava e falava. Ele vestia uma camisa branca, calça jeans preta, botas de cowboy. Jack devia ser louco; estava um frio danado lá fora e ele vestia camiseta. Então ela conseguiu olhar mais perto as palavras em seu peito, um slogan que nunca teria esperado ver nele, nem

em um milhão de anos. As letras vermelhas na camisa gritavam a mensagem alta e claramente.

Bombeiros têm mangueiras maiores.

“Whoa,” ela murmurou.

Com o perfeito ajuste da calça jeans de Jack, que moldava sua bunda e, a maneira como os ombros preenchiam a camiseta, qualificavam Jack como um homem que induzia infartos. Sua pulsação acelerou ao mesmo tempo em que uma melodia abafadora começou.

Todd zombou. “Se não é Dillon, o nerd.”

Ela quase devolveu as palavras de briga. Ao invés, suspirou e disse, “Todd, você não mudou, não é?”

“Por que eu iria querer mudar?”

Jack chegou ao bar a tempo de parar o próximo comentário. “Elliott.” O olhar dele passou por Todd com toda a atenção que um homem que precisava pegar uma mosca. “Geraldo.”

Antes que Todd pudesse abrir a boca, Jack estendeu a mão para ela. “Eu poderia ter essa dança?”

Sem hesitar, ela agarrou mão de Jack e ele a levou para longe. Uma vez fora da distância audível, ela disse “Obrigada.”

Ele parou antes de alcançarem a pista de dança, deslizando seu braço bem ao redor da cintura dela e, se debruçou até sussurrar em sua orelha. “Por quê?”

Ela estremeceu em pura excitação quando a morna respiração tocou sua pele. “Todd. Ele estava me convidando para dançar.”

Jack fez um falso tremor. “Deus.”

O olhar quente e interessado dele a deixou nervosa e agitada. Seu estômago deu uma pirueta. “Amei sua camiseta.”

O sorriso masculino se tornou malvado e ele sussurrou em sua orelha novamente. “Bem, você sabe o que dizem por aí...” A voz dele se aprofundou e ficou rouca. “... bombeiros as acham quentes e as deixam molhadas.” Ela não pôde evitar a reação a nível nuclear quando gavinhas* de excitação se remoeram por seu estômago. Engolindo com força, tentou recuperar a compostura.

Quando ela examinou os olhos dele, percebeu seu próprio sorriso. Seu coração acelerou e uma excitação opressiva batia bem no fundo.

Alguém a empurrou e ela colidiu em Jack. Antes de Autumn perceber, o corpo dele se amassou ao dela dos seios até os quadris e, cada pequeno espaço entre um e outro. Ela sentiu Jack arfar nitidamente ao mesmo tempo em que ela. Seu olhar roubou o dela e o manteve preso. Uma constrangedora aprovação masculina irradiava dele e, a temperatura provocada por aquele simples olhar envolveu os tornozelos e se moveu diretamente para cima, para o resto de seu corpo, até que sentiu os seios formigarem. Os mamilos se apertaram até virarem pontos e ela quase soltou um gemido pequeno. Seus sentidos se encheram com o inebriante odor de sabão e sândalo amadeirado misturados com almíscar.

Nos braços de Jack ela se sentia quase minúscula. Sua forma poderosa a envolvia de um modo que a protegia e excitava tanto, que Autumn se viu com o rosto em chamas e o resto do corpo não muito para trás.

Ela finalmente encontrou sua voz. “Eu achei que estávamos dançando.”

* **Gavinha** é um órgão prênal presente nas plantas trepadeiras. São estruturas filiformes, simples ou bifurcadas na extremidade, com a função de agarrar ramos, galhos, folhas, ou qualquer outro objeto que sirva de apoio para a planta em crescimento.

As gavinhas são normalmente ramos ou folhas modificadas, mas podem ter origem em qualquer órgão aéreo da planta, inclusive flores. Parece um galho espiralado.

Ele se debruçou até falar em sua orelha mais uma vez. “Desculpe, esta música está muito alta. Se você quiser conversar, nós teremos que ficar assim. Ou vamos sair e ir a algum lugar mais tranquilo.” Sua voz se aprofundou novamente até parecer derretido, roucamente arremessada. Uma faísca de relâmpago pareceu acender dentro de Autumn mediante a idéia de estar só com ele. Ela já flutuava mais ou menos dez pés fora do chão. A sensação do musculoso braço dele ao redor dela a distraía tanto que ela mal conseguia pensar. Hora para uma ação evasiva.

“Vamos dançar,” ela disse com volume suficiente para que ele ouvisse.

O provocante sorriso dele dizia que ele poderia estar lendo a mente dela. A batida rápida significava que eles não podiam conversar, de qualquer maneira.

Quando ele começou a se mover, ela viu o prazer de Jack pelo tempo de tê-lo mudado. Conforme o mundo perdia o foco, o pulsar da música a puxava para um mundo onde só os dois existiam.

O homem era o pecado em duas pernas.

Ela nunca teria imaginado que o rechonchudo menino com baixa auto-estima iria algum dia, se transformar no homem mais sexy da Terra.

Aparentemente, ela não se qualificava como a única mulher impressionada no ambiente. Em um canto periférico de sua visão, percebia outras mulheres observando Jack. Ela pegou um vislumbre de Cherry Guillett sentada em uma mesa e, Autumn não podia fingir que não vira claramente a mulher cobiçando Jack.

Ele abriu os olhos e pegou Autumn com sua mira laser. A temperatura no ambiente subira ao redor dos cem graus. Conforme a batida da música diminuída, ela percebeu que ele não planejava deixá-la sair da pista. Os fortes braços deslizaram ao redor de sua cintura e novamente ela se apertou forte ao tórax e quadris dele. Uma das palmas de Jack deslizou para baixo e os dedos pararam logo abaixo de sua cintura, quase tocando sua bunda.

A música, uma combinação de novo ‘Tecno’ com um suave jazz, os esfregava em um fluxo vagaroso. Ela percebeu que nunca tinha estado tão excitada em toda a vida. Se ele fizesse mais alguma coisa descaradamente sexy, seu pavio curto poderia explodir.

Então ele deslizou a perna entre as coxas dela e, Autumn percebeu seu clitóris esfregando nos rígidos músculos da coxa dele.

“Oh.” A exclamação de surpresa e excitação deixou sua garganta antes que ela pudesse evitar.

A pressão era extraordinária e ela involuntariamente se contorceu. *Oh. Oh, meu Deus, isso é tão bom.*

Ele trouxe a boca perto da orelha dela e perguntou “Tudo bem?”

Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele e disse com um macio ruído em sua orelha, “Eu estou mais do que bem.”

Quando ele se puxou de volta, a provocante expressão dele mostrava que ela revelara mais do que devia.

Ela achou que se desfaria ali mesmo, na pista de dança. Isso seria assim. Se derreter em uma poça poderia ser o melhor caminho para escapar. Quente de desejo. Em brasas de desejo.

Pronta para entrar em combustão sem se importar com as conseqüências. Segundos viraram minutos, ela deixou a música movimentá-la de um modo que o encorajou, com sensualidade.

Músculos largos, fortes se moviam sob seus dedos quando ela apertava os ombros dele. A grande mão deslizou da cintura dela e, Jack enterrou os dedos em seu cabelo por um momento, assim ele podia puxá-la para trás somente o suficiente para olhá-la nos olhos. Autumn se permitiu mostrar os olhos, bem ciente do quão perigoso poderia ser. O ritmo da música diminuiu até parar e, ainda sim o mágico abraço dele não se aliviou. Em vez de soltá-la, Jack manteve a mão enterrada em seu cabelo e seu outro braço ao redor da cintura.

Ele disse em sua orelha, “Se sente comigo por um tempo e converse.”

“Eu estou aqui com Ginger, caso contrário eu iria. Noite das meninas, sabe.”

Suas últimas palavras trouxeram os lábios perto da orelha dele e sua boca tocou o lóbulo. Jack estremeceu e o conhecimento de que ela podia fazê-lo tremer lhe trouxe satisfação.

“Autumn,” ele engrossou a voz, “você está me paquerando?”

“Eu poderia estar.”

Ele deu seu um sorriso convencido. “Nós precisamos conversar e, mais do que só dançar. Venha comigo.”

“Onde?”

Jack agarrou o pulso dela e suavemente a arrastou com ele. “Eu vou te mostrar.”

A antecipação gotejava por sua espinha em sacudidas. Eles caminharam e passaram pelos sanitários públicos, viraram a quina, na direção de uma porta. “Espero que isso esteja aberto.”

“O que—”

Ele agarrou a maçaneta e então entraram pela porta. Ele sacudiu a lâmpada e revelou um arrumado e grande armário com grande variedade de materiais. Cheirava um pouco a cera de móveis.

Alarmada e ainda intrigada pelo que ele tinha em mente, deu a ele um olhar provocante.

“Como você sabia sobre este armário?”

“Eu ajudei numa inspeção de incêndio neste edifício uns anos atrás. Você não iria acreditar nas gretas que nós achamos nestes lugares.”

“Jack, o que estamos fazendo aqui?” Ela perguntou ofegante, excitada pelo incomum situação.

“Realizando uma fantasia.”

A excitação correu veloz por ela. “Oh.” Ouviu a falta de fôlego em sua própria voz.

Ele apertou a mão dela e trouxe a palma diretamente para cima de seu coração. O calor e as regulares e lentas batidas dissolveram mais uma barreira dentro dela.

“Eu sempre tive este estranho desejo de fazer amor com você em um armário. Onde nós pudéssemos ser descobertos. Onde alguém pudesse entrar.”

“Oh, Deus.”

“Exatamente.”

Jack envolveu os braços ao redor dela, então mergulhou a mão no cabelo dela, segurando-a com tanta firmeza que um pedaço de jornal não poderia vir entre eles. As mãos dela espalmaram peito dele, saboreando os contornos arredondados dos musculosos de seu peitoral.

“Se você não quiser ficar aqui, saia por aquela porta e mande eu me ferrar.” As mãos alisaram abaixo dos braços dela e ele a soltou. “Na verdade, se você quiser estar lá fora mais do que aqui dentro, só me mande ir embora.”

Ela considerou aquilo por um minúsculo segundo. Se tornar mais profundamente envolvida com ele, mesmo que de maneira física, podia ameaçar seu equilíbrio. Ela não tinha vindo para Clifton pretendendo começar um romance, nem sequer uma paquera sem importância. Antes que pudesse formar uma frase, todos os pensamentos razoáveis voaram para longe mediante àquela firme tempestade de paixão, um desejo tão espesso que ela mal podia respirar.

A boca de Jack desceu para seus lábios com atordoante intensidade. Suas mãos se moveram sobre ela com uma terna procura e atenção. Uma mão massageou a parte de trás do pescoço dela, a outra deslizou até envolver sua bunda. A profunda maneira que ele a beijou acelerou o pulso dela quando ele invadiu sua boca com a língua. Ela respondeu gemendo e apertando os braços pelo pescoço dele. Ela mergulhou no abraço, o êxtase balançando-a de cima abaixo.

Autumn levantou a camisa dele e achou o peitoral e um pacote de seis abdomes ligeiramente cobertos por pêlos e, quando tocou o rígido abdômen, ele estremeceu ligeiramente. “Deus, Autumn.” Então mergulhou para beijar o pescoço dela.

Mordiscando, lambendo, ele parou no ponto logo abaixo de seu lóbulo da orelha. Ela estremeceu, gemeu, o agarrou, com os movimentos do corpo incontrolláveis com o prazer construído.

Ela procurou acima de seu tórax, apreciando o modo como seu peitoral forte se movia em conjunto e, a textura do cabelo parecia tão sensual, então erótica contra seus dedos. O desejo de tocá-lo em qualquer lugar e em todos os lugares a encheu. Seu corpo não se importava mais onde eles estavam, ou se alguém poderia pegá-los. Tudo que importava era aquele momento. Suas mãos traçaram por cima dos ombros dele, testando e admirando o poder em questão.

“Você está certo. Alguém poderia entrar. Talvez essa não seja uma boa idéia,” ela disse.

Ele envolveu seu seio esquerdo, o calor e sensação conforme ele soltava e suavemente apertava aumentava confusão dela. Ele lambeu seu lóbulo da orelha, então disse, “É a melhor idéia que eu tive em anos.”

“Isso é só sexo, Jack.”

Ele recuou o suficiente para examinar seus olhos e, ela não podia ignorar o inferno faiscando no olhar dele. “Você acha? Que tal isso?” Os dedos dele subiram, comprimindo suavemente o mamilo através do material. Um choque de desejo se arremessou diretamente do torturado mamilo para o clitóris. Ela se contorceu e a coxa dele deslizou entre as dela. Ele levantou a coxa e ela esfregou seu clitóris contra ele para abolir a miséria. “E isso? Faz parecer só sexo para você, Autumn?”

“Oh sim, droga!”

“A pergunta é: você quer isto? Diga-me que não e eu pararei.” A fome feroz dos olhos dele se suavizou ligeiramente. “Eu nunca machucaria você.”

Ela sabia disso como sabia seu próprio nome. Ferozes ânsias eram refletidas nos olhos de Jack, nos movimentos automáticos de sua mão nos seios dela, em sua coxa, que a apertava entre as pernas. “Não pare.”

Eles mergulharam em outro beijo voraz. Ela sentiu um puxão em sua manga e o material elástico do corpete e a correia do pequeno sutiã soltaram e deslizaram pelo ombro, deixando descoberto seu seio esquerdo. Ela tirou o braço da manga completamente e, quando ele olhou fixamente sua carne arredondada, ela se sentiu, de repente, inadequada.

Quando ele se debruçou e seus lábios esfregaram o broto exposto, ela gemeu suavemente com prazer. A língua dele disparou para fora para chicotear levemente o mamilo com um golpe delicado, depois outro.

Ela gemeu baixo pela garganta. Ele provocava a ponta de carne apertada com golpes luxuriantes, e tenros. Isso trouxe gemidos aos lábios dela. Uma lambida, então um suave esfregão na carne vulnerável e, ela ofegou. Desejo se retorcia, se construía, exigia um fim. Ela se contorceu nos braços dele. Mergulhou os dedos em seu cabelo espesso, ondulado e o prendeu colado conforme sua boca a atormentava.

Uma lambida. Um ritmo doce, gentil que ameaçava deixá-la louca. Uma debilidade deliciosa a preencheu.

“Jack. Não pare.”

“Mmmm.” Seu murmúrio de consentimento foi abafado conforme ele seguia com uma sucção firme que a fazia suspirar e gemer.

O clitóris dela literalmente pulsava, querendo satisfação. Ela arqueou o corpo quando ele levantou a saia e sua grande mão mergulhou na parte traseira da calcinha para envolver a carne nua. Conforme continuava o tenro ataque ao mamilo, cada raspada de sua língua enviava choques em resposta a sua úmida vagina. Ela sentia dor, querendo algo, qualquer coisa para extinguir o fogo furioso dentro dela. Os dedos dele se moveram para seu estômago, espalmando a pele lisa até que deslizaram pelos pêlos púbicos e achou suas dobras molhadas, e carnudas. Uma rápida passada do dedo indicador dele por cima de seu clitóris e, ela quase chegou ao orgasmo.

“Oh.” Seu arrepiante reconhecimento o fez mais corajoso. Quando ele lambeu seu mamilo com o toque mais sem disfarce, suavemente inseriu um dedo fundo nela.

“Você está tão molhada.” Ele soou exultante, excitado. “Suave e fodidamente deliciosa.”

Ela estremeceu pelo reconhecimento sensual, pasma com quão depressa eles tinham alcançado este nível. Ela não podia pensar. Não queria pensar. Nada significava nada além de sentir essa furiosa compulsão em encontrar a realização final. O dedo dele se movia dentro dela, empurrando e golpeando, então ele adicionou um segundo dedo. Ela ofegou e gemeu pela primorosa sensação quando os dedos grossos acariciavam as superfícies sensíveis.

Sua boca se aninhou ao lado do pescoço dela e ela estremeceu em prazer. Ele acordou os nervos mais sensíveis com cada esfregar de seus lábios contra ela, a pressão de seus dedos dentro dela.

“Jack.”

“Sinta isto. Linda.” Ele suavemente gemeu. “Aceite isto. Só libere.” Ele esfregou as palavras contra os seios dela, então mergulhou nela e arrastou o mamilo para sua boca.

“É só para você.”

Seus dedos assaltavam, se agitando sobre as dobras encharcadas até que ela se derreteu nas sensações e esqueceu tudo além do momento. Ela não podia pensar sobre nada além de querê-lo mais perto, mais fundo, o pênis duro e grosso empurrando em seu corpo até que ambos chegassem ao clímax.

Quando ele acariciou por cima do clitóris, mais rápido e mais rápido, ela ofegou, desesperada para alcançar o auge. Uma nova urgência rastejou por ela, seu corpo de movendo, apertando, procurando algo para apagar o não saciado desejo do lado de dentro. A boca dele saqueou a dela, explorando, indo mais e mais fundo. Ela se contorceu em desespero. Com um gemido surpreendido, ela se desfez.

Tremendo, ofegando para respirar, ela segurou um grito agudo, uma satisfação de derreter os ossos inundou seu corpo. Muda pela inebriante sensação de flutuar, se abriu à beleza daquilo.

Os dedos de Jack deslizaram de seu corpo e endireitaram seu vestido, colocando tudo de volta no lugar.

Ela se agarrou a ele, respirando com força. Sentindo-se de repente tímida, olhou fixamente para ele. “Eu não posso acreditar que nós acabamos de fazer isso.”

Ele sorriu e quando ela deslizou a mão pela ereção dele, ele apertou a mão por cima da dela e a trouxe aos lábios. “Não. Ginger virá procurar por você. Eu não quero que sejamos pegos fazendo nada além do que já fizemos.”

“Droga.”

Ele riu. “Autumn, você é demais.”

“Você também,” ela disse em um ofegante tom que não podia evitar.

Com um sorriso que enrolou seus dedos do pé nos sapatos ‘Escarpã’, ele a beijou suavemente mais uma vez, então a levou para fora do armário.

Com um sorriso e um aceno de cabeça ele disse “Te vejo mais tarde. Para a fantasia número três. Pare no meu condomínio.”

Ela sorriu. “Certo. O que a fantasia número três inclui?”

Seus olhos estreitaram. “Como eu disse, cada fantasia é um segredo.”

Ela suspirou. “Você está determinado a me deixar louca, não é?”

Ele piscou. “É minha missão de vida.” Ele se virou para sair novamente.

Ela o agarrou e pegou seu antebraço. “Espere. Eu estarei entrevistando você algum dia da semana que vem ou na semana depois.”

“Eu pensei que você ia entrevistar o Chefe Hallam.”

“Eu vou. Mas esteja preparado.” Ela deu a ele um sorriso provocante. “Eu estarei fazendo perguntas sobre suas experiências na Cidade de Nova Iorque.”

Por um segundo Autumn pensou que vira relutância nos olhos de Jack. “Eu não sei...”

“Por favor, Jack? Eu sei que é difícil conversar sobre...”

“Difícil não começa nem a descrever.”

“Eu sei. Mas eu quero entender. E os outros também querem.”

A música aumentou novamente e ele se debruçou mais perto para se fazer audível. “Se fosse qualquer outra pessoa, eu diria não.”

Ela viu perguntas nos olhos dele que ela não entendia, mas doeu para ela descobrir novas camadas daquele homem. “Obrigada, Jack.”

“Não agradeça ainda. Espere até que a entrevista esteja terminada.”

Antes que ela pudesse responder, ele colocou a mão na parte de baixo de suas costas e caminhou com ela em direção ao bar. Quando alcançaram o bar, entretanto, ela não viu seu chefe ou Ginger em lugar nenhum.

Jack abriu um sorriso e apertou seu ombro suavemente. “Mais tarde.”

Conforme ela o observava partir, se maravilhou com o que tinha experimentado na pista de dança e no armário com Jack, sua mente se desintegrara completamente.

* * * *

O Observador se ressentiu pelo modo como Autumn e Dillon dançaram. Autumn parecia quente e aborrecida, seus lábios estavam vermelhos como se ela tivesse sido beijada, seu cabelo estava para o alto pela maneira que os dedos de Dillon se emaranharam nos cachos. Seu vestido barato colado aos seios, quadris e coxas, era projetado para fazer um homem salivar como um cachorro louco. Dillon observava Autumn como se desejasse poder lambê-la do começo ao fim de seu corpo. Excitação pesada mexeu o sangue do Observador, junto com ira não diluída. Quando ela tinha sumido com Dillon por vários minutos, o Observador imaginou o que eles deviam estar fazendo. O grande bombeiro provavelmente a tinha fodido bem e com força. Uma parte do Observador apreciou a idéia e quis isso para si próprio. Ele podia imaginar o corpo suculento dela, delicioso largamente aberto só para ele.

Não.

Ele devia se concentrar no motivo de estar aqui e o que devia fazer.

Algo precisava ser feito para pará-los. O Observador sorriu. *Eu sei exatamente como.*

* * * *

Autumn observou a multidão procurando por Ginger e viu sua amiga dançando com um homem alto, bonito. Bem, ela esperava que Ginger estivesse se divertindo.

Segundos depois Elliott apareceu. “Você está aí. Pensei que você ficaria na pista de dança com Dillon para sempre.” Sua voz soou leve. Ele permaneceu de pé e deu um gole na taça de vinho. “Nada demais, mas eu devo avisá-la.”

Seu alarme interno soou. “Avisar-me?”

“Não espere demais daquela dança.”

Chocada com a coragem da declaração, ela ficou de boca aberta por uns trinta segundos.

“Eu não estou esperando nada daquela dança que já não esteja lá. Ele obviamente gosta de dançar.”

“Eu vi o modo como ele segurou você. Além disso, ele é muito jovem para você, não é?” A raiva rugiu sobre ela antes que pudesse deter. “Em primeiro lugar, eu não posso acreditar que estamos tendo conversa. E se e quando eu decidir ter uma relação com Jack é problema meu.”

Elliott pausou com o olhar pensativo atravessando seus olhos. “Eu sempre nomeei isso da maneira que eu vejo.”

Certo. Ela amava quando as pessoas expressavam suas opiniões rudes e então as qualificavam como simplesmente honestas. “Talvez eu não queira sua opinião.”

Ela nem desejava ter vindo ali, em primeiro lugar. Certo, então ela teria perdido a dança mais emocionante de sua vida. O mais excitante intervalo secreto que ela experimentara com um homem.

Um sim. Dançar não descrevia exatamente aquilo. Intervalo não soletrava a verdadeira sensação, a pressa que experimentou nos braços de Jack na pista de dança e, com os dedos dele enterrados dentro dela enquanto a boca estimulava o mamilo.

“Eu voltarei em um minuto,” Elliott disse, se direcionando a área geral dos outros ambientes.

Ela o observou ir embora, percebendo que podia ter posto seu emprego em risco.

* * * *

Cherry viu Jack cruzar o salão em direção oposta a dela. Ela mordeu o lábio, furiosa. Tinha subestimado Autumn MacAllister. Quem diria que a cadela se agarraria a Jack como um cachorro no cio?

Meio tentada a perseguir Jack, Cherry foi impedida quando George chegou com duas bebidas. Sua cerveja habitual e um uísque com gelo. Ela deu um olhar safado a George quando ele a entregou o copo suado. Vestindo a camisa preta apertada, que era sua marca registrada, calça jeans absurdamente apertada, ele parecia quase comestível. O cara tinha ‘sem vergonha’ escrito por toda a parte e, parecia malditamente orgulhoso daquilo.

“Com o que você está sonhando, Cherry?” George deslizou sobre um tamborete próximo a ela, seu olhar se movendo pelo ambiente em direção a Autumn. “É melhor não ficar tão orgulhosa de Dillon.” Cherry lançou um olhar repugnado pra ele, por um

segundo se imaginando lançando a bebida no rosto dele. “Eu tenho uma coisa para fazer.”

“Não me ignore.”

“Jesus, eu preciso fazer xixi. Você tem algum problema com isso?”

Ela levantou-se e se dirigiu ao banheiro feminino. Ela gemeu quando dedos fortes fecharam na parte de cima de seu braço com suficiente força para contundi-la. Ele a girou de volta.

Os olhos de George brilharam sobre ela com indisfarçável raiva. “Onde diabos você acha que está indo? Eu não vim aqui para tolerar suas merdas.”

“Você é um filho da puta ignorante, George.”

Ele bufou. “Eu sou filho da puta? Eu sei o que te deixa toda molhada. Você se jogado pra cima daquele bombeiro estúpido por anos.” Ele cerrou as palavras entre os dentes. “Agora ele está correndo atrás de Autumn e isto está te irritando. Bem, se ele não te comeu até você ficar tonta até hoje, ele não vai fazer no futuro. Então supere isso.”

Um ódio fumegante trouxe à mente as maneiras com que ela podia cortar a cabeça dele e cravar num pedaço de pau. Melhor ainda, ela bateria uma punheta na carne dele e o serviria como salsicha. O grandão George servido como prato principal. Ela riu, sua imaginação chegando em alta velocidade. O tronco de George. Seria como ela chamaria aquilo. Cherry riu mais forte. “Eu suponho que você acha que Autumn voltará para você depois de todos esses anos? Convenientemente ignorar sua experiência e mergulhar na sacola com você? Nós dois sabemos que é mais provável que eu consiga Jack na cama. Então tire sua cabeça da bunda, Georgie.”

Os músculos na mandíbula dele cerraram. “George. Só George.”

Ela se divertiu com a irritação que causou, porque ele odiava ser chamado pelo nome que sua mãe dominadora e seu opressivo irmão mais velho sempre usavam.

A fúria a atingiu desde os saltos altos como um cão raivoso, mas ela não podia se dispor a uma cena. Perto, outra repórter do *Clifton Times* os observava. ‘Ginger Alguma coisa’. Não, ela não queria ninguém tendo idéias. Afinal, as pessoas nesta cidade gostavam de fofocar, lambendo aquilo como um homem provando um mamilo pela primeira vez. Irritada por não poder se lançar sobre ele com tudo que tinha inclusive um joelho rápido em seu equipamento, ela sorriu.

Se apoiando em seu mais condescendente sorriso, puxou seu braço dos dedos dele e se direcionou para o banheiro.

* * * *

Autumn perguntou-se para onde Elliott desaparecera. Ele demorara bastante para um homem que fora somente ao banheiro. Talvez estivesse farto e tivesse partido depois dela ter dançado com Jack. O que ela tinha esperança que tivesse acontecido.

Dançar era uma palavra suave, leve para o que eles fizeram. Ela sentia como se eles fossem entrar em um ritual de acasalamento bem na pista de dança, para todo mundo ver. Recordando a maneira que Jack a segurou e o modo que suas mãos a envolviam e acariciavam a deixavam tão excitada que não podia enxergar direito. Autumn engoliu com força quando o suor escorreu em sua face.

“Oh, Deus,” ela sussurrou, tentando evitar suas fantasias desobedientes.

Quando tomou um gole de sua bebida, ouviu o primeiro sopro de ar. A princípio, achou que tinha imaginado o barulho. Outro barulho de sopro ecoou de um lugar próximo aos banheiros, direto da região do bar.

Quase soava como—

Fumaça escura ondulava da área próxima aos banheiros. Autumn não teve tempo de pensar em nada. Girou em direção ao bar.

“Ei!” Ela gritou com o garçom do bar. “Chame 9-1-1. Tem um incêndio nos banheiros.”

O garçom soltou uma exclamação surpresa. “Merda!”

“Existe algum extintor de incêndio aí atrás?” Ela perguntou.

“Sim.” O garçom do bar o pegou debaixo do bar e começou a vir para o lado dela.

Ela agarrou o extintor das mãos dele. “Consiga com que as pessoas saiam daqui com calma e em ordem. Não entre em pânico!”

Antes que o homem pudesse concordar com o plano, uma mulher gritou. “Fogo! Fogo!”

Outras pessoas adicionaram à desordem. “Corram! Saiam!”

Oh, maldição. “Isto vai ser realmente, realmente ruim,” Autumn murmurou enquanto empurrava uma passagem pela multidão.

Ela pensou em Elliott e esperou que ele não estivesse preso no banheiro com o fogo. Aquela idéia horrorizante a mandou em velocidade dupla. Ele precisava de sua ajuda.

Alarmes de Incêndio soaram possivelmente acionados por alguém abrindo uma saída de incêndio. O estridente som engatou seus nervos em primeira marcha. Conforme corria em seus sapatos de salto alto, esperava não cair e quebrar o pescoço. Ouviu mais gritos, desta vez parecia que viam do térreo.

Então todo o inferno se libertou.

Uma explosão balançou a boate, enviando escombros voando pelo ambiente. A onda de choque esmurrou-a antes que pudesse evitar e a levou para a escuridão.

Capítulo Nove

Jack estava somente há alguns quarteirões da boate quando foi enviado um alarme de incêndio com possíveis danos e pessoas presas. O alarme solicitava duas antenas, três motores e uma força tarefa de ambulâncias e paramédicos.

O tamanho do incêndio não lhe tirara o fôlego. Era o endereço. Boate *Top O' The Morning Club*.

Um medo de retorcer o estômago o acertou quando cantou pneus numa curva em ‘U’ na rua deserta.

Ele sabia que um incêndio deste porte sairia do controle em uma batida de coração. Uma explosão?

Ele nunca tinha rezado muito e normalmente não esperava por milagres, mas, naquele momento tinha um e um único pensamento.

Autumn, baby, por favor, esteja fora de lá e a caminho de casa.

De alguma maneira, entretanto, ele soube que se alguém tivesse ficado no prédio seria Autumn, considerando sua teimosia e determinação. Ela lutaria com o fogo se pudesse. Sua respiração acelerou. Conforme a mente se confundida com a urgência, ele

tomou consciência do terror apoderando-se dele mediante o pensamento que ela estivesse presa naquele inferno. De novo não. De novo não.

Controle. Ele devia manter o controle ou ele seria inútil para ela.

Além do fato de Autumn ter bom senso, ela lutava com incêndios selvagens como a carreira. Se alguém podia sobreviver, era ela. Quando virou a esquina e viu as pessoas da boate, ouviu o gemido das sirenes vindo rápido atrás dele. Entrou em uma vaga no estacionamento para que seu carro não ficasse no caminho dos veículos de emergência.

Ele saiu do veículo e depois de pegar seu equipamento extra da caminhonete, correu na direção do pub, um único pensamento ameaçando superar todo seu treinamento.

Preciso encontrar Autumn.

Quando um caminhão de bombeiros com escada aérea rugiu ao longo da rua, as pessoas saíram do edifício com os rostos em pânico e sujos de fumaça. A fumaça do prédio despejava mais pessoas tossindo e tropeçando. Os paramédicos agarravam as pessoas que pareciam necessitar mais de atenção médica.

A companhia de bombeiros de sua estação rugiu no estacionamento e Hank saltou para fora do caminhão quando ele quase parou no meio-fio. Chefe Hallam gritava as ordens. Dois bombeiros puxavam a mangueira enquanto os outros a enganchavam no hidrante. A escada aérea subiu para dar acesso e evacuação.

Hank deu o equipamento de Jack para ele. “Eu trouxe isto junto. Sabia que você estaria no caminho assim que ouvisse sobre isto.”

Jack lutava com seu equipamento. “Que diabos aconteceu?”

“Alguém disse que os sanitários de cima estão queimando. Disse que ouviram um barulho alto de sopro de ar, como se alguém tivesse lançado uma bomba.”

“Bomba?”

“Coquetel Molotov.”

Uma maldição deixou os lábios de Jack. A raiva se envolveu nele como fogo e, ele usou aquilo para abastecer sua determinação. “Autumn está lá. Eu preciso achá-la.”

As chamas dispararam de uma janela no segundo andar. O vidro voou em todos os lugares, e vários outros gritos ecoaram quando os escombros acertaram as pessoas embaixo. Os pedaços de vidro acertaram Jack, mas ele os ignorou conforme corria em direção ao edifício com Hank não muito atrás.

“Coloquem aquelas mangueiras lá!” Chefe Hallam apontou o edifício e dois bombeiros se direcionaram para a boate, um deles na frente com o bocal. “Machado para cima, Derrubem um pedaço daquele telhado! Molhem o vermelho!”

* * * *

A escuridão pairava em torno das extremidades da visão de Autumn enquanto ela se deitava esparramada de costas. Os alarmes de incêndio continuaram a lamentar e a água regada dos irrigadores envolveu seu corpo. Percebeu com horror que o fogo podia ter chegado até ela enquanto permanecera deitada ali. Quanto tempo ela tinha estado desacordada? Autumn se sentou e notou escombros ao redor dela. Pessoas frustradas por quase tropeçarem em sua pressa de fugir. Não pareciam se importar que ela tivesse sido deixada para trás à mercê das chamas. Ela procurou ao redor por pessoas feridas.

Não. Você é a única de bunda no chão.

Ela se levantou e recuperou o extintor de incêndio.

Ginger e Elliott. Onde eles foram? Eles estavam presos?

Pessoas gritavam, empurravam e jogavam Autumn entre eles como uma bola de ping-pong conforme ela tentava se aproximar do fogo. “Deixem-Me passar!”

As idéias correram por sua mente como uma corrida de carros na Indianápolis 500. Tinham ambos os andares explodidos ao mesmo tempo? Não podia ter sido cigarros nas latas de lixo. Sem chance.

Isso não teria causado a detonação.

Ambas as portas para os sanitários se penduraram nos batentes em ângulos retorcidos. Pedacos do teto, isolamento e outro pedregulho bagunçaram o chão. Ondas de fumaça preta rolavam na área. O sistema de irrigação, que impedia as chamas de surgirem nos ambientes principais, deu um estalo e morreu.

Oh Deus. Isto não é bom. Não é nada bom.

A fumaça encheu seus pulmões e ela tossiu. Seus olhos se encheram de lágrimas. Se espreitando pela fumaça, ela soube que gases tóxicos ameaçavam como uma besta pairante. Quem criara este sétimo nível de inferno queria matar.

Ela não ia agüentar respirar aquilo. Precisaria de equipamento pesado de bombeiro para salvar Ginger e Elliott e, não tinha nada naquele exato momento. Ficar significaria suicídio.

Ela voltou para fora da ígnea bagunça. Hora de parar e correr. Soltou o extintor.

Calor rastejou sobre as costas dela e ela começou a traçar um caminho para a segurança. Tinha visto um fogo escapar naquele andar e, soube que seria mais fácil navegar do que mergulhar abaixo nos degraus em sapatos de salto alto.

Ela veio paralelamente com os degraus. Ouviu o ruído de sapatos a sua esquerda. Através da fumaça, Autumn pegou o olhar de uma loira alta com olhos selvagens pelo terror, gravado no rosto. Antes que pudesse oferecer ajuda, a mulher frenética colidiu em Autumn e tropeçou, rolando degraus abaixo. Autumn tentou manter seu equilíbrio, mas, falhou.

Não!

Os degraus caíram em Autumn antes que ela pudesse piscar e, quando seu corpo atingiu o metal e sacudiu com o impacto dos ossos se quebrando, a dor se lançou em suas costelas. Autumn não podia parar a queda quando se conectou à outra escada e flashes vermelhos penetraram em sua visão conforme a dor invadiu seu corpo.

Quando ela veio descansar no fundo das escadas, seu mundo entrou em um lento movimento giratório. Seus pulmões capturaram o ar e ela deu uma longa seqüência de tosse para se ajustar. Ela agitou a dolorida cabeça quando tentou recuperar a perspectiva. Através de uma névoa de vertigem, lutou para se sentar. Ela olhou de relance para a mulher e percebeu que ela estava estendida em um ângulo engraçado, a cabeça e o pescoço torcidos. O olhar vago do rosto da mulher significava apenas uma coisa.

Náuseas se arremessaram por Autumn, mas ela lutou para segurar as emoções. Se quisesse acabar morta, tudo o que precisava fazer era esquecer o bom senso. Autumn sabia que precisava fazer o caminho para uma saída lateral livre das chamas. Rastejou novamente. Ouviu um crepitar e estalar e soube que devia escapar rápido ou seria torrada. Literalmente.

Ela não podia ver mais onde estava indo. Seu fôlego raspou na garganta e outra tosse de ajuste a atingiu com força. Esperava que Elliott ou Ginger tivessem ficado lá dentro procurando por ela. *Não morram por minha causa.*

Outro tiro de pensamento por sua mente. *Por favor, Jack! Ache-me!*

Mas não existia nenhuma razão para Jack estar ali; Ele estava de folga e em seu caminho para casa.

Só um pouco mais a frente. Você consegue.

Ela quase ouviu voz de Jack em sua cabeça, dizendo a ela que podia dar mais um passo. Então outro.

Alucinando. Eu estou me perdendo.

Segundos mais tarde Autumn viu uma visão santificada. Água pulverizada no ambiente da direção da saída dianteira, batendo de contra as chamas. Ela desejou que o jato a atingisse e afogasse a dor, o medo e a raiva fervente do lado de dentro.

Os bombeiros surgiram no ambiente. Ela não sabia se chorava ou não, mas isso não parecia importar porque lágrimas despejavam de seus olhos pela fumaça. A tosse parecia incontrollável agora e um zumbido misterioso encheu sua cabeça quando tudo entrou em um lento movimento novamente. Segundos mais tarde um dos bombeiros se curvou na direção dela, seus olhos largos com algo que parecia alívio e alarme.

Olhos verdes?

Jack?

Ela tentou agarrá-lo e ele a puxou para cima. Seus joelhos dobraram e, quando ela começou a desmoronar, ele a ergueu em seus braços. Ele se apressou em direção à saída, agora visível através do vapor e desaparecendo nas plumas de fumaça.

O congelante ar golpeou seu rosto quando eles emergiram do edifício. Impressões a bombardeavam de todos os lados. Luzes de emergência deslumbraram seus ardentes olhos. O som de uma sirene quando outro caminhão de escada chegou encheu suas orelhas. O casaco debaixo de seus dedos parecia frio e molhado.

A tosse a atingiu quando ela sugou o precioso ar. Sua cabeça latejava e ela se sentiu enjoada como o inferno. Seu corpo doía em lugares que ela sequer sabia possuir até aquele momento. Os braços do bombeiro, fortes e tranqüilizantes, a embalavam perto.

O homem a soltou na grama, longe do caos. Ele arrancou seu capacete, capuz e aparato de respiração.

“Jack,” ela sufocou.

As mãos dele envolveram seu rosto por um segundo, olhos estreitos com uma ansiedade tão frenética que ela não lembrava já ter visto nele antes. “Onde você está machucada?”

Ela agitou a cabeça. Calafrios torturavam seu corpo.

“Você está congelando.” Ele tirou seu casaco de afluência e o colocou ao redor dela. O tom de ordem comandava a voz dele. “Deite-se e me deixe ajudar você.”

Ela expeliu suas próximas palavras para fora. “Não preciso... deitar-me.”

Ele administrou um sorriso torto. “Ela fala.”

“Então... ela vive.” Ela tossiu suas próximas palavras. “Eu estou... bem... agora.”

Por todos os dois segundos ele parecia poder fazer algo desesperado, mas ela não podia dizer com certeza o que. A ansiedade inundou sua expressão, misturada com partes iguais de raiva. “Fique aqui mesmo. Não se mova.”

Ele correu e retornou segundos mais tarde com um kit médico de uma das ambulâncias. “Você está sentindo dor em algum lugar? Seja sincera comigo.” Jack depressa abriu o kit e preparou o oxigênio.

“Não, eu estou—” Outra tosse. “É Elliott—”

Jack deslizou a máscara de oxigênio sobre o rosto dela. “Shh. Respire fundo.”

Ele soou áspero, como se não estivesse nem aí para Elliott. Um grande fluxo de oxigênio foi despejado em seus pulmões e, a resposta convulsiva para tossir a aliviou. Náusea foi arremessada por ela novamente.

Como se ele pudesse ler sua mente, disse, “Se você se sentir como se fosse ficar doente, me diga.”

Sua cabeça latejava como de um filho da mãe e as partes de dentro dela balançavam. Oh, sim. Sentir-se doente era um fato.

“Ginger—” Ela ofegou pela máscara de respiração. A tosse a torturou.

Jack franziu as sobrancelhas. “O que tem a Ginger?”

Ela tirou a máscara. “Ginger ainda está lá. Oh, Deus, Jack, nós precisamos salvá-la.”

Ele suavemente deslizou a máscara de volta em seu rosto. “Vamos calma. Ela provavelmente está bem. Se concentre em respirar. Devagar. Calma.”

Ela movimentou a cabeça e fez o que ele pediu.

“Eu colocaria você em uma ambulância e te tiraria deste frio, mas a última partiu com vítimas. Mas deve estar a caminho. Espere.” Ele deslizou um mostrador de pulsação em seu dedo para verificar os níveis de oxigênio. “De onde todo esse sangue está vindo?” Quando ela agitou sua cabeça em resposta, ele olhou até mais preocupado. “Droga, Autumn.” Jack levantou o rosto dela e a encarou nos olhos. “Você bateu a cabeça?” Jack sondou seu crânio, os dedos gentis quando procurava por danos. “Diga-me se doer.”

A percepção por ter saído do prédio com vida caiu sobre ela como uma varredura selvagem.

Ela lutou contra a reação, sufocando com selvagem elação e o desespero por não ter salvado a mulher da morte. Ginger e Elliott poderiam também estar mortos. Ela tragou em um soluço.

“Calma,” Jack disse quando verificou suas pupilas. “Iguais e ágeis, graças a Deus. Agora me diga, você bateu sua cabeça?”

Ela deslizou a máscara para o lado. “A primeira explosão me derrubou. Eu posso ter batido nesse momento. Eu não sei.”

“Aqui está. Você tem um corte no couro cabeludo.” Uma maldição deslizou de seus lábios. “Fez você perder a consciência?”

“Talvez por alguns segundos. Não foi muito tempo.”

Ele colocou um estetoscópio no tórax dela, então removeu a jaqueta ao redor de seus ombros por um momento, assim ele podia apertar o estetoscópio em suas costas. “Respire fundo para mim. Certo, Isto é bom. Sons claros.”

Sua voz calmante a fez se sentir melhor; O oxigênio parecia fazer um truque conforme a náusea acabava.

Ele envolveu seu rosto novamente, os olhos dele derretiam com uma ternura que roubou sua respiração tão facilmente quanto à fumaça. “Tem certeza que não quer deitar? Você se sentirá melhor.”

Ela colocou sua mão sobre a dele e sorriu. Ela tirou a máscara. “Não. Eu estou bem.” Mais lágrimas encheram seus olhos e desceram pelas bochechas. “Jack, você salvou minha vida.”

“Foi um prazer,” ele suavemente disse um sorriso iluminando seus olhos. “Você me deu um susto dos infernos. Agora ponha a máscara de volta e a deixe aí, antes que eu fique bravo.”

Hank correu até eles. “Ei, Jack. Ela está bem?”

“Eu acho que vai ficar.” As palavras de Jack saíram cortadas. “Hank, você sabia que Ginger estava lá?”

O rosto de Hank desabou seu rosto vulnerável e revelador. Ele parecia apavorado. “Oh, Deus. Não, eu não sabia.” Hank girou para Autumn. “Onde você a viu pela última vez?”

Autumn tomou um grande fôlego primeiro. “Perto do bar, dançando.”

Olhos de Hank arderam. “Oh, Deus. Eu preciso achá-la.” Ele virou e foi embora.



Autumn tremia, a preocupação com Ginger e Elliott anulando seu outro desconforto. Jack pareceu sentir aquilo e sorriu ligeiramente. “Ele a encontrará. Ela está bem.”

Ela podia só esperar que ele estivesse certo.

“Autumn!” Elliott apareceu perto da multidão. Ele parecia sujo, seu rosto marcado por fuligem, com uma manga da camisa rasgada. Ajoelhou ao lado dela, seu rosto cheio de preocupação. “Você está bem?”

Jack respondeu por ela. “Ela precisa ir com calma enquanto nós verificamos se ela está bem.”

“Que diabos aconteceu?” Elliott correu as mãos pelo cabelo até que chegou ao fim.

“Eu saí para fumar um cigarro e de repente pessoas estavam correndo para fora como coelhos. Eu tentei voltar, mas tinham tantas pessoas, eu não consegui passar.”

Autumn sentiu a culpa tocar na voz de Elliott e, tirou a máscara. “Está tudo bem,” ela esfregou os lábios secos e a garganta áspera. “Você não podia ter ajudado. O fogo ficou fora de controle depois da explosão. Você podia ter se machucado se entrasse lá.”

Elliott apertou o ombro dela. “Eu estava procurando por você.”

Jack não pareceu impressionado com a conversa. Quando uma nova ambulância chegou à cena, ele acenou. “Vamos. Você está indo para o hospital.”

Autumn odiou a idéia. “Mas eu não posso deixar Ginger.”

“Você precisa ser levada para observação. Pelo menos por algumas horas. Nós precisamos ter certeza que você não teve uma concussão e que não está machucada em nenhum outro lugar.”

Ela sorriu pela expressão feroz dele. “Você não vai aceitar um não como resposta, vai?”

“De jeito nenhum.”

Um grito de prazer veio de em algum lugar detrás deles. Autumn girou para ver Ginger, que corria apressada para os braços de Hank. O alívio atingiu Autumn e mais lágrimas deslizaram abaixo em seu rosto.

Hank conduziu Ginger em direção ao pequeno grupo.

Ginger agachou até abraçar Autumn. “Deus, quando eu não pude achá-la naquela bagunça do lado de dentro, pensei que algo ruim tinha acontecido com você. Eu escapei pela saída lateral com outras pessoas.”

Autumn sorriu novamente. “Eu estou bem. Eu saí de lá, e vocês saíram de lá. Isso me faz me sentir ótima. *Clifton Times* é demais.”

Uma risada ondulou pelo grupo. Até a expressão de Jack se iluminou.

Quando a algazarra ao redor de Autumn começou a se dissipar, ela percebeu que os bombeiros tinham contido a maior parte das chamas. Elliott pairava ao redor dela, mas algo a dizia que Jack não queria Elliott perto dela e, ela não sabia se achava aquilo irritante ou agradável.

Antes que decidisse isto, foi amarrada sobre uma maca e carregada para a ambulância.

Jack reportou a Hank o que planejava fazer. Momentos mais tarde subiram na ambulância e saíram.

“Isso me parece familiar,” ela disse quando Jack aferiu sua pressão sangüínea e pulsação novamente.

“Você conhece o procedimento.” A voz era sombria, seus olhos estalando com irritação. “Deixe a máscara de oxigênio no lugar.”

Sua explosão de antagonismo a pegou de surpresa. Ela se sentia quase normal e a dor de cabeça tinha aliviado. Deixando se vencer pelos cuidados dele, tentou relaxar e não pensar no fato de que sua pele quase tinha sido assada. Ou no fato de que alguém cometera tamanho odioso ato. Ou na mulher morta deitada na base da escada.

Jack seguiu a rotina de verificar seus pulmões e a resposta das pupilas. Ela percebeu que o toque de humor que ele exibira antes não apagava o profissionalismo ou a óbvia preocupação com ela. Quando ela pôde remover a máscara de oxigênio de vez, se certificou que ele entendesse que ela apreciava de seus cuidados.

Antes de alcançarem o hospital, Jack ficou mudo, seu rosto era o retrato da profunda concentração. Então ele girou aquele intenso olhar sobre ela e ela sentiu seu estômago virar geléia. Cara, aquele sujeito podia fazê-la se sentir assim enquanto viajavam em uma ambulância e depois de quase se tornar o prato principal num churrasco de salsichas? O que ela faria?

Ele pôs a mão em sua face e então esfregou os dedos por seu cabelo, o escovando para trás com um toque gentil. Ela sentiu que ele queria dizer algo, mas não falou.

Então chegaram ao hospital e ela não teve chance de questionar a expressão intensa em seus olhos.

* * * *

“Idiotas.” O Observador disse para ninguém em particular.

“O que?” O homem pequeno, bochechudo ao lado dele perguntou sua expressão assombrada.

“As pessoas que começaram este incêndio. Que idiotas.”

“Desperdício de um bom lugar para beber.”

“Você pode beber em qualquer lugar.”

O pequeno homem de sobrepeso movimentou a cabeça e ergueu sua elegante máquina fotográfica. Tirou um par de fotos. “Na verdade, eu gosto de incêndios.”

Observador assistia os últimos momentos das brasas do prédio, sentindo o ódio e a fúria dissolver junto com o fogo. A vingança seria mais do que doce, mas o triunfo viria quando o inimigo fosse destruído. Ele não podia esperar muito tempo. Os investigadores de incêndios viriam logo e eles tentariam descobrir quando e por que o fogo começou. Então poderiam descobrir o que começou aquilo.

Fatso* ainda estava lá, seu corpo apertado em uma camisa country, gravata, calça jeans preta, e desgastadas botas pretas ao estilo ‘chutadora-de-idiotas’. Apesar de provavelmente ser um homem que gostava de mulheres. Fatso atirou a máquina fotográfica sobre o ombro. Olhou por um estalo de milissegundos os botões de sua camisa mal apropriada. O estranho também tinha a gelada morte em seus olhos; O Observador podia sempre dizer quando um homem equiparava ou excedia sua própria capacidade de odiar. O Observador não se lembrava de ter visto o idiota antes. Amarrotado, cheirando a uma overdose de perfume de um imbecil qualquer, o sujeito agia de forma tão nervosa quanto uma mosca ao redor um mata-moscas.

Fatso limpou a garganta. “Eu quero dizer, eu aprecio um bom fogo na lareira, mas isto é horrendo e, está acontecendo muito frequentemente ultimamente. Deve ser um incendiário, não acha?”

O Observador encolheu os ombros. “Talvez. É isso que os jornais dizem. Mas o que eles sabem? Bando de egoístas, bastardos sabichões.”

“Sim.” A expressão do homem gordo foi fria. “Tem aquela repórter que fez o artigo sobre bombeiros. Os transformaram em malditos heróis ou coisa assim. Tirou muitas fotos daquele sujeito... Qual é mesmo o nome dele?”

A ira do Observador cresceu, queimando como chamas ressurgindo. “Jack Dillon.” Fatso voltou os olhos ligeiramente redondos para a boate enegrecida. “Esse mesmo. Ela o fez parecer o Super-homem.”

O Observador ficou alegre com o jogo. “Eu acho que ele apaga incêndios porque não consegue nem ultrapassar o saco. Se entende o que eu quero dizer.”

Fatso bufou. “É, ‘me liguei’. Pênis pequeno.”

O Observador riu. “Infernos, poderia ser um bombeiro fazendo tudo isso, você não acha?”

Novo interesse cresceu nos olhos do homem gordo, e o Observador percebeu que brincar com o ‘pedaço de merda’ podia ser até mais interessante.

Fatso se moveu e empurrou a mão pela cabeça de cabelo crespo e vermelho. “Eu estava lá quando tudo começou e vi aquela repórter correr em direção ao fogo com um extintor. Como se a cadela estúpida pudesse apagar tudo com aquilo. O que ela estava pensando?”

“Ela costumava ser bombeira. Saltadora de fumaça, ou seja, lá como são chamados.” Fatso pareceu surpreso. “Oh, sim? Bem, combina. Parece com o tipo.”

“Sim, ela parece poder mastigar fogo no café da manhã.”

Fatso riu e o Observador o quis socar. Acertá-lo direto na cara branca de morto.

Uma imagem doentia surgiu na mente do Observador. Doentia e succulenta. “Parece que você e eu podemos ter algumas coisas em comum. O modo como nós pensamos sobre as coisas.”

O homem gordo sorriu como se tivesse ganhado um encontro grátis com uma prostituta de mil dólares a hora.

“Parece que sim.”

“Então talvez nós devêssemos conversar.”

*Fatso é um termo pejorativo para quem está acima do peso, relacionado ao gene Fatso, que é associado à obesidade e diabetes

Capítulo Dez

A matutina luz do sol fluía pelas sombras do quarto de hospital de Autumn. Ela apertou o botão do controle do lado da cama para trazer a cabeça e os pés para um nível mais confortável. O travesseiro debaixo de sua cabeça parecia tão fofo quanto uma pedra.

“Aqui, deixe-me arrumar isto,” Bitsie disse. Depois de ajudá-la a ajustar a cama e travesseiro, Bitsie ficou ao lado da cama. “Eu estou tão contente por você estar bem,

querida.” Ela bateu levemente na mão de Autumn quando ficou próxima à cama. “E espero que Elliott não queira que você volte ao trabalho hoje.”

Autumn apertou mão de Bitsie. “Ele ligou antes de você chegar e disse que eu tenho como tirar muitos dias de folga à medida que eu precisar.”

“Bom. Eu tinha medo que ele esperasse que você saltasse diretamente desta cama e escrevesse um artigo sobre o incêndio de ontem.”

“Bem, ele provavelmente quer que eu escreva uma história. Estou meio tentada a começar a escrever neste minuto.”

Bitsie fungou. “Você não ousaria.”

“Eu não quero ficar na cama.”

Ela também não queria pensar na mulher deitada, quebrada e morta na base da escada da boate.

Bitsie soltou a mão de Autumn. “Eu acho que Jack teria um colapso nervoso se os médicos deixassem você sair daqui tão cedo.”

Autumn trocou o peso do corpo de lado. Todos os músculos do corpo protestaram. “Eu fiquei aqui durante a noite e já são oito de manhã. Eu estou pronta para partir. Nenhuma concussão, nada quebrado, e até meu joelho está bem. Eu estou em um pedaço, então eles devem me liberar. Acho que estar no hospital duas vezes em duas semanas é muito, não é?”

“Isto é, com certeza. Se eles deixarem você sair daqui hoje, eu te prepararei uma sopa. Serve para o que te dói.”

“Parece ótimo. Eu acho que queimei algumas calorias ontem à noite.”

Bitsie ergueu uma sobrancelha. “Eu aposto que queimou. Mas minha suposição é que os profissionais de perda de peso argumentariam contra seu método.”

“Dá uma nova definição para batismo por fogo.” A risadinha de Bitsie fez Autumn rir e logo Autumn agarrou seu lado dolorido. “Pare, pare. Se eu me machucar rindo, os médicos nunca me deixarão sair daqui.”

“Você não está indo para lugar nenhum ainda,” uma voz profunda disse da entrada.

O coração de Autumn começou esmurrar no minuto que ela ouviu a voz profunda de Jack. Depois que ele a deixou na sala de emergência na noite passada e voltou para o incêndio, ela não o viu novamente. Ficou envergonhada consigo mesmo para se importar de uma forma ou de outra se ele retornasse para visitar. Agora sua expressão dura falava de infelicidade quando ele entrou vestindo a camiseta de Corpo de bombeiros de Clifton e as calças cargo. Até quando seu coração triplicaria as batidas pela simples visão dele, uma onda de raiva a encheu.

“Ela está indo onde quer que ela queira,” Autumn respondeu conforme ele andava a passos largos ao lado da cama.

Bitsie abriu um sorriso inteligente para os dois. “Eu posso ver que vocês dois têm coisas para discutir.”

Depois de dar ao ombro de Autumn uma maternal e leve batida, ela dirigiu-se à porta. “Ligue-me quando estiver pronta para voltar para casa, Autumn.”

Jack tomou o lugar desocupado da mãe, avaliando Autumn com uma combinação de medo e profunda atenção. “Como você está sentindo?”

“Ótima. Você parece arrasado.”

Um pouco do aço deixou seus olhos e a boca suavizou. Ele esfregou as costas do pescoço. “Eu estou. Você não sai daqui até que os médicos digam que você pode ir. Então até lá não pense nisto.”

“Por mais gratificante que seja a sua preocupação, por favor, manei nas manias de chefe. Eu não reajo bem a homens com mãos de ferro.” Ela adicionou um sorriso para aliviar a mensagem.

Ele esfregou as costas do pescoço novamente. “Desculpe. Eu acho que estou um pouco tenso.”

“Por quê?”

Ele fez um barulho de sarcasmo. “Você quase morreu ontem à noite. Se esqueceu disso em algum lugar no caminho? E algum bastardo está lá fora ateando fogo na droga da cidade toda. Eu diria que essa é uma razão suficientemente boa para estar puto.”

Ela lembrava muito bem o que acontecera na noite anterior. “Aquela mulher morreu.” Pouco a pouco lembrou como a mulher tropeçou sobre ela e caiu para a morte.

“Foi um acidente,” ele disse. “Você está viva e isto é tudo que importa para mim.”

Um impulso fez Autumn alcançá-lo. Ele tomou sua mão direita em ambas às dele e chegou mais perto da cama.

Suas mãos mornas esfregaram a pele dela quando ele deu um beijo em suas juntas. “Não comece a achar que você podia ter feito algo diferente. Eu sinto pena daquela mulher, realmente sinto. Mas você não pode duvidar de você mesmo.”

Quando ele beijou sua mão novamente, ela olhou fixamente para ele, surpresa pelo afeto dele e emocionada, querendo ou não estar.

Quando ela não falou que ele continuou. “Você salvou sua própria vida. Reagiu como uma profissional que entendeu que o fogo os tinha atingido.” Severidade retornou às feições dele.

“Você usou a cabeça e percebeu que não podia lutar com aquilo por conta própria. Foi isso que te salvou.” Lentamente ele desatou as mãos da dela. Um sorriso curvou seus lábios. “O Chefe quase arrancou o couro da minha bunda porque eu corri para o fogo sem esperar receber autorização do comandante primeiro.”

“Oh, Jack, você se meteu em confusão?”

“Não. Para falar a verdade não. Ele disse que sabia que eu estava lá porque queria ajudar. Disse-me que da próxima vez seria melhor eu ficar e conseguir a ajuda, ainda que alguém que eu goste esteja no prédio.” Ele tragou forte.

Embora aliviada por ele não ter sido severamente repreendido, o fato de ele ter perdido a compostura por causa dela e ignorado o procedimento a preocupava.

A raiva tomou conta segundos mais tarde.

“Eu não ajudei ninguém a sair e essa é a única coisa que os bombeiros fazem.” Ela odiou sua fraqueza.

“Você advertiu as pessoas, mandou alguém ligar para 9-1-1 e tentou apagar o fogo. Você foi atingida por uma explosão, bateu no andar de baixo, bateu sua cabeça, e inspirou muita fumaça. Como você poderia salvar qualquer um quando com tanto acontecendo com você?”

Ela calou a tristeza que tentava emboscar. “Você está certo. Atualize-me com o que aconteceu no resto da noite na boate.”

“Dúzias de pessoas ficaram feridas, mas ninguém mais morreu exceto a mulher que caiu da escada.”

“Graças a Deus. Tudo isso poderia ter sido muito pior.”

“A polícia apareceu ou os investigadores de Incêndios?”

“As duas equipes foram nesta manhã. Depois que eu disse a eles o que vi e ouvi, eles pareceram intrigados. Mas não me diriam nada do que suspeitam.” Ela parou e respirou fundo. “Alguma pista sobre quem começou o fogo?”

Jack puxou uma cadeira e sentou. “Os investigadores de Incêndios estavam na cena esta manhã. Eu posso confiar em você para manter isso debaixo das cobertas, certo?”

“Claro.”

“Eles acham que foi um Coquetel Molotov lançado pela janela do banheiro no primeiro e segundo andares. O problema duplo veio quando o incendiário lançou outro Coquetel pela janela do quarto de armazenamento. Caiu perto de um pouco de acetona guardada lá. Isto, mais um monte de produtos de papel e jornais na área de armazenamento, causaram a explosão e a movimentação rápida do fogo.” Sua fechada expressão ficou mais vaga. “Este deixou todo mundo assustado. Inclusive eu. Quando ouvi aquele alarme ontem à noite no meu rádio e sabia que você estava ainda naquele prédio—”

Ela esperou, observando a incerteza e as lembranças angustiantes cruzarem as feições dele. Um rubor cobriu a face e ele parou. “Eu preciso ir, Autumn. Eu quis parar no caminho do trabalho e ver como você estava.” Ele traçou a bochecha dela com o dedo indicador, então beliscou seu nariz. “E se eu escutar que você deixou esta cama antes de estar oficialmente liberada vai haver um inferno a pagar.”

Ela piscou. “Eu já estive no inferno. Não gostei da paisagem.”

Uma risada pequena, relutante veio da garganta dele. “Eu não estou brincando, Autumn.”

“Então como você acha que me manterá aqui se eu não quiser ficar?”

Ele colocou as mãos ao lado da cama e se debruçou próximo. “Eu tenho meus métodos.”

Seu odor masculino atraente invadiu os sentidos dela e a impediu de pensar claramente.

“Como o que? Bitsie tendo que me manter sob prisão domiciliar?”

Um superaquecido olhar de Jack deslizou sobre seu corpo em um descarado, sem desculpa inspeção.

“Prisão domiciliar. Esse é um conceito interessante. Acho que poderia ser assim. Talvez eu pegue emprestadas algemas de um dos meus amigos policiais.”

Era território perigoso, mas ela não podia resistir. Ela alcançou e esfregou os dedos pelo ombro dele. “Depende do seu conceito de prisão em casa.”

“Você,” ele suavemente murmurou, sua voz grossa com a tensão sexual, “amarrada na minha cama.”

Um rubor encheu o rosto dela e se curvou pelo corpo até que serpentearam duro e quente entre suas pernas. “Você gosta de *bondage*?”

“Você gosta?”

Sua palma alisou o ombro dele novamente. “Isto não é uma resposta, Jack.”

Ele se debruçou para baixo e sussurrou, “eu mantereí mistério até que nós possamos ficar juntos.”

Pequenos arrepios de excitação atravessaram seu estômago. “Eu sinto muito por nós não termos podido conversar mais ontem à noite.”

“Não tente mudar o assunto.”

“Eu acho que o que nós estávamos conversando é território perigoso, Jack.”

“Eu gosto de perigo. Eu sou um bombeiro.”

Ela abafou uma risada e, ao invés, deu a ele um grande sorriso. “Com um ego, também.”

“Mesmo tipo de ego que você tem. Você sabe que precisa para ficar viva em uma situação ruim. Você não tem medo.”

“Qualquer bombeiro que não respeita nem teme o fogo é um idiota.” As memórias da noite anterior apertaram a garganta dela.

O olhar dele se tornou gentil. “Você está certa. A coragem é boa até certo ponto, exceto quando se transforma em estupidez. Estou contente por você saber a diferença.”

“Da próxima vez eu gostaria de chutar a bunda do fogo ao invés de estar do outro lado.”

Seu olhar ficou doloroso, como se ele imaginasse uma dúzia de cenários ruins, tudo de uma vez. Naquele momento outra onda de remorso e tristeza a atingiu. Droga, ela retornaria a ser bombeira um dia.

Os lábios dele se apertaram, mas ele não saiu de perto dela. “Você tem um joelho ferrado.”

Ela ousou olhar nos olhos dele e, lá viu um desafio. “Os médicos de Denver disseram que existe uma grande chance que eu recupere toda a força e mobilidade no joelho. Não ficou nem danificado ontem à noite.” Quando ele não disse nada, ela continuou. “Eu era uma boa saltadora.”

“Nunca disse que você não fosse.” Depois de uma pausa ele disse, “Você também tem trinta e quatro.”

Autumn sabia que ele não a estava pondo abaixo, mas ela não gostava de pensar que a idade a impediria de continuar a ser saltadora de fumaça. “Eles não vão colocar você para pastar quando atingir trinta e quatro, não é?”

“Não, claro que não. Mas em se tratando de contratação, eles olharão para sua idade como um lado negativo. Certo ou errado é isso que eles farão.”

A dor da realidade não pararia. “Eles estão errados.”

Ele se endireitou e enfiou uma mão por seu cabelo. A luz da janela lançava partículas vermelhas e douradas para fora da superfície do cabelo e, ela quis alcançar e correr seus dedos por ele.

“Nós podemos conversar sobre isso mais tarde?” Sua voz foi calma. “Eu chegarei atrasado.”

Ela conteve a vontade de pressionar o assunto e forçou um fraco sorriso. Novamente, ele se apoiou na cama, apoiando suas palmas no colchão. “Eu pude ver Elliott claramente nos dando maus olhares do outro lado da boate ontem à noite. Eu acho que ele não queria alguém se intrometendo no território dele.”

Indignada, ela se arrepiou. “Elliott não tem direitos sobre mim. Ninguém tem direitos sobre mim. Ele simplesmente acabou por estar na boate.”

O olhar dele avaliou o rosto dela por um longo tempo. “Eu gosto disso em você, Autumn. Sua independência é uma coisa boa.”

“E ainda sim você quer me amarrar na cama.” O calor encheu seu rosto com chamas mais quentes do que a chama na boate, na noite anterior. “Eu quero dizer, me manter sob prisão domiciliar.”

O sorriso dele cresceu partes iguais de diversão e interesse sexuais claros, a fez querer se contorcer. “Eu adoraria discutir esta idéia interessante um pouco mais. Eu trarei o assunto de volta da próxima vez em que a vir.”

Antes que ela pudesse tomar fôlego ou perceber a intenção dele, ele cobriu sua boca com a dele.

Os lábios macios de Jack pareciam mornos, ternos, e impossivelmente bons. Ele se afastou ligeiramente, e ela sugou uma respiração para encontrar de volta a orientação.

“Por que, senhor, você me pega de surpresa,” ela murmurou, seu coração trovejando. “Sim?” Intenção e restrição batalhando nos olhos dele. “Bem, se você acha que isso é ficar surpresa, experimente isso.”

Ele a beijou novamente, desta vez aumentando do simples ao sensual em um milissegundo. Lenta e gentil, sua língua traçou os lábios dela, então a invadiu por um

segundo para acariciar sua língua. Até deitada em uma cama de hospital, ela se doía para ter qualquer coisa com ele.

Ele recuou, levantando-se em uma respiração profunda. “Preciso ir. Eu conversarei com você logo.”

Quando a porta fechou, ela sorriu.

Autumn lembrou a intimidade deles em sua mente uma dúzia de vezes, fechando os olhos e saboreando sensações de derretimento mais uma vez. Fantasiava sobre o que teria acontecido se eles tivessem fodido no armário na noite anterior. Não teria demorado muito para que tivesse tirado os sapatos, a meia-calça e a calcinha. Nos olhos de sua mente ela permitiu que o argumento se fortalecesse. Mergulhou no reino de fantasia do armário.

Ele a erguia contra a parede, sua força causando novos arrepios de excitação dançando em seu estômago e caminhando diretamente para a vagina. Segundos mais tarde o pênis dele deslizava entre os lábios de sua vagina e com um empurrão forte, ele o empurrava para dentro. Oh. Oh, isto é bom. Ele recuava o suficiente para provocar, o pênis tão grosso e longo esfregava ao longo das superfícies da sensível vagina com cada movimento. Golpeando, empurrando dentro dela com estocadas gentis, o pênis dele esfregava contra um lugar especial bem no fundo.

Ela se afogou na fantasia, desejando estar em qualquer lugar menos uma cama de hospital, assim, podia apagar o fogo.

Seus olhos estalaram abertos.

Aceite, Autumn. Você quer o homem, e você o quer demais.

Quando fechou os olhos, imaginou o pênis dele rígido e profundo em seu centro, ela banuiu todas as imagens da noite anterior que ameaçavam assombrá-la.

* * * *

Estação Um zumbia em atividade. Jack ouvia os homens ao redor dele discutindo teorias sobre o incêndio da noite anterior. Direcionou-se energeticamente para seu trabalho, tentando esquecer Autumn deitada na cama do hospital. Tentava esquecer o terror de parar o coração que rastejava por ele sempre que pensava em perdê-la para o fogo.

Conforme Jack se sentava à mesa para a refeição do meio-dia, Hank fazia hambúrgueres de carne de boi, hambúrgueres de soja para os que queriam e batatas fritas.

Emoções primárias corriam ao redor de sua psique, ameaçando afetar seu trabalho, e ele não gostava daquilo. Afeto por Autumn. Verdadeira preocupação. Completa luxúria de todos os tipos.

Quando a beijou nesta manhã, se entregara à luxúria e a uma feroz necessidade de protegê-la que não pôde ignorar. Ele era sortudo por ela não o ter acertado na cabeça com uma comadre. Por outro lado, sabia que ela só queria uma relação física com ele.

Ela cederia à luxúria mútua no armário.

Hank cutucou Jack com o cotovelo e Jack percebeu que tinha estado olhando fixamente para o espaço vazio com um sorriso imbecil no rosto.

“Os garfos ficam do lado esquerdo,” Hank disse.

Jack sorriu e colocou aleatoriamente o utensílio na mesa longa. “Como se alguém aqui ligasse o mínimo pra que lado os garfos ficam.”

Hank retornou ao fogão, agarrando uma espátula e sacudindo um hambúrguer. Jack podia sentir o fixo olhar chato do amigo pelas costas.

Jack fez bagunça com o porta-guardanapo e o saleiro. “O que você está encarando?”

Hank sentou em uma cadeira de plástico duro. “Eu quero saber o que está te consumindo. Autumn está bem?”

“Ela está ótima considerando o que passou ontem à noite. Está tentando agir como que ficando quase assada não fosse nada demais. Muita coisa aconteceu com ela desde que voltou para Clifton.” Ele suspirou grosseiramente. “Ela podia ter sido morta.”

“É essa a razão pela qual você anda parecendo um zumbi com aparência de mal-humorado?”

“Não exatamente. Eu tenho uma sensação estranha sobre esses incêndios. Algo que eu não posso pôr o meu dedo suficiente. Está me deixando louco.”

O Bigode espesso de Hank se contraiu e ele correu uma enorme mão pela cabeça calva. “Não, eu não acho que seja isso. Eu acho que você tem um grande queda por Autumn e não está gostando disso nem um pouquinho.”

Pego em flagra.

O estômago de Jack torceu. “O que você é agora? *‘Dear Abby?’” Um dos hambúrgueres no fogão começou a fazer um selvagem chiado e Hank se apressou para virá-lo.

“Ginger está me ensinando a alcançar meu lado feminino.”

Jack desatou numa risada.

Antes que pudessem dizer qualquer coisa mais, o alarme da estação soou. Jack e Hank trocaram olhares. Depois o centro de expedição deu o endereço e tipo de telefonema.

Incêndio de cozinha.

O alívio deslizou por Jack. Não que ele quisesse que a cozinha de alguém queimasse, mas por uma fração de segundo ele viu aquilo nos olhos de Hank também. O incendiário os tinha pela garganta, assustados e incertos. Jack odiava aquilo.

Hank desligou o fogão e os dois se apressaram para os carros, juntando-se ao resto da equipe na parte de cima.

Quando Jack e Hank passaram o primeiro carro pela porta, Hank gritou e bateu a mão contra a cadeira na frente dele. “Bolas para a parede, meninos!”

* * * *

Cherry passava o aspirador de pó no tapete, os dentes cerrados em uma muda raiva, perguntando-se por que destino não deu a ela o que procurava. Autumn MacAllister parecia ter mais vidas que um gato. Cadela.

Cherry girou o botão do aspirador para nível alto e deixou o rugido e a vibração falarem por sua frustração. Empurrou o limpador de um lado para outro sobre o chão da cozinha próxima, perguntando-se por que sequer se importava. Não é como se Jack algum dia fosse ver esta cozinha. Não que ele fosse colocar o pé em uma imundice como aquilo ali. Ela precisava de dinheiro para se mudar deste buraco e achar um apartamento de primeira onde Jack não se importasse em passar o tempo.

Se Autumn tivesse morrido no incêndio teria simplificado as coisas. Mas não. Jack tinha que puxar o traseiro de Autumn para fora das chamas.

Quando Cherry não viu George em lugar nenhum, olhou pela multidão, na esperança que Jack estivesse lá. Foi quando viu Jack levando a cadela para fora do edifício. Neste minuto sentiu uma nova fúria e um novo ódio. Aquilo queimava internamente agora tanto quanto tinha queimado na noite anterior.

(‘Dear Abby’ é uma coluna de conselhos criada na década de 1950, em vigor até hj, com os direitos autorais entregues à filha da mulher que a iniciou.)

Então, Autumn não se transformou em carne torrada. Talvez, só talvez, qualquer outra coisa estivesse errada com ela. Tinha sangue em seu rosto ontem à noite. Cherry ligou para o hospital naquela manhã, disfarçando a voz e se dizendo ser uma repórter que estava verificando a condição de Autumn. Eles não deram nenhuma informação.

Quando George não voltou para casa na noite anterior, ela se perguntou se a traseira dele tinha cozinhado no fogo. Ainda bem. Ela poderia lançar as coisas dele na calçada para o coletor de lixo de manhã. Ela sentiu uma perda estranha pela idéia. Um formigamento, um estranho sentimento inquieto a fez querer gritar.

Uma mão segurou em seu ombro e ela gritou.

Ela estremeceu a boca escancarada. Quando viu quem estava lá, desligou o aspirador e quase o tacou na cabeça dele. George estava com os cabelos emaranhados, olho vermelho e boca sem energia, olhava para ela como se ela pudesse ter caído sobre a Terra, de outro planeta.

Ele amaldiçoou. “Onde você estava ontem à noite? Para onde você foi depois da briga, heim? Eu esperei por você. Então a droga do lugar pegou fogo como um palito de fósforo.”

Ele cheirava a cerveja velha e suor e Cherry franziu seu nariz em desgosto. “Não é da sua conta.”

Por um segundo ela pensou que ele poderia arrastá-la e estourá-la. Ao invés, ele soltou seu aperto no ombro dela e a olhou com interesse de bêbedo. “E você não está nem aí para onde eu estava não é?”

Ela quis chutá-lo para fora do apartamento e mandá-lo arrumar uma nova vida sem ela. “Francamente, não.”

George caminhou para a geladeira e olhou para dentro. “O que? Nenhuma cerveja?”

“Você já teve suficiente cerveja para afogar um elefante. Vá dormir fora.”

Em vez de concordar, ele marchou adiante até que a imprensa contra o balcão da cozinha. “Eu poderia ter sido frito como uma galinha e você teria rido por todo o caminho até o bordel, certo?”

Ele pressionou o quadril contra a barriga dela, deixando-a sentir sua ereção volumosa. Incrível.

Este homem podia levantar aquilo até com suas células do cérebro um quarto mais devagar.

Estranhos espirais de desejo dançaram em sua região lombar e Cherry o quis com uma súbita, doente necessidade que a surpreendeu quase tanto ao pênis de George. Ela hesitou. Ela podia deixá-lo com o resto da sujeira da cozinha. Ou, podia fantasiar que ele era Jack Dillon.

Sim.

Os olhos de George cintilaram com feroz atenção e ela não gostou do modo que ele a olhou. Algo estava errado... estranho. Mas então, ele agarrou seu cabelo, puxou sua cabeça para trás e a beijou e, ela não se importou mais.

* * * *

Enquanto dormia, incêndios ganharam vida nos sonhos de Autumn. Memórias em brasa caíram em sua memória; Imagens selvagens, deslocadas e cheias de caos. Então o sonho pulou para o fim de sua carreira de bombeiro.

Saltando do avião, seu coração bombeou com a emoção do mergulho, Autumn sabia que a excitação de saltar de pára-quedas combinava com a realização de que destruiria o fogo. Puxou as cordas na calha para alinhar com a área de salto. Um vento poderoso a atingiu de lado, empurrando-a para a esquerda e puxando seus músculos do ombro conforme a calha trançava e se enrolava.

O pânico apertou sua garganta quando a calha amassou, não mais um instrumento de salvamento, mas o instrumento de sua morte. Ela submergiu um grito rasgando de sua garganta quando lutava para endireitar a calha. Então ela viu Derek, seu parceiro de salto, deformado pelo mesmo vento. Ele nem sequer lutava, não tentava endireitar a calha. Que diabos estava errado com ele? Eles estavam caindo.

Morrendo.

Ela gritou.

Quando se sentou ereta na cama, o coração esmurrava como louco, a porta do quarto abriu de supetão. Ela se impulsionou pela surpresa quando uma silhueta masculina encheu a porta. “Autumn? Está tudo bem com você?”

A calma preocupação na voz de Jack cancelou o choque que ela sentiu por seu aparecimento. “Jack? O que você está fazendo aqui?”

Ela agarrou a luminária do lado da cama e a acendeu, inundando o quarto com uma suave iluminação.

Ele fechou a porta. Permaneceu na entrada, o cabelo arrepiado, olhos sonolentos, camisa aberta e solta. “Eu ouvi que você gritar.”

A sobrançelha parecia enrugada e tensa, mas sua preocupação não tirou o embaraço dela. “Sonho ruim.”

Sem vacilação, ele se sentou na extremidade da cama e, o coração dela começou a saltar. Ela se sentou ereta, bem ciente de sua aparência desarrumada. Autumn empurrou uma mecha de cabelo para longe do rosto. O olhar dele viajou pelo rosto dela e, ela se pegou o avaliando, também. A atenção enlaçada na camisa aberta dele e no musculoso tórax borrifado com pêlos loiros que se arrastavam até cobrir o rígido, duro abdômen. Mesmo tendo sentido sua força, ver toda aquela incrível musculatura nua a fez corar em desejo. Queria alcançar e tocar aquela expansão maravilhosa de músculos. Ela olhou.

Oh, Deus, Autumn, o que você está fazendo? Se segure, ou ele vai saber o que você está pensando.

“O que você está fazendo aqui?” Ela perguntou.

“Eu parei em casa a caminho do trabalho. Você já estava dormindo.”

“Veio para casa do trabalho? Eu pensei que você estivesse em um turno de vinte e quatro horas.”

“Eu estava, mas o Chefe disse que eu parecia o inferno e devia vir para casa mais cedo. Mamãe e eu estávamos conversando sobre o incêndio da boate e eu adormeci no sofá.” Sua boca se curvou em um sorriso. “Acho que ela colocou um cobertor em mim.”

“Eu achei que você parecia um pouco cansado outra noite quando estávamos dançando. Eu quero dizer, você estava dançando como um demônio, mas eu senti que podia descansar um pouco.”

“Um demônio, é?”

“Eu não sabia sequer que você podia dançar assim.”

Ele virou a cabeça para o lado um pouco. “Como o que?”

“Sabe. Rápido. Como um daqueles homens em uma competição de lambada.”

Jack riu. “Você acha? Eles ainda têm aquelas competições?”

Ela encolheu os ombros. “Eu não achei que dançar assim era seu estilo.”

Lá vai você. Insulte-o, por que não?

Sorte dela, Jack não parecia afrontado. “Depois que você deixou Clifton e eu achei minha segunda inclinação, tive algumas lições de dança para não ser tão malditamente desajeitado.”

“No segundo grau?”

“Incrível, eu sei. Depois que eu perdi algum peso, as lições pararam.”

“Então foi assim que você conseguiu aqueles movimentos, é?”

“Quais?”

Ela viu a provocação em seus olhos e quis beijá-lo. “Você sabe do que eu estou falando.”

“Gosta deles, não é?” Sua pergunta rouca a pegou fora de guarda.

“Bem, claro. Você é um grande dançarino.” Ela decidiu que devia se afastar das visões dos quadris de Jack batendo e esfregando conforme o pênis dele alimentava sua vagina. “Um... de volta à sua necessidade de férias. Se você trabalha demais, pode fazer mal a saúde, cometer enganos no trabalho, você sabe.”

“Foi isso que o Chefe disse quando sugeriu que eu pegasse leve por uns dias. Disse-me para considerar a saída como licença médica.”

“Quando foi a última vez que você teve férias?”

“Por volta Natal do ano passado.”

Uma nova preocupação empurrou as imagens do pesadelo de sua mente. “Você está queimando?”

A relutância endureceu a boca dele e ela se perguntou se o empurrara longe demais. “Não.

Eu tive dificuldades, ultimamente, para dormir. Sonhos. “Pesadelos.”

A preocupação a fez se inclinar adiante. “Sobre que?”

“Antes? Principalmente os esforços de recuperação do Onze de Setembro. Desde que você voltou para cidade, eu tenho sonhado com a noite da morte do meu pai. A noite que seus pais morreram.”

“Oh, Jack. Eu sinto muito.”

Ele virou um pouco mais em direção a ela. “Eu não culpo você. Mas te ver novamente trouxe de volta antigas lembranças.” Seu olhar se intensificou e, ela podia jurar ter visto mais do que luxúria espreitando lá. “E antigos sentimentos.”

“Ruins?” Ela conseguiu perguntar em meio à secura na garganta.

“Alguns. Mas isso não pode ser evitado. Na maioria bons sentimentos sobre quanto eu te devo por mudar minha vida.”

A gratidão dele fez suas bochechas aquecerem. “Não, Jack. Por favor, não.”

Ele colocou a palma da mão sobre o outro lado das pernas dela e, a posição íntima lembrou-a de como ele invadiu seu espaço no hospital. “É tudo verdade. E eu irei sempre me lembrar disso.”

Ela levantou um suspiro e pôs a mão no rosto por um segundo.

“Quer conversar sobre seu pesadelo?” Ele perguntou antes que ela pudesse responder a última declaração.

“Não.”

“Você se sente bem?” A voz dele aqueceu com uma qualidade tão atenciosa que a transformou numa consistência cremosa como marshmallow.

Deus, aquele homem podia ser tão doce que a fazia sentir dor. “Eu estou muito melhor. Mas você perguntou isso a Bitsie, não é?”

“Boa suposição.”

“Eu tenho algumas dores e tosse ocasional.”

“Se essa tosse não desaparecer até amanhã à tarde, volte ao médico.”

Ela fez continência. “Sim, senhor.”

“Agora me conte o pesadelo.”

“Não.”

Ele cruzou os braços e fez uma carranca falsa. “Se você não me contar, eu não faço a entrevista sobre minhas experiências em Nova Iorque.”

Ela xingou. “Isto é chantagem.”

“É justo.”

“Eu devia —”

“O que você vai fazer? Amarrar-me na cama e me torturar pelas informações?” Ele perguntou.

Imagens cruas e eróticas giraram por sua cabeça como um tornado. Ela abriu a boca, pasma. Ele deveria ser fantástico nu, esparramado na doce glória para ela atormentar da forma que escolhesse.

Quando ela não parecia poder formar uma frase coerente, Jack riu. E riu.

“Fique quieto. Sua mãe vai achar que nós estamos fazendo uma festa aqui,” ela disse.

Ele abafou a risada, mas manteve o sorriso impenitente. “Você me conta o pesadelo e, eu te contarei sobre Nova Iorque quando você vier para fazer a entrevista.”

Ela cruzou os braços desta vez e parecia estar de cara amarrada. “Nada disso. Você me conta sobre Nova Iorque, então eu abrirei o pesadelo.”

Por um segundo ela pensou que ele poderia discutir, mas para sua surpresa, ele disse “Certo. Mas se você faltar com a palavra, eu tirarei as informações de você de uma forma ou de outra. Você sabe disso, não é?”

“Eu só posso imaginar.” Determinada a desviar-se das brincadeiras atadas às insinuações, ela direcionou um assunto diferente. “Eu dei a Artemis uma entrevista por telefone hoje mais cedo sobre o incêndio, entretanto Elliott me chamou e disse que Artemis destruiu a história. Então eu mandei para ele uma nova história por e-mail.” O rosto dele ficou duro como mármore. “Elliott te fez trabalhar hoje?”

“Não é grande coisa. Foi uma das histórias mais fáceis que eu fiz e, a maior parte das entrevistas foi Artemis quem fez. Uma história combinada, na verdade. Artemis está conseguindo créditos comigo na assinatura do artigo.”

A boca de Jack afinou em desgosto.

“Deixou-te bravo ele ter me pedido para trabalhar?” Ela tinha que saber o que sua expressão significava em lugar de só imaginar. Tocou a mão esquerda dele, a palma da mão para baixo, ainda apoiada na cama. “Você é um ótimo cão de guarda, mas eu estou bem. Eu posso cuidar de mim mesma.”

Ele sorriu a tensão escapando. “Eu sei. Eu estava... preocupado.” Seu olhar sacudiu de cima abaixo o comprimento inteiro do corpo dela. “Se eu for o cão de guarda, quem vai te proteger de mim?”

Sua pergunta a lançou em um loop e, ela não pôde pensar ou se mover. “Jack... eu...”

Ele se debruçou mais perto. “Outra coisa está aborrecendo você. O que é?”

Autumn sugou uma respiração funda, seu coração parecia extraordinariamente pesado. Uma imagem daquela mulher caindo dos degraus, tombada de cabeça. “Droga.”

Jack esfregou os dedos sobre sua bochecha. “Converse comigo.”

As lágrimas surgiram em sua face. Droga, ela não queria isso. Não permitiria isto. “Não é nada.”

“Sim, tem alguma coisa acontecendo com você. Derrame tudo.”

Ela sugou um estremecido fôlego. “Eu não preciso de você para cuidar de mim, Jack. Não tenho necessidade que ninguém me trate como um bebê, ou me analise, ou...”

O que? Ela não sabia.

Quando o olhar dele demorou nela, os olhos dele se encherem com uma ternura que ela nunca tinha notado antes, ela sentiu a represa começar a romper. As lágrimas surgiram pairarem na extremidade dos olhos e ameaçaram estourar.

“Eu não vou fazer isto,” ela sussurrou, lutando por controle.

“O que?” Sua voz ficou profunda, rouca com gentileza. Ele esfregou os dedos ao longo da linha da mandíbula dela, como se memorizando a forma. “Se importar com as pessoas? Lamentar?”

Ela não queria ouvir aquilo. Talvez o único modo para ele parar fosse —

Ela o alcançou, puxou-o mais perto e seus lábios se encontraram. A boca dele conquistou a sua imediatamente, a língua mergulhava e roçava a dela com profundas, famintas estocadas. Ela lutou por controle, empurrando sua língua na boca dele. Ele gemeu forte no peito e, então seus braços vieram envolta dela, seu abraço firme e certo.

Suas bocas se entrosaram urgentemente, o severo som da respiração acelerada em suas orelhas.

Autumn ansiava a conexão deles numa intensidade de tirar o fôlego. Quando ele se puxou de volta do beijo, ela gemeu, “Não.”

Ele a pegou em seu olhar, a cor tão profunda e a hipnotizando à meia luz. As mãos envolvendo os ombros dela e ao redor das costas. Sem falar, ele a puxou para mais perto, seu corpo descendo próximo ao dela. Sua forma muscular parecia tão boa, tão masculina.

Ela amou quando os músculos se amontoavam e trançavam como suavidade moldada junto com a dureza. Dúvidas e preocupações— seu sempre presente consideração por ela—alterava suas feições em preocupação. A luz nos olhos dele a aproximava das emoções que ela não queria reconhecer. Calor e carinho ardiam em raiva do lado de dentro. Atração era uma definição incompleta. Ele forjou um desejo quente tão contido que ela se perguntou se queimaria no fogo dele. Emoções ameaçavam aparecer e, a pressão parecia enorme.

Não. Ela não queria pensar. *Por favor, só me deixe apreciar este momento. Só este.*

Sem outras palavras, ele a beijou. Quando suas línguas se acariciaram e alisaram, calor lutou em sua barriga. Quando ele a apertou perto ela sentiu a dureza insistente de sua ereção. Sim. Sim. Eles continuariam de onde pararam no armário. Ela não queria preliminares.

Não precisava disto.

Jack empurrou para cima a fina blusa de dormir de algodão. Querendo o toque dele, ela se arqueou quando ele envolveu seu seio direito. Sua língua mergulhou no fundo da boca dela tão carnal e rítmica quanto seu pênis nas profundidades quentes, molhadas da feminilidade dela. Ele soltou o seio, seus dedos esfregavam o mamilo. Ela ofegou em sua boca quando estremeceu em reação.

Novamente e mais uma vez, ele arrancou e arranhou sua carne despertada. Dolorida pela vontade, ela se curvou contra ele.

A boca dele saboreando a dela ternamente com um beijo rápido e então outro. Ele trabalhou a mão para baixo, na barriga dela. Cada toque suave fazia seu tremor. Um dardo de poderoso desejo a pressionou a agir mais rápido, ser ambiciosa com a paixão. Os dedos grossos trabalharam debaixo do cós de sua calcinha. Ela ofegou quando seus dedos esfregaram os íntimos cachos.

O calor inundou Autumn quando ela avidamente aceitou a punhalada de seus dedos nas suaves dobras. Ele aliviou fundo com dois dedos, penetrando e retrocedendo. Escorregadia e inchada com a excitação, ela estremeceu em prazer.

Ela gemeu numa suave felicidade de roubar o fôlego quando a língua dele cobriu delicadamente seu mamilo.

Suavemente ele continuou a empurrar dentro dela, então retirou para provocar o broto no topo de seu sexo. Seus quadris se moviam numa dança arrojada que mexeu os dedos dele num movimento mais rápido. A respiração dela acelerou quando ela levantou mais alto e mais alto na estratosfera. Os dedos esfregaram e a persuadiram em um estado tão forjado de excitação ela não sabia quanto tempo mais podia resistir àquilo.

O doce prazer à fez selvagem por mais. Sentia-se como nunca tivesse sido tocada antes, como se nunca tivesse conhecido as carícias apaixonadas de um homem. Quando ele chupou profundamente seu mamilo, ela abafou um grito, lembrando que Bitsie dormia no hall do piso de baixo.

“Shhh.” Ele sussurrou em sua orelha e então ele a libertou o suficiente para se sentar de volta em seus sapatos.

Os olhos do Jack estavam quentes; Ela nunca o tinha visto assim antes. Ele segurou seu olhar quando agarrou o cós de sua calcinha e a levou abaixo de seus quadris, abaixo das coxas, então abaixo dos tornozelos. Quando ele a lançou longe, sua semi-nudez parecia decadente, incrível. Proibida. O olhar dele caiu em seus seios e ela se ergueu para cima o suficiente para deslizar a blusa de dormir pela cabeça. Uma dor impaciente pulsava no centro dela e, ela não podia esperar mais para sentir seu comprimento apertando fundo. O pênis dele se apertava duro no zíper e ela o agarrou, querendo aquela dureza contra sua palma.

Ele pegou seu pulso. “Nós não temos preservativos.”

“Eu estou usando pílula e sou saudável.” Ela o levou para baixo até que descansou entre suas coxas.

Jack se escorou nos cotovelos, assim podia olhar sobre ela. “O departamento nos testa. Eu sou saudável, também.”

A deliciosa fricção a fez se contorcer, mudar o peso de lado. Deus, ela não podia agüentar aquilo. Precisava ter mais. Mais.

Ela murmurou “Jack.”

Um feroz calor encheu os olhos dele. “Agora.”

“Sim.”

Ela alcançou entre os corpos e o ajudou a abrir a calça. Momentos mais tarde ele guiou a mão dela para seu excitado pênis. Quando ela apertou sua carne quente, a respiração assoviou. “Deus, Autumn.”

Ela amou a honesta reação dele e, assistiu seus olhos fecharem quando ela explorou seu pênis com golpes lentos, fixos. Seu comprido, espesso pênis crescia mais na mão dela. O doce, dolorido desejo cresceu dentro do corpo dela com cada golpe certo que ela dava nele.

“Por favor, Jack. Agora.” Ela reconheceu a fome em sua voz, a crescente frenética ânsia de se agarrar ao momento.

Sem outras palavras, ele a beijou profundamente. Ela envolveu as pernas ao redor dele, os braços sobre o pescoço, suas coxas embalando os quadris dele. Segundos mais tarde o pênis esfregava as dobras internas dela quando as encontrou. Pressionou. Deslizando lentamente para dentro. A carne se separava continuamente enquanto ele forçava um caminho. Ela gemeu em sua boca quando ele empurrou com força, assentando o resto de sua carne quente, até a base. Ela se contorceu em alívio, profundamente empalada. Seus quadris se moveram quando ela o encorajou a começar o movimento que os levaria ao limite. Descuidados por tanto prazer, ela mergulhou diretamente no fogo. Tinha esperado muito tempo para sentir isso com ele, para experimentá-lo.

Conforme os beijos dele elevavam seu calor, ele começou a se mover, suas estocadas se equilibraram conforme tirava e depois se dirigia ao fundo dela, com calculadas

bombas de seus quadris. Autumn resistia contra ele, querendo alcançar a planura e esquecer qualquer coisa além desta união física. Ela se torceu, contorcendo-se debaixo de seu corpo, dirigindo-se para aquele pináculo final. O desejo gritava através dela quando Autumn fechou os olhos e tentou se concentrar nas sensações construídas com incrível rapidez. Ela queria que ele movesse mais rápido, que a levasse para um lugar onde ela nunca tinha ido. Ele gemeu baixo quando diminuiu a velocidade de seus golpes.

“Não,” ela ofegou. “Mais rápido.”

Ele sorriu e manteve a tortura extraordinariamente lenta. “Calma, querida.”

Ela choramingou novamente e fechou os olhos, incapaz de agüentar o modo com que ele sorriu tão certo, tão disposto a mantê-la agarrada a um estreito limite. Só no fogo do clímax ela iria encontrar a paz.

Ela agarrou seus ombros, tentando chegar às alturas. Cada estocada do membro em seus tecidos sensíveis causava um gemido suave que separava os lábios. Ela não se importava mais se alguém a ouvia.

Tempo passava conforme ele se recusava a permitir que ela chegasse à finalização. Como se sentindo a urgência dela e, perdido em sua própria agitação furiosa, ele empurrou mais forte até que o passo ficou implacável, uma ardente aderência.

Quando seus lábios se firmaram ao redor de um mamilo e ele esfregou impiedosamente seu pênis ao longo dos tecidos sensíveis e depois apertou adiante, golpeando um lugar dentro dela tão satisfatório, que ela pensou que explodiria. Gritou suavemente quando as estocadas regulares aumentaram, as paredes de sua vagina pulsavam sensíveis em direção ao clímax quando as poderosas estocadas de Jack se intensificaram. Arqueando, tremendo sob o ataque devastador, ela voou diretamente para o inferno. Ela abafou o prazer no ombro dele, friccionando seus dentes quando os espasmos se libertaram. O orgasmo se lançou por ela e, ela ofegava e estremecia pela extraordinária felicidade.

Jack se descolou dela. Ele desceu as mãos em baixo das nádegas dela e as agarrou com firmeza enquanto a fodia com um abandono feroz.

Outro orgasmo cresceu no centro dela e ele a levou diretamente às alturas. Cobriu a boca dela com a sua e os dois gritaram juntos. Ele gemeu duramente quando gozou dentro dela uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. Seu corpo inteiro sacudiu.

Ele soltou a boca dela, arfando, seu corpo estava trêmulo pela experiência. Abriu os olhos e ela viu mais do que esgotamento sexual, mais que um violento prazer. Emoções giraram por dentro com tanta força, que lágrimas vieram aos olhos. Deus, o que ela estava sentindo? Por quê?

Tudo que tentara conter ameaçava ser despejado em um jorro de bagunçadas, e complicadas palavras, declarações impulsivas.

A coisa que ela mais queria que não acontecesse estava acontecendo, varrendo-a com emoções misturadas que ela não podia entender. Não queria saber.

Ele sorriu. “Ei.”

Ela não podia falar. Não podia responder àquele sonolento, mas ainda sim, intenso prazer e a ternura que ela viu no rosto dele. Quando ele rolou ao seu lado e tentou arrastá-la para seus braços, ela se apavorou e se puxou de volta.

“O que houve?” Ele suavemente perguntou a preocupação clara na voz, estacas nos olhos.

“Nada. É só...”

Ele esfregou os dedos pelo rosto dela e a olhou profundamente nos olhos. “Autumn, esse foi o melhor sexo que eu já tive na vida. Incrível. Você é incrível. Eu...”

Ele ficou mudo e ela podia ter jurado que viu perplexidade em seu olhar, como se ele tivesse descoberto algo sobre si próprio que não sabia antes. Ele quase a matou de susto.

Quando ela rolou para longe dele e se cobriu com as cobertas, ele não tentou tocá-la e, conforme os minutos passaram, ela escutou a calma respiração dele.

“Autumn, o que está errado? Eu machuquei você?”

“Não.”

“Então o que é?”

“Nada está errado.” Ela sentiu lágrimas pressionando forte, ameaçando, exigindo atenção. Quando ela falou a dor em sua garganta era tão forte, que ela achou que poderia sufocar naquilo. “Nós podemos simplesmente deixar isso da maneira que é? Um bom momento.”

Ele a agarrou então, puxando-a para perto dele, de forma que ela foi forçada a examinar a profundidade de seus olhos preocupados. “Sim. Um bom momento.”

A voz dele soou duvidosa, como se ele quisesse expressar mais, entender o que motivou ambos.

Então uma nova emoção brilhou pelo rosto de Jack, um fechamento de emoções que ela não queria ver, mesmo que fosse o melhor. “É melhor eu ir.”

“Sim.”

Ele reorganizou rapidamente a roupa, e até o que ele fez, ela achou que era a coisa mais sensual que ela já vira na vida. Novamente as lágrimas surgiram em seus olhos e ela lutou para mantê-las do lado de dentro. A vista nadou quando ela respirou fundo.

Quando ele colocava os sapatos, disse “Te vejo em breve.”

Ela se virou, afundando nas cobertas mais uma vez, rastejando em uma posição fetal.

Logo o ouviu partir, a porta se fechando atrás dele.

Quando o alarme tocou às seis da manhã, ela tinha dormido nem um segundo.

Capítulo Onze

“Ei, Dillon, você tem visita!” O tenente Ray Hardwick se debruçou na entrada do dormitório, com o sorriso mais malicioso que podia conseguir. “E ela também não é nada mal.”

Antes de Jack pudesse perguntar qualquer coisa, Hardwick deixou a porta bater com estrondo. Fechando seu armário, Jack se direcionou ao andar de baixo com antecipação causando duplos giros em seu estômago. Uma mulher de boa aparência parando para vê-lo não acontecia normalmente. Ele se dirigiu à frente da Estação, e passou por Hank.

“Vá pegá-la, Jack.”

Jack deu a ele um sorriso e uma sacudida leve.

Ele queria muito ver Autumn. Para entender o que aconteceu entre eles na outra noite. O sexo tinha explodido a cabeça dele. Ele não podia lembrar-se de ter experimentado um sexo tão fantástico em toda a sua vida. Então ela o deixou de lado. E o peso esmagador no peito o tinha surpreendido aos infernos.

Uma mulher estava próxima aos carros e, quando ela girou em direção a ele, as borboletas excitadas em seu estômago fizeram 360 graus e partiram.

“Cherry,” ele disse quando parou bastante distante dela.

Ela desabotoou a longa, preta e cara jaqueta de couro, revelando um apertado suéter roxo e uma mini-saia de couro preto que, nem se tivesse deslizado pelo pescoço revelaria tanto. Suas pernas cheias de curvas estavam encerradas em uma calça fina preta e, e as botas de salto alto gritavam por sexo. Seu sorriso disse tudo.

O olhar dela catalogou o corpo dele com uma lenta avaliação. Ela examinou as coxas e acima, sobre o resto, com uma revisão descarada. Na outra noite, quando ele tinha conversado com Autumn em seu quarto, viu o caminho do olhar dela de um modo semelhante.

O efeito nele, entretanto, tinha sido totalmente diferente. Jack desejava Autumn olhando para ele com admiração, e ele quis mais daquilo.

“O que me conta?” Ele casualmente disse, mantendo distância dela.

Ela chegou mais perto. “Eu estava no bairro e pensei em vir dizer oi.” A voz de Cherry deslizou em um suave ronronar que mantinha sexo, pecado, e promessas que muitos homens não hesitariam em desfrutar. “Faz muito tempo desde que nós conversamos. Se eu não te conhecesse, diria que você está me evitando.”

Que Idéia.

Ele sorriu, sabendo que o temperamento dela queimava quando ficava irritada. “Eu estou realmente ocupado.”

Os olhos dela estreitaram e ele esperou que a famosa exibição de raiva estourasse. Mas ela pareceu suprimir a atitude, escondendo-a atrás de um sorriso que não continha verdadeiro prazer.

Ela deslizou mais perto dele. Ele quase deu um passo para trás e encostou-se a um veículo. “Eu entendo o quão difícil isso é para você. Especialmente desde que você ficou tão solicitado.”

“Solicitado?”

“Você não ficou sabendo? Você está famoso.”

“O que?” Ele sabia que parecia um idiota, mas nada daquilo fazia sentido. “Desde quando?”

Ela suavemente sorriu. “A ‘*Crônicas em Billings*’ já tem uma fotografia de você levando Autumn MacAllister para fora da boate naquela noite. Tinha um repórter de fora da cidade com uma máquina fotográfica e tirou algumas fotografias.”

“Oh, ótimo.” Jack suspirou e colocou as mãos nos quadris. Ele olhou para o teto por um momento em irritação.

“Eu acho fabuloso você estar conseguindo a atenção que merece.”

Ele fez um som de descrença. “Eu não mereço nada, Cherry. Estava fazendo meu trabalho.”

“Isto é tudo o que era?” Sua pergunta saiu afiada e com um significado que ele não pôde decifrar. “Você parecia mais interessado em ajudar Autumn do que em apagar o incêndio.”

Por um segundo ele não pôde responder, sem ter certeza se ouvia ciúme na voz dela.

“As pessoas são mais importantes que prédios.”

“E ela é em particular?”

Ela alisou a lapela de seu casaco e sua mão demorou próximo aos seios. Sim, sem dúvida, ela queria que ele olhasse para lá. Ele manteve a atenção grudada em seu rosto.

Diga e talvez ela entenda a mensagem. “Autumn é uma boa amiga. Eu estava muito preocupado com ela.”

“Uma boa amiga em menos de um mês.”

“Nós nos conhecemos há anos. Você sabe disso.”

“Você e eu nos conhecemos há anos também, Jack.”

Certo, como você vai sair dessa agora?

Antes que ele pudesse formar uma resposta ela deu um passo à frente e ele se afastou.

Chefe Hallam passeava e moveu a cabeça para Cherry, sua saudação um pouco concisa. Jack decidiu que seria melhor cortar a conversa rápido. “Cherry, te vejo por aí, certo? Eu tenho trabalho a fazer.”

Sem se incomodar em esperar a resposta, ele virou-se e voltou para o dormitório.

Ele podia adicionar ‘Carne Morta’ ao seu sobrenome. Com Cherry você nunca podia ter certeza. Ela fazia amigos muito rápidos e, inimigos mais rápido ainda. Não que ele se preocupasse que ela pudesse fazer alguma coisa para ele. Era uma pena que toda aquela beleza tenha sido desperdiçada em uma mulher com tão pouca moral e menos ainda bom senso.

Já que não queria ter uma relação com ela, não se importava com o que ela dizia ou fazia. Apesar do seu corpo feito para o sexo que gritava foda-me, Jack não a achava desejável. Ela era um desastre esperando para acontecer.

Subiu de volta para o dormitório quando aquilo o atingiu. Infernos. Só uma mulher nesta cidade o fazia tão louco que ele queria comê-la até que ficasse inconsciente.

Autumn MacAllister.

Ela ocupava o lugar em seus pensamentos que o importunava noite e dia.

Oh, sim, ele era um homem morto.

“Algo errado?” Hank disse da cama onde ele se espreguiçava de costas. “Ouvi que Cherry está lá embaixo caçando diversão. Você vai se meter naquilo?”

Jack lançou um travesseiro nele, mas Hank pegou o projétil com uma mão. “Claro que não.”

Hank riu. “Tem certeza que não está interessado? Ela tem estado atrás dos seus ossos por anos.”

“Ela não está conseguindo nada com meus ossos ou qualquer outra parte de mim. Você sabe o tubarão que ela é.”

Hank encolheu os ombros. “Bem, poderia acabar com sua tensão.”

“Dá um tempo. Você preferiria ir para a cama com alguém como Cherry para tirar a tensão, ou ficar com Ginger?” O rosto de Hank corou e Jack imaginou se ele iria mutilá-lo majestosamente, ou atingiria um nervo importante.

“Cuide da sua vida. O que Ginger e eu temos é pessoal.” Hank lançou o travesseiro de volta. Passou por cima dos dedos de Jack e aterrisou no beliche. “O que eu estou dizendo é que, cara, você tem a força de vontade de uma besta inteligente.”

“Eu não quero depois George Beckett atrás de mim e, não quero os problemas que vêm com ela. Ela é notícia mega-ruim.”

“Você está certo. Sabe você até que é bem esperto para uma criança.”

“Nossa, obrigado.”

“Não há de quê.”

Jack lançou o travesseiro de volta para ele.

* * * *

Autumn colocou o telefone de volta no gancho e suspirou em frustração. Ela amava Ginger, mas às vezes a menina era uma cabeça-de-vento. Sua colega de trabalho deixara sua carteira no escritório e pedira a Autumn para localizá-la e deixá-la no apartamento de Ginger.

Depois disso, ela podia ir para casa e tomar um banho de espuma para acalmar os nervos. O ruído de chaves, o sussurro dos documentos, o barulho do telefona, tudo acalmava Autumn de um estranho modo. Ela gostava de estar de volta ao escritório, até quando a fadiga ainda ameaçava. O encontro da noite anterior com Jack a

desgastara até o último pedaço. Ela consumiu mais ou menos uma garrafa de café para compensar o fato de não ter dormido a noite.

Quem tem necessidade de dormir quando se tem um sexo perfeito?

Aquela manhã, quando se preparou para começar um novo dia no trabalho, percebeu que Jack tinha se tornado uma distração importante em sua vida. Ela não podia parar de pensar nele e estava aborrecida pela perda de controle. Mas o que devia fazer? Quando nada se apresentou propriamente como solução, ela decidiu trabalhar mais pesado. Pelo menos se seu cérebro fosse entorpecido, ela não pensaria nele muito freqüentemente.

Cinco horas da tarde chegou e foi e todo mundo deixou o edifício. Ela espiou fora da janela e percebeu que noite chagara à Clifton muito tempo atrás. Sacudiu as persianas fechadas, então trocou o peso do corpo na cadeira, bem ciente de várias dores. E como uma tempestade em construção, a mente dela retornou ao incêndio da boate, querendo ela ou não.

Certo, ela manteve a calma até certo ponto durante o incêndio, mas não acreditou em Jack quando ele disse que ela fez a coisa certa. Olhou fixamente o registro policial na escrivaninha e a cena se formou na mente dela mais uma vez.

Calor. Pânico. As pessoas corriam em todas as direções. O tremendo impacto do corpo da mulher quando ela caiu da escada para a morte. Autumn continuava vendo o rosto da mulher, impresso como uma marca, repetidas vezes com os olhos da mente. Outras imagens de outros tempos, daquele último, fatal salto do avião, atravancava sua psique. Ela não queria lembrar daquilo, mas desde que incêndios assumiam um papel tão enorme em sua vida passada e presente, memórias saltavam em destaque.

Ela estava obcecada e sabia disso. Para pôr coisas em perspectiva, lembrou o rosto de um salvador a segurando quando a ergueu nos braços e correu das chamas para o santificado ar fresco.

Jack.

Puro desejo, desinibido a encheu e se desenrolou na região lombar mais rápido do que ela podia piscar. Fechou os olhos e lembrou quando puxada o salvador oxigênio para os pulmões, e o perturbado olhar de Jack quando segurava a máscara sobre seu rosto.

Não. Ela tinha que parar de pensar nele.

Decidindo que seria melhor encontrar a carteira de Ginger e ir para casa, ela se moveu ao redor do ambiente, na esperança que Ginger a tivesse deixado em um local fácil de achar. Virou de costas para a porta quando alguém raspou a garganta.

Sua imaginação de uma vez esculpiu a imagem de um louco de pé no local, pronto para acender um fósforo e incendiar o lugar. Seu coração se lançou nas costelas, o fôlego atingindo a garganta quando se virou.

“Autumn.”

“Jack. Deus, você me assustou. Como entrou aqui?”

“O segurança me deixou entrar.”

Jack se debruçou contra o batente da porta, um pé enganchado no outro, braços cruzados sobre o tórax. Ele sorriu, mas o sorriso enfraqueceu quando ele viu sua expressão. Endireitou a postura preguiçosa desaparecendo como névoa, se transformando numa letal concentração masculina. No incêndio, ele tinha estado manchado com fuligem e seu cabelo um emaranhado e bagunçado, o corpo coberto de equipamentos.

Você não podia ver muito num homem quando ele estava coberto de equipamentos de incêndio. Mas nesta noite ele qualificava como um pedaço de classe. Uma gola de marinheiro abraçava seus ombros largos, peito e braços. Ele vestia calças jeans surrada

que moldavam intimamente nos quadris e as musculosas longas pernas. Quando ela simplesmente o encarou sem dizer nenhuma palavra, ele caminhou mais para o salão.

“Você parece que está prestes a saltar diretamente para fora da sua pele,” ele disse.

Ela engoliu com força. “Eu estaria bem se as pessoas não se movessem furtivamente por mim.”

“O que você está fazendo aqui? Está atrasada.” Ele tomou alguns passos mais e ela deu um passo para trás. Ele franziu as sobrancelhas quando notou seu movimento. “Autumn, você está agindo como se estivesse com medo de mim.”

Com medo dele? Talvez. Mas não o tipo de pânico que se apoderava de uma mulher quando ela pensava que poderia ser fisicamente prejudicada. Não, ela estava apavorada com toda aquela virilidade indomada rodando dentro dele. Ela estava petrificada que mais um toque dele fosse atingir livremente algo dentro dela.

“É sua imaginação, Jack. Ginger me ligou de casa quando eu estava saindo. Ela deixou a carteira no escritório e, eu disse a ela que a procuraria e depois deixaria na casa dela.”

Jack passou adiante, quebrando a zona de conforto normal quando parou a um pé de distância dela. Sua respiração acelerou e ela sentiu uma formigação começar no estômago e se moveu para baixo. Quando ela olhou para os olhos dele, ele a fitou com uma quente atenção.

“Você não devia estar sozinha aqui, Autumn.”

“Eu não estaria se não fosse Ginger. Como você sabia que eu estava aqui?”

“Eu estava conversando com minha mãe e ela disse que você não tinha voltado para casa ainda. Ela estava prestes a te ligar e verificar. Eu vi que o SUV ainda estava aqui.” Ele se firmou, deixando o vislumbre de um sorriso na boca. “Sabe, você é uma mulher durona.”

“Não tão durona. Eu tenho pensado o dia todo naquela mulher e no que aconteceu. Odeio isso. Eu acho que meu cérebro está fixado em fogo,” ela disse. “É estúpido, eu acho, mas não consigo tirar minha mente do que aconteceu.”

“Isto é natural. Eu acho que você devia ter tido uma semana fora para se recuperar de ambos, mentalmente e fisicamente.”

Do nada, as lágrimas vieram novamente e ele deve ter visto as comportas começarem a se abrir. “Tudo bem. Você pode conversar comigo.”

Lágrimas derramaram sobre suas bochechas. Ela as enxugou, então agarrou um lenço da escrivania.

“Não está bem, Jack. Ela está morta. E eu não fiz... não pude fazer nada para ajudá-la.”

“Autumn, a morte dela não é sua culpa. Nós conversamos sobre isso no hospital.”

“Eu tenho permissão para me sentir mal sobre isto, não é?” As palavras estalaram de sua boca como um chicote. “Eu continuo vendo o rosto dela repetidas vezes. É horrível. Eu odeio ser assim.”

Ela inalou profundamente, tentando recuperar uma sensação de equilíbrio.

“Eu sei.” Ele apertou os ombros dela. “Você não chorou muito naquela noite, não é? Você tem estado segurando isso por dentro.”

Autumn viu profunda compreensão em seus olhos e o bálsamo em sua alma a fez querer se lamentar muito mais forte. “Eu precisei atravessar a noite. Eu tive que ser...”

“Forte?”

“Sim.”

Ele deslizou a mão no cabelo dela para acariciar as costas de seu pescoço. “Você tem passado por muito ultimamente. Não conheço muitas pessoas que têm um acidente de carro e depois quase são mortas em um incêndio. Isto é tensão demais de uma vez só. Você precisa pegar leve com você mesmo. E sim, você tem permissão para sentir isso.”

“Eu sinto muito. Eu não quis descontar em você.”

“Tudo bem. E eu acho que tem mais coisas que você não está me contando.”

“Não há nada mais para contar.”

“Eu não acredito em você. Não é só a morte da mulher que está te aborrecendo.”

Ele esfregou o pescoço dela e, enquanto a sensação dos dedos fortes enviava arrepios de excitação rapidamente para baixo da espinha, ao mesmo tempo a fazia querer chorar mais. Seu toque parecia tão bom que ela quase gemeu. Fechou os olhos e apreciou a sensação das carícias transformando seus músculos em gelatina. Ela não percebeu o quão tensa tinha se tornado até que ele a tocou.

As lágrimas continuaram a derramar de seus olhos; Ela não parecia poder deter aquela reação.

A ternura dele desfez um nó de cada vez. Sem aviso prévio, ela estava tremendo e agitada, a resistência quebrou.

“Ah, maldição,” ele sussurrou.

Autumn pensou que vira um revelador brilho de umidade nos olhos dele também, quando os braços deslizaram ao redor dela. Os dedos dele se emaranharam em seu cabelo e, ele continuou a esfregar seu pescoço quando a trouxe apertada contra ele.

“Está tudo bem,” ele murmurou contra seu cabelo. Beijou o rosto dela e alisou suas costas. “Está tudo bem. Você está comigo.”

Sob a tranquilidade dele, ela abriu as comportas. Não podia lembrar a última vez que se sacudi e soluçou tanto. Chorar nunca pareceu tão ruim e tão bom, e isto parecia continuar para sempre antes que a presença dele erguesse um pouco do peso em sua alma. Quando ele tocou seus cabelos, acariciou seus braços e costas, ela se moveu para uma nova realidade onde a dor se transformava em prazer. Agora, seus toques varriam o fogo para a barriga e faziam do estremecimento um resultado da crua tensão sexual. De repente, ela percebeu que as próprias mãos vagaram para a gola dele.

“Deus, eu estou por toda parte em você.” Seus dedos se trançaram mais fundo no tecido.

Quando ela olhou para cima, ele tinha um sorriso de lado. “Eu não me importo de você estar por toda parte em mim. Com o agarre mortal que você está dando na minha camisa, eu acho que jamais será a mesma.”

“Eu sinto muito.” Ela alisou o suéter amarrotado e se deu permissão para apreciar sensação do peitoral duro como pedra.

“Você não tem nada para sentir muito. Você sabe que nós não conversamos tanto quanto poderíamos. Ontem à noite foi...”

“Divertido,” ela disse indiferentemente, automaticamente na defensiva, pouco disposta a ir muito fundo.

Os braços dele afrouxaram e caíram dos lados e ela pensou ter visto decepção cruzar as feições dele. “Sim. Divertido.”

Ela deu a ele um sorriso irreverente e enxugou a umidade em suas bochechas. “Ei, sabe de uma coisa? As pessoas já estão me dando olhares estranhos porque eu estou dirigindo seu SUV.”

Ele enfiou as mãos nos bolsos traseiros. “E daí se eles pensam que alguma coisa está acontecendo entre nós? Eu não me importo com o que pensam.”

Ela encolheu os ombros. “Talvez você deva. As pessoas acham que varas e pedras podem quebrar seus ossos, mas todos nós sabemos que as palavras podem machucar. Você ouviu sobre a nossa fotografia no *‘Crônicas em Billings’* e nos jornais nacionais, certo?”

“Eu ouvi. Todo mundo esquecerá na próxima semana.”

Ela não achava que uma semana seria tempo suficiente para esquecer o incêndio, em todo caso. Pelo menos não para ela.

Tempo se esticava quando ele olhava para ela, sua atenção e inabalável admiração. “Vamos. Eu te ajudarei a encontrar a carteira de Ginger.” Uma vez que acharam a carteira de Ginger na escrivaninha, ele estendeu o braço. “Eu te levo até o carro.”

Depois de ter agarrado a bolsa e o casaco, Jack parou na porta para a área da recepção.

“Se você vai ficar até tarde novamente me faça um favor. Ligue-me e avise que você está segura? Se eu estiver livre virei aqui e te escoltarei para casa.”

“Isto não é necessário.”

“Não é seguro você sair deste edifício sozinha à noite. Você sabe disso.” Sua voz ficou grossa, um tom desnudo insinuando algo escuro e inquietante. “Você viu o que aconteceu quando Beckett entrou aqui.”

Ela percebeu que estava sendo irracional. “Você está certo. Obrigada novamente por estar aqui por mim.”

A tensão entre eles voltou novamente e ela sentiu desta vez, fundo em sua barriga. Ele chegou mais perto. “Eu não suporto isso.”

“Isso o que?” Ela suavemente perguntou meio certa de que sabia o que ele quis dizer.

“O que quer que seja que está entre nós.” Ele levantou o queixo dela, assim ela olhou dentro dos olhos ‘procuradores de alma’ dele.

“Deus, você é tão linda. E eu quero tanto te beijar...”

Ela viu sua intenção, mas não conseguia se mover para dar um passo atrás. Sua boca fechou sobre a dele suavemente. Jack não a tocou em nenhum outro lugar, uma suave união de lábios tão delicado que agitou seu coração como o toque de asas de borboletas.

A porta abriu e eles interromperam o beijo. Jack deu um braço protetor em volta dos ombros dela.

“Howdy,” o velho homem no uniforme de segurança disse, o sorriso largo e cheio de travessura.

“Desculpe Hammond,” ela disse depressa. “Nós estávamos indo embora.”

“Cuide-se.” Com um movimento com a cabeça e um aceno, o homem fechou a porta. Ela se puxou do calor e do peso dos braços de Jack. “Eu preciso levar a carteira de Ginger para ela.”

Autumn e Jack deixaram o edifício e ela via uma pergunta nos olhos dele. Ela sabia quais eram as questões. O que teria acontecido se Hammond não tivesse aparecido?

* * * *

Dia virou noite quando Autumn dirigia em direção ao Quartel de bombeiros, e o Observador a seguia a vários carros atrás.

Um escorregadio, fundido calor se lançava por sua região lombar. Uma inebriante sensação de poder fervia em seu estômago, uma mistura de prazer, dor, e curiosa excitação. Transtornado pela mistura de emoções, o Observador pensou sobre o que eles fariam em seguida. Como remover essa devastadora mistura de fúria e desejo que se contorcia por dentro, como serpentes? Atear fogo em algo novo? Esperar até que ambos, Autumn e Dillon, estivessem em algum lugar vulnerável e então se certificar de que morreriam?

Não. Muito cedo. Logo, quando o tempo parecesse correto, um glorioso novo incêndio acenderia e ensinaria Autumn e Dillon o verdadeiro significado do sofrimento. Autumn e Dillon achavam que entendiam de dor, mas não entendiam. Não ainda.

Quando o tráfico engrossou na rua principal, o Observador ficou entediado. Não podia seguir todos os lugares que Autumn e Dillon fossem. Não havia tempo suficiente



e, ele tinha um trabalho para fazer além de observar a cadela e o bombeiro trocando flertes mentais.

O ar crepitava com a preocupação de Autumn e Dillon quando se perguntavam quem iniciara os incêndios de Clifton. E o Observador quase riu.

Poucas coisas excitavam o Observador como confundir seus inimigos. Logo seus inimigos estariam muito mais do que iludidos. Estariam mortos.

* * * *

Dezessete anos atrás

Dia do Incêndio

Meio-dia

O cheiro dos pãezinhos de canela e especiarias se movia pela cozinha e Jack ouvia o tinido e o estrondo das panelas e frigideiras.

“Você está quase pronto, Jack?”

“Mãe, eu não quero ir.”

Jack sabia que sua voz soava como a de um pirralho de quatro anos de idade, mas naquele momento não se importava.

Preferia estar em uma cama de pregos ou caminhar em carvões quentes do que ir para um estúpido piquenique. Deslizou na cadeira na sala de estar, como se afundando mais abaixo ficasse escondido.

“Você vai comigo para o piquenique. Isso é tudo. E eu não vou deixar você aqui sem uma babá.”

Ele olhou para o teto. “Mãe, eu não sou mais um bebê.”

“Eu sei disso, querido, mas eu me não sinto confortável deixando você aqui.”

“Mas terão garotas estúpidas lá e eu não quero conversar com elas. Cindy Pickett está sempre me atingindo, e Jeremy e os Meninos da Máfia estarão lá.”

“Meninos de máfia? Quem são eles?”

A mãe tinha este hábito conveniente de esquecer as coisas que não achava importantes.

“Sabe. Os Meninos da Máfia. É como Autumn os chama.”

“Tanto faz. Agora corra lá para cima e se prepare.”

“Mãe!” Ele deixou a palavra terminar em um lamento. “Eles me matarão!”

“Quem?”

“Os Meninos da Máfia.”

“Oh, pelo amor de Deus, Jack, eles são só dois meninos. Eu duvido que um menino te aborreça agora que você o esmurrou no estômago.”

Jack gemeu e deslizou mais na cadeira até que sua cabeça quase deitou no assento.

“Então você se lembra deles.”

Ele esfregou os olhos. Cara, adulto podia ser tão estranho.

Já que não podia escapar de ir ao parque com a mãe, ele sugou decepção e esperou que talvez Autumn estivesse lá. Não. Isso seria legal demais.

Sem chance dela simplesmente estar lá. Claro, muitas pessoas da cidade estariam na ‘*Despedida da Primavera*’. Nome estúpido para aquilo. Parecia uma boa desculpa para as mulheres velhas da cidade usarem chapéus e agirem de forma superior. Claro, a mãe ajudara no comitê da ‘*Despedida da Primavera*’. Mas ela também não gostava das senhoras dos chapéus, então ele achava que significava que ela não podia ser considerada uma delas.

Assim que trocou de roupa e voltou para o andar de baixo, a mãe o reuniu na garagem, dentro do carro. Depois que ele afivelou o cinto de segurança, quase gemeu. Encolheu-se por dentro. Tinha cometido o engano de beber suco de laranja esta manhã e seu estômago se transformara na Cidade do Ácido.

Sua mãe se afastou da garagem e uma vez no caminho, ele considerou pedi-la novamente para que o deixasse em casa. “O papai vai estar lá?”

Ela endureceu e seu rosto inteiro ficou branco. O pai tinha se mudado uma semana atrás e, desde então Jack se sentia estranho em perguntá-la qualquer coisa sobre ele. Aquela palavra sórdida, divórcio, continuava aparecendo nas conversações perto dele. Ele fingia que não ouvia. Papai vivia no Quartel de bombeiros em uma base quase permanente agora.

“Mãe?”

“Eu não sei, Jack. Eu suponho que sim, se ele tiver tempo. Eu não tenho certeza se ele pode ser incomodado.”

Não tem certeza se ele pode ser incomodado.

Ela dizia muito isso. Se ele podia ser incomodado. Eles não podiam ser incomodados.

A amargura e o desprezo gotejavam da voz dela. Ele notou que ela tinha um inseguro som o tempo todo e, ele odiava aquilo e queria que acabasse. Nossa, ele queria que o ano inteiro acabasse.

Não. Isso não era completamente verdade. ‘Porque se este ano terminasse ele não veria Autumn, e a idéia fez seu coração desmoronar. Ela não estaria por perto muitas vezes neste verão e se fosse para universidade no próximo ano, ele podia esquecer de vê-la então. Quando chegaram ao parque e tiraram a cesta de piquenique da caminhonete, Jack se ofereceu para levá-la para a mãe. Papai tinha dito que ele teria que ser o homem da família às vezes, já que ele não estaria lá muito mais vezes. Isso machucou por grande tempo. Desejava poder ouvir a intensa voz e a calorosa risada do pai. Ao invés, ele suportava as caras feias da mãe e as respostas breves. Ela sabia o que parecia e como agia, ou papai fazia tanta falta a ela que a deixava brava e triste?’

Eles alcançaram a grande área de ajuntamento próximo ao espaçoso terraço. Jack não gostou do que viu. Dúzias de pessoas... não, centenas, sentadas em lençóis, mesas de piquenique, e cadeiras de dobrar. Todos eles pareciam felizes, apreciando o ar frio. Ele, por outro lado, podia sentir o ácido se fortalecer no estômago e ele queria correr gritando.

Sim, faça isso e veja o quão envergonhado vai ficar.

Oh, cara. Não era somente Cindy Pickett que se sentava em um lençol com Jeremy, mas, os Meninos da Máfia estavam lá, também. Jack sentiu aquela sensação inevitável no estômago, como se não importasse o caminho que seguisse, a vida parecia contra ele. Por que continuava se chocando com estas pessoas de qualquer maneira?

O que ele tinha feito para merecer este tormento sem fim?

Os Meninos da Máfia o viram e depois Jeremy e Cindy, também. Eles correram a apontar e rir, uma brincadeira certamente para fazer a outra pessoa se perguntar que tipo de coisas malvadas tinha dito. Jack tinha um sexto sentido para conspiração. Quando as pessoas conspiravam contra ele, ele sabia com cem por cento de certeza. Essa era uma das situações.

Seus pés diminuíram a velocidade quando chegaram próximos à área, e ele gesticulou para um lugar longe de Cindy, Jeremy e os Meninos da Máfia. “Mãe, nós não podemos nos sentar ali?”

“Ali está no sol.”

“Está meio frio, então que diferença faz?”

Um suspiro exasperado deixou sua garganta, mas ela continuou a caminhar em direção às árvores próximas

Os Meninos da Máfia. Jack engoliu com força, seu coração batendo tão rápido que ele pensou que poderia desmaiar. Tentou sugar um fôlego, mas sentia que poderia morrer primeiro.

“Jack! Sra. Dillon!” Autumn apareceu, caminhando rapidamente em direção a eles pela grama. Ela acenou e o coração de Jack deu um pulo de alegria e se acomodou.

Sempre que via Autumn, sentia segurança. Um sorriso enorme se estende pelo rosto, e soube que parecia idiota. Não se importava. Autumn estava aqui e isso era tudo o que importava. Olhou a mãe, mas ela observava Autumn vindo em direção a eles.

Ele não podia esquecer a primeira visão dela quando desceu corredor abaixo no segundo grau. Seu cabelo loiro natural parecia lívida prata na luz. Seus seios cheios tinham sido cobertos por um suéter verde colado e, sua saia pequena não fazia muito para esconder as longas pernas. Pela primeira seus instintos se empinaram e perceberam uma mulher de um modo diferente que ele quase não entendeu.

Ele gostava e respeitava Autumn mais do que qualquer um que conhecia. Talvez até mais que a mãe e o pai. A idéia o chocou da cabeça aos pés com sapatos atléticos.

Às vezes não gostava nem um pouco da mãe ou do pai. Especialmente não no ano passado enquanto eles brigavam o tempo todo e nunca pareciam felizes com nada do que ele fazia. Autumn trouxe a *ele* respeito.

“Oi,” Autumn disse quando esteve na frente deles. Ela apertou as mãos da mãe dele. “É ótimo ver você novamente. Jack e eu acabaremos com as lições em aproximadamente duas semanas.”

Ele não queria ouvir isto, porque toda vez que Autumn mencionava quilo seu coração sentia que poderia estalar em dois. ‘Claro que ele sabia que realmente não faria isto, mas cara machucava pensar naquilo’.

A mãe apertou seu ombro. “Isso não será ótimo?”

“Sim, ótimo.” Uma idéia melhor o fez sorrir. “Mãe, ela pode se sentar conosco?” A mãe franziu as sobrancelhas. “Autumn deve ter outros planos.”

Para sua surpresa, Autumn agitou sua cabeça. “Não, realmente eu não tenho. Meu pai está aqui, mas ele diz que tem algumas coisas para fazer. Eu adoraria me sentar com vocês se você não se importar. Eu tenho um pouco do almoço para compartilhar, inclusive um pouco de torta de maçã.” Ela levantou uma enorme cesta de piquenique.

Jack pensou que seu coração explodiria de felicidade. “Legal!”

Autumn riu. “Eu sei um lugar para sentar. Vamos.”

Jack suspirou em alívio quando ela os levou a um lugar perto de uma árvore e longe dos Meninos da máfia. Uma vez que estenderam o lençol e a cesta de piquenique, Autumn disse, “eu não achei que você quisesse se sentar perto de Todd e Micky.”

Jack sorriu. “Veja, mãe, até ela sabe sobre eles.”

Em vez de parecer irritada, sua mãe sorriu. “Onde, na Terra, você conseguiu esse nome para eles, de qualquer maneira?”

Autumn limpou a garganta. “É minha culpa, Sra. Dillon. Eu os chamei assim depois que vi quão terrível eles estavam tratando Jack.” Ela tomou um pedaço de galinha frita e mastigou. “Ele disse a você o que eles fizeram para ele no passado?”

“Ele me disse algumas coisas. Eu pensei que ele poderia estar exagerando um pouco.” A mãe olhou Autumn com clara curiosidade. “Talvez Jack não tenha me dito tudo.”

Quando Autumn contava à mãe dele mais sobre os Meninos da Máfia, Jack encheu seu prato com dois pedaços de galinha frita e uma grande porção de salada de batata.

Então ele olhou para seu prato e se sentiu culpado. Tentava evitar comer tanta porcaria. Agora que tinha dois pedaços de galinha, entretanto, não podia pôr um deles de volta. Autumn não deixou nada de fora quando descreveu o primeiro dia que conheceu Jack. “Aqueles meninos estavam de pé sobre ele prontos para acabar com ele. Eles são meninos horríveis. Eu acho que eles estarão na prisão um dia.”

Ele não podia ler expressão de sua mãe a princípio. Achou que talvez ela não acreditasse em Autumn. Então, a expressão da mãe suavizou um pouco quando alcançou dentro da cesta de piquenique e destacou um guardanapo. “Eu sinto muito, Jack. Eu devia ter ajudado você mais este ano. Eu estava distraída.”

Seu coração aliviou um pouco. A mãe raramente se desculpava por qualquer coisa, então ele se sentiu muito melhor. Encolheu os ombros e sorriu. “Tudo bem.”

A mãe bateu levemente em suas costas. “Não, não está. Eu não percebi o que aqueles meninos estavam fazendo para você.”

Um brilho morno substituiu a incerteza. “Autumn me ajudou muito, mãe.”

Sua tutora sorriu e deu outra mordida na galinha. “Jack é uma ótima criança, Sra. Dillon. Ele é esperto, engraçado e muito bom.”

O rosto de Jack se encheu de calor. Olhou abaixo em seu prato e percebeu que se sentia cheio antes até de começar a comer.

A mãe suspirou. “Sim, ele é um grande menino. E você o ajudou tanto este ano.”

“O prazer foi todo meu.”

Quando a mãe dele e Autumn conversavam sobre a peça que ela fizera o teste, ele olhou para trás para ver se os Meninos da Máfia, Jeremy e Cindy ainda se sentavam perto agindo como idiotas. Eles tinham se movido para longe, entretanto, e ele sugou uma respiração agradecida. Bom.

“Eu não consegui o papel.” A boca de Autumn pareceu mais fina e quase pálida. “Cherry conseguiu.”

“Cherry Guillett?” a mãe perguntou. “Sério? Eu não sabia que a menina estava sequer interessada em teatro.”

“Ela não estava. Até recentemente.”

A conversa se moveu para os planos de Autumn para universidade e Jack sentiu afundar por dentro. Não queria pensar nela partindo.

“Você vai ser engenheira?” A mãe perguntou a Autumn.

“Eu quero ser bombeira como seu marido e meu pai, Sra. Dillon.”

Jack olhou de relance para sua mãe quando empurrou as batatas na boca. Sua mãe franziu as sobrancelhas e, aquela tensão estranha dentro dele cresceu novamente. Uma vez ouvira alguém dizer que uma pessoa podia se sentir como se caminhasse em cascas de ovos. Bem, era assim que ele se sentia agora.

A expressão da mãe endureceu. “Ser bombeira é perigoso. Em diversas maneiras.”

Autumn pareceu desconfortável. “É disso que meu pai diz. Eu sei que ele não quer que eu faça isso, mas, mas eu sempre quis.”

“Existem muitos sacrifícios que você faz naquele trabalho.” A mãe pôs de lado seu prato de papel.

“Sua família poderia ter que fazer concessões. Você está certa que quer isto?”

“É o que eu quero. Não tenho certeza se terei uma família, de qualquer maneira. Quero dizer, um marido e filhos.”

Desde que Autumn abordou o assunto, Jack saltou para o ringue. “Eu vou ser bombeiro, também.”

O sorriso provocador de Autumn dizia tudo. “Você será um ótimo.”

A mãe não falou, mas ele sentiu sua raiva e sua infelicidade. Sempre podia dizer quando ela não gostava do que alguém dizia ou pensava, mesmo quando ela não dizia uma palavra.

A conversa enfraqueceu e, quando nuvens altas se derramaram sobre o parque, o vento aumentou.

Várias pessoas se dirigiam a seus carros como se esperassem chuva.

“É melhor eu ir, Sra. Dillon. Jack vejo você semana que vem, certo?” Autumn esperou. “Desculpe-me por ter me convidado assim.”

A mãe sorriu e Jack sentiu uma onda de felicidade por ela não parecer irritada mais. Às vezes os sentimentos de sua mãe o faziam reagir como uma marionete e, ele não gostava. Mas, não sabia como parar.

“Nós amamos ter você aqui conosco, não é Jack?” A mãe perguntou.

“Pode apostar.” Jack concordou. “Vejo-te semana que vem Autumn.”

Quando Autumn acenou adeus e foi embora, sua mãe levou de volta os restos de comida para a cesta. “Seria melhor nós irmos para casa, Jack.”

“Ah, Mãe, nós temos? Tem brincadeiras e passeios e coisas.”

“A chuva está vindo.”

Ele examinou o céu e percebeu que as nuvens se moviam no céu sobre suas cabeças. Um sentimento estranho, escuro e sórdido, veio à vida dentro dele. Ele não disse nada, entretanto, quando ajudava a mãe com a cesta e se direcionavam ao carro.

A distância toda até a casa pensou em Autumn e como amava estar com ela. Ainda o resmungão, estranho sentimento não cessaria, e conforme o dia passou aquilo piorou. Com o sentimento negro veio à chuva, torrencial e atrojadora. Seus nervos pareceram saltar e, ele quis que a tempestade e o dia acabassem.

Quando o dia terminou, descobriu que a sensação indicava coisas a caminho.

* * * *

Jack olhou para cima do fogão quando Hank passeava na cozinha com um sorriso no rosto.

“Você está cozinhando novamente?” Hank perguntou.

“É minha vez, você sabe.”

“Oh, sim. Foi há alguns dias. Eu acho que Becker subornou você para fazer filé mignon ou alguma droga assim.”

“Errado novamente.”

Hank olhou para baixo para a quantidade de potes de especiarias próximos ao fogão. “Bem, que diabos é isto, então?”

Jack fatiava a galinha descongelada. “Galinha marroquina.”

“Droga.”

Olhando para o descontente rosto de Hank, Jack continuou a cortar a galinha. “Prove primeiro antes de decidir que não gosta.”

Hank fez careta. “Olhe o que está fazendo, Dillon. Eu não quero um dedo na minha comida.”

“Qual é o problema, você não gosta de fibra?”

“Você é doente.”

“Seja útil, certo? Caso contrário você está tampando minha luz.”

Quando Hank o ajudava com jantar, ele perguntou, “Então, quando você acha que a merda vai bater no conhecido ventilador?”

Quando e se o incendiário entraria em ação novamente assombrava Jack mais do que ele admitia.

“Eu estou tentando não pensar sobre isto, muito obrigado.” Quando a galinha, cebola, alho e as especiarias chiaram na panela junto com outros ingredientes secretos, Jack inalou o exótico odor.

“Isto é tudo com o que eu quero me preocupar nos próximos minutos. Fazer um bom jantar.”

Hank levantou uma lata de grãos-de-bico. “Você vai pôr isso lá?”

“Sim.”

“Uh-huh. Certo.”

“Ginger nunca alimenta você?”

O sorriso de Hank dizia que ele não estava pensando na comida. “Oh, sim. Ela me alimenta.”

Quando Hank murmurou, Jack se concentrou no excitante pensamento que aquele compromisso da entrevista de Autumn naquela noite incluía comer na estação. Ela devia chegar a qualquer minuto.

“Pronto para aquela entrevista?” Hank perguntou quando sentou-se à mesa.

“Tão pronto quanto posso ficar.”

“Você não soa muito feliz com isto.”

Jack usou o abridor de lata para tirar os grãos-de-bico e os esvaziou em um coador na pia. Parou tempo suficiente para olhar o amigo. “Eu não estou certo se quero reviver algumas coisas que vi em Nova Iorque.”

Hank, por uma vez, não parecia divertido ou pronto para lançar piadas. “Eu sei o que você quer dizer. Talvez se ela ficar satisfeita com a sua entrevista, não conversará com o resto de nós. Isto estaria bom para mim.”

Enxaguando os grãos-de-bico, Jack disse, “Você não tem que conversar com Autumn, a menos que queira. De fato, eu sou o único que consentiu conversar sobre ‘Ground Zero’ *.” O silêncio manteve o balanço no ambiente conforme Jack mexeu os grãos-de-bico na frigideira com a galinha e abaixou o fogo para que fervessem.

Ray apareceu na quina da cozinha, segundos mais tarde. “Cheira bem. O que é isso?”

Os lábios de Jack se contraíram. “restos no palitinho.”

“hum.” Ray sorriu. “Espero ansiosamente por isto. Você tem uma ligação, Jack. Quer que eu pegue o recado?”

“Eu atendo.” Jack deu a Hank a colher. “Mexa. Mantenha isto baixo e não faça nada mais, ou eu terei que te matar.”

Hank saudou. “Sim, senhor.”

Jack deixou a cozinha para o escritório dos fundos, agarrando o telefone que Ray colocara na escrivaninha.

“Jack Dillon.”

A voz suave e sensual de mulher ronronou pela linha telefônica. “Sr. Dillon, aqui é Miranda Butterfield, da *KTMM* de Billings.”

Jack já tinha ouvido a estação antes, de passagem à Billings. Ele também teve uma furtiva suspeita do por que aquela mulher queria conversar com ele. “O que posso eu fazer por você, Sra. Butterfield?”

A voz da Sra. Butterfield ficou ousada. “Você já ouviu meu programa sobre condições matutinas?”

“Não, não posso dizer que já.”

“Que pena. Bem, aí em Clifton vocês só têm duas estações country de rádio, certo?”

Uma pontada de ressentimento se construiu dentro dele. Ele preferia jazz e rock ao country, mas não tinha nada contra música country por si só. “Uma estação country, uma de músicas antigas e uma de rock.”

“Oh, entendo.” Ela murmurou adiante. “Em todo caso, Sr. Dillon, nós da *KTMM* temos uma proposta para você. Nós ouvimos sobre seus esforços heróicos no incêndio da boate e queremos entrevistá-lo. Também soubemos que você participou dos esforços de limpeza do ‘*Ground Zero*’.”

Droga. Ele não gostou do som daquilo. “Eu acho que não estou interessado, Sra. Butterfield.”

“Mas as pessoas estão tão fascinadas pelo que você experimentou. Você, de repente, virou uma celebridade e tanto.”

Sua paciência se desgastou ao mesmo tempo em que a tensão esticou seus músculos entre as omoplatas. “Eu não acho que pessoas estão tão interessadas quanto à mídia gosta de acreditar. Eu aprecio sua consideração, mas a resposta é não.”

Um suspiro se derramou sobre a linha. “É uma pena ouvir isto.”

Depois de trocarem algumas gentilezas mais, desligaram.

* O termo **Ground zero** pode ser usado para descrever o ponto sobre a superfície da Terra onde ocorre uma explosão. No caso de uma explosão acima do solo, Ground Zero refere-se ao ponto no terreno diretamente abaixo da explosão. O termo tem sido frequentemente associado a explosões nucleares e de outras grandes bombas, mas também é usado em relação aos tremores de terra, epidemias e outras catástrofes, para marcar o ponto dos mais graves danos ou destruição. Danos gradualmente diminuem com a distância a partir deste ponto. Desde os Ataques de 11 de Setembro de 2001 o termo *Ground zero* também é associado à área destruída do World Trade Center em Nova Iorque.

Capítulo Doze

Autumn olhou o velho Quartel de bombeiros feito de tijolos. A aveludada luz do sol poente deixava os tijolos vermelhos. Construído em 1905, este edifício foi o primeiro Quartel de bombeiros na recentemente fundada Clifton. Ao longo dos anos a estrutura fora expandida para acompanhar os requisitos da comunidade. Desde 1905, mais quatro Quartéis de bombeiros surgiram no distrito. O pai de Jack trabalhara ali até sua morte e também seu pai.

Autumn caminhou para o lado de dentro, sem a certeza de onde ir. Mesmo tendo estado em um posto de bombeiros muitas vezes, algo sobre entrar neste aqui a fazia sentir como se estivesse se intrometendo. Não entendeu o sentimento e, não quis decifrá-lo naquele momento. Ligou para o Chefe Hallam mais cedo no dia para confirmar o compromisso. O chefe explicou que já que tinha várias coisas inesperadas que precisava fazer no dia, Jack seria o único que ela entrevistaria.

Nervosa, ela hesitou próximo a um caminhão de escada. Sua bolsa e pasta pareciam pesos de chumbo. Decidindo que colocar a mão na massa poderia tranquilizá-la, caminhou mais para dentro do edifício. Pegou o odor distintivo de cera e todos os carros pareciam encerados com cuspe. O lugar inteiro parecia organizado.

Um bombeiro parou para perguntar se podia ajudá-la, e ela explicou que ela estava lá para ver Jack. Mais rápido que esperava, ele apareceu caminhando a passos largos

em volta do veículo, um pronto sorriso em seu rosto. Os olhos faiscavam, e seu coração saltou pela visão dele. Ela empurrou de volta a emoção.

“Oi, Jack. Eu estou um pouco adiantada, então, se você tiver coisas para fazer, eu posso esperar.”

“Eu quero conversar com você antes do jantar. De fato, você tem algumas explicações a dar antes desta entrevista ir adiante. Se ela for adiante.”

Ele suavemente a levou pelo cotovelo e marchou com ela em direção a um desocupado escritório sem janelas, fechando a porta com uma pancada definitiva e a trancando.

“O que está errado?” Ela perguntou, preocupada.

Ele não ofereceu uma cadeira; Ao invés, a encarou a pouca distância. Antes que ela pudesse reagir, ele deslizou os braços ao redor dela e trouxe mais perto. Ele apertou um quente, e voraz beijo em seus lábios. Ela suavemente gemeu chocada e selvagemmente excitada. A necessidade espiralou por seu corpo. A língua dele mergulhou fundo e sem clemência, golpeando dentro com pura intenção sexual. Ele deslizou uma perna entre a sua até que sua feminilidade esfregou contra a coxa dura dele.

Ela separou a boca da dele, sua respiração vindo rápido, a pulsação latejando. “Jack. Essa não é exatamente uma boa idéia.”

“Sim, é. Eu precisava beijar você e imaginei que tomaria vantagem antes de você poder pensar numa razão para manter sua distância.”

Transtornada pela percepção dele, ela lentamente se empurrou do abraço. Ela endureceu em um sorriso. “Eu não sei o que você quer dizer.”

Ele cruzou os braços e a olhou abaixo de sua altura superior. Deus, ele parecia delicioso. Sensual. Poderoso. Ela o quis devorar, lambê-lo por toda parte. A tentação em agarrá-lo a cegou e, ela respirou fundo para encontrar restrição.

Antes que ele pudesse fazer ou dizer qualquer coisa que poderia empurrá-la de volta em seus braços, ela disse,

“Eu nunca soube que você era tão impulsivo, Jack.”

Os lábios dele se torceram em um sorriso sardônico. “Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.”

“Pode ser. Às vezes.”

“Como ontem à noite quando eu beijei você antes do vigia entrar?”

Oh, ontem à noite. Eu não sei o que pensar sobre aquilo. Não quero pensar naquilo.

Ela encolheu os ombros, um pequeno pânico nascendo na garganta. “Pode ter sido.”

Ele pareceu considerar sua declaração e o sorriso gentil desapareceu. “Mantenha isto leve e fácil, certo?”

Ela movimentou a cabeça em afirmação.

Um silêncio constrangedor se manteve até que ele lançou a conversa em outra direção completamente. “Eu tive um telefonema de Miranda Butterfield menos que uma hora atrás.”

Ele explicou o telefonema em detalhe.

“E você não quer fazer isto?” Autumn perguntou.

“Já é ruim o suficiente estar fazendo esta entrevista com você, agora uma estação de rádio quer fazer uma grande coisa do que aconteceu na boate?” Ele emperrou suas mãos nos bolsos da calça uniforme. “Isto está ficando fora de controle. Tudo que eu estava fazendo era o meu trabalho, Autumn. Nada mais, nada menos.”

Ela admirou sua modéstia, até quando permitiu que dúvidas rastejassem em sua psique. Ela sabia que ele fez seu trabalho levando-a para fora do fogo e teria feito isto para qualquer mulher que não pudesse caminhar sozinha. Ainda, por um selvagem segundo se perguntou se ela poderia significar algo extraordinário para ele. Se Jack

sentira uma urgência especial em encontrá-la e salvá-la. Autumn achou que vira uma preocupação fora de si nos olhos de Jack quando ele envolveu seu rosto e implorou que ela dissesse a ele que estava bem.

Irritação guerreou com racionalidade. “Eu não percebi que você estivesse tão indisposto comigo te entrevistando. Eu sei que você não queria a princípio, mas agora que eu te ouço dizendo que já é ruim o suficiente, bem, se esse é o modo que você sente sobre isto, eu posso mandar cancelar tudo.”

Emoções cintilaram pelos olhos dele, fogo rápido e difícil de ler. Ela esperou, quase segurando a respiração.

Ele agitou a cabeça. “Elliot quer uma boa história e você foi designada por ele para isto.”

Ela decidiu dar a ele uma opção. “Se você não quiser participar, ele terá que entender.”

“Mas você vai?” Ele suavemente perguntou exasperação escoando de sua face.

“Claro. Mas eu terei que declinar em minha parte do acordo, também.”

Ele movimentou a cabeça, então não disse nada.

“Jack, eu fui levada pela loucura que a fotografia causou. Talvez se as pessoas ouvissem suas experiências, este frenesi parasse. Nós os saturaremos com detalhes e, eles eventualmente, ficarão satisfeitos.”

“Cherry passou aqui e fez uma grande coisa da minha popularidade súbita.” Jack encolheu os ombros. “A maior parte das mulheres que paravam por aqui para nos trazer biscoitos e bolos e coisas assim eram as avós das pessoas. Eles não queriam um encontro comigo.”

Ela não soube se estava aliviada ou pasma. “Isso aborreceu você?”

“Eu não quero arrumar encontros desse jeito. Eu não acho que um homem é algo especial somente por fazer seu trabalho.”

A gratidão encheu seu coração. Ela tocou em seu braço. “Eu estou tão contente por você ter feito seu trabalho.”

Eles permaneceram mudos e parados pelo que pareceu toda uma vida. Ela não podia tirar os olhos do dele, presa em uma doce batalha que a arrastava da felicidade até apreensão.

O coração de Autumn bateu selvagem e livre no peito. Ela amou a sensação do calor dele embaixo de seus dedos. Ela não podia ignorar a força empregada em seu próprio toque e o arrojado prazer que foi para ela tocá-lo. Uma doce, e dolorosa necessidade cresceram em sua barriga, lembrando-a da excitação que experimentara nos braços dele não muito tempo atrás. Ela se puxou de volta com relutância, para longe da langorosa, construída alegria arranhando em seu sistema e ameaçando remover todos os fragmentos de seu profissionalismo.

Um golpe alto fez Jack empurrar e abrir a porta. Hank permaneceu do outro lado com um curioso brilho nos olhos. “Ei, a surpresa marroquina está começando há ficar um pouco marrom.”

Jack sorriu e gesticulou para Autumn prosseguir na frente dele. “O jantar está servido.”

Durante o jantar vários homens do Quartel de bombeiros se deram seus olhares curiosos. Ela teve que admitir que comer com estes sujeitos há deixava um pouco contraída. Não parecia importar que ela um dia tivesse lutado com incêndios para viver. Uma vez bombeiro, sempre bombeiro. A fraternidade não abandonava uma pessoa porque ela não fazia mais aquele trabalho. Ela pairava entre o respeito, a apreensão e uma sensação de pertencer àquilo. Acima de tudo, ela gostou de ver Jack em sua matéria-prima, brincando e tendo um bom momento com os verdadeiros amigos. A inveja tocou em parte suas emoções.

A galinha marroquina de Jack se transformara num sucesso, mesmo com o limite natural de Hank sobre pratos exóticos. Ao final da comida, Hank esfregou o estômago e declarou que a receita era campeã.

“Eu vou deixar vocês, urubus, limparem a bagunça,” Jack disse quando se levantou.

Reclamações vieram da mesa e Autumn riu quando ela e Jack seguiram em direção ao escritório desocupado que tinham se refugiado mais cedo. “Dillon acerta novamente. Aquela foi uma grande comida. Eu posso ter a receita?”

“Isso depende.”

“Depende de que?”

“Se você seguir a promessa e me contar aquele pesadelo.”

“Você vai me contar sobre ‘Ground Zero’ ou não?”

“Sim.”

“Deus, você definiu uma troca difícil.” Ela não queria contá-lo seus pesadelos, mas tinha que ser justa. “É um acordo.”

Jack fechou a porta quando ela se sentou na pequena mesa próxima à parede. O ambiente, iluminado por lâmpadas fluorescentes, parecia utilitário. Destituído de decoração, o escritório parecia triste. Filas de prateleiras de livros abastecidas com manuais de bombeiros traçavam outra parede.

Jack permaneceu parado, examinando o micro gravador que ela retirou da bolsa.

“Não gravarei a conversa se você preferir que eu não faça.” Ela manteve a mão no pequeno instrumento, pronta para colocá-lo de volta na bolsa. “Mas ele me ajuda a manter o caminho das coisas.”

“Não, está bem. Vá em frente.”

Jack sentou-se na cadeira da mesa de frente para dela. Quando ele apoiou a mão no colo, se sentou numa típica maneira masculina, com suas pernas abertas separadamente. O olhar dela caiu sobre as entre pernas dele e, ela imediatamente recordou como se sentiu com o pênis dele dentro dela. Um calor cresceu em seu rosto quando seu corpo respondeu os mamilos enrijecendo e clitóris formigando com consciência.

Profissionalismo maldito, ela não podia ignorar o arranhões de excitação e atração que saltavam para a vida sempre que estava perto dele.

Que bom que ela não era bombeira nesta estação — ela teria malditos momentos tentando manter a mente no trabalho com ele ao redor.

Recuperou uma folha de perguntas de seu caderno, então ligou o gravador. Anotou data, hora, lugar, entrevistador e entrevistado. Então se lançou em uma série de perguntas que perguntaria a qualquer bombeiro. Há quanto tempo ele era bombeiro? O que o motivou a deixar a carreira de bombeiro em Detroit e retornar a Clifton?

A mente dela correu, perguntando-se o que ele responderia na próxima pergunta. “Qual foi a sua motivação inicial para se tornar bombeiro?”

A fita girou no gravador pelo que pareceu uma eternidade antes de Jack responder. “Eu queria ajudar as pessoas. Desde criança tenho estado interessado em incêndios, mas nunca quis vê-los destruindo as coisas. É o desejo de domesticar a besta, eu acho.”

“Dava-te ondas de adrenalina ver fogo?”

Ele se sentou para frente ligeiramente quando se aqueceu com o assunto. “Exatamente isso. Incendiários querem começar incêndios, bombeiros querem pará-los. Nós somos ambos fascinados por isto, mas em fins opostos do espectro.”

Ela descobriu os passatempos dele, levantamento de peso, ler, nadar e jogar xadrez. Ele deu a ela uma separação das obrigações exigidas de cada bombeiro.

“E você tem a responsabilidade adicional de ser paramédico,” ela disse.

Ele balançou a cabeça. “Eu queria fazer mais. Se eu tirasse uma vítima de um incêndio eu queria estar lá para ajudá-la se precisasse de assistência médica.”

Autumn pensou que tinha visto memórias tremularem nos olhos dele. Ou era porque lembrou a noite que ele a salvou?

Em impulso, ela fez uma pergunta que não estava em suas anotações originais. “Seu pai estava na profissão. Perdê-lo para um incêndio o motivou a se tornar bombeiro, também?”

Enquanto ele não parecia ofendido com a pergunta, ela viu uma gota de precaução lá. “Eu quis ser bombeiro antes da morte dele. Você pode dizer que o que se passou cimentou o conceito em mim.” Ele olhou no fundo dos olhos dela. “Você sempre quis ser bombeira também, você sabe como é.”

“Sim.” Ela não podia negar. “Eu entendo muito bem.” Ela se debruçou de volta, desconcertada pela intimidade do olhar, como se ele quisesse tantas respostas dela quanto ela dele.

Autumn quase não fez a próxima pergunta. Não obstante, se não a fizesse, se perguntaria aquilo até que ficasse louca.

“Que qualidades você acha que uma mulher de bombeiro deve ter?”

Jack não demorou muito para pensar naquilo.

“Deve ser alguém independente e ter seu próprio trabalho e passatempos. Com estranha carga horária e as demandas físicas e mentais do trabalho, a mulher de um bombeiro precisa de força e compreensão. Elas não podem ser pegajosas ou carentes.” Quando ele parou e ela não fez outra pergunta imediatamente, ele perguntou “O que você acha? Que tipo de homem seria um bom marido para uma bombeira?”

Pega de surpresa hesitou antes de responder. “Esta entrevista é sobre você.”

“Sim, mas eu quero saber o que você acha.”

O homem possuía suficiente atrevimento para deixar uma mulher louca, mas seu adorável sorriso de meia-boca a fazia querer beijá-lo tanto quanto puni-lo.

“Um homem que não tenha idéias antiquadas, chauvinista sobre o que uma mulher pode ou não fazer. Um sujeito que seja seguro sobre sua própria masculinidade e que tenha empatia e compaixão pelas pessoas. Um homem que não tenha medo de dizer a uma mulher que ele a ama.”

Ela apertou o lápis com muita força e quase quebrou a ponta quando anotou rapidamente uma nota incoerente. Deus. Por que tinha dito aquela última parte?

Ele alcançou outro lápis que ela tinha deixado na mesa e o girou. “Admiráveis qualidades.”

Ela observou as grandes mãos magníficas, brincando com o lápis e provocaram uma visão daqueles dedos escorregando por sua pele nua, se movendo com constante, e intoxicantes carícias em seus seios. Giros de calor se assentaram em seu estômago e se recusaram a sair. Ela mudou o peso do corpo na cadeira, tentando aliviar a dor entre as coxas.

“Um bombeiro tem muitas demandas mentais e físicas no trabalho. Qual seria seu dia de folga ideal?” Ela perguntou.

Depois de soltar o lápis, ele pôs as mãos atrás da cabeça. O olhar dela deslizou sobre os músculos salientes no braço dele e quase ficou lá. Ela desejava os braços dele ao redor dela, sentir seu envolvente beijo mais uma vez.

“Provavelmente dormir até tarde, fazer sexo, comer um grande café da manhã no meu pátio, caminhar nas montanhas, voltar para casa e tirar um cochilo.” Seus olhos enrugaram nos cantos quando deu seu sorriso devasso. “Fazer sexo novamente.”

A surpresa e excitação a atingiram com uma sacudida. Os mamilos enrijeceram e a umidade quente encharcou sua vagina. “Jack.”

“O que? Surpreende a você que eu goste de caminhar?” Uma vez mais, a inclinação de sua boca e a luz impenitente em seus olhos dizia a ela que adorava tirá-la de guarda. A voz dele aprofundou e ficou rouca. “Ou que eu gosto de... cochilos?”

Muda, ela engoliu em seco e tentou trazer à tona um sorriso de resposta. Ao invés, seu coração foi a supernova e experimentada bombear quase saindo do peito. Ela quis subir na mesa e sentar no colo dele.

“Cochilos são bons.” Ela limpou a garganta. “Caminhar muito melhor.”

Ele debruçou os braços na mesa e deslizou sua cadeira mais perto. Ela pensou que fosse morrer ali mesmo e, naquele momento. Um olhar quente, totalmente intenso saía dos olhos dele. “Que tal sexo?”

“Jack,” ela disse, ofegante. “Você sabe que eu não colocarei isso na entrevista.”

Implacavelmente, ele manteve o olhar dela preso no seu. “Eu sei.” Sua voz ficou baixa, de uma acetinada, suave qualidade. “Mas eu queria que você soubesse como seria meu dia de folga ideal. Eu sempre digo a verdade, Autumn.”

“Ainda que deixe as pessoas desconfortáveis?”

“Às vezes. Depende da situação. Eu acho que as pessoas gastam tempo demais mentindo umas para as outras, não é?”

Apreço se misturou à apreensão. “Provavelmente.”

“Te deixa desconfortável conversar sobre sexo?”

Ela olhou para todos os lugares, menos para ele; não sabia o que pensar e seus pensamentos correram fora de controle. As imagens de Jack fazendo amor com ela dançavam em sua cabeça. Jack nu, deslizando entre suas pernas e empurrando o grande pênis diretamente em seu centro, enchendo-a com o comprimento e o volume até que ela não soubesse onde ele começava e ela terminava. Os quadris dele bombeando, fodendo-a num ritmo que a enviaria além do topo.

Ela desligou o gravador e parou. Foi para o lado da mesa e permaneceu acima dele, esperando que a posição o intimidasse a se afastar um pouco. No mesmo momento ela soube que andava em terreno perigoso. Ele recuou na cadeira, as pernas se abriram mais uma vez. O que ele faria se ela terminasse a entrevista puxando sua saia para cima e sentando em seu colo? O fôlego dela se prendeu na garganta.

“Isto não é sobre mim,” ela disse.

“Eu gostaria da sua sincera opinião.”

Tentada além da razão pelo modo convidativo que ele a olhou, ela continuou com uma imprudência que esperava que Jack apreciasse. “Conversar sobre sexo não é fácil para mim. Parece arriscado. Eu, uma vez, me considerei uma assumidora de riscos, mas quando chego a relações físicas, eu aprendi cedo que precaução é esperteza.”

Ele não se moveu de sua atenção extasiada. “O que te fez querer ser tão cautelosa? Algo ruim aconteceu?”

“Sim, algo ruim aconteceu.”

Seu olhar se tornou curioso e ele se debruçou para frente, colocando os antebraços nas pernas.

Lentamente, mas, com firmeza, ele tocou a coxa dela só acima do joelho. Ela estremeceu, mas não fez nenhum movimento. O dedo indicador deslizou para cima tão delicadamente, que ela mal pôde sentir. Seu toque esfregou a meia-calça e um afiado, doce sobressalto encheu abaixo do estômago com derretido calor. “Quando nós nos beijamos... quando nós fizemos mais do que beijar, eu não senti você se contendo.”

Ah, ótimo. Ele a atingiu com pura honestidade e a lembrou como seus beijos e carícias abriram um novo mundo de excitação física. Quando os grandes dedos deslizaram ao redor e suavemente apertaram o meio de sua coxa, ela quase ofegou pela primorosa dor. Sua vagina se encheu de um desejo corrosivo que ela quis preencher o mais depressa possível.

E se ele fosse mais para cima?

Mas eles não podiam. Não ali.

“Autumn?”

“É... é diferente com você.”

A mão deslizou mais alto pela coxa dela. “Como?”

Ela engoliu com força quando o fogo que ele começara ardendo em fúria. Respirou fundo. “Com você é mais quente... como a excitação de derrotar um incêndio.”

“É?” Seus olhos queimaram. Seu olhar a imobilizou numa afiada concentração. Os dedos se moveram alguns milímetros ainda mais para cima.

“É uma tempestade de fogo, Jack.”

Oh, merda. Oh, merda. Eu acabei de admitir isso?

Um das sobrancelhas dele se contraiu para cima. “Maldição. Eu acho que gosto de como isso soa.”

Decidindo que tinha que recuperar o controle da entrevista, saltou adiante. “Vamos terminar a história antes que caminhemos sobre minas, certo?” Ela andou para longe do toque dele e se moveu de volta para a cadeira atrás da mesa. Quando se sentou, respirou fundo para normalizar as batidas do coração e amortecer a excitação sussurrando fundo em sua barriga. “Falando de motivações, o que te fez decidir ser voluntário no ‘Ground Zero’?”

O olhar dele foi de quente e aberto a duro e inacessível. “Eu não quero falar sobre isso.”

“Jack, você prometeu.”

Ele esfregou a mão na mandíbula. “Eu sei, mas eu—”

Ele parou e a dor vislumbra por seu rosto. A vulnerabilidade era mostrada claramente em seus olhos e o que ela viu lá a fez parar de pressionar. “Eu sinto muito. Se você não quiser falar sobre isso, então não fale.” A princípio ela quase não disse que... hesitou em colocar na mente o assunto inteiramente. Algo vago a empurrou adiante. “Vai manter isso dentro de você para sempre?”

Ele esfregou a parte de trás do pescoço. “Eu prometi que te contaria. Dê-me um minuto.”

Uma idéia explodiu dentro de Autumn e ela se perguntou se ele aceitaria. “Eu tenho uma idéia. Posso estar louca, mas ainda sim, poderia ser brilhante.”

Um vislumbre de sorriso tocou a boca dele e, ele parou de massagear o pescoço.

“Brilhante? Oh-oh. Estou quase com medo de perguntar.”

Ela lambeu os lábios, seus próprios nervos saltando e rompendo. “E se você aceitar a entrevista de Billings? Eu acho que não faria nenhum mal e é uma boa publicidade para o corpo de bombeiros daqui. Eu podia te ensinar como responder quaisquer perguntas que ela possa te lançar.”

“Autumn, eu não sei”

“Isso te daria mais tempo para se acostumar com a idéia de falar sobre isso.”

“E o seu artigo?”

“Eu direi a Elliott que isso é tudo que nós temos no momento.” Ela estalou os dedos. “Ou, melhor ainda, nós falaremos sobre o ‘Ground Zero’ para o meu jornal e depois você faz a entrevista na rádio.” Quando o rosto dele claramente mostrou a ceticismo, ela disse, “Eu te conto meus pesadelos se você me falar sobre Nova Iorque.”

Ela se agarrou a um precipício até que ele respondeu. “Eu te contarei sobre ‘Ground Zero’. Mas não aqui ou agora. Nós não temos tempo suficiente. Talvez eu até faça a entrevista na rádio, mas preciso pensar nisso.” Jack segurou seu olhar. “Estou de folga sábado à noite. Passe na minha casa no final do dia e, eu farei o jantar. Nós podemos conversar em particular.”

O prazer de flertar lhe deu um par de asas. “Ora, Jack Dillon, você está me convidando para um encontro?”

Um sorriso juvenil alargou a boca dele. “Sim.”

“Entrevista pausada, então. Nós a terminaremos sábado à noite.” Quando ele não disse mais nenhuma palavra, mas manteve aquela avaliação aguda sobre ela, Autumn continuou. “É melhor eu ir.”

Quando os dois pararam, ela decidiu que podia usar uma preparação extra de vê-lo novamente. O homem a tirava do chão; toda vez que o via, parecia que ia afundar mais fundo em sentimentos que não podia ter. Se viesse a apaixonar-se por ele, teria que ficar nesta cidade e talvez nunca mais voltar a ser bombeira saltadora. Reconhecer aquilo de si mesmo trouxe um sentimento de incerteza e confusão.

Antes de abrir a porta, parou. Desejou não ter parado. O olhar de Jack trilhou dos seus olhos até a boca e se fixou lá. Ele tinha aquela absorta expressão faminta que os homens têm, às vezes, antes de beijar uma mulher.

Suavemente ele esfregou os dedos através de sua bochecha. “Eu quero muito beijar você, Autumn, mas eu vou esperar. Vou te beijar sábado à noite e, isto é uma promessa.”

Tremendo por dentro, ela movimentou a cabeça. “Sábado à noite, Jack.”

Quando partiu sem outro olhar ou palavra, percebeu que mal podia esperar que a noite chegasse.

*

A respiração de Jack se soltou quando Autumn fechou a porta atrás de si, seu corpo inteiro irritável com a necessidade que queria tanto realizar. Sábado à noite. Oh, sim. Ela contaria os pesadelos? Deus, ele queria saber seus segredos mais profundos, mais secretos. Ele a queria, com uma necessidade consumidora, mostrá-la o quão poderosa a relação física dos dois poderia ser.

Uma noite simplesmente não foi suficiente para ele.

Durante a entrevista, ele achou que não seria capaz de manter as mãos longe dela e, quando envolveu suas coxas e viu o rubor de desejo em seus olhos, quis deitá-la na mesa e fodê-la. A tentação tinha ameaçado e ele quase lançara a precaução de lado, a tomando nos braços e dado outro profundo, apostador beijo.

Profissionalismo queria dizer que ele não podia fazer amor com ela no Quartel de bombeiros, não importando quanto ele a quisesse.

* * * *

O Observador ficou mais inquieto quando Autumn deixou o Quartel de bombeiros. Ele se sentou em seu carro suficientemente longe para que ela não o visse. Lançou o último pedaço do hambúrguer de fast-food dentro da sacola no banco, depois pegou o refrigerante para dar um gole. Esperou até que ela ligasse seu veículo e se retirasse do estacionamento.

Engatando a marcha ‘dirigir’, o Observador a seguiu de lugar em lugar, mas sua insaciável necessidade de ver tudo que ela fazia, e faria, o deixou cansado. Ela se achava tão superior que o ódio se misturava com seu desejo por ela.

Uma fome profunda, inegável se construiu para aplacar a ânsia que parecia devorar o revestimento do estômago. Tanta ira despejada no estômago do Observador, o preenchia com um poderoso desejo de criar, a fim de destruir.

Destruir antes que Autumn e Dillon, de alguma maneira, descobrissem a verdade.

Capítulo Treze

Uma sombra apareceu no canto da Estação quando Jack se dirigia ao carro no estacionamento, no dia seguinte. Os músculos de Jack chegaram ao nível três de alerta. Ficou cara a cara com George.

“Ei, Dillon.”

Surpreendido pelo aparecimento do homem, não disse nada. Jogue calmo e tranquilo e, talvez o idiota desapareça.

Nenhuma sorte.

“Eu tenho alguns assuntos sérios com você, Dillon.”

A voz de George soava cheia de cascalhos, como se tivesse mastigando pedras no jantar. Os olhos estavam vermelhos e a pele pálida. Embora Jack não sentisse cheiro de nenhum álcool, talvez George tivesse outras drogas em seu sistema.

“Faça isto rápido,” Jack disse. “Eu não tenho o dia todo.”

George cerrou os punhos dos lados. “Fique longe da minha mulher.”

Ele não podia estar falando sério. Jack tomou uma respiração longa, lenta para assentar o sentimento nervoso em seus músculos e sua raiva crescente. “Qual mulher seria?”

“Você sabe de quem eu estou falando.”

Jack agitou a cabeça. “Acho que não sei. Se você está falando de Cherry, eu não estou interessado nela.”

Quando George se moveu adiante um passo, Jack não se moveu. “Sabe, eu não estou certo se dou a mínima sobre o que você faz com aquela cadela. Talvez eu esteja pronto para compartilhá-la.”

A repulsa fez o estômago de Jack queimar. Por um segundo ele se sentiu como um rechonchudo menino de onze anos sendo pego pelos Meninos da Máfia. Com um rápido pontapé mental nas calças, se puxou de volta da história que prometia enfraquecê-lo.

“Eu disse que não estou interessado em Cherry. Se afaste.”

“Eu não acho.”

“Eu não me importo com ela, certo? Se acalme.”

“Quem disse alguma coisa sobre se importar com a prostituta estúpida?”

Da mesma forma Jack ouvia xingamentos em torno do Quartel de bombeiros de maneira regular, odiava homens que falavam mal de mulheres. Raios estalaram em seus nervos, apertando e respondendo em uma descarga de adrenalina.

O sorriso de George se esticou em uma feia caricatura.

“Agora Autumn... infernos... ali se tem um doce pedaço de bunda. Eu garanto que vou conseguir um pouco daquilo.”

Jack quase se perdeu naquilo. Quase esmurrou com o punho pela cara do verme. Ao invés, manteve uma fina linha de controle. Se ele virasse e fosse embora, sabia que George tomaria aquilo como uma afronta e atacaria. Já que duvidava que pudesse argumentar com o homem, teria que lutar com ele ou intimidá-lo de alguma forma. De nenhuma maneira Jack correria.

Agora ou nunca. Deixe-o saber onde você está e veja o que acontece a partir daí.

“Olhe, eu acho que é hora de você escutar. Primeiro, eu não tenho nenhum interesse em Cherry. Segundo, se você tocar em Autumn MacAllister novamente, como fez na outra noite no jornal, eu irei pessoalmente garantir que você lamente isto para o resto

da sua vida. Terceiro Autumn é minha mulher. Nem sequer pense em chegar perto dela novamente.”

Jack se apoiou, antecipando a agressão física. Se tivesse que fazer, Jack podia arrancar o sorriso fora do rosto de George com um balanço da bolsa de tecido embreada em seu punho.

Ao invés, George sorriu seu sorriso oleoso e adicionando já à aparência maníaca.

“Então você quer lutar por ela, é?”

“Não. Eu não quero lutar. Eu quero que você a deixe em paz. Ela não está interessada em você.”

“O que te faz achar que ela sequer gosta de você?”

Jack deu um mergulho, disposto a mentir para conseguir este parasita longe dele. “Ela mais que gosta de mim. Ela me ama.”

George jogou a cabeça para trás e riu alto, estridente e esquisito.

“Isto não está acabado, Dillon.” George esmurrou o ar com o punho quando girou e começou a ir embora. “Eu estarei observando você. Vou levá-la para longe de você! Ninguém vai tê-la além de mim!”

Uma vez dentro da caminhonete, Jack rugia abaixo da estrada, as articulações das mãos estavam brancas no volante. Infernos. Ele tinha que avisar Autumn sobre George. Sentimentos primitivos que ele nunca tinha experimentado antes assolaram através de Jack. Então percebeu algo com uma arrancada surpreendente. Quando disse a George que Autumn lhe pertencia, quis dizer aquilo com um primitivo sentimento de posse e determinação.

Jesus. O que fez ele encontrar tal satisfação em declarar em voz alta que Autumn era sua mulher?

Foda-se. Deu-se conta com um crescente pânico e gratificação que tinha acabado de revelar algo que queria que fosse verdadeira da pior maldita maneira.

* * * *

“O que?”

Autumn ouviu a voz preocupada de Bitsie da cozinha quando a mulher se sentou na sala de estar para conversar no telefone. Apreensiva, Autumn espiou em torno da porta da cozinha para a proprietária

Bitsie se sentou no sofá, a orelha colada no telefone sem fio. “Oh, Jack.”

O coração de Autumn deu uma sacudida pela menção do nome dele. A preocupação na testa de Bitsie fez parecer irrelevante. Bitsie olhou para Autumn, depois franziu a testa. “Certamente, querido, ela está bem aqui.” Bitsie entregou o telefone a Autumn, então se dirigiu para a cozinha. “É Jack.”

Alarmada e curiosa, Autumn falou ao telefone. “Jack? Está tudo bem?”

“Eu acabei de chegar em casa da delegacia e precisava avisá-la sobre uma coisa.”

“Avisar-me?”

“Mantenha os olhos abertos em George. Ele passou pelo corpo de bombeiros e estava agindo de forma estranha.” Deu-lhe uma rápida lista do que disse George, em seguida, adicionou o toque final.

“Ele parece estar sob a suposição incorreta de que você é uma das namoradas dele. Disse-me para ficar longe de você.”

Esfregou a testa. “Oh, Deus. Quão estúpido um homem pode ficar?”

“Há mais. Você pode não gostar disso, mas eu tinha que dizer algo para fazê-lo recuar. Eu não tenho certeza se vai funcionar, mas, estou preocupado.”

Suspirando, ela disse: "Vá em frente."

"Você sabe tão bem quanto eu, que ele é um retrocesso a outra idade, certo? Um verdadeiro *Neanderthal**. Eu decidi que tinha que devolver um pouco do que ele estava dando."

"O que você fez?"

"Eu disse a ele que você era minha mulher e que ficasse longe de você."

Sua admissão a assustou tanto que quase deixou cair o telefone.

"Sua mulher?"

"Sim. E há mais."

Ela decidiu que precisava saber toda a horripilante história. "Sim?"

"Eu disse a ele que você me ama."

Atordoada, ela perguntou: "Por que você disse isso?"

"Eu imaginei que iria afastá-lo."

"Como?"

"Eu pensei que se ele acreditasse que você me ama, iria parar de te perseguir."

"Entendo." Ela suspirou. "Ele não tentou lutar com você, tentou?"

"Acredite em mim, ele estava pensando nisso."

Alívio a fez afundar na cadeira perto da janela da sacada. "Oh, Deus. Eu vou me manter alerta".

"Eu não gosto da idéia de você e mamãe aí sozinhas."

Ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, de repente cansada. "Não podemos deixá-lo nos intimidar."

"Eu sei disso, mas o que acha que vai fazer se ele aparecer na porta?"

"Chamar a polícia." Uma pausa longa a fez perguntar: "Jack?"

"Eu não quero ele tão perto de você".

"Se eu for à polícia e pedir uma ordem de restrição para ele, pode ser o artifício."

Ela quase pôde sentir a aprovação dele através do telefone. "Parece uma boa idéia, mas ele não fez nada de fato. A polícia não vai colocar uma ordem de restrição contra ele por ameaças verbais".

Ela suspirou. "Você está certo, droga."

Quando ela ficou em silêncio, ele disse: "Olha, eu estou perto da sua área. Estou passando aí agora. Nós Precisamos planejar a estratégia."

"O quê? Por quê?"

Mas ele já tinha desligado.

Bitsie ficou alarmada com a possibilidade de problemas, mas Autumn garantiu que nada iria acontecer. "Jack e eu vamos falar sobre o assunto e chegar a um plano...".

Bitsie balançou a cabeça, mas sorriu e alcançou o pequeno espaço entre suas cadeiras para afagar a mão de Autumn. "Você sabe, não é da minha conta, mas eu não posso mais segurar isso."

"Oh?"

"Acho que meu filho está se apaixonando da cabeça aos pés por você." Bitsie permaneceu, seu sorriso crescente.

Um brilho perverso se acendeu nos olhos dela. "E eu acho que se você olhar-se mais fundo em seu coração vai perceber que está se apaixonando por ele também."

Surpreendida pela súbita avaliação de Bitsie, Autumn praticamente engasgou a palavra seguinte.

"O quê?"

"Pense nisso".

E antes que Autumn pudesse dizer que ela tinha perdido a cabeça, a mulher mais velha bocejou.

"Já que Jack está vindo, eu vou me retirar."

"Mas..."

Bitsie piscou e saiu.

Antes que Autumn pudesse sequer pensar sobre as implicações do que disse Bitsie, Jack estacionou dentro da garagem. Jack veio até a porta rapidamente e uma vez lá dentro, não desperdiçou muito tempo. Jogou o casaco sobre o sofá e afundou na cadeira onde Bitsie tinha desocupado.

"Isso é tão louco, Jack." Ela voltou para sua cadeira. "Eu não posso acreditar que isto está acontecendo."

"Isso me deixa louco. Eu não o quero em nenhum lugar perto de você."

Quando o olhar dele cintilou sobre o dela, sentiu a profunda preocupação dele envolvendo-a. "Obrigada, Jack."

"Talvez se o desgraçado pensar que você é minha mulher fique longe de você. Eu não gosto de jogar para satisfazer o canalha. Além de fugir do idiota cada vez que o vemos, eu não acho que haja nada mais que possamos fazer."

Minha mulher. "Jack, essa idéia é arcaica."

"Que idéia?"

Nervosa, ela lambeu os lábios. "Você sabe. Dizer que eu sou sua mulher. Conheço meia dúzia de mulheres que iria dizer-lhe para enfiar essa história no traseiro."

"Então, você vai me dizer para enfiar no meu rabo?" Seu tom mostrava uma pitada de diversão.

"Não enquanto eu compreender as suas motivações".

"Você significa muito para mim."

Tomada pela emoção, a declaração dele desencadeou uma verdadeira surpresa dentro dela. Suas ações sempre disseram que ele se importava, mas ouvir as palavras a assustou da maneira mais profunda possível.

* O **homem-de-Neandertal** (*Homo Neanderthalensis*) é uma espécie extinta, fóssil, do gênero *Homo* que habitou a Europa e partes do oeste da Ásia, de cerca de 300.000 anos atrás até aproximadamente 29.000 anos atrás (Paleolítico Médio e Paleolítico Inferior, no Pleistoceno), tendo coexistido com os *Homo sapiens*. Depois de um difícil reconhecimento por parte dos acadêmicos, o homem-de-neandertal tem sido descrito no imaginário popular de forma negativa em comparação com o *Homo sapiens*, sendo apresentado como um ser simiesco, grosseiro e pouco inteligente.

Sentimentos que ela empurrara para o fundo, a respeito da noite que dormiram juntos ameaçaram reaparecer com uma vingança.

A imprudência a pressionou a fazer uma pergunta perigosa. "O que você propõe que façamos para parecer que nós somos um casal?"

"Tenha encontros comigo."

Sua respiração aumentou. "Realmente ter encontros?" De alguma forma, soou piegas e antiquado considerando que já haviam dormido juntos.

"Nós vamos dar um show a George. Mãos dadas, abraços..." Sua voz ficou suave e rica como o uísque antigo. Ele jogou um olhar cheio de calor em sua direção e levantou as sobrancelhas. "... Beijos".

O silêncio reinou por um minuto.

"Eu assumo por essa enorme cara feia que essa foi uma coisa errada a sugerir", disse ele.

"Não-Eu-não".

Ele riu. "Esta resposta vai servir por enquanto." O olhar dele se suavizou sobre o dela.

"Eu acho que gosto da idéia de passar mais tempo com você, mesmo que seja por culpa da escória do George Beckett."

"Outras pessoas vão pensar que somos um casal, também."

"Você desaprova demonstrações públicas de afeto?"

"Sim e não."

"Como assim?"

Ela esfregou a testa e soltou um enorme suspiro. "Sim, eu acho que é ótimo quando um homem e uma mulher mostram o quanto gostam um do outro." A imaginação a atingiu e ela se viu entrelaçada a Jack em um banco do parque, com as mãos dele sobre seu corpo, enquanto ele a envolvia em uma tripla camada, num beijo sem amarras ao passado.

Não. Eles estavam tendo um caso sem amarras. Especificaram que não deixariam aquilo ficar sério e, ela queria mantê-lo dessa maneira.

"Eu vou admitir", disse ele. "Estou além do ponto de fingir que não quero você na minha cama de novo."

Ela inspirou profundamente. *Oh, cara.*

"Quando eu vi no jornal George te assediando, eu queria chutar a bunda dele direto para Kentucky, porque ele te tocou," disse Jack. "Quando ele começou a despejar besteiras estranhas sobre você esta noite, eu tive essa sensação no meu estômago." Ele tocou diretamente o estômago acima da cintura. "Algo como um coice. Eu soube então, que se ele algum dia, qualquer dia, te machucar, eu iria me certificar que ele pagasse e pagasse caro."

O olhar dele, determinado e tão diferente do jovem menino tímido que tinha conhecido anos atrás, fez seu coração acelerar na zona vermelha. Minúsculos arrepios correram por sua pele e se desfraldaram em seu corpo, estourando como fogos de artifício como no Dia da Independência. Ela envolveu o rosto dele, sentindo os vestígios de barba nos dedos. Calor foi derramado pelo braço, ele cobriu sua mão com a dele, segurando-a no lugar.

Jack fechou os olhos por um instante. "Deus, isso é bom".

"Você é um homem atencioso, Jack. Você é o melhor."

Um brilho doce e terno apareceram nos olhos dele. "Obrigado, mas se eu fosse o melhor, seria capaz de manter aquele imbecil longe de você."

"Você me avisou. Isso é tudo que qualquer um poderia fazer."

A dúvida encheu os olhos dele e ela soube que ele não estaria satisfeito com a declaração. Antes que ela pudesse se afastar, ele pegou seus dedos e apertou um macio, quase reverente beijo nas costas da mão. Então, segurou a mão dela em ambas as dele, seus dedos acariciando a palma da mão com penas leves toques que enviavam desejo aos quadris dela.

"Estou feliz por você estar aqui comigo agora. Neste lugar", disse ele.

Ele continuou acariciando sua mão dessa maneira enlouquecedora. Ela quase engasgou a sensação para além do suportável. Ela nunca percebera o quão erógeno a palma da mão poderia ser.

Autumn apreciava do afeto dele, mas as dúvidas a invadiram e removeram a chama do entusiasmo que ela tinha experimentado. "Jack, isso é loucura. Loucura. Você e eu..."

"Você e eu o quê?"

Ela não podia dizer. Não poderia dizer-lhe que uma relação entre eles estaria condenada. Ela voltaria a saltar e deixaria Clifton. "Nada. Muito obrigada pela ajuda. Vou vê-lo sábado à noite."

Antes que ela pudesse escapar do aperto dele, ele enfiou a mão ao redor da nuca e a puxou para mais perto. Sua cabeça ligeiramente inclinada para o lado. "Beije-me, droga. Me tire dessa miséria. "

Beije-me. O pedido, feito com a voz rouca, enviou arrepios de uma deliciosa necessidade alfinetando seu corpo. Ela o encontrou na metade do caminho, seus lábios articulados em uma explosão imediata de desejo. Sem preliminares, sua língua e invadiu, acariciando. Ela gemeu na boca dele, permitindo o saque quando deslizou os dedos na gelada maciez dos cabelos dele. O braço dele caiu em torno de sua cintura para trazê-la mais perto e, antes que ela percebesse, ela e tinha deslizado para fora da cadeira, direto para o colo dele. A junção das bocas, o território carnal que exploravam, enviou um incêndio fundo dentro dela, exigindo o alívio do que crescera por dentro. Os lábios dele acariciavam, bajulavam, comendo em sua boca e quebrando sua resistência. Ela queria tudo que o beijo dele prometia - a ardente união de corpos, a língua impulsionando, o martelante ataque de sexo que deixaria os dois drenados. Ela mergulhou nas sensações, perdida pelo prazer. Ela queria sentir mais uma vez, como era ter o pênis dele perfurando-a, fodendo-a com força. Suave e devagar seria lindo, mas e o desenfreado, Wallbanger sexo? Sim. Ela teria que tê-lo rapidamente novamente. Com força - para detonar a explosão inicial. Ela o queria tão ferozmente que quase sugeriu que fossem lá para cima. Afastou-se lentamente e, as mãos dele a soltaram. Ela levantou do colo dele, atordoada pela guerra de sentimentos lutando por supremacia dentro dela.

"Estou exausta, Jack. Te vejo no sábado."

Com medo da ternura, da exacerbada emoção, ela escapou escada acima antes que ele pudesse dizer uma palavra. Uma vez dentro do quarto, deslizou para baixo contra a porta e fechou os olhos.

* * * *

O Observador soltou uma série de maldições quando um relatório sobre um novo incêndio veio do rádio do carro. Como se atreve alguém a pegar o incêndio e utilizá-lo para sua própria glória? O esplendor pertencia a ele e a mais ninguém. Conforme a raiva dançava dentro dele, os dedos apertaram o frio volante.

"Esta é a *WWKT Country* em Clifton. Recebemos a notícia de que um incêndio foi iniciado numa lavanderia 24 horas no centro da cidade no início desta noite. Neste momento, os bombeiros afirmam a origem é suspeita, mas não estão dando mais detalhes. A situação está cem por cento sob controle. Essa sequência de incêndios tem a todos nós a pinos e agulhas. Todo mundo está querendo saber se estes incêndios vão continuar. Mantenham-se seguros."

O Observador riu do tom melodramático do locutor. Em seguida, a compreensão apagou a raiva que explodia dentro dele. Tinha esquecido o novo amigo do incêndio. Desde o incêndio no *Top O ' The Morning Club*, o Observador sentira confiança e felicidade. Agora que estava sendo ajudado por um amigo, seu plano seria mais fácil. Mais emocionante. Quase tão emocionante quanto iniciar um fogo ele mesmo. Quase.

O desejo de iniciar um incêndio floresceu quente, mas, o Observador o reteve, querendo saber o que fazer em seguida. A polícia estaria à procura de atividades suspeitas. Não. Ele iria deixar o amigo tomar todo o risco e ficaria quieto até que as coisas acalmassem.

Observador sorriu novamente. À hora de mais ação viria em breve.

* * * *

"Posso ter um momento?" Cherry perguntou a Autumn depois que colidiram uma na outra na *Main Street*. "Eu ia te ligar neste fim de semana."

"Claro". A voz de Autumn soou tão entusiasmada quanto o inferno.

Não.

Autumn parecia perplexa. Mas, mais importante do que isso, ela parecia desleal. Usava um casaco de marinheiro azul que já tinha tido dias melhores, uma gola branca e calça jeans que estavam um pouco desgastadas na bainha. A gola branca parecia um pouco puxada para fora de forma. O vento soprava pelo cabelo de Autumn, desarranjando-o em uma grande confusão. Cherry secretamente gostou daquilo. Seu próprio cabelo era assegurado com força industrial, spray de cabelo de marca. O tipo de spray que custa uma escandalosa quantidade de dinheiro e praticamente garantia um penteado que poderia suportar ventos fortes.

Cherry engessou seu melhor sorriso, o tipo de sorriso que enganava os homens freqüentemente. "Eu queria falar com você há muito tempo. E se nós nos encontramos na segunda-feira para almoçar?"

"Desculpe Cherry. Estou ocupada. Se você não se importa, eu tenho algumas compras para fazer."

Deus, ela é tão idiota. Idiota. Idiota. Idiota. A ladainha percorria cabeça de Cherry e ela odiou a súbita falta de controle sobre a situação.

"Ah, mas há algo que eu acho que você deve saber sobre Jack." Ela baixou a voz para que Autumn achasse que ela estava sendo sincera e interessada no seu bem-estar. "Como uma velha amiga, eu acho que você deveria saber."

Vulnerabilidade brilhou nos olhos de Autumn e Cherry sabia que devia caçar e destruir.

Atacar seria tão fácil agora.

"Tudo bem. Me diga agora", disse Autumn. "Tenho a sensação de que você vai dizer, de qualquer maneira."

Cherry manteve a expressão propositadamente indiferente. "Você está se aproximando de Jack?"

Cherry amou a maneira que o olhar de Autumn dançou com a surpresa e talvez com uma pitada de irritação. "Seja qual for a nossa relação, não é da conta de ninguém. Nem mesmo da sua."

Uma renovada raiva deslizou sobre Cherry como ácido quente. Ela quase perdeu... Quase disse o que realmente pensava da vadia na frente dela. Ao invés, respirou firme.

"Você confundiu minhas intenções. Eu queria que você soubesse que Jack é bastante persuasivo, quando quer ser. Eu não quero que você fique com a impressão errada sobre ele."

"Então, qual é a impressão correta?" Autumn perguntou sua voz fria.

"Eu estou tentando ser delicada e não ferir seus sentimentos".

"Você não está sendo delicado, Cherry, você está sendo obtusa. Cuspa tudo". Rígida e definitiva, a voz de Autumn mantinha pouca paciência.

Surpresa e odiando a idéia que Autumn pudesse entender seus motivos, Cherry deixou romper. Colocou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça para o lado um pouco. "Jack e eu somos próximos, Autumn. Muito próximos. Eu gosto dele e estou planejando mudar a nossa relação para o próximo nível." Cherry acrescentou uma encolhida de ombros à mistura.

"Nós somos íntimos. Eu achei que você devia saber disso antes de começar a ter alguma idéia sobre tê-lo para o si própria".

"Faça o que quiser Cherry. Eu não poderia me importar menos."

Segura e finalizadora, a última declaração de Autumn pegou Cherry desprevenida. Antes que Cherry pudesse formar outra resposta, Autumn caminhava pela rua em

direção a seu carro. Irritada, Cherry queria assar a bunda de Autumn MacAllister numa cama de brasas.

Em seguida, uma nova idéia veio à mente, que apagou o sentido de decepção por Autumn parecer conhecer o jogo. Talvez George pudesse ajudá-la com esta mulher pela última vez. Parte do seu preocupado George ficaria chateado quando ela sugerisse um plano para ensacar Autumn. Ele poderia bater em Cherry e, ela sabia disso. Ele gostava que a mulher fingisse não estar disposta à ocasião e não quisesse nada com ele. Portanto, ela deu-lhe uma oportunidade, uma vez por semana, pelo menos, para brincar de macho dominante rapidamente. Ela deixava-o algemá-la à cama e fingia não gostar de seu pênis rígido, de suas punidoras estocadas. Ao invés, experimentava o maior orgasmo que jamais tinha tido, conforme ele a atingia como um cachorro no cio. Antecipação elevada começou a andar em direção as porta da frente.

George apareceu na entrada da loja de artigos esportivos, na qual perdia muito tempo dentro. Ela o seguiu até seu raquítico carro. Eles deslizaram para dentro do veículo, mas, ao invés de ligar o motor, ele se virou para ela. Deslizou o braço sobre o encosto do banco atrás dela e se aproximou até que seus corpos se tocaram.

"O que você está fazendo?" Ela perguntou, injetando o tom com toda suavidade que poderia gerenciar. Não queria irritá-lo ali, onde todos pudessem vê-los.

O olhar dele acendeu com aquele estranho brilho. "Estava falando com Autumn? Eu a vi aqui com você."

"Nós simplesmente trocamos gentilezas".

Ele soltou uma risada. "Sim. Certo. Eu também ouvi que você visitou Dillon no outro dia na estação. Você bizarramente não entende, não é Cherry? Fique longe de Dillon ou vai se arrepender."

Cherry olhou-o bem nos olhos. "Eu não tenho tempo para discutir sobre ele. Não tenha idéias estúpidas."

"Tudo tem a ver com te comer, Cherry. Todo homem quer comer você. Eu quero te comer".

George, você é um psicopata.

"Você quer Autumn MacAllister e eu sei disso", disse ela. "Eu quero Jack Dillon e você sabe disso. Então, o que nos está impedindo de ter o que queremos?"

Seus lábios cruéis se curvaram em um sorriso torto. Segundos rastejaram enquanto ele filtrava a idéia através de seu grosso crânio. Impaciente, Cherry começou a se desviar, mas ele a puxou de volta para ele.

"Você está dizendo que quer terminar comigo? Quer cair fora?", Ele perguntou.

"Não. Mas se você quiser um pouco extra ao lado eu não vou chutar suas bolas por isso. Vá atrás do que quer. Se você quiser a cadela, não vou te parar. Mas eu quero Jack e, vou tê-lo." Ela se segurou, por um momento angustiante, à beira do perigo. George poderia estalar seu pescoço como o de uma galinha e não ter nem um microssegundo de arrependimento. O olhar dele escureceu. Lambeu os lábios e estendeu a mão para ela. "Venha aqui."

* * * *

Autumn caminhou firmemente para a pista de boliche, onde planejava jogar com Bitsie e Ginger. A agitação de Autumn sobre a conversa com Cherry ainda fervia nas veias. Ela percebeu um segundo tarde demais que os meninos da Máfia estavam perto da entrada do boliche, fumando cigarros.

"Ei, moça bonita", disse Micky quando avançou com seu parceiro.

O sorriso de Todd cresceu selvagem e imbuído de antecipação. "Bem, olhe o que temos aqui. A pequena causadora de confusão." Ela virou-se para entrar na pista de boliche, mas Todd apertou seu braço e a puxou para trás.

"Nós temos alguns assuntos com você". A voz de Todd soou profunda e cheia de malícia. "Sérios assuntos".

Sua mente vagou entre o pânico e a razão. A garganta, seca e firme, quase a impedia de falar. O suor eclodiu ao longo de seu corpo. Presa, teria dificuldade para escapar ou se defender. Puxou-se do aperto de Todd e, para sua surpresa, ele a libertou. Armando contra a vontade de correr, colocou as mãos nos quadris e não disse nada. Instintivamente, sabia que se corresse, eles a caçariam. Olhou para os dois predadores e colocou toda a sua malícia no olhar.

Micky fechou as fileiras. Apenas doze polegadas a separavam dele. "Colocou-nos em problemas com a polícia."

"O quê?", Ela perguntou incrédula.

Isso é demais. Primeiro Cherry me repreende e agora esses imbecis aparecem.

Todd sorriu e ela percebeu a deplorável condição dos seus dentes, pela primeira vez. Podia sentir seu detestável hálito. "Nós não gostamos quando princesinhas vêm para a cidade e perturbam as coisas. A polícia foi falar com a gente sobre as fotos que você tirou de nós no incêndio. Fazendo parecer que fomos nós que começamos os incêndios."

Tudo dentro dela endureceu. "Eu não tirei as fotos para vocês terem problemas. Tirei fotos de toda a multidão."

Todd socou o ar com o dedo para enfatizar um ponto. "Outro repórter fodido tirou fotos no incêndio da boate e a polícia olhou as fotos dele também."

Lembrando que tinha visto Todd no *Top O' The Morning Club*, ela concordou. "E o que isso tem a ver comigo?"

"A polícia está sempre na nossa bunda, por isso", disse Micky, sua voz grave.

"E você sabia que ia criar problemas quando mostrou as nossas fotos".

"Você deve estar brincando. Eles me pediram para entregar as fotos daquela primeira vez, e eu entreguei."

Quando olharam para ela, ela decidiu tomar um caminho que não esperavam. Se discutisse com eles num tom estridente, eles se alimentariam de sua raiva. Eles queriam que ela reagisse. Ela se dirigiu à frente do edifício do novo, o que esperava ser relativamente seguro. "Agora, se você me dá licença."

Micky pisou na frente de Autumn e parou-a com um sorriso malicioso. "Eu acho que não." Todd riu. "Você não deveria ter voltado à cidade."

Descontroladamente, ela se perguntou se tinha pisado em um fétido filme do velho oeste de má rendição.

Micky alcançou o braço dela e antes que ela pudesse se mover, ele a segurou pelo punho esquerdo. A dor chicoteou a articulação e ela engasgou. Ele a puxou contra seu corpo.

Ela tentou se puxar de volta, mas a pressão enviava uma contundente dor quente por seu braço.

Incapaz de segurar uma arfada, ela olhou para o homem que a segurava. "Solte-me."

"Eu acho que eu ouviria a dama se fosse você", uma dura e escura como a noite voz disse de algum lugar próximo. "Ela é mais perigosa do que você pensa."

Jack.

Ele estava na parte lateral do edifício. Sua postura era cem por cento séria, os pés afastados e os punhos cerrados ao lado. Autumn suspirou pelo autêntico alívio. Ele nunca tirou a atenção dos dois homens e, ela sentiu sua raiva e preocupação, como uma explosão de um forno quente. O medo retornou quando ela percebeu que Jack enfrentava dois homens. Uma dor quente perfurou-lhe o pulso quando os dedos de Micky se apertaram em sua carne.

Jack olhou para ela, e ela viu a preocupação cintilar mais nos olhos dele, então a fúria chocante. Ele permaneceu no local, sem se mover, a expressão sombria avisava os homens. "Solte-a ou eu garanto que você vai se arrepender." Suave e tranquila, o tom de sua voz letal dizia que não toleraria argumentos. Os pequenos olhos de Micky se apertaram até parecer um porco louco. "Isto não é da sua conta. Você ainda é um fodido bunda mole, Dillon."

Com todos os três homens fixados em seus altos níveis de testosterona, Autumn viu sua oportunidade. Virou-se com o joelho e conseguiu um impulso direto nas bolas de Micky. A respiração de Micky travou, ele agarrou a virilha com ambas as mãos e se inclinou com um gemido agonizante. Autumn sentiu uma pontada de puro prazer ao vê-lo incapacitado. Patéticos gemidos escaparam da boca do homem.

Jack cruzou os braços e deu um sorriso de piedade aos homens. "Eu disse que ela é mais perigosa do que parece."

Todd vomitou obscenidades e manteve-se congelado no local.

Caminhando a calmos passos, Jack parou na frente dela como um anjo protetor e encarou o homem. Ele parecia pronto para qualquer coisa.

Tremores demoliram seus membros por um momento e se estabeleceram no estômago. A eletricidade parecia crepitar no ar. Qualquer coisa poderia acontecer e, provavelmente aconteceria se não resolvesse a situação.

Estendeu a mão para o antebraço de Jack e tocou-lhe suavemente. Seus músculos se contraíram, mas ele não olhou para ela. "Jack".

Micky se endireitou com dificuldade. A dor tencionou a boca. "Sim, bunda mole, isso não é da sua conta."

"Qualquer coisa sobre esta dama é da minha conta." A voz de Jack permaneceu rígida.

Todd riu um estridente rangido que incomodava os nervos. "Você acha que pode nos encarar?"

Ela sentiu Jack em pouco tenso e pegou seu braço mais uma vez, instintivamente. "Jack".

"Eu vou olhar estes cães, enquanto você vai embora, Autumn. Agora". Os bíceps dele endureceram e se flexionaram sob o toque dela.

De jeito nenhum. Ela não o deixaria sozinho com esses canalhas. Pelo menos, os dois juntos aqui tinham mais chances. Ela podia não ter a força de um homem, mas conhecia alguns truques. Poderia causar algum dano a estes dois idiotas.

"Eu não vou te deixar aqui," Autumn disse suavemente. "E se você acha que o meu joelho Ball-buster era algo de se ver, você ainda não viu nada."

Ela não podia acreditar no que tinha dito.

Nada como um falso desafio para tomar um chute na bunda, Autumn.

Todd olhou para Micky e os dois homens hesitaram, a incerteza piscando sobre seus rostos. Micky encolheu os ombros. "Você ainda vai ter notícias da gente. Diga à polícia mais mentiras sobre nós provocando incêndios e, aí sim, vai se queimar".

Todd cuspiu nos pés dos dois e então os dois homens se dirigiram ao Mustang. Autumn e Jack esperaram até que os homens fossem embora antes de se moverem ou dizerem uma palavra sequer.

Ele virou e apertou os ombros dela enquanto a olhava. Seu olhar misturava alívio, raiva, e outra coisa que não podia registrar. "Você se machucou?"

Agora que os dois homens haviam ido, os tremores do corpo apareceram em alta vibração. Sua voz tremeu. "Não. Mas eu acho que devemos chamar a polícia. Estou farta desses imbecis e, desta vez, vou prestar queixas".

* * * *

Autumn tremia em reação durante todo o tempo em que a polícia pegava sua declaração dentro do boliche. Eles interrogaram Jack depois disso. Bitsie e Ginger ficaram com Autumn, recusando-se a deixá-la sozinha.

Bitsie deslizou o braço em torno de Autumn e deu-lhe um abraço. "Eu não posso acreditar que tentaram te machucar. Só Deus sabe o que teria acontecido se Jack não tivesse decidido vir para o boliche também e te procurar".

Autumn devolveu-lhe o abraço, então se puxou de volta. Sorriu fracamente. "Estou feliz por ter dado um bom chute."

Bitsie administrou uma risada triste.

"Também sinto muito por você ter tido tantos problemas desde que voltou para Clifton." Ginger suspirou. "George Beckett agindo como um gorila e agora os bandidos. É o suficiente para me fazer gritar."

Gritar parecia uma boa idéia para Autumn agora. Seus nervos pularam, se contorceram e todo o corpo se sentia preparado para isso. Ela não conseguia se aquecer.

Depois que os policiais o deixaram, Jack voltou para Autumn. "Eu quero falar com você. Agora."

Jack a levou para longe da multidão para uma área lateral. "Você está bem?"

"Sim, eu estou bem." Ela estremeceu. "Não acho que poderia ter lutado com os dois e, nem quero pensar no que eles tinham em mente."

Os olhos e boca dele endureceram e ela viu um toque do homem que a protegera dos Meninos da Máfia. Um homem que não teria hesitado em pular em uma briga se isso significasse mantê-la protegida. Ternos sentimentos indesejados entraram em seu coração e as sensações seriamente piegas fizeram o coração bater mais rápido.

Ele chegou mais perto, a profundidade de seus olhos se encheram de uma emoção que a assustou. Já tinha visto aquele olhar antes, que revelava coisas que ela não ousava acreditar. Encurralada pelos sentimentos e sem saber como poderia escapar. Antes que ele pudesse falar, ela explicou o encontro com Cherry. Por muito tempo ele a encarou e, quando não agüentava mais, olhou para as mãos entrelaçadas. "Ela quer você, Jack."

"Sim, ela não entende a dica. Eu não a quero. Ela quer o tango na horizontal."

Autumn quase riu da descrição, mas em vez disso, ela limpou a garganta. "Ela acredita que antes que eu aparecesse na cidade você era dela."

"Besteira".

A direta declaração dele, sem adocicar, a fez sorrir ligeiramente. "Bem, é o que ela acha."

O olhar dele procurou o dela.

Imaginar Jack emaranhado com Cherry em um abraço íntimo incomodava Autumn. Muito.

Ele adiantou-se novamente e, desta vez ela não recuou. Jack ficou tão perto que ela podia sentir uma pitada da loção pós-barba. Os dedos dele foram para o queixo dela, esfregando sua pele com um delicado toque. A proximidade fez iniciar um motim em seu corpo.

Ele levantou o rosto, para que ela o olhasse. "Você está com ciúme?" Um sorriso de derreter o coração tocou a boca dele. "Não há nenhuma razão para você estar. Mas eu ficarei lisonjeado se você estiver".

Envergonhada por ele ter visto através dela, ela levou um momento para responder. "Ela é uma mulher linda."

"Linda, sim. Mas eu não sinto nada por ela." A voz de Jack ficou rouca, o olhar quente. "Eu nunca me envolveria com uma mulher assim. Precisamos acertar uma coisa agora." Preocupada, ela perguntou: "Sobre o quê?"

"Nós".

Nós.

Ele deu um passo ainda mais perto. Tão perto, sua masculinidade fora de sério a fez tremer. Ela se coçava para tocá-lo. Ao invés de dar boas vindas ao calor que vira nos olhos dele, ela recuou.

Inebriantes sensações se misturaram a um verdadeiro terror. O tipo que veio com a percepção de que ele a tinha pego em uma rede de atração que não poderia escapar. Todos os nervos formigaram com a crua consciência. O calor em seu olhar confirmava que Jack sentia a atração. "Ginger e Bitsie estão esperando. Vamos", disse ela. Afastou-se.

Capítulo Catorze

Quando Autumn estacionou o SUV no estacionamento perto do condomínio de Jack, ela se perguntava o que ele pensava da manchete do jornal na seção de recursos pequenos.

"Herói local divide reflexões sobre incêndios" foi o inócuo título que Elliott tinha usado para o artigo. Ela tentou várias manchetes mais cativantes e nenhuma delas lhe agradara. O artigo foi encoberto pela manchete principal na primeira página: *"Polícia e Chefe de bombeiros dizem estar sem pistas sobre os incêndios criminosos."*

Suas emoções saltaram da tranquilidade ao aborrecimento em uma batida de coração. Agora, sentada no estacionamento, ela tomou duas claras respirações.

Calma e controle. *Nenhuma razão para enlouquecer, Autumn. O que quer que aconteça esta noite aconteceu.* Seus nervos se sentiram abalados e ela não sabia o porquê. Nem sequer o banho quente ao qual se entregara mais cedo não a tinha feito se sentir melhor. Talvez o encontro com Cherry e os Meninos da Máfia a tinha abalado mais do que percebera.

Ou era tudo junto? Estar sozinha com um homem que queria de tal forma que chegava a doer? Autumn percebeu que não sabia a resposta e voltou sua atenção para o condomínio. Admirava o incomum prédio colonial de dois andares e tijolos vermelhos incorporado com toques modernos. Todos os condomínios, diversos neste bloco, eram situados perto uns dos outros, sem espaço para quintais ou salas para as crianças brincarem.

Começava a travar o carro quando viu o veículo do Jornal parado no estacionamento alguns carros de distância. "Oh, ótimo. O que é isto?"

Ela sabia a resposta da própria pergunta. Billings tinha prometido enviar equipes de reportagem para questionar qualquer um e todos que podiam. Ela hesitou, sabendo que os repórteres se focariam nela no momento em que chegasse à porta da frente de Jack.

'Tiro ao alto'. É agora ou nunca.

Agarrando a garrafa de vinho que prometera trazer, ela saiu do carro. Excitação se infiltrou em suas veias enquanto se arrastava na direção da porta da frente. Antes que pudesse alcançar a pequena varanda, viu seis repórteres rondando as proximidades. Quando a viu, um deles apontou para ela e todos eles vieram correndo. Autumn acelerou os passos.

Uma mulher, uma morena com um enorme sorriso, enfiou um microfone na cara de Autumn. "Senhorita MacAllister, sou Jana S. Tiago da WKKN de Wyoming. Vemos que está aqui na casa de Jack Dillon. Vocês dois estão juntos?"

Autumn quase pôde ouvir os pensamentos da mulher. *As mentes curiosas queriam saber. Ick*. Ótimo, Deus. As pessoas de Wyoming queriam saber?*

Ela ignorou a mulher e bateu na porta. Ela esperava que Jack respondesse rápido.

Um baixo, atarracado homem subiu. Ele segurava um bloco de notas, o lápis pronto para a ação. "Miss MacAllister, todo mundo sabe que você e Jack Dillon foram tutor e aluno anos atrás. Havia algo estranho em seu relacionamento nesse momento?"

A repulsa fez seu estômago revirar, acrescentada a um fluxo constante de raiva.

"O que disse?"

"O fato do Senhor Dillon ser mais jovem do que você é um problema no relacionamento de vocês?" O homem pequeno perguntou.

Isso é. "O fato de você ser baixo explica porque é difícil para você arrumar namorada?" Empalidecendo, o baixinho deu um passo para trás. Antes que Autumn pudesse mandar o homem pegar o gravador e enfiar no rabo, a porta da frente abriu de repente. Com um largo sorriso, Jack agarrou o braço dela e a ajudou a deslizar pela porta. Ele a fechou e trancou. "Bem vinda." Jack balançou as sobrancelhas. "Venha até minha sala."

Ela sorriu para a malvada expressão dele e lhe entregou a garrafa de vinho tinto.

"Ingrediente para a sangria."

Antes que ela pudesse tomar fôlego o braço forte caiu em volta dela, e ele pressionou um beijo lento na testa. "Obrigado."

O Prazer dançou no estômago dela, se iniciando como uma lenta pirueta e se fortalecendo até uma onda em um piscar de olhos. "Jack".

Outro beijo carinhoso pousou em sua testa. "Desculpe pelos repórteres. Eles apareceram mais cedo hoje e ficam esperando que eu vá lá fora. Gente doida. Imaginei que estariam questionando meu chefe ou o Marechal. Qualquer um, menos eu."

Ela se aninhou no calor dele, reunindo forças de seu afeto. "Se o ângulo das perguntas for indicativo, eu diria que eles não estão interessados nos incêndios agora." Ela contou o que os repórteres perguntaram. "O baixinho provavelmente vai me detonar em qualquer trapo que escrever".

"Não se preocupe com isso." Com um sorriso irônico tocando os lábios, ele lhe deu um olhar que a aqueceu até o núcleo. "Você é má, sabia disso?"

* Ick = "*Ichthyophthirius multifiliis*", parasitas unicelulares. O termo também pode se referir a alguém ou alguma coisa detestável, desprezível.

"Eu tento ser." Ela sabia que sua declaração saiu ofegante e provocante, mas do jeito que ele a estava olhando e segurando, enviava arrepios até o fundo do corpo e da alma.

Ele beijou a testa de novo, então um suave burburinho de riso foi emitido por ele.

Prazeres mentais e físicos superaram todo o bom senso. *Deus, eu adoro a sensação do braço dele ao meu redor e o toque dos seus lábios... É o paraíso.*

O desejo surgiu no olhar dele. "Você está linda".

Autoconsciente, ela quase minimizou sua aparência. O longo casaco de lã azul marinho, suéter vermelho trançado, saia jeans e botas na altura do joelho não podiam ser considerada alta costura.

"Obrigada." Ela odiava parecer tão sem fôlego, mas mesmo seus beijos inocentes a tinham deixado tonta.

O olhar dele caiu à boca, como se quisesse beijá-la novamente.

Jack parecia suficientemente bom para se comer em um suéter de lã azul marinho e calça jeans preta. O suéter fez cócegas nos dedos dela quando apertou a mão contra o peito dele. Seu coração batia forte, firme, e talvez um pouco rápido. Calor se difundiu entre eles, e Autumn se perguntou se mantivesse a calma e ousasse prender seu olhar no dele, o que iria acontecer. Ele a libertou.

O silêncio se estendeu até que ela teve que dizer alguma coisa. "Você também não está nada mal, Dillon."

Ele lhe deu uma piscadela, flertando e pegou o casaco assim que ela o tirou. "Obrigado."

Ele começou a andar em direção à cozinha, nos fundos. "O jantar está quase pronto e você pode me ajudar a fazer a sangria."

"O quê? Sem tour pela casa? Ou isso é uma coisa muito 'garotinha' para se fazer?"

Ele riu. "Nenhum dos caras da estação iria pedir um tour pelo condomínio."

"Hum. Bem, eu *sou* uma mulher, Jack."

Outro olhar arrebatador, começando na cabeça e descendo com lenta avaliação, dizia que ele apreciava sua aparência. "Eu posso notar. Prometo que vou começar na cozinha e fazer o caminho pelo resto do lugar."

Resolvendo manter-se calma, o seguiu até a cozinha. Potes e panelas espalhadas testemunhavam que ele tinha estado cozinhando.

Ela fechou os olhos e inspirou. "Isso cheira tão bem. Seu Chili foi sempre melhor do que sexo." As palavras escapuliram de Autumn antes que percebesse o que tinha dito; bateu a mão sobre a boca. Murmurou através dos dedos "quero dizer... você sabe."

Quando alcançou uma jarra de vidro no alto de uma prateleira, ele riu. Colocou a jarra em cima do balcão e virou na direção dela. A proximidade a fez mais do que consciente de seu corpo grande. Ela pegou dele um sopro do masculino aroma de couro e especiarias, perfume varonil. Novamente, os olhos de Jack se voltaram apaixonados e inabalável avaliação dele tomou conta dela.

"Não, eu não sei. Por que você não me fala?"

"Não há nada para dizer." Ela começou a misturar os ingredientes da sangria. "É apenas uma frase."

Seu sorriso dizia que ele não acreditava nela. "Certo. Se Chili é melhor do que sexo, você tem tido o tipo de sexo errado. Antes de ter voltado para Clifton, quer dizer." Ele balançou as sobrancelhas.

Uma forte queimação cresceu em seu pescoço e rosto quando ela evitou o olhar de sondagem dele.

Depois que terminou de ajudar a misturar a sangria, ele fez o tour pela casa.

Generosas janelas deixavam a luz abundante entrar nos cômodos. A sala de estar, grande e confortável, mostrava o casual, mas, atraente mobiliário verde escuro. O fogo crepitava na lareira, tomando o frio do dia de inverno. Um sofá transversal parecia perfeito para relaxar em frente à televisão. Ela olhou à esquerda da sala de estar e viu uma pequena sala organizada numa combinação de recanto e escritório. No andar de cima, ele mostrou a ela um quarto de hóspedes pouco mobiliados, em seguida, o seu quarto. Quando ela entrou na suíte, aspirou ao distintivo e agradável perfume masculino que dizia que Jack vivia ali. O quarto inteiro, com tons de azul, cinza e verde, gritava masculinidade. Uma cama king-size dominava o ambiente. Jack tinha decorado o quarto com algumas fotos de lobos.

"Você amava lobos quando era garoto", disse ela, encantada por ele ainda gostar.

"Você se lembra disso?"

"Há muitas coisas que eu me lembro de você quando era quase adolescente, Dillon." Ela armou um dedo em direção à porta. "Agora vamos chegar lá comer antes de eu morra de água na boca."

Ela o ajudou a pôr a mesa na sala de jantar, e logo comeram tigelas do espesso, delicioso Chili, pão francês e salada verde.

Autumn inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos enquanto saboreava a primeira prova do Chili.

"Mmm. Isso está quase orgás- quer dizer, extraordinário."

O sorriso tolo de Jack dizia que ele sabia o que ela quase tinha dito.

Deus tente manter as relações sexuais fora da conversa.

"Estou feliz que tenha gostado. Não está picante demais? O cabelo de Hank quase pegou fogo quando provou essa receita."

"Que cabelo?"

Jack riu. "Os cabelos do peito, eu acho. O homem é uma besta. Enfim, ele não gostou."

"Você sabe que eu gosto picante". Autumn olhou para ele, incapaz de conter-se.

"Quero dizer..."

"Sim, eu sei." O impenitente sorriso de Jack mostrava que ele reconheceria o acidental duplo sentido. "Você está afundando cada vez mais."

"Nem me diga. Talvez eu deva simplesmente comer e não falar nada."

"Então, quando é que vai me contar o que aconteceu entre você e George anos atrás?" Jack tomou um gole de sangria. "E sobre os pesadelos".

"É hora de pagar, né?"

"Exatamente."

Ela respirou fundo, tirando forças do fôlego. "Tudo bem." Mastigou uma colherada do saboroso Chili, então engoliu. "Eu não sei por onde começar. Sinto que não posso dizer nada depressa ou vou esquecer alguma coisa. Parece indispensável que eu te conte tudo."

Jack assentiu. Ele terminou o Chili e a salada. "Podemos ir para sala de estar e conversar se quiser."

"Você vai me contar sobre o 'Ground Zero', depois?"

Jack empurrou o prato e tigela para o lado. "Eu mantenho a minha palavra, Autumn. Você sabe disso."

Por mais delicioso que o Chili estivesse, ela não sabia se podia comer um grão a mais. "Tudo bem. Vou começar com George."

Jack empurrou a cadeira para trás e bebeu a sangria. "Vamos ficar confortáveis."

Uma vez na sala, colocou um CD no som, com uma calma, sexy música jazz, que a lembrou da noite no *Top O' The Morning Club*. A delicada luz da lareira iluminava o ambiente. Quando ele se instalou perto do meio do sofá, ela sentou perto do fim.

"Se você se sentar um pouco mais longe, não vou ser capaz de vê-la", disse Jack.

"Muito engraçado."

O brilho infantil nos olhos de Jack dizia que ele não se importava. "Sente mais perto para que eu possa ouvi-la também."

Ela se aproximou outra vez até uma almofada os separava, sabendo muito bem o que ele queria, mas jogando o seu jogo, no entanto. "Você deve estar brincando, Jack. Você pode me ouvir perfeitamente. Trata-se de uma estratégia para que eu me aproxime."

Com uma cara séria, disse: "Sim, é."

Exalando um suspiro exagerado, ela decidiu que agora era o momento de começar do início, antes que perdesse a coragem. "George foi muito amável quando nós saímos pela primeira vez. Saímos um par de vezes antes que ele comesse a ficar agressivo..."

Os olhos dele encheram de raiva, e por um momento, ela viu o brilho do guerreiro por dentro. Se lembrou do olhar de aço na noite em que George a tinha abordado no escritório do jornal.

Ele colocou a taça sobre a mesinha de café de madeira. "Agressivo como?"

"Me tocando quando eu não queria que fizesse. Foi demais, muito cedo. E eu não gostava dos beijos dele."

"Ele foi o primeiro cara que você beijou?"

Desconfortável, ela colocou a bebida perto da sangria de Jack. "Sim". Ele também foi rude comigo. "

"O que?" Seu tom era tenso. "Você está me dizendo que ele abusou fisicamente de você?"

Ela alisou o cabelo para fora do rosto com as duas mãos e, a memória súbita causou o surgimento de lágrimas nos olhos. "Um... ele..."

Quando ela vacilou, Jack chegou mais perto. "Ei, tudo bem." Ele estendeu a mão e enfiou os dedos no cabelo dela, uma carícia suave, que consolava. "Vá devagar e me conte o que aconteceu."

Autumn viu ódio acumulado lutando com ternura nos olhos de Jack e, isso a amoleceu como pudim. Ondas de reafirmação fluíram de onde ele a tocou direto para o coração.

Ela nunca tinha imaginado que um homem pudesse ser tão gentil. Lutou contra as lágrimas. "Um dia antes do incêndio, fomos até o *Bullet Point*."

"O beco dos namorados de Clifton."

Constrangida e envergonhada pela lembrança, ela suspirou. "Eu não sabia que ele achava que eu estava indo para fazer sexo com ele." Uma lágrima escapou e deslizou pelo rosto. "Eu deveria ter pensado mais antes de subir lá totalmente isolada com ele. Queria tanto a atenção masculina, que acho que estava disposta a aceitar qualquer tipo de atenção, mesmo que fosse negativa." Ela viu as perguntas nos olhos de Jack e não podia culpá-lo por imaginar. "Meus pais estavam discutindo muito e eu me sentia péssima. Eu estava tão confusa e deprimida. "

"Eu conheço esse sentimento. Era assim na época que meus pais se autodestruíam e estavam a caminho ao divórcio." Seus dedos esfregaram o rosto dela. "Nossas famílias causaram tanta dor uma à outra. É irônico estamos aqui agora, conversando assim."

"Com certeza. Acho que naquela época eu estava a caminho de autodestruição com George também. Eu não percebi isso a princípio. Então, quando ele me levou até o *Bullet Point*, a realidade apareceu." Ela agarrou a saia, colocando o tecido entre os dedos. "Eu pensei que ele quisesse namorar um pouco. As coisas evoluíram e ele se manteve em cima de mim, mesmo eu realmente não querendo. Não parecia certo." Autumn engoliu em seco, um nó de tensão na garganta tão grande quanto um pequeno país. "Ele me puxou para baixo no banco de trás, e antes que eu percebesse, rasgou minha calcinha-"

"Jesus Cristo!"

Ela vacilou as lembranças da força George ressuscitou como se tivesse acontecido ontem. Longos arrepios abalaram seu corpo, gelados e implacáveis.

O ódio queimava nos olhos de Jack. Uma pontada de angústia cintilava sobre as feições dele. "Você está me dizendo que ele te estuprou?" Ela não respondeu e as

lágrimas caíam-lhe pelo rosto sem parar. Ele envolveu o rosto dela com ambas as mãos, acariciando-a com os dedos polegares. "Oh, Deus. Querida".

Nem o delicado carinho poderia desobstruir o impasse em sua garganta. Como se esperasse que ela fugisse como um cervo assustado, ele deslizou o braço sobre os ombros dela e a trouxe para perto. A calma desmanchou o frio nó formado seu coração, conforme lembrava aquela noite horrível. Sob a força do braço dele ao redor dela, ela se sentiu protegida. As lembranças não poderiam machucá-la.

O queixo descansou contra a testa dela quando ele a aninhou nele. Ela fechou os olhos. "Eu lutei contra George, mas ele era muito forte. Eu chutei e gritei."

"Oh, Deus", sussurrou Jack novamente.

"A única coisa que me salvou foi outro carro. George ouviu o veículo estacionando perto e me deixou ir. Era outro casal em um conversível."

"Então ele não..." Sua voz soou tensa.

"Não. Ele não conseguiu."

Jack a apertou suavemente e pressionou um beijo em seu cabelo. "Mas ainda foi tentativa de estupro". Ele recuou e olhou nos olhos dela. "Você não o denunciou?"

"Eu não contei a ninguém."

"Por que, Autumn?" Ela viu descrença e perturbação em seu rosto. "Por quê?"

"Eu era jovem e estava assustada. Não podia acreditar no que tinha acontecido. Além disso, meus pais desconfiavam de George e me disseram que eu não podia vê-lo mais".

"Então, você teria que admitir que estava com ele naquela noite se confessasse que ele quase te estuprou."

"Certo. Eu não estava pensando direito e tive vergonha."

"Você não tinha nada do que se envergonhar. Ele tinha. Beckett tentou te estuprar."

Ela balançou a cabeça. "Eu sei. Eu sei. Mas você não pode imaginar a sensação ser tão indefesa. Naquele ponto quando você percebe que todos os chutes e gritos e mordidas e arranhões não vão impedir a pessoa de te machucar."

Ela se enterrou mais fundo quando os braços dele se apertaram em volta dela. "Está tudo bem. Eu estou com você."

Esperou alguns instantes antes de olhar para ele, quase medo de ver sua expressão. Ele parecia triste e pronto para matar George, ao mesmo tempo. "Eu nunca contei isso a ninguém até agora."

"Estou feliz por você ter me contado." Mais do ódio quente foi adicionado à multidão de caóticas emoções no rosto dele. "Ele é um filho da puta de primeira categoria." Ele se rompeu e ela o viu lutando para segurar o linguajar. "Ele é um pedaço de merda. Abusou sexualmente de você. Deus sabe quantas outras mulheres ele já feriu."

Mesmo sabendo que Jack nunca iria machucá-la, a intensidade da ira inadulterada em suas palavras a fez encolher um pouco. Ela se afastou do abraço. "Você não acha que alguém já o teria denunciado a este ponto?"

Ele encolheu os ombros e apertou a mão pelo cabelo. "Quem sabe? Ouvi dizer que ele esteve no exército durante alguns anos e no exterior por parte desse tempo. Provavelmente feriu algumas mulheres por lá e elas nunca o denunciaram."

"Mas, e aqui em Clifton?"

"Talvez se elas tiverem medo dele não dirão nada às autoridades." Ele pressionou um leve beijo no rosto dela. "Você provavelmente não quis nada com os homens por algum tempo depois disso."

Ela balançou a cabeça. "Namorei um cara legal no último ano da faculdade, mas não deu certo."

Ela sorriu fracamente. "Alguns anos atrás, quando comecei a trabalhar como Saltadora de Fumaça, houve outro homem. Um cara por quem eu pensei que pudesse me apaixonar. Mas ele..."

Ele franziu a testa. "O que?"

"Ele foi morto no salto acidental que levou minha carreira de mim. Derek Colligan era meu parceiro e meu namorado."

Ele não parecia surpreso. "Eu ouvi falar do acidente."

Ela queria ser correta com ele e, então, mergulhou no resto da história.

"Derek e eu fomos chamados para o incêndio de Bakersfield, em Wyoming."

Ela parou, absorvendo os sons ao redor, como se tivesse acabado de notá-los. O crepitar do fogo e o som do vento golpeando as janelas, tudo a lembrava que ela estava ali e agora com Jack. O passado não iria assumir o controle se ela não permitisse.

O toque dele varreu o cabelo dela, deslizou pelas costas com uma doçura que trouxe lágrimas aos olhos. "Você tem fingido que nada aconteceu e agora que você está de volta aqui em Clifton, os incêndios estão trazendo isso de volta. É por isso que você está tendo pesadelos. Nós dois estamos sendo assombrados por nossas memórias".

A percepção dele a pegou desprevenida, mas Autumn entendeu que ele já tinha visto a sua própria quota de trauma. Claro, ele provavelmente também reconheceu os sintomas de estresse pós-traumático. Embora nunca tenha sido diagnosticada com a doença, ela sabia que se não tivesse vindo enfrentar seus sentimentos, poderia ter sofrido mais.

"Diga-me o que aconteceu, Autumn."

"Foi um acidente maluco, da pior espécie." Recordando as circunstâncias, ela fechou os olhos e reviveu o passo a passo. "Estávamos no C-130. O ar instável estava ruim. Era um dia claro e sem nuvens."

Lembrou a emoção que sentiu saltando no ar, flutuando como um pássaro que estivera acorrentado, até à hora de puxar a corda em seu pára-quedas.

"Ainda me lembro de cada detalhe do meu equipamento. A touca apertada sobre o meu cabelo e o capacete por cima. Eu tinha um machado, pás, mapas, bússola, água, kit de primeiros socorros e uma faca para cortar as linhas de mortalha se meu primeiro pára-quedas falhasse e eu tivesse que usar o segundo. O segundo pára-quedas sempre era amarrado à minha frente, e o primeiro nas costas."

Todo aquele peso poderia puxá-la rapidamente para baixo, e uma vez que atingisse a área de aterrissagem, a caminhada até a área do fogo poderia ser de milhas de distância. Com turnos doze horas ou mais para cumprir, ela tinha que estar na melhor forma possível para agüentar as árduas durações dos incêndios.

"O avião levava dez de nós naquele dia e estava muito frio. Derek estava apenas alguns segundos atrás de mim quando eu saltei. Verifiquei o altímetro no meu pulso e aplainei para desacelerar a descida. Antes que eu pudesse puxar meu cordão, houve esse Downdraft*. Ele me atingiu com tanta força que quase perdi o fôlego. Vi Derek puxar o cordão e, em seguida, seu pára-quedas começou a sair. Ele não conseguia pegar as linhas de mortalha para separar e estava lutando. Eu assisti com horror por um segundo antes de saber que eu teria que fazer alguma coisa. Se eu não fizesse, ele morreria."

* Downdraft (bolsa de ar): é um fenômeno climático de movimento vertical do ar em sentido descendente. Comumente, uma das duas forças faz com que o ar se mova. Regiões de ar quente ou frio irão apresentar o movimento vertical. A bolsa de ar quente será tipicamente menos densa do que a região ao redor, e assim vai subir até atingir um ar que seja mais quente ou menos denso que ele. O inverso irá ocorrer para uma massa de ar frio, conhecida como subsidência. Esse movimento de grandes volumes de ar, especialmente quando as regiões de ar

quente sobem, pode criar grandes nuvens, e é a principal causa de tempestades. Drafts também podem ser criados em regiões de baixa pressão ou alta. A região de baixa pressão vai atrair o ar da área envolvente, que irá se mover para o centro e depois subir, criando uma corrente ascendente. O inverso também ocorre naturalmente em uma região de alta pressão, quando o ar se move para fora do centro de alta pressão.

O coração batia no peito como se ela tivesse saltado do avião naquele momento. Jack apertou os braços em volta dela, e ela pressionou o rosto em seu suéter.

"Desde aquele dia, eu revivi o que aconteceu dezenas e dezenas de vezes." Lágrimas deslizaram pelo rosto e garganta apertada. Ela engoliu em seco. "O segundo pára-quedas dele dobrou, Jack."

"Oh, cara."

Ela continuou. "Eu mergulhei em direção a ele porque sabia que se não fizesse nada Derek iria morrer. Fiz uma garra protetora no ombro dele. O segurei. Achei que o peso ia rasgar minhas luvas e quebrar meus dedos."

Pesadas respirações eram emitidas dela e ela sentia as mãos de Jack deslizando sobre os cabelos com suaves, calorosos toques. Quase não registrava o conforto que ele trazia suas memórias rasgando-a com garras afiadas. "Meu pára-quedas abriu e Derek começou a escorregar da minha mão. Ele estava segurando firme o meu equipamento, mas o puxão para cima foi terrível quando o meu pára-quedas abriu. Pensei por um momento que o tinha perdido. Eu o segurava com tudo que podia. Mas não era suficiente."

"Autumn." Voz de Jack soou tensa e ela sabia que ele pensava.

"Descemos rápido demais. Nosso peso junto era demais para um pára-quedas só".

Ela esfregou as lágrimas do rosto. "Nós batemos nas árvores porque fomos impulsionados para fora da zona de aterrissagem. Derek foi atingido solto no momento do impacto. Quando bati nas árvores, meu joelho foi imprensado contra um ramo pesado."

"Isso deve ter doído como um filho da puta".

"A dor foi tão grande que eu tinha certeza que tinha quebrado a perna. Algo me atingiu na parte de trás da cabeça. Quando acordei, estava deitada de bruços no chão. Quis levantar e ver Derek, mas eu não conseguia ficar de pé sobre o joelho. Então o vi a cerca de vinte metros de distância. Pensei que ele pudesse estar inconsciente, mas quando me arrastei até lá..." Ela fechou os olhos e lembrou a forma dobrada de Derek. "Ele já estava morto. Aparentemente, quando atingiu um galho, seu pescoço foi quebrado..."

"A mulher na boate. Quando viu o pescoço dela quebrado, você se lembrou de Derek."

"Sim." O silêncio tomou conta do ambiente por algum tempo antes que ela falasse. "O vento impulsionou Derek e eu mais perto do incêndio do que deveríamos ter ido. O resto da equipe aterrissou na zona de aterrissagem, como esperado. Quando perceberam o que aconteceu, alguns deles foram nos encontrar. Nos acharam um tempo considerável depois. Não estávamos muito longe da rota. Apenas o suficiente para matar Derek e acabar com a minha carreira."

"O que aconteceu depois?" A pergunta veio tão baixinho que ela quase não o ouviu.

"Demorei em me recuperar. Meu joelho ficou preso por muito tempo".

"Você tem carregado essa culpa, não tem?"

"Eu achava que já conseguia lidar com isso até que voltei a Clifton."

Os dedos dele esfregaram o queixo dela e ele inclinou sua face para cima. Quando os olhares se conectaram, ela viu compaixão no fundo dos olhos dele. "Não foi sua culpa, Autumn".

Ela sugou um fôlego de limpeza. "Eu sei".

"Falar pode ajudar. Eu estou aqui se você quiser falar mais."

"Você está lendo a minha mente." Outra lágrima deslizou pelo rosto e ele a esfregou com o polegar. "Eu poderia te levar a isso de novo qualquer dia." Autumn queria escapar das horríveis lembranças e, sabia que questionar Jack sobre o 'Ground Zero' não ajudaria. "Minha experiência não é igual ao que você experimentou em Nova York."

"Isso não a torna menos válida."

Sua confirmação aqueceu-a, removendo um pouco da dor persistente.

Os braços escorregaram para longe dela e todos os traços de emoção foram lavados do rosto dele.

Uma fria, dura verdade penetrava nela e, ela percebeu que não podia... Não iria empurrá-lo a confessar as experiências no *World Trade Center*. "Jack, se você não quiser fazer a entrevista em Billings, eu não te culpo. Você não tem que me dizer nada, também. A escolha é sua".

Uma tristeza profunda, mais forte do que qualquer outra emoção que ela já tivesse visto no rosto dele, se derramou sob sua expressão. "Você tem certeza que ouvir isso?" Ele balançou a cabeça como se banisse uma visão horrível. "Todo mundo lá que sobreviveu tem uma história. Todos os que foram lá depois, para a limpeza, têm uma história. Isso já virou clichê, não é?" "Cada história é única, Jack. Não há nada de menos importante na sua história em relação às das outras pessoas. Você me disse isso alguns momentos atrás." Ela adicionou um sorriso gentil e olhou diretamente para aqueles desconfiados olhos. "Mas eu não vou prendê-lo à sua promessa de me contar se for muito doloroso."

"Eu nunca faço promessas que não possa cumprir." Ele inclinou a cabeça para trás no sofá e fechou os olhos. "Eu esperei o que parece ter sido uma eternidade para falar sobre isso, mesmo que tenha sido há menos de um ano. Parece que foi ontem, em alguns aspectos e, há mil anos, em outros."

Quando ele abriu os olhos, disse: "Se existe alguém que pode me ajudar com isso, é você."

O fato de ele confiar nela com seus sentimentos e pensamentos dizia-lhe muito sobre o relacionamento deles. Ela se importava com Jack com uma veemência tão profunda na alma, que rebocava seu coração a cada batimento.

Alcançou a mão dele e a apertou. "Então me conte".

Capítulo Quinze

Jack virou a palma da mão de Autumn para cima e, os dedos se entrelaçaram com os dele. "Por onde devo começar?"

Ela alcançou o gravador e o ligou. "Onde você estava quando ouviu falar no que tinha acontecido?"

"Em casa, dormindo. Hank me chamou. Quando ele me disse para ligar a TV, eu resmunguei com ele. Sabe o que diabos ele queria? Então, quando me contou o que estava acontecendo, corri lá para baixo, liguei TV e lá estava com todas as cores. Como um filme, todo mundo dizia. Mas eu estava pensando nos bombeiros e no que estariam fazendo. Estava desejando estar lá naquele minuto, ajudando. Então, vi os prédios no chão e soube que seriam muito poucos, se alguém sobrevivesse ao colapso".

Ela pôs a mão sobre a dele e sentiu sua pele quente. "Então, você decidiu que tinha que ajudar." Ele balançou a cabeça, mas não disse nenhuma palavra. "Eu só posso imaginar o quão difícil deve ter sido para vocês no quartel no primeiro dia. Vocês, provavelmente, deviam querer ir para Nova York imediatamente."

"Você está certa. Hank, Ray, Dan e eu somos solteiros, então, o chefe disse que poderíamos ir o mais rapidamente possível. Muitos dos homens casados queriam ir, mas o chefe os encorajou a permanecer em Clifton com suas famílias".

Ele olhou para seus dedos entrelaçados. A alma de Autumn doía, a mágoa se multiplicando quando ela absorveu a inegável onda de angústia crescendo cada vez mais forte sob o calmo exterior dele. Ela imaginava quando ele abria os olhos a cada dia sem pensar no que tinha visto. "Foi extraordinário tanta gente ter conseguido sair de lá. Poderia ter sido muito pior", disse ela.

"Muito pior." Ele fez uma pausa, depois continuou. "Então eu penso nas famílias dos falecidos e, já não são apenas três mil e poucas vidas afetadas."

Viu-o se retrair em seu interior, a profunda concentração escavando fundo até atingir o centro de suas memórias. Seu olhar passou em branco, como se as excruciantes lembranças o tivessem queimado e ele não pudesse permitir que as emoções aparecessem. "Nós chegamos no dia 14 de Setembro. Uma coisa estranha começou a acontecer comigo então, e aquilo aconteceu dia após dia, noite após noite."

"Pesadelos?"

"Não." A voz dele abaixou a uma calma, áspera qualidade. "Isso não apareceu até muito mais tarde, depois que voltei a Clifton. Hank e eu descobrimos que dois bombeiros foram retirados de um profundo buraco no dia anterior ao que chegamos. Quisemos como o inferno ter estado lá para aquilo. Foi um apoio moral temporário. As equipes de busca perceberam que se aqueles dois homens puderam sobreviver, tinha que haver mais pessoas presas lá, vivas."

"E então, eles ficaram decepcionados?"

"Decepcionados é uma palavra malditamente suave."

Ela não ouviu a crítica na voz dele, mas depois ela percebeu que não estava fazendo a entrevista a sério. Não podia fazer perguntas destinadas a pressioná-lo a responder. Na verdade, ela teria sorte se todas as perguntas fossem feitas, no final das contas. Ao mesmo tempo, uma antecipação estranha pairou no ar e a cercou. Como se ela tivesse que saber tudo o que ele viu e experimentou na vida, ou estaria incompleta.

"Qual foi a coisa estranha que aconteceu com você?", Perguntou ela.

"Comecei a pensar se eu tivesse chegado ao local mais cedo, poderia ter encontrado alguém vivo. Foi errado pensar".

"Culpa sem nenhum fundamento, na realidade."

"Sim. E arrogância nascida da dor".

"Talvez a sua raiva tenha se voltado para dentro"

Ele balançou a cabeça. "Fiquei tão zangado quando assisti na televisão dia dos ataques. Quando cheguei à Nova York e vi a extensão dos danos, bem, minha raiva se transformou em algo diferente. Na minha cabeça, eu achava que se pudesse tirar uma pessoa viva dos destroços, sentiria que tinha feito o máximo que eu podia. Teria sido um alívio para algumas das dores que sentia."

Ela se atreveu a olhar nos olhos dele e, foi ali que viu uma nova agonia florescer. Ela sabia qual seria a resposta da pergunta seguinte, mas perguntou, de qualquer maneira. "Você não encontrou ninguém vivo?"

"Não."

A palavra ficou pendurada lá como um desagradável, inesquecível sopro. Dura e finalizadora, a única sílaba fez seu coração apertar de tristeza por Jack.

Sua boca se apertou e se tornou uma linha fina. "Eu queria ter estado lá no dia dos ataques. Senti que poderia ter ajudado pelo menos uma pessoa a sobreviver."

O coração de Autumn se contraiu com um medo atrasado. Pensar no que poderia ter acontecido com ele fazia lágrimas ameaçarem os olhos.

Ela engoliu os sombrios pensamentos e redirecionou sua mente para a entrevista. "Você está dizendo que ficou obcecado."

Ele voltou a olhar para ela e procurou seu rosto. "Enquanto trabalhávamos lá, aquilo consumia nossas vidas a cada minuto de cada dia. Era quase como se eu pudesse sentir todo o mal. O mal que levou os terroristas a decidirem matar pessoas inocentes. A matarem qualquer um. Que o mal ainda estava lá."

Autumn não podia lhe fazer mais nenhuma pergunta. Ainda não. Não enquanto ela digeriria a enormidade do que ele já tinha dito.

Ela estudou o conteúdo de sua taça. "Eu não acho que isso seja loucura, Jack. Dizem que as cenas muito traumáticas deixam impressões no mundo ao redor. Talvez nessas vigas de aço e nos restos de concreto, a maldade tenha permanecido".

"Você acredita nisso?"

"Eu acho que é possível. Algumas memórias são como assombrações. Você sentiu a mesma coisa em cada incêndio criminoso que foi? Maldade?"

Ele balançou a cabeça. "Não como naquele."

Outra longa pausa os deu tempo para pensar. Então, ela girou a entrevista de volta a um ponto central. "Você disse que chegou ao local no dia 14?"

"Na verdade, nós viajamos para Nova York no mesmo dia. Cedo, na manhã seguinte, estávamos sendo transportados nos ônibus com outros voluntários."

"Qual foi a primeira coisa que você viu?"

Seu olhar endureceu e o aperto da boca deu a resposta. "Guerra". Outra palavra feia pairava no ar. "Você sabe quando sentimos o estômago quando você está em uma montanha russa e se direcionando para a primeira queda? Choque não descreve exatamente as emoções que se sente ao ver uma coisa daquelas. Quando você vê a destruição e reconhece o tipo de força que levou a criar este desastre, você tem dificuldade em imaginar a extensão antecipadamente, mas este... este foi o pior terremoto que você poderia imaginar. O pior furacão."

"O que você sentiu, depois?"

Seu olhar capturou e manteve o dela. "Mais ódio do que eu senti no dia em que meu pai morreu".

Ela bebeu em todos os ângulos do bonito rosto dele e o que ela presenciou em seus olhos trouxe uma nova onda de tristeza.

"Há duas coisas que eu acho que não vou esquecer nunca." Lançou um olhar cansado sobre ela. "*A Intervenção animal-assistido na crise* é a primeira coisa."

"Cães de resgate?"

"Não. Animais levados ao local para terapia. Para que as pessoas possam passar mais tempo com os animais como um alívio para o estresse."

"Isso te ajudou?"

"Sim. O amor incondicional foi ótimo, pelo menos no curto prazo".

"Que tipos de animais de estimação você usou?"

"Um *Golden Retriever* chamado *Buck* e um enorme Pastor Alemão chamado *Tiny*".

Uma risada involuntária escapou dos lábios dela. "*Tiny**?"

Jack inclinou a cabeça para trás no sofá. "Sim. Ele era um cachorro incrível."

O silêncio recaiu sobre eles, novamente, por um curto período de tempo. "Do que mais que você que viu em Nova York não vai esquecer, Jack?"

Ele continuou a voz rouca e profunda. "A visão do efeito 'panqueca' do edifício. Dizem que a torre sul caiu à velocidade de mais de cento e noventa quilômetros por hora. Demorou cerca de doze segundos para ela cair. Doze segundos, Autumn. Você pode ver esses prédios caindo na televisão e não pode compreender o impacto até ouvir estatísticas como essa. Traz as coisas diretas para onde dói. Essas pessoas não tiveram chance. Mas, houve mais. Eu vi os carros virados e triturados e equipamentos de salvamento. Vi partes de corpos sendo levados em macas de aço todos os dias. Eu testemunhei tratores e máquinas com caçambas carregando toneladas de detritos dia após dia."

Ela precisava de lhe dar um pouco de conforto, a necessidade queimou um buraco dentro dela. Ele encarou a lareira, e a luz do fogo se refletia sobre seu rosto, deixando-o dourado. Desprende os dedos dos dela e lançou a mão por um lado do cabelo.

Ele disse: "Lembro-me de ter ouvido as pessoas dizerem que o que aconteceu naquele dia era inimaginável."

Seca e apertada, a garganta dela quase se recusou a deixá-la proferir as palavras. "Você imaginou que poderia acontecer?"

"Oh, sim. De certa forma, eu não fiquei surpreso com o que ocorreu."

"Por quê?"

"Porque eu tenho uma enorme capacidade de acreditar na maldade humana, eu acho. Era como se eu soubesse que ia acontecer sem realmente saber."

Interessada, ela inclinou-se um pouco. "Como uma premonição?"

Ele olhou para o gravador. "Não coloque esta parte na entrevista. Não é uma coisa que eu quero que apareça no jornal."

"Claro que não. Você quer que eu desligue o gravador?"

"Deixe rodar." Ele pegou a taça e bebeu um longo gole. Colocou-a de volta na mesa. "O que eu senti pode ter sido premonição. Esse tipo de coisa já me aconteceu antes. Não com frequência. E não é algo que você conte aos outros bombeiros".

"Eu pensei que você não se importasse com o que os outros pensam"

"Ainda tenho meus limites. É melhor que a comunidade inteira de combate a incêndios de Clifton não pense que eu sou uma pequena escada de motor."

Ela sorriu, quando um lampejo de diversão deslizou através dos olhos dele. "Não tem problema. Não vou falar nada."

"Estou deixando meus rastros por aqui, de qualquer maneira."

"Sem limites de tempo, sem limites de conteúdo. Eu quero saber tudo."

Ele balançou a cabeça solenemente. "Não. Você não quer".

Ela escorregou a mão sobre o antebraço dele e apertou. "Então me diga o que eu quero saber. O que eu deveria saber. Conte-me para que as outras pessoas possam entender e nunca esquecer".

"É aí que você está errada. Uma vez que foi tudo dito e feito - e isso nunca vai acabar para algumas pessoas - uma vez que foi dito e feito, temos que libertar um pouco disso. Senão, isso vai nos comer vivos."

*Tiny é uma coisa bem pequenininha, minúscula.

Ele se levantou e caminhou até a cozinha, os passos abafavam conforme se movia ao longo do tapete. Ela ouviu a porta da geladeira abrir e, em seguida, ele trouxe o jarro de sangria com ele e o colocou em um descanso de panelas no meio da mesa de café. Quando ele encheu as taças, ela quis alcançá-lo e lhe dar um pouco de sua força. Algum instinto ou medo a segurou e, assim ela esperou que ele falasse. Sentou-se novamente e bebeu um gole da bebida com um ar pensativo, quase isolado.

Ele deu um sorriso cansado. "É estranho, sabe? Eu não tenho tanta certeza se estou sentindo alguma coisa poderosa agora. Talvez eu esteja sem emoções. Talvez tenha derramado todo o sentimento que eu tinha trabalhando nas ruínas das torres e agora não haja mais nada."

"Você tem essas emoções dentro de você. Você passou muito tempo se mantendo forte e as afastando. Não quis se sentir fora de controle ou inútil, por isso, você não chorou enquanto estava lá."

"Não. Nem mesmo quando encontramos os restos de bombeiros. Nem mesmo assim." "Então você não é tão diferente de mim", disse ela.

Satisfação e tristeza se misturaram dentro dela, se isso fosse possível. Gostava que ele pudesse entender o seu desejo por controle, mas ao mesmo tempo, ela não queria que ele sofresse.

O olhar dele mudou, ficando carinhoso. "Não tão diferente".

Ele envolveu seu rosto e o toque quente dos dedos enviara prazer correndo para cima e para baixo no corpo dela. Se não voltasse para a entrevista, ela faria uma coisa escandalosa como beijar o recheio fora dele. Não que ela se importasse, mas tinha que terminar o que tinha ido fazer primeiro. "Ei, Dillon. Pare de me distrair. Estou tentando fazer uma entrevista aqui."

"Ditadora".

Ela sentiu o momento de silêncio compartilhado, seus sorrisos e uma doce sensação de calor em torno dos dois. "Conte-me mais."

Ele deu de ombros. "Os dias começaram a correr. Cada dia nós estávamos em uma brigada com estes baldes de mais de vinte litros, que eram pesados como o inferno quando estavam cheios. Nós tirávamos os detritos do caminho com pás. Usávamos máscaras ou aparelhos de respiração na maior parte do tempo. Sabíamos que poeira de concreto e a fumaça e os gases eram notícias ruins. Nem todo mundo usava equipamento de proteção. Eu tinha dificuldade em compreender porque é que não. Algumas pessoas usavam suas próprias mãos, mas eu usei luvas. Impedi a minha pele de ser toda cortada."

"Descreva mais da cena."

Ele se levantou, foi até a lareira e atizou as brasas morrendo, reabastecendo-a de madeira até que a chama cintilou alta. "Lá tinha trabalhadores voluntários ajudando o pessoal de resgate com as suas necessidades. Água e comida. Com sorrisos para nos animar. Não sei se poderíamos ter feito isso sem ajuda e o apoio deles." Quando Jack voltou para o sofá e se sentou, falou como se nunca tivesse parado. "Guindastes levantavam vigas de aço e as carretas tiravam os restos do caminho. Metalúrgicos tentavam dar um jeito na bagunça. Você deve tê-los visto subindo no alto dos montes de lixo. Eles eram como acrobatas.

"Assim como os bombeiros".

"Estávamos todos juntos naquilo. Eventualmente, a Guarda Nacional substituíra como segurança alguns dos policiais. Unidades caninas trabalhavam na cena. O lugar parecia uma zona de guerra, mas uma zona de guerra que ainda não tinha acabado de ser perigosa."

"Como?"

"Os detritos eram instáveis e as pessoas se machucavam, apesar das precauções. Outros edifícios em torno de nós ainda ardiam e alguns deles à beira do colapso."

"Quanto tempo você ficou lá?"

"Duas semanas. Esse foi o máximo tempo que o chefe pôde nos deixar afastados de Clifton. Eu não queria voltar para casa ainda. Acho que, de alguma forma maluca, eu achava que ainda iria encontrar alguém vivo, mesmo sabendo que não era possível." Uma epifania veio a ela e se prendeu à mente por segundos. O pensamento perigoso e possivelmente ofensivo para Jack se recusou a deixá-la. "De alguma maneira você estava tentando encontrar e salvar seu pai?"

Ele empalideceu. Ao mesmo tempo, seu estômago caiu, preocupação em tê-lo ferido se lançou sobre ela com o impacto de uma bala.

Jack deixou o sofá novamente e ficou perto da grande janela, olhando a paisagem fria e escura. "Esta pergunta está nas suas anotações de sugestões de perguntas?"

"Não, mas poderia estar nas da Senhora Butterfield, se você permitir que ela se torne mais pessoal. Ela pode fazer algumas perguntas difíceis de bater."

"Eu não tenho que respondê-los. Se eu for a essa entrevista vai ser para falar de combates a incêndios em geral, não sobre minha vida pessoal".

"Claro." Ela suspirou. "Mas você quer estar preparado caso ela te pegue desprevenido." Ele não voltou a olhá-la. "Eu não tenho que provar nada para ela."

"Claro que não. Mas você também não pode saber o verdadeiro enfoque da entrevista até que ela comece a fazer as perguntas." Ela queria ouvir o que Jack tinha a dizer tanto quanto queria ajudá-lo a responder a Butterfield da forma certa. Ela não o tinha ajudado anos atrás, quando ele precisava dela para facilitar sua aflição. Talvez pudesse fazer isso agora. Se levantou e foi até ele. Quase apreensiva em tocar o plano e amplo ombro dele, ela hesitou. Segundos se alastraram até que ela quebrasse o medo e levemente espalmasse as costas dele.

"É verdade Jack? Você estava tentando salvar de forma simbólica seu pai? Talvez, mesmo sem saber?" As costas dele soltaram um suspiro e ela deixou o toque no ombro dele se espalhar. Ele virou para ela e, em vez de ver a raiva em seu rosto, ela viu resignação e talvez um pouco de desapontamento.

"Infernos, eu não sei. Talvez. Se eu quisesse fazer psicanálise teria ido a um psiquiatra." A tristeza fez severos progressos sobre suas características. Em seguida, ele reafirmou a mandíbula e respirou tremendo. Ela o alcançou, envolveu o rosto dele com uma mão e acariciou o queixo firme numa carinhosa reconciliação.

"Talvez, falar de vez em quando com alguém de quem gosta pode ajudar", disse ela. Seus dedos deslizaram para longe do rosto dele, mas Jack pegou a mão dela em ambas as suas.

Seus cílios escuros ventilaram para baixo quando ele apertou um beijo na mão dela. "Sim. Talvez."

O desejo começou a arder nos olhos dele. Atração, potente e destemida, moveu-se entre eles. Ela podia sentir cada pulso de acúmulo de anseio ondulando da pele dele para o dela em reconhecimento.

"Talvez uma pequena parte de você ainda precisasse chorar e, quando foi para Nova York, não pôde encontrar as respostas lá", disse ela. "Eu descobri que era mais forte do que pensava. Que eu podia obter alguma satisfação cavando aquele entulho dia após dia. Estava fazendo o que podia para ajudar. Isso é tudo que alguém pode fazer."

Sensíveis e expostos, os nervos alfinetavam com uma nova dor. "Você sabe que pode falar comigo a qualquer momento. Nós vamos ser uma sociedade de apoio mútuo. Eu vou te contar meus pesadelos se você me conta os seus."

Ele parecia estar tentando decidir algo, e ela manteve o olhar travado no dele.

"Tudo bem. E eu posso pensar em outra coisa que você pode fazer para me ajudar".
"Sim?"

"Vá comigo a Billings."

Ela ficou pasma com ele por um segundo. "O que?"

"Talvez possamos convencer Butterfield a fazer a entrevista no final da semana e você e eu podemos fazer disso um fim de semana de folga." Ele piscou. "Entrevista no sábado, diversão no domingo." *Diversão. Uau.* Passar um fim de semana inteiro com Jack a fazia formigar. Ali, então, ela sentiu mais do que o calor do fogo, o persistente sabor da sangria na língua. A essência de Jack chegou até ela e delicioso cheiro masculino causou arrepios atravessando seu corpo em uma maré inebriante. Ao mesmo tempo, antigos medos e dúvidas ameaçaram enclausurá-la. Um fim de semana com Jack significaria sem interrupções. Eles teriam de preencher esse tempo com alguma coisa. E esse 'alguma coisa' podia ser perigoso para seu coração. "Um fim de semana inteiro?" A voz parecia minúscula aos ouvidos. "Por que você me quer com você?"

"Para me dar coragem."

"Você? Um grande bravo bombeiro precisando de coragem? Ha! Eu não acredito nisso." Uma das sobrancelhas dele se arqueou para cima. Ele chegou mais perto e, quando o corpo dele chegou a poucos centímetros de tocá-la, a respiração dela ofegou. "Então, acredite nisso. Você sabe o porquê eu te quero comigo. Eu sei o porquê eu te quero comigo." Rouca, séria e armada com potente munição sexual, a voz dele quase a liberou da tensão naquele momento e lugar. "Oh?"

"Ah, sim. Toda vez que estou perto de você quase perco a cabeça. Você é uma mulher e tanto, Autumn." Toda a provocação abandonou o rosto dele e se transformou num desejo extraordinariamente anormal.

"Deixe-me te convencer do porque você deve vir comigo."

Esqueça a luta, Autumn. Você é um caso perdido.

Combinando a dica sensual no tom de voz dele, ela o pressionou para uma resposta. Precisava ouvir a verdade sair dos lábios dele. "Por que eu deveria ir com você?"

"E se eu lhe mostrar?"

Quando ela ousou olhar nos olhos dele, viu desejo e uma irresistível ânsia por ação. A promessa do paraíso, se ela permitisse. Ele deslizou os braços em volta de sua cintura e apertou os corpos juntos. As mãos dela foram para os ombros dele e ela percebeu que seus dedos tremiam. "Jack? O que estamos fazendo?"

"Mergulhando no fogo", disse ele asperamente.

Sua boca desceu sobre a dela, e os braços dela se apertaram. Jack lançou todos os mísseis. Não mais suaves esfregões de lábios contra os lábios. Não mais toques tentadores destinados a testá-la. Quando a boca dele se inclinou na dela, uma feroz excitação se lançou profundamente pelos músculos entre as pernas. Ela engasgou em sua boca e a sua língua riscou em seus lábios. Ele tinha um gosto doce. Delicioso. Faminto.

Ele soltou um som primordial no fundo da garganta. Sua língua esfregou a boca dela, o ataque aos sentidos dela a balançou até o centro. Todas as precauções dentro dela derreteram, incineradas pelos sentimentos por ele. Ela respondeu, levando o profundo beijo para o próximo nível.

Ela gemeu baixinho quando gostou da inebriante, excitante sensação da língua quente e sedutora dele contra a dela. Uma rígida fome sexual eclodiu. Conforme o

desejo crescia em seu corpo, fluiu numa ação rítmica como uma onda. Ela queria um mais profundo, mais forte, mais agressivo contato.

Jack se afastou a respiração falhando, o peito arfante. "Deus, Autumn."

Ela não lhe deu a chance de hesitar. Abaixou-se e tirou as botas, em seguida, tirou as meias na altura do joelho. Bom. Menos impedimentos para o que ela tinha em mente. "Venha aqui." Com um puxão, ela o levou para o sofá e, quando ele caiu em uma posição sentada contra as almofadas, ela montou sobre os quadris dele, a saia em torno de sua cintura. Ele olhou para ela e ela olhou para ele até que a tensão explodiu. "Maldição." Ele pegou a parte de trás das coxas dela e arqueou os próprios quadris. Um gemido assustado saiu dela quando uma selvagem, erótica imagem encheu a cabeça dela. Jack nu. Ela nua. Fechou os olhos e o imaginou sentado com o máximo dentro dela, tocando a tão fundo que ela iria se sentir cada centímetro do comprimento e da largura dele. Novamente, ele arqueou os quadris. Apenas seu jeans e a calcinha dela os impediam de se unir agora. Ela apertou os músculos entre as pernas, querendo sua dureza impulsionando todo o caminho para dentro. Ela formigava por finalização, um aumento impressionante para o topo da excitação. Ela o beijou. Ele mergulhou os dedos em seus cabelos, agarrando as mechas e segurando-a no lugar. Sua língua moveu contra a dela até que pequenas faíscas se transformaram num inferno completo. Encontrou seus ombros, sua força afrodisíaca intoxicante. O calor rodou através do corpo dela quando ele enfiou a mão por debaixo da saia e envolveu suas nádegas. Seus dedos tencionavam e seguravam, apertavam e esfregavam suavemente.

Ah. Sim. Sim.

Um forte, ardente calor se construiu em sua vagina e ameaçava ir a Supernova a qualquer momento.

Segundos depois os dedos dele empurraram para baixo a parte de trás da calcinha e ele tocou levemente a nádega dela. Ela suspirou na boca dele, selvagem por mais. Seus dedos exploraram um dedo situando-se entre as faces bunda dela e rastreando a fenda. Autumn gemeu, contorcendo-se contra a carícia íntima. Conforme os segundos se transformaram em minutos, ela amou como ele a procurava, tocava, e mapeava como um viajante empenhado em conhecer cada centímetro da terra. Os beijos construíam um implacável, imensuráveis calor.

O coração dela disparou e a respiração parecia suspensa. As mãos dele deslizaram sobre as costas dela, recolhendo a blusa até que ele tocou sua carne nua. Suas mãos quentes a fizeram estremecer, ela queria tudo o que ele podia lhe dar. Ele desceu as costas dela no sofá, e seus quadris, se situaram entre as pernas dela novamente.

Num impulso, ela agarrou as nádegas dele com as duas mãos e o puxou mais perto. Ele apertou e esfregou o clitóris e ao longo do vale dolorido onde ela o necessitava mais. Jack interrompeu o beijo. Um malvado, sexy sorriso cobria sua boca e a luz nos olhos dele dizia que ele gostava da súbita assertividade dela. "Santo Deus".

"Essa é a minha fala. E não se esqueça disso."

Sua boca se transformou em um sorriso de provocação. "O que você vai fazer se eu disser isso de novo? Machucar-me?"

"A punição será, certamente, providenciada." Ela arqueou os quadris, iniciando um movimento que esfregava o clitóris e criava um prazer agudo.

Ele gemia baixinho. "Oh, cara. Algo lento e tortuoso, eu espero."

Os olhos dela se arregalaram quando ela arfou num falso choque. "Honestamente, Jack, você tem uma mente suja".

"E você não?"

Ele a tinha lá. Ela encolheu os ombros delicadamente. "Bem, eu tenho sido conhecida por falar muito em momentos de dúvida".

As mãos de Jack deslizaram sobre os braços, acariciando e adulando. "É isso o que está errado agora? Você está em dúvida?"

"Sim".

"O que será preciso para convencê-la de que não há nada para duvidar?"

"Eu não sei. Você é... nós somos tão complicados. Isto tudo pode explodir nas nossas caras. Jack, todos os meus..." Oh, Deus. Será que ela deveria confessar isso agora? "Todas as minhas relações sexuais com homens têm sido catastróficas. Insatisfatórias para mim e, provavelmente, para os homens. Exceto com você..."

Os olhos dele se arregalaram um pouco e, então, um arrogante sorriso se espalhou pelos lábios. "O sexo não era bom até você me encontrar?"

Ela suspirou. "Sim. Quero dizer... não espere muito disso."

"Quer dizer da nossa relação? O fato de eu te querer tanto que chega a doer?" Ele encostou o nariz em seu pescoço, pressionando delicados beijos contra o pescoço dela até que ela estremeceu em prazer. Ela se mexeu embaixo dele e ele gemeu. "Oh, baby." Ele começou a mover os quadris novamente, uma cadência constante do pênis sobre o clitóris que causou dificuldade para respirar e aceleração do coração. Jack envolveu um seio, o polegar esfregando o mamilo. Ela sugou um fôlego em agudo prazer e se arqueou contra ele novamente. Entrou no ritmo dele, se contorcendo, alcançando o pico máximo. "Jack".

"Ummm?"

Sua voz abafada contra o pescoço dela quando esfregou a língua ao longo de sua pele, até a orelha. Mordiscou e ela estremeceu quando o desejo fazia doer à região lombar. Ela não podia esperar mais. "Eu quero você. Deus, como eu quero você. Agora".

"Então me tome".

Capítulo Dezesesseis

Com um olhar ardente Autumn se lembrou de todos os dias que Jack cobriu sua boca com a dele. Todas as sensações se derreteram em uma odisséia de êxtase. Ele trouxe as sensações para fora, torturando. Ela sabia que desta vez, o sexo não seria doce, suave e gentil. A urgência empurrava suas ações e ela apreciava o mergulho, a força que os trouxera a este ponto de combustão.

Afundaram em outro beijo voraz, e seus sentidos entraram em um motim de excitação de forma enérgica, que ela sabia que nunca tinha experimentado antes. Muito louco, muito frenético, seu desejo exigia que ela o levasse para dentro de seu corpo e aplacasse a ânsia. Tudo o que ela queria era o pênis duro empurrando tão profundo e tão duro quanto possível dentro dela. O atrito interno cresceu firmemente à medida que ele a beijava com todo o seu corpo. Esfregou o peito nos seios, e ela lutou com o suéter dele para ajudar a puxá-lo pela cabeça. Segundos depois, ele sentou-se tempo suficiente para lutar com os sapatos e calças e atirá-los longe.

Oh, oh, meu Deus. Ele é tão malditamente maravilhoso.

Sim, ela já o tinha visto nu antes, mas alguma coisa daquela vez fazia seu coração bater forte dentro dela, seu corpo ficou líquido com um desejo tão descontrolado que ela se queimava com ele.

Largos, ombros musculosos levavam aos braços poderosamente construídos. Braços que podiam forçar uma mangueira de incêndio a cooperar, ou dar abrigo a uma mulher. Seu estômago, reto, com músculos, a fazia ansiar por tocá-lo. Uma cueca branca normal o cobria, mas não havia nada de normal sob o que ela ocultava. Nenhuma dúvida naquilo, Jack estava duro, pesado, e estava pronto para fazer amor.

"Jack", disse ela.

Ele se levantou lentamente e um brilho encheu seus olhos. "O que?"

A boca dela caiu aberta quando ele puxou para baixo a cueca e a arremessou para fora do caminho. Seu peito subia e descia, com os olhos ardendo pelas intenções. Tudo em Jack gritava alfa; da largura dos ombros à estreiteza dos quadris e a poderosa construção das pernas, ele era impressionante.

Antes que ela pudesse admirá-lo mais, ele puxou o cós elástico da saia e a deslizou para baixo das pernas e fora. A descartou na parte de trás do sofá. Ela se sentou e ele a ajudou a se livrar do sutiã e do suéter.

"Foda-me", disse ele baixinho quando a alcançou, esfregando os dedos sobre os mamilos com um toque reverente. "Você é linda".

O prazer chamuscou dentro dela, mental e fisicamente, até que os dois se fundiram numa excitação tão potente que exigia uma rápida finalização. Ela estava em febre para aliviar a necessidade que a queimava viva.

As terminações nervosas chiavam, exigiam. Quando ele baixou o corpo sobre o dela, suas poderosas coxas separaram as dela. O pênis sondou suas macias, molhadas dobras enquanto esfregava a cabeça sobre o clitóris.

"Oh, Jack!" A exclamação explodiu dela e ela se pressionou para cima, o querendo dentro dela agora. Ele empurrou, e seu corpo resistiu.

Ela choramingou. Estava tão molhada, tão inchada pela necessidade, que não podia esperar para tê-lo dentro.

"Relaxe, querida." A respiração dele saiu rouca, ansiosa. "Você está tão apertada porque está muito excitada."

"'Excitada' é uma simplificação."

Autumn abriu os olhos. O olhar dele ardia, a necessidade gravada em seu rosto. Um sorriso perverso partiu sua boca. "Bom". Manteve o olhar preso ao dela e a intimidade cortou profundamente seu coração. Ele moveu os quadris, empurrando, devagar mais para dentro do canal dela. "Não vou machucá-la."

Outro recuo lento, e outra estocada firme. Sua vagina cobriu a cabeça do pênis enquanto ele deslizava para dentro. Que seu corpo nu e dentro dela novamente excitando Autumn a um nível insuportável.

O calor úmido dela se esticava para receber cada centímetro que ele enfiava. Os músculos internos se fecharam em torno dele, agarrando-o mais profundo. Ele recuou novamente. Outro empurrão sólido assentou o membro até o final dentro dela.

Oh, Deus, sim. Ele era incrível. Grosso. Quente. Tão grande.

Novamente ele empurrou. E de novo.

Um som selvagem irrompeu da garganta dela enquanto se retorcia e praticamente implorava. Ela se sentia meio louca pela arremetida de necessidade sexual martelando através dela. E, oh, ele sentia isso também. O coração dele batia contra os dedos dela como uma marreta. Autumn reconhecia uma fome violenta quando a via sentia.

Empurrava firmemente, mas não de forma brusca, ele enfiava, depois recuava. Ela abriu os olhos e viu o desejo bruto gravado em suas feições. Um macho em sua forma mais primitiva e crua, Jack estava sexy como inferno.

Novamente, ele impulsionou e o ritmo tornou-se tudo. Cada estocada a puxava mais fundo num lugar especial onde os pensamentos deixaram de existir, fisicamente dominados. Grosso, duro e tão grande, ele fez todo o caminho até o ventre dela até que não podia chegar mais longe.

Ela cerrou, apertou os músculos que doíam pelo orgasmo, queimavam com necessidade de movimento e atrito. "Jack. Por favor."

A respiração dele ficou mais difícil. "Calma, querida."

Ele enterrou em seus quadris, e seu clitóris se movia rapidamente com o doce prazer. A felicidade fundida disparou e se ampliou até que ela sentiu cócegas, a crescente excitação doer mais dentro dela. Fechou os olhos e afundou-se na sensação, alcançou-o, querendo desesperadamente. Ele a possuía mais totalmente do que qualquer outro homem antes, e a compreensão causou lágrimas aos olhos mais uma vez.

*

Jack sabia que tinha morrido e encontrado o paraíso conforme recuava os quadris para trás, em seguida, afundava-se na quente e apertada caverna dela. A cada longa e dolorosamente deliciosa estocada, seu corpo doía para levá-la ao próximo nível. O animal dentro dele queria mais do que esta lenta união.

Ele queria foder.

Ele queria tomá-la como sua.

Pegajosa, molhada, tão malditamente quente, ela o incinerava. Sua excitação crescente provocava os ouvidos dele, suave, necessitada e áspera com prazer. Desta vez eles não estavam na casa de sua mãe e, poderiam levar aquilo para qualquer nível que quisessem. Ele gemeu alto e sem remorso. Ele manteve os movimentos medidos, mesmo que o coração parecesse que ia explodir se batesse tão rápido, e sua respiração entrou na ultrapassagem. Assentou seu corpo mais baixo do que o dela, descansando nos antebraços para não esmagá-la no sofá. Mesmo que a idéia de fodê-la no sofá, o excitasse. Seus quadris queriam bombear e bombear, seu pênis queria foder e foder. Ao contrário, ele não se mexeu. Apenas se manteve o mais dentro dela que podia. A vagina dela o apertou novamente. "Jesus, querida." Não. Ele tinha de fazer isso durar. Trazê-la para um orgasmo tão impactante que ela nunca iria esquecê-lo. "Abra os olhos. Olhe nós dois juntos".

Ela abriu e ele viu a surpresa e a revelação. Seus cílios vibraram. Recuou tão dolorosamente devagar que não achava que poderia suportar aquilo. O olhar dela ardeu nele e ele percebeu que vê-la daquele modo o excitava ainda mais. Jack não sabia se podia agüentar nem mais um minuto, a excitação era fodidamente profunda.

Moveu-se dentro dela com cursos longos, lentos e seu corpo tremia. Sim. Foda. Sim

Ela estava prestes a ter um orgasmo. Deus, ele queria vê-la, queria testemunhar a felicidade correr em seu rosto. O olhar dela tornou-se desfocado e ele sabia que ela tinha caído na sensação, cega pelo arrebatamento.

*

Autumn estremeceu a beira do orgasmo, mas a pulsação forte dentro dela não tinha atingido o auge. As estocadas lentas e o arrastar do pênis por seus tecidos sensíveis ameaçavam deixá-la louca. Embora ele tenha pedido para que ela os olhasse, ela fechou os olhos e se entregou às sensações, na tentativa de alcançar esse lugar incrível que pairava a beira da explosão.

"Sinta isso, Autumn. Sintamos nós dois."

Oh, ela fez isso. Ela sentia.

"Venha querida. Foda comigo".

Suas palavras, sólidas pela paixão e brutas pelo sexo, a fizeram mover. Os quadris dela trabalhavam quando ele a empalava com seu pênis de novo e de novo. Ele gemia, ofegava, seu corpo alcançando a satisfação final.

"Jack, por favor. Oh, por favor. Com mais força. Deus, com mais força."

Ele cedeu, moveu à pélvis dela contra a dele quando recuou e entrou nela com um com força num impulso dominante. Ela gritou uma mistura entre choramingo de surpresa e atordoada excitação o enviaram a um redemoinho sem retorno. Ele empurrava dentro dela com fortes e duras pancadas.

Ela ofegava conforme a excitação saltava fora do mapa. Ele a segurava no lugar para cada perfurada do pênis sem piedade na úmida e macia carne.

Ele a beijou e encheu sua boca com a língua. Uma rápida, profunda estocada com força dentro dela tocou seu ventre e a detonou. *Sim. Ai. Ai.*

O aperto serpenteou no fundo dentro arqueando. Ela tremia, convulsionava conforme gemia em sua boca. Ele não parou de beijá-la quando ela soltou um grito, contorcendo-se debaixo dele no clímax, os próprios quadris se movendo conforme trabalhava no pênis dele. O corpo dela fechou e apertou.

Jack a fodeu através do orgasmo, continuando as duras introduzidas até que um áspero, severo grito saiu de sua garganta. Ele gritou um incoerente choro arrancado de algum lugar no fundo de seu peito e explodiu dentro dela, enchendo-a com sua semente.

Autumn se deitou sob o peso dele por apenas alguns segundos. Antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele saiu do sofá e, em seguida, estendeu a mão para levantá-la em seus braços. Ela deu um grito de surpresa e satisfação. Jack foi em direção ao corredor, seu passo certo e constante.

Ela fechou os olhos e colocou a cabeça no ombro dele. Um homem nunca a tinha carregado a lugar nenhum, nunca a embalara nos braços, como se fosse preciosa. Ela saboreou, com todos os sentidos, o cheiro de sexo, as respirações difíceis, os músculos do corpo dele.

Quando ele a deitou em algo macio, ela percebeu que tinham entrado no quarto. A luz era filtrada do corredor. A visão dele elevando-se sobre ela, todos os grandes músculos e a força, disparou sua libido mais uma vez. Ela queria, incrivelmente, senti-lo dentro dela naquele momento. Em vez disso, ele afagou-a para o lado dele, suas cabeças lado a lado em um travesseiro. Eles não falaram o silêncio uma gentil, maravilhosa lembrança do amor que haviam compartilhado. Ela o alcançou para tocar seu rosto e, ele rolou em direção a ela. À luz fraca, ela não conseguia ver muito do seu rosto. Quando o tocou, a sombra de cinco horas sob os dedos raspou agradavelmente sua pele.

Ele a beijou levemente, sem pressa. Ela afundou na ternura dele, satisfeita, e em pouco tempo adormeceu.

* * * *

Autumn acordou deitada sobre sua lateral direita, Jack em concha atrás dela. Ela abriu os olhos e percebeu a manhã invadindo, emitindo suaves raios de luz sob e ao redor as sombras das duas janelas no quarto. O dia iria se intrometer na fantasia e, a realidade viria cedo demais. Ela suspirou, satisfeita. Jack se moveu seu corpo deslizando contra o dela, os braços puxando-a para mais perto. O coração dela pegou o ritmo quando uma mão envolveu seu seio, os dedos esfregando suavemente o mamilo. Os dedos deslizaram sobre as duas porções carnudas da vagina dela, em seguida, entre as pernas e empurraram nas dobras já quentes e úmidas. Ela gemeu quando um dedo bombeou e acariciou então ele acrescentou outro dedo. Seus dedos mergulharam no interior dela e, em seguida, espalharam a umidade sobre todo o clitóris. Ela gemeu e

empurrou as nádegas contra o centro das coxas dele. O pênis duro, já situado entre as nádegas dela.

"Jack", ela sussurrou.

A tortura começou assim, e ela poderia dizer que ele não planejava ter misericórdia. Ele acrescentou um terceiro dedo à vagina, e ela se apertou nos dedos.

A respiração dele soprava no ouvido dela, e ele lambeu seu lóbulo. "Mmm, Deus, Eu quero te foder".

A brusca declaração acendeu seu desejo, e ela se virou de costas. "Isso soa como um excelente plano."

Ela o alcançou e ele alavancando-se lentamente, muito lentamente, para baixo sobre dela. Os quadris dele entre as coxas dela e quando a cabeça do pênis colidiu com seu clitóris, ela sugou uma respiração aguda. A boca dele encontrou a dela e, quando o beijo feroz enviou-a ao colapso, ela arqueou os quadris contra ele em uma fusão sem palavras. Sem pausa, a sua dureza penetrou nas profundezas molhadas. Ela sugou um fôlego de inebriante satisfação. Este homem a tinha molhada instantaneamente, algo que ela nunca acreditou que pudesse acontecer com ela. Preenchida por ele, circundando seu pênis, ela elevou os quadris. Ele arfou e começou, então, a se mover. Conforme ele ondulava, empurrando com estocadas dolorosamente lentas, que acariciavam um ponto sensível no fundo, ela fechou os olhos e apreciou as cavalgadas. Emoções estouraram dentro dela e ela sentiu as lágrimas vindo antes que as pudesse deter. À medida que elas escorriam de seus olhos, ele parou.

"Jesus, Autumn. Está tudo bem? Eu estou te machucando?"

Ela abriu os olhos e quando um leve soluço saiu de sua garganta, ela envolveu o rosto dele.

"Não. Deus, não. Eu sinto... estou inundada. Você é tão bom e isso é tão certo, que eu não quero que nunca mais acabe." Palavras assustadoras. No entanto, quando ele sorriu e seus quadris começaram a se mover novamente, ela viu um raio de compreensão brilhar nos seus olhos. "Você acabou de dizer as palavras mágicas".

Ele baixou a cabeça e lambeu o mamilo, chupando com força quando ela ergueu mais os quadris para lhe dar melhor acesso. Ela deu as boas vindas, implorando com cada soluço de respiração. Um afiado, duro orgasmo foi arrancado dela, feroz e súbito. Ela gritou.

Autumn sentiu Jack se perdendo, seus quadris martelando quando começou a pegá-la com mais força. Ele a encheu com um angustiante prazer que não aliviaria o clímax crescendo e diminuindo, uma subida sem fim para o seu próprio paraíso perfeito. De repente ele endureceu um grito irregular deixando sua garganta.

Uma corrente quente a encheu, depois outra e outra conforme ele ofegava, gemia e tremia.

Quando desabou sobre ela, resmungou. "Estou morto." Ela riu o riso alto e definitivamente cheio de prazer. "E pesado."

"Desculpe".

Ele rolou e, quando a prendeu em seus braços, ela sentiu uma alegria tão sólida e verdadeira, que se perguntou como podia ser possível. Um quente, poderoso homem a cercava, e o sensual regozijo que tinha aproveitado por horas afundou-se em seus poros e se recusou a libertá-la.

"Jack?"

"Mmm?"

"Eu nunca... Isso foi..."

Ele riu baixinho. "Ei, eu acho que eu gosto disso. Eu nunca deixei uma mulher sem palavras antes."

Ela sorriu, em seguida, brincou com o bico do peito dele até que ele sugou um fôlego.

"O que eu estava tentando dizer é que eu nunca tinha estado tão excitada na vida."

Ele a puxou de volta para olhar em seus olhos e a expressão séria nos olhos pareceu profunda e importante. "Eu acho que gosto de como isso soa, também." Ele apertou um rápido beijo na boca dela. "Você não tem que me explicar nada." Enfiou os dedos em seu cabelo novo. "Vem comigo a Billings." O olhar dele permaneceu cheio de paixão. Com uma suave pincelada de seus lábios, ele a provou novamente. "E se, enquanto estivermos lá, eu conseguir convencê-la que devemos ficar novamente nus juntos, vai ser ótimo."

"Ficar nus. Que romântico."

Ele sorriu. "Poderia ser".

"Você é o tipo romântico de cara, Jack?"

"Muito. Vou provar isso a você."

"Você é tão doce."

Ele revirou os olhos para o teto. "Lá vai você de novo, revelando meus mais profundos, mais escuros segredos. Será que vai aparecer como manchete no jornal? Jack Dillon, o bombeiro romântico?"

Ela riu e enxugou uma lágrima que escapou. "Não é difícil."

O cabelo de Jack tinha o efeito 'cama'. Pode ser um estilo, mas não se encaixava nele. Ela sorriu e passou a mão por ele para alisar as ondas despenteadas. "Você está uma bagunça. Mas eu gosto de você de qualquer maneira."

Ele fechou os olhos. "Isso é ótimo."

Ela tinha que sair antes que a rouca, sexual cadência na voz dele a transformasse em mingau e a fizesse se lançar sobre ele.

Eles finalmente saíram da cama, tomaram banho e, ele lhe ofereceu café da manhã. Mas ela sabia que precisava de distância para decifrar sentimentos problemáticos que a atingiam a cada momento. Quando se vestiu e recolheu a bolsa e casaco, eles pararam na porta da frente.

Ele a prendeu em seus braços para um abraço. "Você é boa para mim."

Uma profunda sinceridade encheu a voz dele e, ela sabia que ele acreditava em cada palavra. Se ele não parasse de ser tão bom, ótimo... Incrível... Não. Ela tinha que manter tudo isso em perspectiva. Jack era um grande amigo. Um grande homem para satisfazer as necessidades sexuais. Precisava se lembrar disso. Se puxou para trás de seu abraço. "Obrigada por ouvir as minhas histórias tristes." Ele pressionou um rápido beijo no nariz dela. "E obrigado por ouvir as minhas."

"A gente conversa sobre Billings."

"Certo." Expressão de Jack mantinha um desejo feroz. "Ligue-me quando chegar em casa. Eu quero ter certeza que você está bem."

"Vou ligar."

"E é melhor ficar em guarda."

"Por quê?"

"Porque mesmo que você não vá comigo para Billings, eu estou te deixando saber agora que está em apuros." Os lábios dele tocaram seu nariz, então permaneceu com os mais suaves toques contra seus lábios. "Eu quero você. E vou retirar todos os obstáculos para ter você."

Uma emoção estranha se misturou com um absoluto mal-estar, e ela aproximou-se da porta. "Todos os obstáculos? O que você está dizendo?"

"Eu vou tentar cada truque sujo do livro." Ele lhe deu um sorriso sensual que se tornou predatório. "Tudo o que for preciso para seduzi-la novamente."

Fuja. Por enquanto.

"Jack, eu nunca tinha visto esse seu lado antes."

Ele pôs as mãos nos quadris, o olhar cem por cento masculino e inflexível.

"Eu não sou mais o menino que você conheceu."

"Não brinca." Ela sabia que tinha um sorriso bobo no rosto, mas não podia evitar.

"Você é cheio de surpresas."

Com um aceno e um longo e persistente olhar, ela abriu a porta e saiu antes que a tempestade de contraditórios sentimentos dentro dela ameaçasse destruir toda a distância que cuidadosamente construía.

* * * *

O Observador viu Autumn deixar a casa de Dillon.

"Eu deveria queimá-lo", o Observador assobiou.

Tentado virar o carro para a direção de Autumn e atropelá-la na rua, o Observador segurava o volante com os nós dos dedos brancos. Quando Autumn disparou o grande SUV para a vida e, girou as rodas para a rua pela neve, suas têmporas doíam com o desejo de seguir. Mas, não. *Não posso fazer isso.* Ela poderia descobrir sua identidade.

Enquanto Dillon e Autumn estiveram juntos na casa, tinha ocorrido ao Observador incendiar a casa. Mas não, não iria funcionar. Autumn iria escapar de sua punição porque Dillon iria salvá-la. O Observador sabia que o homem iria lutar até a morte por ela e, isso o fez arder de ódio pelos dois. O Observador queria satisfação. Algo lento e agonizante seria mais adequado. Muito tempo passara desde que tinha visto as chamas e sentido o calor. Encontrar o próximo motivo, a necessidade seguinte para o incêndio veio facilmente.

Com um sorriso, o Observador decidiu tomar seu tempo e planejar o incêndio seguinte, de modo que fosse inescapável.

Dillon e Autumn seriam assados como galinhas no espeto.

Capítulo Dezessete

A manhã de domingo amanheceu fria, mas clara, uma polegada de neve já derretendo no chão. Autumn tinha acabado de se vestir, quando alguém bateu na porta do quarto. "Autumn, é a Bitsie". Autumn abriu a porta e Bitsie estendeu um enorme buquê de flores. Surpresa, Autumn riu. "Eu sei que você tem que estar em algum lugar debaixo de todo esse verde."

A mulher mais velha espiou ao redor do vaso grande e verde de uma dúzia de rosas. Seu sorriso parecia maldoso. "Isto acabou de chegar e, com certeza, não é para mim."

Quando pegou as flores, Autumn sentiu o rico aroma com prazer. "Elas são lindas. Mas, não posso imaginar quem as iria enviar."

"Eu não vou contar". Bitsie disse e depois sorriu. "Veja embaixo."

Quando Bitsie saiu, Autumn colocou o vaso na cômoda e, em seguida, arrancou o pequeno envelope preso.

Para Autumn, de Jack.

Antecipação zumbiu e estalou em seu corpo, como champanhe. O coração batia mais rápido. Escorregou o cartão Do envelope e leu.

Autumn,

Mal posso esperar para vê-la novamente.

Com amor,

Jack.

"Amor", ela sussurrou.

Oh, Jack. Não.

A idéia de que Jack poderia estar se apaixonando por ela, lhe fez sentir coisas estranhas. Ela não queria, não podia lidar com isso. Ao mesmo tempo, o incrível aumento de emoção e ternura por dentro, lhe enviou um motim de forte necessidade. Brincar com as emoções de Jack seria ferir seus sentimentos. O problema era que não sabia se podia confiar nas próprias caóticas emoções.

Ela ligou para agradecê-lo, mas encontrou a secretária eletrônica.

"Jack, eu recebi as flores. Elas são tão lindas." Sua garganta secou e ela fez uma pausa. "Obrigada novamente pelo maravilhoso jantar ontem à noite e pela entrevista." Então, fez a coisa mais impulsiva de sua vida. "Eu vou com você para Billings. Ligue-me quando tiver uma chance."

* * * *

Quando Jack ouviu a mensagem de Autumn na secretária mais tarde, naquela manhã, quase gritou pelo triunfo. Tinha chegado de uma corrida e precisava de uma chuvarada, mas decidiu ligar para ela primeiro. Discou o número dela, esperando impacientemente que o telefone tocasse. Autumn. Ele quase gemia toda vez que pensava nela. Beijá-la, segurá-la e fazer amor com ela quase o tinham deixado louco. Apesar de precisar tanto dela que chegava a doer, as possibilidades de relação o assustavam como o inferno. Não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão incerto e tão animado ao mesmo tempo.

A Voz de sua mãe veio no primeiro instante e, depois de falar por um minuto, ela passou o telefone para Autumn.

Jack se sentia tão nervoso que teve que limpar a garganta seca antes de poder falar. "Ei, bom dia."

"Jack." Sua voz soou um pouco ofegante e o lembrou da maneira que ela pronunciara seu nome na noite passada, depois do primeiro orgasmo. "Você ouviu minha mensagem."

"Estou feliz por você ir comigo. Vou fazer as reservas."

"Hum... você poderia esperar um minuto? Quero atender lá em cima."

"Jack?" Sua voz voltou à linha alguns momentos depois. "Obrigada novamente pelas flores. Elas são lindas. Eu amei."

"De nada." Então um pensamento espinhoso veio à sua mente. "Ei, sobre as reservas. Devo fazê-las para um quarto ou dois?"

Ela não disse nada de imediato, levantou-se e a apreensão cresceu dentro dele. Merda. E se ele tiver dito alguma coisa errada? Imaginando uma coisa que ele não deveria ter? "Eu não estou tentando te pressionar a nada."

"Sim, você está." Sua voz soou levemente reprovadora e divertida. "Na noite passada, você disse que faria o que pudesse para-"

"Seduzir-te novamente." As palavras deixaram boca dele como um jato. "Eu falei sério."

Diabos corra atrás Dillon. Diga a ela. "Se ainda não percebeu, você é a mulher mais emocionante e linda que eu já conheci e, você está me deixando louco. Eu quero você comigo em Billings. Na minha cama."

Ele pensou tê-la ouvido sugar um minúsculo fôlego.

"Reserve dois quartos. Dessa forma, se nós ficarmos... se nós..."

"Está tudo bem. Eu entendo." A hesitação dela enviou uma seta de inesperada infelicidade direta ao centro do peito. Merda. Ele não gostava de se sentir assim.

"Vou ligar para Miranda Butterfield e tomar as providências para a entrevista, em seguida, te digo o dia e hora." Suspirou incapaz de conter seus sentimentos. "O que quer que faça, não esconda nada de mim. Você não precisa ter medo."

"Obrigada, Jack."

Depois de desligar, caiu na cama e abaixou a cabeça. Ele a sentiu se retrair e, isso o preocupou mais do que poderia dizer.

* * *

"Ótimo." Jack viu as vans da estação de televisão estacionadas no estacionamento do posto de bombeiros terça-feira, e seu fator de estresse subiu duzentos por cento. "Isso é."

Como um enxame de abelhas assassinas, os repórteres tinham cercado sua casa ontem de manhã quando ele saiu para comprar jornal e caminhar no parque. Andando pelos calcanhares, eles o rechearam com perguntas que ele não queria ter conhecimento e, às vezes, não conseguia responder.

Um repórter que segurava um bloquinho e lápis saltou para a direita na direção de Jack quando ele saiu do carro.

"Sr. Dillon, você pode nos dizer alguma coisa sobre os incêndios criminosos daqui de Clifton?" Jack continuou andando. "Primeiro de tudo, você me fez essa pergunta ontem. Em segundo lugar, não estou autorizado a dar nenhuma informação".

Antes que o detestável, redondo homem pudesse dar um passo à frente de Jack, Hank bloqueou o cara de entrar no quartel. "Área restrita, sinto muito."

Franzindo a testa, Jack continuou entrando no quartel. Chefe Hallam bateu-lhe nas costas.

"Parece que você criou uma bela bagunça aqui, Dillon."

Embora o tom de voz do chefe permanecesse calmo e constante, Jack viu tensão nos olhos do homem. Ele parou na escada que levava até o dormitório. "Desculpe".

"Não é sua culpa. Eles são abutres procurando um lugar para aterrissar e comer. Ignore-os e eles finalmente vão embora quando você não jogar nenhuma carniça".

Jack fez uma careta. "Linda descrição."

O Chefe deu de ombros. "Funcionou antes, quando tivemos uma repórter salivando em torno da estação."

De repente, ele se perguntou se o chefe contava Autumn entre os abutres que pairavam.

Ele esperava que não. Ela tinha sido mais profissional quando visitou a estação. Ele lembrou o tom suave e sexy em sua voz quando ela lhe agradeceu pelas flores. Uma dor iniciou-se em suas entranhas. Claro, ela iria com ele para Billings, mas não podia prometer nada a ele.

"Jack?"

Sua atenção voltou para o chefe. "Desculpe senhor."

"Não transpire Dillon. Há uma reunião na sala de conferências em dez minutos. O Marechal de fogo me deu algumas informações que eu acho que vocês devem saber, sobre os incêndios recentes."

Dez minutos depois, Jack, Hank, Ray e outros bombeiros se isolaram na pequena sala de conferências. Alguns bombeiros de folga também participaram. "Isso é estranho," Hank disse a Jack, que ele se estabelecia em uma cadeira de plástico duro ao lado do amigo. "O marechal de fogo não faz as coisas desta maneira."

Jack franziu a testa. "Ele faz, se tem notícias ruins."

O Marechal de Incêndios Harvard Jameson chegou à frente da multidão. Em vez de usar a tribuna, passeava.

"Nós temos informações sobre essa sequência de incêndios criminosos que vocês precisam saber agora. Normalmente, eu manteria uma tampa sobre estas informações, mas as ligações são escassas. Neste ponto, não lhes fere dar as indicações, mas os mantém perto. Nada do que for dito a vocês deve sair desta sala. Isso significa que nem esposas, namoradas, ou outros amigos e familiares devem ouvir isso. Entenderam?"

Depois de um coro de acordos de cabeça, Jameson continuou. "A Equipe de Detecção de Incendiários usou *Archie*, nosso líquido inflamável de detecção canina, para vasculhar todos os incêndios suspeitos. Em cada caso, Archie foi utilizado para encontrar qualquer indício de gasolina, querosene, óleo inodoro de lâmpada, laca de fluidos mais finos e leves. Tudo indica que este incendiário usa métodos diferentes para iniciar cada incêndio. Obviamente, é incomum, mas achamos que este incendiário está fazendo uma declaração. Mostrando-nos que ele pode escapar da detecção. O número de incêndios relacionados ao fogo na cidade subiu para seis no último mês e meio.

A melhor evidência que temos para incêndio ocorreu no *Top O' The Morning Club*. Sabemos que foi causado por um coquetel Molotov, lançado através de uma janela do banheiro e de uma janela da sala de armazenamento, nas proximidades. No caso dos incêndios dos armazéns, nós suspeitamos o mesmo. Neste momento, não temos impressões digitais que sejam utilizáveis. Também não sabemos se o incendiário, ou incendiários, são locais. "A polícia tem verificado hotéis locais de atividades suspeitas, mas nada de anormal foi relatado."

O Marechal de Incêndios pegou a sua caneca de café e tomou um gole antes de continuar. "Temos que questionar os suspeitos, mas nada conclusivo foi elaborado a partir dessas entrevistas.

Sabemos, no entanto, que os incêndios são um pouco descuidados. Então, não acreditamos que a pessoa, ou pessoas, que começaram os incêndios são do tipo super-inteligentes. Eles têm cérebros suficientes para não deixar evidências significativas, vou dar-lhes o mérito por isso. Como vocês sabem, investigar um incêndio criminoso pode levar meses de trabalho meticuloso. Nós estamos esperando que vocês mantenham os olhos abertos e ouvidos no chão. Se outro incêndio aparecer, certifiquem-se de nos dizer se virem algo que possa ajudar na investigação. Perguntas?"

A sala explodiu em um zumbido de conversas. O chefe de bombeiros calou todos com um olhar e um pedido de silêncio.

Jack tinha uma pergunta motivada pelas suspeitas aos Meninos da Máfia. "Parece que você está convencido de que há dois suspeitos?"

Jameson assentiu com a cabeça, os olhos cheios de pesar. "Através da reconstrução, os padrões e, onde o centro do calor foi localizado, acreditamos que estes incêndios não foram iniciados pela mesma pessoa. Os primeiros incêndios tinham mesmo padrão. Logo após o incêndio da discoteca, no entanto, o padrão mudou."

"Você acha que eles estão trabalhando juntos?" Jack perguntou.

O Marechal de Incêndios tomou uma respiração profunda. "É possível, mas não está cem por cento confirmado. Então, senhores, parece que temos dificuldade em dobro."

* * * *

Elliott saiu de seu gabinete, sombras escuras sob os olhos estragavam sua aparência, geralmente brilhante e atento. Hoje, ele parecia desconfiado e cansado. "Tem um minuto, Autumn?"

"Claro." Ela pegou um bloco de notas e seguiu-o ao seu santuário. "O que foi?"

"Precisamos mais do que a última história que você escreveu sobre Dillon." Elliott fechou a porta e eles se sentaram. "Além disso, eu achei que a entrevista com ele veio um pouco suave demais."

Surpresa e irritada, ela inclinou-se em sua cadeira. "Eu escrevi a história na semana passada. Se você teve problemas com ela então-"

"Eu sei." Ele ergueu uma mão. "Sou culpado por isso. Mas precisamos manter a água correndo sob a ponte."

Percebendo a verdade nas palavras, ela recuou em sua cadeira. Tomou um profundo fôlego para relaxar os tensos músculos.

"Você não acha que já pressionamos esses bombeiros o máximo que podemos?"

Os olhos de Elliott queimaram com um novo fervor. "Não. Nós ainda podemos melhorar isso." "Por quê?" Ela pôs as mãos para cima. "Esta cidade não é mais interessante do que isso? Clifton pode ser uma cidade pequena, mas tem caráter e vida além dos bombeiros".

Ele soltou uma grossa risada sem humor. "Clifton é um lugar chato, maçante a maior parte do tempo e você sabe disso. Você foi embora muitos anos atrás."

Uma dor começou em sua têmpora direita e ela abriu o maxilar. "Eu fui embora porque minha família estava morta e não havia mais nada para mim aqui. Eu tinha toda a emoção que poderia ter."

"Então, por que voltou?" Sua pergunta saiu suave.

"Eu fugi de uma dor nova e voltei a uma antiga. Eu não sei. O que isso tem a ver com o conteúdo do *Clifton Times*?" Se preocupando com o assunto, ela inclinou-se sobre a mesa. "Nós podemos fazer mais do que isso, Elliott. Tudo o que precisamos é imaginação".

"A imaginação não faz reportagens."

"Faz para algumas pessoas."

"Eu achei que você tinha dito que não inventava histórias".

Exasperada, ela disse, "Mentiras não são necessárias. Apenas vontade de encontrar uma história onde não parece ter uma."

Ele apontou para ela. "Bingo. O que eu venho dizendo?"

Ela olhou para ele um longo tempo, tentando decifrar seu olhar encoberto. "Você quer que eu faça a entrevista com Butterfield em Billings, também."

"Isso mesmo. Vai ser o nosso ângulo da nova história. Você pode escrever um pedaço quando voltar."

"Sugar até que fique seco."

"Você já está indo com Dillon a Billings de qualquer maneira." Ele fez uma afirmação ao invés de uma pergunta, uma nota de censura na voz.

Autumn cruzou as mãos no colo, a tensão subindo pela espinha e fazendo-a sentir dores nas costas. Uma respiração profunda, seguida de outra, não facilitou a tensão. Ele reclamou da entrevista com Jack muito tempo depois do ocorrido e, a mudança dos acontecimentos raspou em sua confiança.

Então, endireitou-se na cadeira e encontrou o olhar dele sem hesitar.

"Temos que manter o ímpeto com essas histórias." Ele pegou um lápis e bateu contra uma pasta na mesa. "As coisas estão começando a secar. Não houve nenhum incêndio em dias."

"O que você quer que eu faça? Inicie um incêndio?" O sarcasmo na voz surpreendeu até mesmo ela.

Elliott a venceu com um olhar penetrante. "Enfoques significam vendas. É assim que as coisas são."

"Não com o risco da perda da integridade. Não vou maquiagem manchetes que já não existem mais." "Eu não te pedi isso".

"Então o que você está dizendo?"

Elliott deslocou-se na cadeira como um urso se assentando para hibernação. "Faça uma história sobre o incêndio de dezessete anos atrás."

"Não." A sílaba enfática saiu antes que ela pudesse sequer pensar.

"Autumn, você pode ganhar muito com isso."

"Você quer que eu divulgue a versão sangue-e-tripas da morte dos meus pais?"

Ele balançou a cabeça. "Sim".

As palmas das mãos umedeceram e seu rosto ficou quente. "Eu não vou fazer um enfoque para venda de jornais da horrível morte dos meus pais. O jornal já ganhou muito dinheiro com a história na época que aconteceu."

Uma severa decisão se alastrou pelo rosto dele. Ele jogou o lápis e colocou as mãos sobre a mesa. "Você vai se eu mandar."

Sentiu o canalha lhe acertar um soco no fundo da mente e do intestino. Ela quis pular sobre a mesa e estrangulá-lo. Tinha se enganado com Elliott, em muitos aspectos, mas, aparentemente, não sobre sua determinação em fazer qualquer coisa por uma história. Ele se inclinaria a chantagem emocional para conseguir o que queria.

Ela ficou de pé. "Eu não vou te dar a história dos meus pais, porque você mandou."

A boca de Elliott se apertou. "Autumn, você está caminhando em uma linha fina."

"Então me demita".

Ela bateu a porta na saída.

* * * *

Na parte da tarde, o bombardeante barulho da buzina dos automóveis atingiu Jack direto da cama para a ação. Ele não tinha dormido bem e, a falta de descanso o fazia sentir-se como um caracol. Despachando-se para uma informação recebida de que um armazém abandonado centro estava em brasas.

"Em brasas porra nenhuma", disse Hank quando desceu deslizando pelo mastro atrás de Jack. "Já foi tomado há esta hora."

"Porque você diz isso?" Jack perguntou.

"Você já pegou um incêndio por aqui, ultimamente, que estivesse apenas em brasas?"

Em instantes, dois caminhões de bombeiros estacionaram na rua, sirenes gritando. Hank garantiu o fecho do capacete pelo queixo e sorriu para Jack. "Metal no pedal!" Então, começou a cantar uma irritante música.

Dan Caruso, o motorista, riu, então gritou acima da sirene, "Se ele não fosse tão feio nem cantasse tão mal, eu sentiria pena dele."

Hank encarou Caruso. "Vamos ouvir você cantar."

"Você está louco?" Dan dirigiu o caminhão para uma esquina. "Você quer ouvir cachorros latindo?" Apesar da afirmação de que não podia cantar, Dan cantou algumas frases de uma música de rock. Honesto à palavra, ele parecia horrível.

"Você tem alguma relação com aquela cantora de ópera Caruso?" Hank, perguntou.

"Não", disse Caruso. "Se eu pudesse cantar tão bem quanto ela, você acha que eu seria bombeiro? Quer ouvir outra música?"

Vozes falaram em coro. "Não!"

O líder de arte, um tenente e o ajudante do chefe, sentaram no assento dianteiro direito. "Vocês estão gravemente doentes, sabiam?"

Jack olhou para a janela de trás e pegou um reflexo de Ray numa posição de remador.

Ao se encaminharem a outra esquina, Ray manobrava o pára-choque do enorme veículo como o bom profissional que era.

Chegaram ao local do incêndio e, quando o caminhão parou, e Jack teve a sensação de que tudo estava em ritmo acelerado.

Uma fumaça escura era despejada do último dos três andares do armazém abandonado. Apesar de não ser particularmente alto, o edifício tomava quase um quarteirão inteiro. A estrutura decrépita estava marcada para ser demolida em poucas semanas. Os homens pularam do veículo, se apressando com a vestimenta dos aparatos respiratórios.

Uma multidão se formou ao redor do perímetro e a polícia manteve os espectadores da região perto da ação.

Chefe Hallam dirigiu os homens. "O lugar deve estar vazio, mas alguém viu um homem espreitando a área mais cedo. Mantenham os olhos e ouvidos abertos. O incêndio pode ou não ser contido nos dois últimos andares, já há fumaça nos andares mais baixos. O edifício está, provavelmente, instável, então, tomem cuidado. Não sabemos quanto tempo esse bastardo tem estado cozinhando."

"Prédio esquisito." Hank apontou para a estrutura que se alastrava. "Eu odiava isso aqui desde que era garoto. Parece uma maldita casa assombrada."

Os Bombeiros na escada aérea pulverizavam o telhado. A Fumaça saía dos buracos abertos no degradado edifício.

Jack acendeu a lanterna do capacete e puxou as luvas de couro. Fez o gesto do polegar para cima para Ray conforme os dois assumiram a liderança da inspeção cômodo a cômodo.

Fizeram o caminho pelas portas da frente. Fumaça branca se misturado com a escura, descendo pelas escadas estreitas que levavam aos andares de cima. Hank e outro bombeiro entraram com a primeira mangueira e começaram a subir as escadas. Uma mangueira adicional, impulsionada por dois bombeiros, veio atrás de Jack e Ray.

Gavinhas de fumaça obscureciam o alto teto da antiga entrada. Antigo e perigoso, o lugar parecia que iria se desintegrar a qualquer momento. Jack e Ray dirigiram suas atenções na varredura da área. Estranhos barulhos chegaram aos ouvidos de Jack. Pareciam os passos dos bombeiros que trabalhavam nos andares acima. Indefiníveis rangidos e sussurro ecoavam conforme a estrutura gemia sob a tensão.

Conforme revistavam a área por vítimas, o edifício parecia estender-se para sempre. Madeiras quebradas dispersas, lixo e sinais de habitação humana salpicavam o chão. Um hambúrguer meio-comido, embrulhado em papel de fast-food, chamou a atenção de Jack. Ele puxou a manga de Ray e mostrou-lhe a comida. Talvez alguém tenha estado aqui há pouco tempo.

O peso parecia pressionar de todos os lados. Pela primeira vez na vida, Jack quis que o machado e o aparelho de respiração pesassem menos. Trinta quilos de ar amarrados as suas costas, não parecia muito até estar na imundice de um incêndio. Jack amaldiçoou o fogo e considerou que o incendiário teria usado para iniciar este incêndio.

Outro coquetel Molotov, ou simplesmente fósforos e papel? Um edifício cheio de restos queimaria facilmente, sendo de tijolo ou não. Jack amaldiçoou. Alguns edifícios dos mais antigos da cidade foram construídos com argamassa de areia. Uma quantidade suficiente de água sobre esta porcaria e as paredes poderiam desmoronar. Jack ocasionalmente olhava para cima, prestando atenção aos detalhes que salvariam sua vida. Percebendo que tinham procurado por muito tempo, Jack olhou para o display do manômetro no ombro de Ray, que informava a leitura do oxigênio e a pressão da máscara. A leitura de ar de Ray parecia boa e, quando Ray foi conferir a de Jack, fez um sinal de *ok* com o polegar para cima.

Uma barulhenta colisão fez Jack avançar, e ambos se balançaram em direção a uma porta próxima. Jack viu o movimento através da margem de vidro na parte superior, e eles rapidamente fizeram o caminho em direção à porta.

Jack se agachou de um lado da porta e verificou o calor. Nada. Tentou abrir a porta e a encontrou trancada. Ray bateu no vidro com sua ferramenta Halligan, em seguida, se afastou quando o vidro se espalhou pelo chão. Ray se aproximou, destrancou a porta, e ambos saltaram para dentro. Jack usou uma cunha de madeira para manter a porta aberta. No pequeno escritório, um mal-vestido, jovem rapaz encontrava-se deitado no chão, coberto por um casaco de lã e gorro de ski vermelho e felpudo. Semi-consciente, o homem se mexia talvez em um estupor de embriagues. Jack alcançou e ergueu o indivíduo até uma posição ereta. Quando o homem começou a desmoronar, Ray apoiou o rapaz do outro lado.

Ray fez um gesto em direção à porta. "Hora de tirar esse cara daqui!"

Jack ouviu um barulho alto de rachadura e olhou para cima. O teto se curvara para baixo. Jack olhou para a esquerda quando um ruído novo encheu a sala. A fumaça apareceu através da parede do fundo, bufando e soprando em minúsculas limas. O edifício parecia respirar. Jack olhou através da máscara de Ray e viu surgir o reconhecimento no rosto outro homem. O teto iria desmoronar ou backdraft*, talvez até mesmo ambos.

Merda, isso não é nada bom. Nada bom.

Jack ouvia a respiração rascante nos confins de sua máscara. Eles seguiram para a porta, arrastando o homem o mais rápido que podiam. Um rugido enfureceu-se acima deles, e tudo ficou escuro.

* A diminuição da oferta de oxigênio (limitação da ventilação) poderá gerar o acúmulo de significativas proporções de gases inflamáveis, produtos parciais da combustão e das partículas de carbono particulado ainda não queimadas. Se estes gases acumulados forem oxigenados por uma corrente de ar proveniente de alguma abertura no compartimento produzirão uma deflagração repentina. Esta explosão que se move através do ambiente e para fora da abertura é denominada de ignição explosiva, termo que em inglês é denominada de backdraft ou backdraught.

Capítulo Dezoito

Autumn olhou por cima de um romance histórico que ameaçava matá-la de tédio. Desejava poder manter a mente na história e flutuar a um reino onde nada a preocupasse. Deixara o trabalho aquele dia certa de que não iria voltar. Não se Elliott pensasse que ela iria se prostituir por uma história.

Bitsie assistia um drama na televisão e fazia crochê ao mesmo tempo. O telefone tocou e, o barulho repentino fez Autumn saltar. Bitsie pegou o telefone e falou com o receptor, o tom calmo. Seu rosto ficou glacial. "Ela não está interessada em falar com você."

Todos os cabelos da parte de trás do pescoço de Autumn se arrepiaram. Olhou para fora, a paisagem escurecendo e, deixou cair o livro no chão durante o processo. Ela odiava a insidiosa sensação de vulnerabilidade, e empurrou de volta para os recessos de sua mente com dificuldade.

Ela trincou a atenção de volta a Bitsie. "Quem é?"

Bitsie colocou a mão sobre o receptor e sussurrou de volta. "George".

"Eu vou falar com ele."

Bitsie franziu a testa, mas entregou-lhe o telefone, em seguida, dirigiu-se para a cozinha. Autumn apertou o fone. "O que você quer George? Eu poderia avisar a polícia agora—" "Mas você não vai."

"Por que não?"

"Porque eu tenho uma informação que você precisa."

"Que tipo de besteira você está falando?"

"Duas coisas. Uma delas é para uma história no jornal. Eu sei quem é o incendiário." A curiosidade venceu o desejo de atirar o telefone contra a parede.

Não Autumn. O homem está tentando te fazer cair no jogo. Se afaste.

"Fale com a polícia sobre isso."

"Não. Eu quero que você... Eu quero contar a você."

Eu quero que você.

Um arrepio de repulsa deslizou sobre seu corpo.

Desligar. Isso é o que ela deveria fazer. "Por que a mim?"

"Porque você é uma boa repórter. Eu gosto disso."

"Certo. Isto vindo de um porco chauvinista de primeira classe."

"Porco chauvinista?" Ele riu, e o som saiu alegre ao invés de zangado.

"Você deve estar brincando, querida. Essa frase surgiu nos anos setenta. Você não sabe nenhuma mais nova?"

"Não, mas tenho certeza que você vai me dizer."

"Sim, a mais nova é 'bastardo chupador'."

Sua escolha de palavras a calou por alguns segundos. "Eu imagino que você seja chamado disso frequentemente."

Aparentemente, o insulto foi direto para a cabeça dele. "Então você vai querer me entrevistar ou não?"

"Não".

Ela quase pôde sentir o calor da ira dele, chegando a uma fervura lenta. "Você gostaria de ter a informação que eu tenho."

"Você não gosta de mim, George. Por que quer me dar informações sobre o incendiário?"



A voz dele ficou suave. "Você não entende, não é? Eu gosto de você. Muito. Estou tentando salvá-la de cometer um grande erro com Dillon. Antes que você se machuque."

"Nada que Jack fizesse poderia me machucar."

"Não, quero dizer que você vai se machucar quando ele se for."

Novamente, sua pele formigou. Ela encostou-se ao sofá e desejou que conversa desaparecesse, como um sonho ruim ao acordar. "Do que você está falando? O que você quer dizer?"

A risada suave se espalhou por toda a linha. "Quando ele for embora, você desejará ter sido legal comigo."

Ela devia desligar, mas queria saber quais eram os planos dele para Jack. "Eu vou morder a isca. Conte-me sobre o incendiário."

"Nós temos que nos encontrar. Nada mais dessa besteira pelo telefone."

Fúria fluía pelo sistema de Autumn como uma overdose, inundando-a com um ódio que ela desejava saber controlar. Alimentada pelo fato tê-lo permitido que a abalasse, ela deixou aquilo romper.

"Se você é louco o suficiente para pensar que eu iria por isso, então você é um bastardo idiota, George." Ela bateu o telefone no gancho.

Bitsie tinha colocado a televisão no mudo e, Autumn olhou para a tela sem ver nada. Poucos segundos depois, o noticiário chegou e uma imagem de um prédio em chamas apareceu. Uma sensação estranha, como se alguém tivesse deslizado uma pena por sua espinha, percorreu a pele dela.

Pegou o controle remoto e ligou o som novamente. "Outro Incêndio não."

Bitsie entrou na sala. "O que está acontecendo?"

A voz do locutor era clara e audível. "Esta era a cena do antigo prédio Doncaster, na esquina da *Twelfth* com a *Parkway* há poucos minutos. Os bombeiros estavam no prédio quando houve um devastador desmoronamento do teto. Vários bombeiros estão presos e não se sabe se estão vivos ou mortos. Ao mesmo tempo, outros bombeiros lutam para apagar o fogo e mantê-lo afastado dos homens presos. Suspeita-se este incêndio é obra do incendiário que assola a cidade há várias semanas."

Autumn olhou para Bitsie, um crescente medo queimando suas entranhas como o ácido. "Bitsie".

Bitsie afundou no sofá, a boca ligeiramente aberta. "Oh, meu Deus. Jack."

Ele pode ser um dos homens nos escombros-Não.

Autumn pegou Bitsie pelo braço e puxou-a para cima. "Nós vamos para lá. Agora".

* * * *

Jack ofegava, lutando por ar. Suas costelas doíam algo havia atingido sua cabeça e ele queria reclamar sem parar. Se tivesse realmente quebrado uma costela desta vez, ia ficar puto.

O instinto natural foi entrar em pânico, perder para o terror do momento. Em vez disso, o treinamento o levou a se engrenar.

Desmoronamento parcial. Preciso escapar daqui. Rápido.

Algo era pressionado sobre ele. Moveu os braços e pernas, tirando os escombros de seu corpo. Respirou fundo e percebeu que a mangueira do aparelho de respiração tinha sido torcida e danificada. Baixou a taxa de respiração e tentou se acalmar. Quando uma nova adrenalina surgiu, o coração acelerou no peito. Jack ouviu uma tosse e pensou, por um segundo, se o som lhe pertencia. Abriu os olhos. A luz era filtrada através da sujeira a poucos metros acima dele e, o alívio fez gemer baixinho. Não somente tinha

sobrevivido ao desmoronamento, mas, também não aparecia que toneladas de detritos o tinham coberto. Conforme sua mente foi clareando, outras precauções venceram.

Ele sobreviveu porque todo o telhado não tinha descido. Não acreditava que tivessem caído no porão, mas, de qualquer forma, não podia ter certeza. O resto do prédio poderia desabar a qualquer instante.

Não viu fumaça e pensou em tirar a completamente máscara. O bom senso rejeitou a idéia num piscar de olhos. *Preciso de oxigênio*. Ergueu a cabeça, virou-se em seu lado direito e um suprimento de ar fresco entrou na máscara. Respirou fundo pelo alívio. Seu tubo de oxigênio deve ter sido mantido intacto. Um estridente, lamuriante som encheu seus ouvidos e reconheceu o som do seu Sistema Pessoal de Alerta de Segurança (SPAS), ligado ao aparelho respiratório. Bom. O resgate saberia onde encontrá-lo se não pudesse fazê-lo por conta própria. Então ouviu outro SPAS gemendo e percebeu que devia ser o dispositivo de Ray. Não parecia muito distante.

"Ray? Ei, cara, você pode me ouvir?"

"Jack"?

Apesar da voz de Ray soar abafada, Jack ficou aliviado. Ele quase tinha espaço suficiente para ficar de pé. Gemeu quando se moveu os músculos protestando. Uma onda de náusea o fez parar e, fechou os olhos quando a tontura tomou conta dele. Lutou contra os enjôos. Tontura e náusea podiam vir de uma concussão, mesmo não tendo desmaiado. Empurrou os escombros. Eles tinham sorte por estarem vivos.

Quando o edifício começou a desmoronar, ele sentiu os tijolos, tábuas e outros detritos o atingirem e, então, jogou seu corpo sobre o jovem sem-teto. De alguma forma, Jack tinha sido lançado para longe do mendigo.

A mão de Ray apareceu sob um monte de tábuas e algumas paredes de alvenaria.

"Tire-me daqui. Minha perna está me matando."

"Está quebrada?" Jack se apressou, lançando os destroços de lado o mais rápido que podia a preocupação impulsionando suas ações. "Não se mova."

"Nao, ela não está quebrada. Só foi torcida debaixo de mim. Onde está o garoto?"

"Eu não o vejo. Deve estar—" Ele tocou outra mão, esta sem uma luva de couro. "Aqui." Tirou a luva e sentiu o pulso do garoto. "Ele está vivo. Precisamos tirá-lo daqui. Este lugar vai pros ares a qualquer momento."

Ray lutou para sair de baixo dos escombros, seu capacete estava preso na cabeça em um ângulo torto. "Olhe para aquilo. Eu vejo a luz".

O despreocupado Ray fazia piadas, mesmo em face do perigo. Trabalharam febrilmente para puxar o homem desabrigado dos escombros. Alguns momentos depois, ouviram gritos e alguém chamando seus nomes.

"Nós estamos aqui!" O oxigênio do tanque de Jack acabou e ele arrancou a máscara pela cabeça. O SPAS continuou a gritar. "Aqui!"

Resíduos de fumaça flutuaram por todo o rosto de Jack e ele tossiu. Novamente, a tontura o fez colocar a mão no estômago.

"Está tudo bem?" Ray olhou Jack com preocupação. "O que há de errado?"

"Não se preocupe com isso."

"Você precisa de ar, droga."

Jack tossiu outra vez. "Eles vão nos tirar daqui a alguns instantes."

Ele sabia que 'alguns instantes' era otimismo. Levaria um inferno de tempo de escavação para resgatá-los com segurança. Enquanto a equipe de resgate cavava pelos detritos, eles teriam que se assegurar no buraco. A qualquer instante, esse lugar poderia desabar e eles estariam ferrados.

Tinham perdido os machados e as Halligans durante o desmoronamento, portanto, qualquer escavação que fizessem seria com as mãos. "De qual direção o resgate está vindo?" Ray perguntou.

Jack tentou escutar por alguns segundos, mas não podia dizer. "Eu não sei."

Ray assentiu. "Eu mal posso dizer qual lado é o de subida."

Irritado com a própria desorientação, Jack checou o sem-teto novamente. Embora o indivíduo permanecesse inconsciente, nada mais grave parecia errado com ele. Uma eternidade passou até Jack ouvir o resgate se aproximar. "Eles estão quase aqui. Não deve estar tão ruim como eu pensava." O tanque de Ray deu sua última inspiração e ele tirou a máscara. "Merda! Temos que sair daqui."

O barulho do resgate, ruídos, rachaduras e restos dos detritos chegavam aos ouvidos. Periodicamente, as vozes do resgate chegavam a eles, pedindo que Jack e Ray continuassem chamando. Era como se tivessem gritando por socorro, por pelo menos, meia hora.

Parte do edifício acima deles gemeu. Ray olhou para cima. "Merda".

Jack ficou tenso em preparação para o caso do lugar inteiro cair sobre eles. A tristeza doeu como uma ferida dentro de si. Se ele não visse mais Autumn—

Não. Você vai sair daqui vivo.

Uma luz apareceu através de um buraco crescente, a vários metros de distância. O alívio renovou as forças de Jack. Um bombeiro se apoiou nas mãos e joelhos e olhou para dentro do buraco subterrâneo deles. "Ei, vocês estão bem?"

Ray sorriu. "Diabos, nós estamos contentes em te ver."

"Mande uma maca" disse Jack, o coração acelerando. "Temos um homem ferido."

Minutos depois, eles prenderam o homem sem-teto em um protetor de pescoço, suporte de cabeça, encosto e, em seguida, o transportaram para fora do buraco. Jack e Ray escalaram o caminho para a abertura atrás do sem-teto e rastejaram pelos escombros com as mãos e os joelhos. A roupa de segurança Jack o isolava do vidro quebrado e dos pregos, mas ele sabia que teria muitas contusões e arranhões da queda inicial, para compensar.

Na metade do escorado túnel um gemido sinistro encheu o ar. "Depressa. Depressa!" Alguém gritou de fora. Ray pegou velocidade, Jack logo atrás dele. Jack podia ouvir as respirações rascantes no espaço confinado. Para Jack, o tempo pareceu ficar mais lento por um segundo de agonia. Dentro de sua cabeça, uma vozinha gritava. *Saia. Saia. Saia!* Momentos depois Jack deslizou do buraco para a segurança e caiu nos braços dos bombeiros à espera; a rota da fuga foi fechada com o movimento e o rangido do desabamento. Poeira e detritos voaram por toda parte conforme os bombeiros que seguravam Jack e Ray os apressavam para fora da área que desmoronava.

Jack virou-se para a massa de fumaça que constituía metade do edifício. Uma súbita percepção gelou Jack. "Onde está o Hank?"

Ray olhou em volta. "Não vejo nenhum sinal dele."

O estômago de Jack cambaleou e ele colocou a mão em seu centro. Tossiu. "Merda! Será que ele ainda está lá?"

Jack começou a andar quando Chefe Hallam agarrou seus ombros e o arrastou para trás. "Onde pensa que vai? Você precisa de assistência médica".

"Eu estou bem, chefe." Sua voz soou rouca, áspera pela fumaça.

"Tá, certo", disse o chefe, sérias dúvidas na voz. "Tem sangue no seu rosto, e você está muito pálido".

Ray pegou o outro ombro Jack. "Jack, calma. Não sei você, mas eu tenho que tirar essa merda de mim, e me sinto mal também."

Com uma sensação de afundamento se assentando no fundo do estômago, Jack vacilou, clareou a mente. "Eu acho que respirei um pouco de fumaça, mas não é nada demais. Quantos caras da estação estão presos lá dentro?"

"Quatro: Dupre, Montebello, Caruso e Hank", disse o chefe.

Enquanto o fogo parecia estar acabado, se os homens ficassem sob os destroços, corriam o risco de sufocação e esmagamento. Possivelmente a morte. Ele não deixaria Hank sofrer tal destino. Deu um passo a frente novamente, decidido a se fazer esquecer tudo além de resgatar seu melhor amigo. Ao invés, seus joelhos cambalearam, e ele parou de repente. Náusea oscilou por dele novamente. *Merda*. Sentiu-se doente.

Um paramédico saiu do nada e agarrou o braço de Jack. "Ei, você não parece bem. Venha aqui e sente."

Jack começou a se afastar. "Eu estou bem. Preciso ajudar os caras."

O Chefe o olhou atentamente, como se quisesse imprimir alguma coisa a ele. "Você e Ray ficaram nessa pilha por vinte minutos, Jack. Você respirou fumaça e pode estar mais ferido do que imagina."

Uma onda de tontura atingiu Jack e, ele colocou a mão na testa para tentar evitar que a cabeça inteira caísse.

"Oh, infernos." Jack percebeu que devia estar em choque, porque agora, tudo o que não tinha doído dois minutos atrás, começava a atormentar como um filho da puta. Ele tremia. O paramédico não o tinha liberado. "Exatamente."

Dois paramédicos levantaram os braços de Jack sobre seus ombros e o acompanharam até uma ambulância.

* * * *

Por favor. Por favor. Por favor, faça com que Jack esteja bem.

A súplica atravessava a cabeça de Autumn enquanto Bitsie dirigia pela cidade. Seu coração não parava de bater uma dolorosa batida, cheia de preocupação.

"Jack está bem", disse ela para tranquilizar ambas.

"Eu sei". A testa de Bitsie enrugou numa careta. "Jack é um excelente bombeiro. Ele vai ficar bem."

Autumn podia ver a fumaça flutuando sobre a superfície, mas parecia leve. "Eles devem ter acabado com o fogo."

Elas chegaram ao local e, quando saíram do carro, Autumn olhou através da multidão para a destruição. A parte da frente da lateral esquerda do edifício tinha se desintegrado, enquanto o restante permanecia intacto. Vapor e fumaça flutuavam para cima, pelas treinadas mangueiras dos bombeiros, na área perto do colapso. Odores enchiam o ar, fumaça e água. O medo possuía um aroma, Autumn sabia, e ele se agarrava à área como um pesadelo. O olhar de Autumn se lançou ao redor da área procurando qualquer sinal de Jack. A preocupação a despedaçava. "Eu não o vejo."

Bitsie segurou sua mão e ambas apertaram os dedos juntos numa mútua ansiedade.

"Ele vai ficar bem." Bitsie parecia ter certeza. "Não se preocupe."

"Como você pode ter tanta certeza?" As palavras soaram chorosas e desesperadas aos próprios ouvidos de Autumn e, ela desejou não tê-las dito. "Desculpe-me, isso soou... Sinto muito. Eu não sei o que estou pensando."

Bitsie libertou a mão dela e acariciou seu ombro, seu olhar mostrava uma notável calma para a situação. "Está tudo bem".

Estava? Ela não esperava a força de Bitsie. Quando Autumn voltara a Clifton, percebeu que ainda tinha determinação e coragem e, agora, ela sentia a sua fundação em ruínas. Podia ter perdido o emprego e, agora, podia perder Jack. Mas, a mulher ao lado dela enfrentara horrores semelhantes em seus anos como esposa de um bombeiro. Autumn queria saber se ela poderia ter sido sempre tão durona. Se uma mulher que

amasse um bombeiro teria que ser sempre forte ou perderia seu casamento pela apreensão.

Seu coração congelou por um profundo frio ártico que ela pensou que nunca fosse deixá-la. O 'não saber' a bombardeava com uma preocupação de entorpecer a mente. A angústia de Autumn paralisava sua respiração e a mantinha refém.

Oh, Deus. Ela não podia se apaixonar por ele. Ela não poderia sobreviver à dor que isso causaria. Bitsie moveu-se na direção dos policiais que seguravam a multidão.

"Vamos falar com o Chefe Hallam."

Bitsie acenou para o chefe e ele se dirigiu a ela em um rápido ritmo. Seu sorriso tranquilizador surpreendeu Autumn e, ela prendeu a respiração. Ele parou perto delas e sorriu novamente. "Está tudo bem, senhoras. Jack está na ambulância fazendo uma rápida verificação geral."

O profundo alívio provocou uma onda de lágrimas nos olhos de Autumn. Ela não conseguia dizer nenhuma palavra. Bitsie agarrou o braço dele. "Você tem certeza que está tudo bem?"

O chefe assentiu com a cabeça quando tirou o capacete e enxugou a testa com a manga. "Ele pode ter tido uma concussão leve. Nós o estamos mandando para o hospital, de qualquer maneira, para certificar que ele não tenha lesões adicionais. Não que ele queira sair daqui. Você sabe como Jack é. Teimoso como o inferno."

O sorriso que retornara a Bitsie mantinha um tremor. "Isso é o que o torna tão forte. Eu acho que ele herdou isso do pai."

"Têm outros ainda presos?" Autumn perguntou.

O chefe assentiu com a cabeça. "A unidade de Desabamentos está trabalhando para alcançá-los." Autumn olhou para os escombros fumegantes com crescente urgência. "Eu não vejo Hank. Ele está lá, não está?"

O Chefe pareceu sombrio. "Ele é um dos desaparecidos."

Bitsie mordeu o lábio inferior. "Jack deve estar frenético. Se alguma coisa acontecer com Hank..."

Ela não precisou dizer mais nada.

* * * *

Jack e Ray sentaram-se lado a lado na abertura de uma ambulância. Uma jovem paramédica examinava Ray, enquanto outro examinava Jack. Jack sugou uma respiração profunda, saboreando o fluxo de oxigênio da máscara sobre seu rosto, nos pulmões.

Ray puxou a máscara do rosto. "Nós vamos encontrá-los, Jack."

"Sim". Jack ainda queria dispensar a assistência médica e mergulhar na busca. O desejo o consumia até que ele queria gritar. "E logo que eles acabarem com a gente aqui, eu vou voltar lá para dentro."

O corpulento paramédico prendeu o aparelho pressão sangüínea ao braço de Jack. "Não tão rápido, Cochise*. Você não vai a lugar nenhum."

Jack rangeu os dentes e lançou uma cara feia. Ray balançou as sobrançelas e tentou um sorriso. Então ficou totalmente pálido quando gemeu.

Jack arrancou sua máscara. "Ei, o que está errado?"

Ray piscou. "Acho que a adrenalina está desaparecendo aos poucos. Eu não tinha sentido nada até agora. Parece que tenho uma costela quebrada."

O paramédico feminino Ray deu um olhar incomodado. "Nós temos que transportá-lo para o hospital ASAP*."

Seu parceiro concordou. "Vamos deslizar".



***Cochise** (K'uu-ch'ish) (1815–1874) foi um chefe Apache da tribo Chiricahua. Chefiou seus homens na guerra contra os estadunidenses e mexicanos (Guerra Apache), com ataques iniciados em 1861.

***ASAP** = As Soon As Possible = Sigla de Primeiros socorros que significa 'o mais rápido possível'.

O corpo de Jack pulsava com uma centena de contusões e, ele sabia que ia doer como o inferno na manhã seguinte. Acalmou-se, lembrando que em dois dias estaria com Autumn em Billings e nada iria impedi-lo de ter ótimos momentos com ela. Exceto talvez para Hank. Os olhos de Jack se encheram de lágrimas e ele não pôde dizer se a irritação pela fumaça causava aquilo, ou se queria gritar como um bebê por Hank e os outros homens presos sob os escombros.

Se Hank estivesse morto...

Eu não vou pensar nisso.

Jack olhou ao redor do local da ambulância e viu sua mãe e Autumn em pé de no meio da multidão. Chefe Hallam gritou mais instruções para a equipe de resgate e para os homens com as mangueiras na estrutura ainda em brasas, em seguida, virou-se para Jack.

"Bitsie e Autumn estão na esquina. Elas estão preocupadas como o inferno."

Jack balançou a cabeça e estremeceu quando todo o corpo protestou. Queria correr para sua mãe e Autumn e manter as duas perto. Afastou-se do paramédico e olhou em torno da ambulância novamente. Se elas precisavam de tranquilidade, ele as daria.

Quando acenou para elas, elas sorriram e acenaram de volta para ele freneticamente. "Ok, vamos te levar para o hospital." O paramédico grande agarrou seu braço novamente. "Diga a elas que vou encontrá-las no hospital." Jack disse. "Chefe, encontre Hank e os outros caras." Ele engoliu em seco. "Se alguma coisa acontecer com eles..."

Chefe Hallam pressionou o braço de Jack. "Nós vamos encontrá-los. E trazê-los para cima." O chefe dirigiu-se para os escombros.

A cabeça de Jack começou a bater ao mesmo tempo em que outra onda de náusea o fez estremeecer. Eles vão encontrá-los. Mas eles estarão vivos?

Sugou uma inspiração aguda mediante o pensamento do arrogante, feliz Hank morrendo sob os escombros.

Jack permitiu os paramédicos executassem seu trabalho, sabendo por sua formação que eles tinham feito um bom trabalho. Preso à ambulância ao lado de Ray, ele fechou os olhos e permitiu que o oxigênio limpasse seus pulmões. Raiva e dor, as emoções pareciam superar seu profissionalismo pela primeira vez na vida. Queria gritar contra a injustiça e o fato de que alguns bastardos malditos tinham iniciado este incêndio e os colocado em tamanho perigo.

Mas, mais do que tudo, queria os braços de Autumn em torno dele e seus colegas bombeiros vivos.

* * * *

"Você vai primeiro, querida". Bitsie caminhou pelo corredor hospitalar com Autumn. "Ele vai querer vê-la."

"Mas ele vai querer te ver, também." Autumn perguntou por que a mãe dele parecia relutante em ver Jack. Os olhos de Bitsie ficaram molhados. "Eu... O pai de Jack morreu em um quarto de hospital pouco tempo depois que o trouxeram, naquela noite."

Como eu poderia esquecer?

Os bombeiros conseguiram puxar o pai de Jack para fora da casa naquela noite, seus pais morreram. Não fez diferença no final. Os pulmões do Senhor Dillon foram queimados pelo fogo e ele durou menos de três horas. Conforme a memória ressuscitava, um súbito medo instalou-se em Autumn.

"Jack não está assim. Os médicos disseram..."

"Eu sei. Preciso de um pouco de tempo. Eu estarei aqui."

Ela apertou o braço de Bitsie, na esperança de tranquilizá-la. "Claro."

O interior de Autumn tremia quando entrou no quarto semi-privado, onde Jack estava. Os olhos dele estavam fechados. Pálido e parecendo derrotado, ele deitou com os braços retos ao lado das pernas. Para sua grande surpresa, apenas uma pequena ferida no queixo dele marcava o rosto.

Emoções desprotegidas rasgaram sobre como com uma faca e, ela esperou na entrada. Os olhos de Jack se abriram e, quando um brilhante sorriso iluminou seu rosto, ele estendeu a mão para ela. "Oi".

Ela andou mais no quarto e pegou a mão estendida. Segurou-o firmemente.

"Oi" ele sussurrou baixinho quando ela não falou. "O que há de errado?"

Ela engoliu em seco, em seguida, se lançou. Se inclinou e beijou a testa dele. "Para um homem que teve quase um prédio inteiro por cima, você parece realmente bem."

Ele riu e, em seguida, fez uma careta. "Não me faça rir."

"Você está bem, no entanto. Eles disseram que você teve uma pequena concussão e alguns cortes. Alguns músculos luxados."

"Sim". Ele sorriu. "É por isso que eu acho que eles deveriam me deixar sair daqui."

"De jeito nenhum. Se eu tive que permanecer no hospital após o incêndio no *Top O' the Morning Club*, você tem que ficar até terem certeza não te falta nenhum pedaço."

Ele assentiu então o bom humor deixou seus olhos. Puxou a mão dela até os lábios e beijou-lhe os dedos. "Alguma notícia de Hank?"

Ela temia aquilo com todo o coração. *Fale de uma vez. Conte agora antes que perca a coragem.* "Todos foram encontrados, não muito tempo depois de a ambulância ter te levado."

Quando ela não disse mais nada, a expressão dele se tornou dura. "Diga-me."

"Caruso estava inconsciente e eles não têm certeza ainda. Ele não parece ter nada de errado, mas não recobrou a consciência ainda. Montebello e Dupre estavam acordados quando foram encontrados. Os gritos levaram a equipe de resgate até eles."

Ela fez uma pausa. "Hank... ele está em mau estado, Jack."

Ele fechou os olhos e, se fosse possível, ficou ainda mais pálido. Ela apertou sua mão, em ambas as dela e inclinou-se para pressionar outro beijo na testa dele.

"Quão..." Sua voz falhou. "Quão mau?"

"Concussão severa, costelas quebradas, um corte profundo no ombro, lesão nos ligamentos das pernas. Nenhum ferimento interno. É o ferimento na cabeça que está preocupando. Ginger está com ele agora. Jack, ela está horrível. Eu nunca vi uma mulher parecer tão despedaçada. Se eu não soubesse antes, saberia agora. Ela está apaixonada por Hank. Acho que o amor vai tirá-lo dessa." Jack assentiu, mas ficou quieto.

"Jack, os homens estão vivos. Isso é tudo que importa."

Seus dedos apertaram os dela mais uma vez. "Um milagre". O ódio endureceu suas feições. "Eu vou acabar com o filho da puta que fez isso com eles. Esta foi a última gota."

"Calma". Ela esfregou a mão sobre seu braço, tentando acalmá-lo com o carinho. "Você precisa de descanso. Não se esforce."

"Não me diga para não ficar com raiva." Seus olhos brilhavam. "Meu melhor amigo quase foi morto. Tudo porque algum filho da mãe se diverte iniciando incêndios. Você quase foi morta naquela boate. Eu vou descobrir quem é, mesmo que seja a última coisa que eu faça."

A aflição dele agrediu os nervos dela. Ela se afastou e seus dedos deslizaram do aperto dele. "Eu sei que você está preocupado. Sua mãe está lá fora agora, lutando com o medo. Você sabe do que ela está lembrando? Seu pai deitado na cama, assim, morrendo. Pendurado por um fio, sem nada que ela pudesse fazer a respeito." Lágrimas escaparam e fizeram trilhas pela face dela. "Eu estou aqui me sentindo impotente e me perguntando o que eu posso fazer para pegar a pessoa responsável por te colocar nessa cama."

Ela começou a se afastar, mas a voz suave dele a fez parar. "Ei espere."

Ela virou para ele, relutante em deixá-lo ver suas lágrimas. "O que é Dillon? Você quer gritar um pouco mais?"

Um suave, cansado sorriso tocou os lábios dele. "Eu estava gritando?"

"Quase".

Ele segurou a mão dela de novo e, ela aceitou. "Eu sinto muito. Você entende melhor do que ninguém como eu me sinto, não é?"

Ela assentiu com a cabeça e lágrimas escorreram por seu rosto. Desta vez, ela não tentou secá-las.

"Essas lágrimas são para mim?" A voz dele demonstrou uma nota de espanto e incredulidade. "Autumn, Deus".

"Elas são de medo e raiva. Quando eu ouvi sobre o desabamento do edifício, você não pode imaginar as imagens horríveis que passaram pela minha cabeça." Fechou os olhos e tentou banir o medo persistente, mas o medo cresceu ainda mais, golpeando-a como ondas numa praia.

"Tem outra coisa. Algo que eu preciso dizer à polícia".

Ele franziu a testa. "O que é?"

Ela contou a conversa por telefone com George. Não queria dar mais motivos de agonia para Jack, mas sabia que ele queria a verdade. "E se ele for quem inicia os incêndios?"

Por todo um minuto, ele olhou para o teto, em aparente profunda reflexão. "Eu acho que ele poderia ser o tipo. Não tenho certeza se a conversa que teve com ele faria muita diferença para a polícia, no entanto. Tem que haver mais provas."

"Eu não me sentiria bem se não lhes reportasse o que ele me disse. Talvez ele tenha começado o fogo para te atingir."

"Há muitas maneiras mais fáceis de matar um cara do que esperar que ele entre em um prédio que você colocou fogo."

Nervosismo a fez suspirar. "Talvez se ele não estivesse tentando matar você especificamente, talvez estivesse tentando matar todos os bombeiros que pudesse."

"Sim, você está certa. Se você acha que poderia ajudar, eu digo para avisar a polícia."

"Eu vou. Não tenho certeza se eles vão ouvir, no entanto. Outra coisa aconteceu enquanto você estava inconsciente."

"O quê?"

"Eu ouvi que os meninos da Máfia foram levados para interrogatório. Parece que eles estavam no local na maior parte dos incêndios".

Ele balançou a cabeça. "Então, talvez tenham te abordado no boliche porque perceberam que suas fotografias eram provas contra eles."

"Exatamente."

Jack passou a mão sobre o rosto. "Cara. Isso está ficando mais estranho a cada minuto." Ele a puxou para mais perto da cama e sussurrou: "Vem cá".

As sobrancelhas dela subiram em sinal de questionamento, mas, depois ela entendeu quando ele a puxou para tão perto que apenas alguns centímetros os mantinham separados. Ele enterrou a mão no cabelo dela. Sem outra palavra ou preliminar, Jack abafou a boca na dela. Calorosas centelhas de pura felicidade irradiaram de onde eles se juntaram. Ela poderia ter esperado um beijo carinhoso, mas ele tomou sua boca com uma fome voraz. Os dedos dele enroscados no seu couro cabeludo e se emaranhando nos cabelos. Ela retribuiu o abraço com naturalidade, disposta, pela primeira vez, a deixar sua proteção de lado. Mesmo em meio às preocupações, o caloroso beijo dele a deixou ardente em necessidade. Quando ele a liberou, Autumn viu paixão e promessa em seus olhos. "Acho que você está suficientemente bem para deixar o hospital, se esse beijo for alguma indicação."

Ele piscou os olhos. "Há mais de onde esse veio. Mal posso esperar para sair daqui e te mostrar."

Alguém limpou a garganta. Bitsie estava de pé na porta, seu caloroso sorriso cheio de felicidade. "Posso entrar? Ou eu estou interrompendo alguma coisa?"

Autumn assistia com alegria conforme Bitsie entrava no quarto e sufocava o filho com beijos e abraços.

Capítulo Dezenove

"Jack?"

A morna, sedutora voz acordou Jack de um sonho irregular, cheio de fumaça, fogo e ansiedade. As sensações deslizaram através da névoa em seu cérebro, trazendo-o para mais perto da superfície. Ele rompeu feliz, Autumn tinha voltado.

"Jack?"

Abriu os olhos e encarou a preocupada expressão de Cherry. A decepção o encheu. "Cherry".

Ela apertou o antebraço dele e, ele mudou o peso do corpo de lado sob o aperto dela. A dor latejava em sua cabeça. Sentia-se cansado. Com a enfermeira o acordando a cada hora, achou que nunca fosse dormir novamente.

"Estou tão feliz por você estar acordado." Cherry sorriu reluzente e verdadeira. "Eu estava preocupada."

Ele olhou para o relógio na mesinha ao lado da cama. "É quase o fim do horário de visitas."

Novamente, ela acrescentou um sorriso às palavras. "Esperei até que Bitsie e Autumn tivessem saído. Não tenho certeza se elas gostariam que eu estivesse aqui."

Um constrangedor silêncio entrou na sala e Jack decidiu que não queria contribuir com o desconforto. "Por que você está aqui?"

Ela acariciou seu braço. "Porque estou preocupada, é claro."

Ele deu um sorriso fraco. "Obrigado. Eu aprecio a preocupação."

Os olhos dela pareciam tristes. "É só isso? Você só aprecia minha preocupação? Não está feliz em me ver?"

Ele esfregou a mão sobre o queixo mal barbeado. Que diabos poderia dizer a ela? Antes que pudesse responder, ela disse: "Ouvi dizer que você e Autumn vão para Billings".

Ele ouviu o leve desprezo na voz dela e, sua paciência estava acabando. "Sim".

A expressão dela ficou solene.

"Então, talvez também tenha ouvido que eu mandei George deixar Autumn em paz", disse ele.

"Eu tentei isso também, mas ele não me ouviu."

"Por que estou tendo dificuldades em acreditar nisso?"

Os olhos dela se voltaram rígidos pela raiva. "Eu não sei. Sempre fui sincera com você, Jack."

"Certo." Enquanto não acreditava nela, tinha mais perguntas. "Por que você está com ele?"

"Você não quer saber."

"Sair com ele é uma coisa ruim, Cherry".

As expressivas feições de Cherry viraram gelo. "Autumn te tem pela garganta. Ela te faz acreditar que ela é um lírio branco..."

"Cherry, desista do teatro. Eu não sei como, ou por que, você começou com esse ciúme maluco e, talvez isso não importe. Você não pode me fazer não gostar de Autumn, ok? Ela não é perfeita, mas eu também não sou; ninguém é. O que eu sei é que o bem-estar dela me importa mais do que tudo e, mais do que qualquer um."

Jack ouviu as palavras que saíram de sua boca e, declaração documentara a verdade em sua mente de uma vez por todas. Cherry apertou as mãos e olhou para elas, os lábios comprimidos.

"Por que você está me dizendo isso?"

"Porque qualquer coisa que possa prejudicar Autumn é preocupação minha. Se isso significa ter certeza que Beckett não estará a menos de vinte milhas de distância dela, assim vai ser. Isso significa que se você estiver tentando prejudicá-la de alguma forma, então, terá em mim um inimigo."

A cabeça dela se levantou rapidamente até que ela o olhou de volta, os olhos assustados. "Jack, por favor, não diga isso. Você sabe o que eu sinto por você." Ela gaguejou. "Eu sempre quis um homem como você".

O que mais ele poderia dizer para convencê-la? "Eu estou dizendo a verdade. Nunca haverá nenhum relacionamento romântico entre nós, Cherry. Nunca".

Lágrimas encheram os olhos dela e se derramaram sobre seu rosto. Antes que ele pudesse fazer outro comentário, ela saiu da sala. Ele olhou para o teto por um longo tempo, pensando na abrupta mudança de mulher confiante para chorosa e derrotada. Não queria magoá-la, mas pareceu que a abordagem direta poderia ter funcionado.

Demorou longos minutos, mas, finalmente, pôs de lado a preocupação e adormeceu.

* * * *

Jack tomou Ginger nos braços, abraçando a mulher que amava Hank até os ossos. Ginger tremia e fungava e, Jack sentia a angústia. Seu coração apertou no peito quando ele a libertou. Ginger afastou uma lágrima e um soluço abafado, com os olhos vermelhos, a clara indicação de que ela passara um tempo considerável chorando. Autumn abraçou a amiga e murmurou palavras tranquilizadoras. Ray estava do outro lado da cama de Hank. Delicadamente mudou o peso do corpo e estremeceu a costela

quebrada não seria uma coisa que ele esqueceria logo. Jack odiava ver Hank, um homem cheio de vida e força, deitado em silêncio e imóvel. A finalidade da pose enviava arrepios ao longo da pele de Jack. Autumn segurou Ginger pelo braço e sorriu. "Hank não vai desistir de nós."

"Ele não abriu os olhos,"

Ginger olhou para Jack e, depois, para Autumn. "Nem uma só vez."

"Ei, você, bastardo valentão, acorda." Ray pressionou os ombros de Hank. "Sua mulher está aqui e ela precisa de você."

"Isso deve bastar." Ginger soltou um riso suave, as feições se iluminando com o humor. "Ele tem razão, Hank. Eu preciso de você e, não me importo com quem sabe disso." Voltou a olhar para a janela. "Eu preciso que ele acorde para que eu possa dizer que quero me casar com ele."

O coração de Jack apertou novamente. Ele nunca tinha visto uma mulher tão quebrada por um homem e disposta a mostrar as emoções. Será que Autumn se sentiria assim por ele se estivesse deitado na cama, agarrando-se à vida?

"Ele está se segurando." Autumn entregou a Ginger um novo lenço. Ginger encheu a mão com o lenço e fungou. "Eu sei. Você nunca pensa... você nunca sabe quando algo irá te atingir até que aconteça. Eu não percebi o quanto amava esse homem até ele quase ter sido tirado de mim."

O silêncio reinou por alguns instantes antes que Ginger virasse o olhar sobre Jack e Ray. "Estou surpresa por eles terem deixado vocês dois saírem da cama."

Jack ergueu as mãos e olhou para a blusa e jeans que a mãe trouxera. "Estou saindo daqui. Uma noite é tudo o que eles vão ter".

"Você conhece o velho ditado." Ray piscou. "Não é possível manter um bom homem no chão."

Ginger sorriu severamente. "É mesmo? Bom, dê a este grande Hulk um pouco da sua força, ok?"

A garganta de Jack travou com uma emoção que ele não conseguia definir. Quando as palavras deixaram sua boca, soaram roucas. "Pode apostar que sim."

Ginger sentou em uma cadeira perto da cama de Hank e apertou uma mão dele em ambas as suas. "Vocês dois ainda estão indo para Billings neste fim de semana?"

Jack sacudiu a cabeça enfaticamente. "De jeito nenhum. Eu não vou a lugar nenhum com Hank assim."

"Eu acho que você deveria ir." O afirmativo tom de Ginger e a declaração pegaram Autumn de surpresa.

"Por quê?" Autumn perguntou.

"Porque Hank gostaria que vocês fossem."

Jack franziu a testa. "É um programa de rádio. Não é mais importante do que o bem-estar de Hank."

Ginger retornou seus sérios olhares com um outro seu próprio. "Eu sei disso. Mas você sabe que se Hank estivesse acordado agora, diria que vocês devem ir. Talvez a entrevista possa ajudar a pegar o desgraçado responsável por todo esse massacre e destruição."

Jack passeou de um lado para o outro um pouco, olhando pela janela e depois voltando para a cama de Hank. "Como?"

A face de Ginger tomou uma cruel aparência. "Forçando-o a aparecer."

"Agora, essa é uma idéia", disse Ray.

Autumn não sabia se concordava, mas quando a face de Jack se iluminou com entusiasmo pela idéia, ela o perguntou: "Você acha que isso poderia ajudar?"

Jack empurrou as mangas da blusa até os cotovelos, como um lutador preparando-se para o estrondo de início da luta. "Simplesmente poderia."

Ginger assentiu com a cabeça, sua voz cheia de certeza. "Ele gostaria que você fizesse isso. Ele não estará sozinho. Eu não vou deixá-lo até que ele acorde."

"Eu vou cuidar dele também", disse Ray.

Autumn afagou as costas de Ginger. "Por favor, se cuide."

Ginger acenou com a mão em despedida. "Não se preocupem comigo. Hank está melhorando e, vocês pegarem esse repulsivo pedaço de merda que está iniciando os incêndios... isso que é importante."

Jack virou-se para o amigo deitado e fez uma promessa. "Eu vou descobrir quem é o responsável por isso, Hank. Eu juro".

* * *

Autumn entrou em casa, mais tarde nesse dia, a tempo de pegar o telefone tocando. Quando respondeu, ouviu uma voz familiar.

"Autumn, aqui é o Elliott." Ele parecia calmo e, pelo menos, não irritado. "Como está o Dillon?"

Surpresa, ela despejou a bolsa no sofá. "Ele está bem." Descreveu os ferimentos, em seguida, deu-lhe tudo sobre Hank e os outros homens.

"Não há mudança em Hank, hein? Isso é uma pena. Espero que ele desperte logo. Dei a Ginger o tempo de folga que ela precisar."

Um pouco surpresa com a sensibilidade dele, reconheceu. "Isso é ótimo."

"Eu liguei por outra razão, também."

Afundou no sofá e olhou pela janela a neve fresca caindo. "Eu não vou voltar, Elliott. Não se isso significar que eu tenha que deixar para trás minha integridade."

"Eu sei. Eu sei." Suspirou. "Olha, eu estava errado. Levei toda a noite pensando nisso para perceber que eu não tinha o direito de te pressionar. Você e Dillon ainda vão a Billings?"

"Nós tomaremos uma decisão hoje à noite. Jack está relutante em deixar Hank."

"Eu posso entender. Poderia contatar Miranda Butterfield e cancelar, se você precisar de ajuda."

"Eu faço, se chegar a hora."

Uma desconfortável pausa apareceu até que ele disse: "Se você ainda quiser seu emprego, Autumn, eu quero você de volta. Você é a melhor repórter que eu tenho."

Considerando as opções, ela sabia que tinha sido imprudente largar o emprego sem outro na mão. Ao mesmo tempo, poderia se sentir bem consigo mesmo se trabalhasse para este homem? Até que pudesse voltar para o trabalho de saltadora de fumaça, não poderia se der ao luxo de não trabalhar. Deveria ir com coragem e, sua intuição dizia que Elliott tinha aprendido a lição. Tirou o cabelo do rosto, disposta a tirar a tensão dos músculos, quando afundou de volta no sofá. Seu corpo parecia amarrado com arame ao máximo, após os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

"Tudo bem. Estarei de volta no trabalho, se e quando voltar de Billings".

Elliott soltou um característico grito. "Ótimas notícias. Por acaso, você já ouviu sobre Geraldo e Roman sendo interrogados pela polícia?"

"Sim. Algo novo nisso? Eu não ouvi nada mais na TV."

"A polícia, aparentemente, não pôde fixar nada sobre eles. Eu não diria que eles tenham começado os incêndios, mas talvez eles não sejam tão burros, afinal, se podem esconder as evidências."

"Talvez", disse ela em dúvida.

"De qualquer maneira, vou conversar com você quando voltar ao trabalho."

Ela retornou ao seu quarto e desabou sobre a cama. Pensou em ligar para Jack. Depois que o deixou no quartel, ele disse que dirigiria de volta para seu apartamento e

tiraria um cochilo. Tinha estado preocupada com ele todo o dia e descobriu que não conseguia ler um livro ou relaxar, apesar do cansaço. Num impulso, pegou o telefone. Ele respondeu no terceiro toque. "Oi".

Ela desejou poder deslizar os braços em volta dele agora. "Como vai você?"

"Estou preocupado com Hank. Vou ao hospital novamente mais tarde."

"Bom. Outra coisa precisamos conversar sobre essa coisa do fim de semana em Billings. Acho que devemos ir".

"Eu concordo".

Surpreendida até o silêncio por um momento, ela finalmente disse: "Estou um pouco maravilhada por ter sido tão fácil convencê-lo."

Ela ouviu um rangido de cadeira na outra extremidade. "Eu tenho várias motivações. Número um, eu quero acabar com essa cidade em chamas."

Ela sorriu, depois riu baixinho. "Concordo com você."

"Dois, estes casos de incêndio parecem um círculo infinito de FATRO."

"Eu ouvi esse termo antes, mas o sentido me escapa no momento."

"*Fodido Para Além de Todo Reconhecimento.*" Sorriu. "Forjado até você querer ranger os dentes". Ela riu. "Achei que fosse algo parecido com isso."

"E, número três, eu gostaria de estar algum tempo sozinho com você."

"Você tem certeza?"

"Claro que eu tenho certeza. Por que não teria?" Ela encolheu os ombros, mesmo sabendo que ele não podia vê-la. Sua mão direita fez um gesto expansivo. "Porque há tanta coisa acontecendo. Eu não sei se este é um bom momento para tentar definir o nosso relacionamento."

"Olha, eu me preocupo com você mais do que com qualquer outra mulher que eu já tenha conhecido Autumn MacAllister. Se isso não é definição, então eu não sei o que é."

Ouviu-o despejar gelo em um copo. "Quatro, eu quero ajudar a agarrarem esse idiota. Localizar este incendiário é o negócio do Marechal de Incêndio, mas se eu puder fazer alguma coisa para ajudar a trazer o criminoso à justiça, eu vou fazê-lo. Acabei de desligar o telefone com o Marechal e com o departamento do xerife. Elas ainda estão suspeitando dos Meninos da Máfia, de modo que estão mantendo um olho sobre eles."

Ela sentou-se reta, apreensão se misturando com curiosidade. "Oh? E como você está ajudando a polícia pegar o incendiário?"

"Não é nada perigoso."

"Jack, diga-me ou eu vou aí e arranco sua pele."

"Oh, cara, isso soa doloroso."

"Vai ser. Agora, confesse".

"Eu simplesmente perguntei-lhes se tinham considerado verificar o passado de George. Sua história militar na Alemanha. Houve algum incêndio suspeito nas proximidades da estação onde ele estava, por exemplo? Eles não diriam se tivessem olhado essa possibilidade ainda. Mas se não tiveram a idéia antes, têm agora."

Ela sorriu. "Você é muito inteligente."

Ele riu baixinho. "Não é preciso ser um cientista para saber que o homem é instável. E, acima de tudo, ameaçou nós dois."

Ela suspirou. "Por favor, tome cuidado. Acho que, se George não iniciou os incêndios, ele ainda é capaz de violência."

Até o momento que desligou o telefone, não se sentia melhor, sentia-se pior. A apreensão corroía sua segurança e, de repente, ela mal podia esperar a viagem para Billings.

* * * *

Cherry pisou no apartamento, exausta após um dia duro no escritório. Atacou uma bebida em um bar nas proximidades e quase apanhou de um homem que nunca tinha visto antes apenas para descobrir o quão longe poderia pressionar sua sorte com os homens. Sua visita a noite passada a Jack a incomodou mais do que ela esperava e, quando tinha demorado em chegar a casa na noite passada, George questionou-a quase à morte.

A Decepção picava Cherry, molhando seus olhos enquanto lembrava as palavras de Jack. Quando saíra do quarto do hospital, ela quase gritou com uma enfermeira na qual esbarrou no corredor. Quando abriu a porta da dispensa, o grito penetrante da música bombardeara seus ouvidos e sua pressão arterial subiu rapidamente. Que George Beckett e todo mundo vão para o inferno. Agulha estúpida. A banda de heavy metal gritava do som, e ela colocou as mãos nos ouvidos enquanto marchavam em direção à caixa de barulho. Desligou o botão e o silêncio trouxe alívio imediato. George estava caído no sofá, com o cabelo emaranhado e a camisa amassada. Quando acordara naquela manhã, ele não tinha retornado de seja lá que festa tinha sido na noite anterior.

Ela colocou as mãos nos quadris. "Como diabos você dormiu com isso?" Quando ele não respondeu, ela chutou seu pé. "Acorda".

Ele gemeu e revelou olhos vermelhos. "O que você quer?"

"Eu pensei que você estivesse trabalhando hoje."

"Já fui." Ele se moveu e sentou. "Trabalhei até as três da manhã naquele canteiro de obras. Deixe-me dormir."

Ela resmungou, aborrecida. Ela chutou o pé dele novamente. "Você está mentindo. Eu perguntei ao seu chefe de obras e, ele disse que não esteve lá. Além disso, eles não estão fazendo nenhum trabalho agora, porque está muito frio. Eu sei o que você esteve fazendo. Você esteve tentando se esfregar na Autumn, não é mesmo? Ou estava bebendo com Roman e Geraldo?"

"Pensei que você tinha dito que não se importava?"

"Não me importo. Mas foi por isso que você esteve fora à noite toda. Você é muito estúpido, não é? Eu aposto que está andando por aí a observando. Jack me disse que você a tem seguido e ameaçado. Você vai ser pego."

A boca dele se desalinhou e, seus olhos assumiram um brilho. "Eu pensei que você tinha dito que a queria fora de cena."

"Eu quero".

"Então eu tenho algo armado para te satisfazer. Isso vai acontecer muito em breve." Ele se levantou e passou na direção dela, um brilho predatório nos olhos. "Depois disso, não vou me preocupar mais com Dillon."

Cherry não gostou do tom duro ou da confiança em sua voz. Com um homem como este você não podia arriscar. Ela deu um passo atrás. "O que quer dizer com 'não vai se preocupar com Dillon mais'?"

"Ele vai estar acabado. Liquidado. Fora de cogitação."

Um nascente horror a gelou como água congelada. "Do que você está falando?"

Um sorriso lento se apoderou dos lábios dele e lhe deu uma pequena aparência charmosa. O resultado durou poucos segundos, em seguida, desapareceu quando seu sorriso ficou brutal. "Eu estou falando em oferecer-lhe da melhor maneira que sei."

Cherry não conseguiu respirar por um momento. Na verdade, seu coração parecia lento, então quase parou. Tomou um ofegante fôlego. "Você não pode. Você não vai."

"O inferno que eu não vou."

"Não faça nada com Jack."

"Tarde demais, querida. Ele é um caso perdido. Um homem morto que ainda esta caminhando". "Não." Ela sabia que dizer 'não' não obteria o resultado que esperava, mas veio à boca de qualquer maneira. "Não."

Ele riu um daqueles altos, loucos ruídos. Uma hiena. Isso é o que ele tinha de ser. Uma limpadora de restos, devoradora criatura do mal que vive do sofrimento dos outros.

"Maldição, George, eu é que tenho que lidar com ele." A fúria escalou sua garganta conforme o volume de sua voz aumentou. "Ele é meu!"

Ela o espreitou, levantou o punho quando um grito de raiva surgiu dela. Se moveu violentamente o e socou, um grito rasgando de dentro de si quando lançou as longas unhas nos olhos dele.

Então ele fez uma coisa que ela não esperava. Ele lutou também.

* * * *

Mais Tarde naquela noite, o Observador encontrou o lugar isolado onde o verme gordo queria se encontrar. Uma brisa sussurrou no bosque de árvores perto da grande área de parques fora dos limites da cidade de Clifton. O Observador se deslocou no banco de madeira dura, olhando para os excrementos das aves, seiva e goma que cobriam a superfície. Estendeu a mão e empurrou para trás os fios do cabelo quando o vento desordenou seu couro cabeludo. Diabos, tinha sido idéia do esquisito que se encontrassem aqui, onde ninguém podia vê-los junto. O observador podia entender isso. Agora que um novo incêndio tinha dilacerado um prédio no centro, não seria uma idéia inteligente serem vistos em qualquer lugar perto da área.

Fatso andava a passos curtos, sua câmera sempre na mão. "Oi".

"Oi".

O Observador gostava dos acordos que tinham feito desde o encontro durante o incêndio do *Top' O The Morning Club*. O Observador sorriu. "Eu adorei as chamas do último incêndio. Quentes e deliciosas."

"Saltavam alto no ar." Fatso assentiu. "Estou muito orgulhoso dele."

O sorriso do Observador ficou mais selvagem. "Realmente altas. As maiores que eu vi em muito tempo."

"Dá a um homem um verdadeiro sabor de sexo."

O Observador riu. "É? Você deve ser um incendiário, Fatso. Você corre para casa e se masturba depois de um incêndio?"

Fatso deu-lhe um calculado, mas, curioso olhar. "Por que eu ia querer fazer isso? Homens de verdade acham mulheres. Masturbação é perversão."

Recostado no banco, o Observador queria rir, mas não o fez. "Você deveria tentar isso algum dia. Com uma mulher olhando."

O nariz do homem gordo enrugou. "Você é doente."

"Nunca disse que eu não era." Cansado da disputa verbal, o Observador apontou para a câmera. "Você tira fotos de todos os Incêndios? Deve ter uma sala em algum lugar coberta de provas. Não tem medo que os policiais encontrem?"

O homem gordo se sentou no banco perto do Observador. "Não. A polícia aqui não é inteligente o suficiente para isso. Além disso, não sou eu quem deve ter medo."

"Certo como o inferno que não sou eu, Fatso."

Pela lateral, o Observador pegou o movimento, mas moveu-se tarde demais. Um tiro ecoou e a dor se estilhaçou como fogo por seu lado.

O gordo sorriu quando o Observador foi derrubado sobre a grama. "Não me chame de Fatso".

Capítulo Vinte

"Eu espero que não neve", disse o Autumn quando Jack dirigia o SUV por *Bozeman Pass* na rodovia 90. "Mas eu acho que seria pedir demais."

Ele sorriu. "A neve é a previsão."

Ela gemeu. "Não me lembre."

Sentada ali com Jack, que era forte e vivo, provinha a ela o conforto que ela desejava depois que ele escapou da morte. Passara muito tempo, também, refletindo sobre o que poderia ter acontecido com ele.

Ele se mexeu na cadeira. "É bom escapar. Nada mais de George Beckett, Cherry, nada mais de incêndios".

Quando ele contara sobre a visita de Cherry ao seu quarto no hospital, o ciúme a preocupou antes que pudesse esmagá-lo. "Você realmente acha Cherry vai deixá-lo em paz? George e Cherry formam uma mútua sociedade de pragas."

"Ela provavelmente queria deixá-lo com ciúmes."

"Sim, mas por quê? Ela está louca?"

"Eu acho que você sabe a resposta disso."

"Ela é insegura e maliciosa e, sabe-se lá mais o quê."

Ela tirou as luvas e as enfiou no bolso do casaco. "Estou feliz por ficarmos longe por algum tempo. É surpreendente que em uma cidade tão pequena, como Clifton, nós tenhamos quatro inimigos. Cherry e George. E os Meninos da Máfia, se forem eles que estiverem começando os incêndios".

Um pequeno músculo em sua mandíbula se contraiu. "Estou contente por George não ter tentado mais nada. Eu não o quero em nenhum lugar perto de você."

Ouvir a tensão na voz dele, o toque de possessividade, a fez querer confortá-lo. E querendo ou não, a proteção dele agitava sentimentos primários dentro dela e atiçava sua libido. "Jack, eu estou bem."

O que ela precisava agora era encontrar um tempo sozinha com ele.

Então, o quê? Vou ir para a cama com ele? Mais uma vez?

Bem, prudente ou não, isso era o que seu corpo queria. Jack em cima dela, fodendo-a até o próximo século, lembrando-a mais uma vez da sensação de seu pênis a enchendo tão deliciosamente.

O que faria quando deixasse a área para sempre e voltasse a Saltar?

Não pense nisso. Aproveite o presente.

"Que tipo de quartos você nos reservou?", Perguntou ela.

"Uma suíte."

Ela sentou-se reta, desconfiada. "Uma suíte?"

"Dois quartos, dois banheiros, interligados. Era mais barato."

"Uh-huh".

Ele olhou para ela por um segundo. "Eu estou dizendo a verdade." Ele piscou. "Mas não posso dizer que sinto muito por nós estarmos no mesmo quarto interligado." Sua voz ficou mais grossa, mais profunda. "Se não quisermos ficar juntos, podemos nos retirar para nossos respectivos quartos."

Ela inclinou a cabeça para trás contra o banco e tentou não imaginar as inúmeras possibilidades que uma suíte apresentava.

"Eu acho que vamos ter que manter o sexo num volume baixo, então."

Ele desviou um pouco. "O que?"

Ela se alegrou com a surpresa dele. A expressão dele foi preenchida com o calor e a paixão de um homem há muito tempo privado. Seu estômago teve uma queda do elevador de onze andares.

Ela sorriu. "Te peguei".

Jack engoliu em seco. "Você sabe que eu vou cobrar esse oferecimento." Ele tomou um profundo fôlego. "Talvez eu deva dizer uma coisa antes de chegarmos ao hotel. Não quero nenhum mal-entendido sobre o que eu sinto."

Como forma de parada, ela adaptou o controle de temperatura para que não despejasse e ar quente direto sobre ela. "Soa sinistro."

"Apenas um aviso." Mesmo se concentrando na estrada, suas palavras vieram precisas. "Eu quero você. Mas eu não sou como George. Mesmo que tenhamos uma suíte, você pode trancar a porta do seu quarto à noite, se for este seu desejo. Eu nunca iria forçá-la a nada que você não quisesse. Eu te quero tanto, que está me deixando louco. Mas eu sei que precisamos de tempo longe das pessoas que nos conhecem e da cidade que nos dá tanta aflição. Onde possamos clarear a mente e sabermos o que estamos fazendo."

Um grande pedaço de seu coração partiu e flutuou direto para ele. Ela sabia que ele iria honrar as suas vontades agora como tinha feito na noite que fizeram amor no sofá. Não queria evitá-lo mais. Autumn queria o êxtase que sabia que o toque dele traria.

Então, abandonou a última barreira. "Eu não vou trancar a porta."

Ele lançou um sorriso completamente masculino na direção dela. Seu interior ficou amolecido como manteiga, os quadris se firmaram em antecipação pelo que sabia que a noite traria.

Quando entraram em Billings, cerca de duas horas mais tarde, tinham esgotado os assuntos mais mundanos. Ele apontou alguns edifícios históricos, incluindo os doze andares do *Mackey Center*, onde a estação de rádio se localizava. "Mantenha os olhos atentos para o *Old San Francisco Hotel*."

Quando o hotel entrou em exibição, no mesmo quarteirão do Centro de Mackey, a boca dela abriu pela surpresa. O *Queen Anne Victorian*, decorado como uma verdadeira pintura de uma dama, tinha tons de rosa e roxo que poderiam parecer hediondos, mas não eram. "É lindo".

Jack virou a esquina, até a área de estacionamento, na parte de trás do hotel.

"Restaurado nos últimos cinco anos. Hank me contou há muito tempo atrás".

"Hank?"

"Difícil de acreditar, não é? Acho que ele tem um traço romântico em algum lugar."

"Hank?", ela perguntou novamente, lançando-lhe um sorriso perverso.

Ele riu, e lembrar Hank trouxe seriedade em um flash.

"Eu estive pensando nele esta manhã. Me pergunto se ele está bem." Sua garganta ficou apertada. "Ginger está tão preocupada."

Jack assentiu. "Eu também. Mas ela estava certa e você estava certa. Eu não vou ajudar Hank ficando ao lado dele. Vamos ligar para ela quando entrarmos hotel e saber como ele está."

"Eu estava me sentindo um pouco culpada por sair esta manhã mesmo dizendo que deveríamos ir."

"Mas você não está mais, eu espero"

Ela balançou a cabeça e olhou para ele. "Estou feliz por estar aqui com você."

Ele reluziu um rápido, totalmente sexy sorriso na direção dela e, seus batimentos cardíacos aceleraram.

Visões de um selvagem, desinibido sexo como o que tinham experimentado dançaram na cabeça dela.

"Jack Dillon, alguém já te disse como você é sexy?"

O rosto dele ficou realmente vermelho. Ele limpou a garganta. "Não. Nunca".

"Eu acho isso impossível de acreditar."

"Bem, acredite, querida."

"Incrível". Sua boca ficou seca. "Eu fico tão nervosa, às vezes, quando você está perto de mim e, quando você me beija, eu quero... quero... arrancar suas roupas."

A expressão dele se encheu de prazer. O ego masculino deve ter sido bombeado a mil megawatts de satisfação. "Ah, sim?"

"Sim".

Ele riu. "Estou lisonjeado. Infernos, estou muito mais do que lisonjeado." Pegou a mão dela segurou-a num caloroso aperto. "Eu sou todo seu se você me quiser."

Ela não podia dizer nenhuma palavra por alguns instantes, com a garganta tão apertada com as emoções, que ela pensou que nunca iria engolir novamente. "Jack, eu estou com medo." "De quê?", Ele perguntou sua voz misturada com uma suave preocupação.

Ela apertou a mão dele, então o soltou. "Medo de tudo o que estou sentindo. Medo do que está acontecendo entre nós, dos incêndios, dê o nome que quiser. Parece tudo veio numa grande, bizarra bola."

"Então nós devemos ter um tempo juntos e sozinhos."

A declaração dele não aliviou sua apreensão e a confusão obrigando-a a aceitar tudo o que ele queria dar a ela, mas não muito.

Uma vez que fizeram o check-in, ela não pôde mais negar a crescente necessidade.

A grande suíte Vitoriana era decorada em tons de rosa, branco, com toques de azul e verde. O mobiliário de cerejeira Queen Anne enfeitava a sala, duas cadeiras aninhavam-se na frente de uma lareira a gás. Uma enorme janela tinha vista para a cidade. Dois quartos, um bar e outras amenidades complementavam um ambiente de alta classe.

Autumn largou a mala no chão com um baque. "Este lugar é lindo."

Jack girou em um círculo e inspecionou o local. "Boa escolha, né?"

"Isso vai nos custar uma fortuna."

"Isso é comigo."

"Você escolheu o hotel mais caro de Billings".

"Não, o hotel mais caro é o *Hotel Radisson*, ou talvez o *Sheraton*.

"Jack—"

"Não. É comigo." Com um sorriso perverso, ele caminhou para seu quarto.

"Homens", disse ela.

Jack utilizou o celular para ligar para o hospital em Clifton e falar com Ginger. Ela informou que a condição de Hank não tinha mudado. Os outros homens tinham saído do estado grave para estável e, isso trouxe a Jack um pouco de calma.

Autumn tocou-lhe o braço com uma suave carícia e sorriu. "Eles vão ficar bem e Hank também."

"Quanto mais tempo ele ficar inconsciente, mais grave sua condição pode ficar."

Ela compreendia a magnitude da situação de Hank, mas não conseguia pensar o pior e agüentar ficar afastada. "Tudo o que podemos fazer é ficar fortes por ele. Hank é um cara durão."

Pouco tempo depois, ela desabou de costas na cama king-size em seu quarto com um suspiro de prazer. Um belo, longo, banho quente com uma taça de vinho parecia irresistível.

Segundos mais tarde a cama afundou um pouco de um lado e, seus os olhos abriram de repente. Jack tinha sentado lá com um olhar infantil misturado a um grande e profundo interesse. O olhar sedutor deslizou sobre ela. Os sentimentos sexuais que ela tentara ignorar desde o último encontro dos dois tornaram-se balísticos e galopavam, competindo uns com os outros pelo domínio.

Como ele continuou a olhá-la com óbvio prazer, ela decidiu o que faria. Sentou-se lentamente. Tocou a colcha, traçando os dedos sobre o suave tecido de lã escocesa acolchoado. "Jack, o que te fez escolher este hotel?"

Ele deitou na cama e se esticou, fazendo com que o suéter escorregasse para o alto em seu estômago. O olhar dela percorreu a ondulada masculinidade.

"Lembre-se, eu disse que sou romântico. Este lugar grita romance." Ele balançou as sobrancelhas, parecendo fofo como o ursinho Teddy.

Ela bocejou e travou o queixo. "Vamos jantar no quarto com um vinho para celebrar estarmos afastados dos incêndios."

Ele sentou-se imediatamente. "Amém. Vou pedir."

"Como você sabe que eu quero?"

Inclinou-se tão perto que as bocas quase se esfregaram. "Confie em mim. Eu sei do que você gosta."

Macia e rouca, a voz dele acariciou seus ouvidos.

Um pouco atordoada com a sexualidade de alta potência misturada a uma encantadora ternura, ela quase não conseguiu falar. "Vou trocar de roupa".

Ele piscou. "Não demore."

Ela esperou até que ele fechasse a porta do quarto, em seguida, respirou fundo para acalmar o coração acelerado. Em grande tensão de antecipação, se permitiu dar forma a todas as possibilidades em sua imaginação. Que diferença de idade, os desafios da carreira, o incendiário, se danassem. Quando espiou o banheiro um pouco depois e viu a banheira de hidromassagem, sorriu. Autumn sabia o que tinha de fazer.

* * * *

A pequena sala de jantar brilhava pela luz das velas quando Autumn saiu de seu quarto. Jack caminhava ao redor da mesa organizando as bandejas de comida. O cheiro da comida, talvez salmão ou costelas, atormentaram seu nariz. O estômago roncava e boca salivou. Ou talvez não fosse a comida que a fez salivar, mas o homem na frente dela. Um suéter grosso se esticava sobre os ombros e jeans surrados encerravam as fortes pernas. Ele parecia bom o suficiente para ser devorado de uma só vez. O olhar dela pousou sem remorso em seu jeans, ou melhor, no pênis convexo sob o jeans. Lembrava-se muito bem da sensação de tê-lo dentro dela, o quanto amava a intimidade do corpo nu dele, deslizando ao longo dela, dentro e fora. Uma lenta pulsação foi construída em seu baixo ventre, e arrepios de excitação enrijeceram seus mamilos e enviaram uma onda de líquido pela vagina.

Quando a atenção dele percorreu a roupa dela e, lançou um sorriso de enfraquecer os joelhos, que derreteu o coração, ela perguntou: "O que você acha?"

"Uau," ele disse suavemente, os olhos arregalados. Ela caminhou em direção a ele, aproveitando todos os indícios de apreciação. "Uau?"

Ele engoliu em seco e ela ouviu o gole. Seus olhos fixos nos movimentos dela. Triunfante, ela aproveitou para colocar um sinuoso deslize na caminhada. Se Ginger não tivesse torcido seu braço, ela nunca teria comprado o vestido de jacquard azul

turquesa. Uma palavra vinha à mente pelo vestido com as alças finas, até os tornozelos. O estilo era colado ao corpo, agarrados aos seios e quadris, a fenda na lateral que ia até o meio da coxa. Para tornar a coisa ainda mais tentadora, ela incluiu sandálias de salto alto em tiras pretas. Também acrescentara uma coisa que ele, provavelmente, não esperava. Meias-finas. Sem sutiã e... Calcinha de renda com abertura na fenda da vagina. Ele iria amar aquilo. Pelo menos ela esperava que ele amasse. O conjunto inteiro gritava uma deliciosa, inegável palavra. Pecado. Ela sorriu, devorando a atenção. Deu uma discreta olhada na virilha dele. Oh, sim.

"Qual é o problema, Jack? Parece que você nunca viu uma mulher antes."

Ele engoliu em seco. "Esse vestido."

Ela parou na frente dele, deixando apenas alguns centímetros entre os dois. Mesmo calçando sandálias de 'foda-me', ele ainda olhava para ela. O grande, musculoso corpo a fez sentir-se segura e oh, tão feminina. Ela colocou uma mão no quadril e, em seguida, trilhou para baixo, nas coxas, perto da vagina.

"Que tal isso?"

Ele finalmente tirou o olhar dos seios, e ela sentiu uma onda de puro calor quando o olhar dele foi exatamente onde ela queria— direto para sua vagina.

Quando ele respirou ofegante, Jack pôs a mão no peito. "Você está tentando me dar uma coronária?"

Ela deixou um sorriso provocante partir os lábios. "Na verdade, sim."

Ele riu. "Bom".

Lançou outro olhar persistente, permitindo que seus olhos viajassem sobre os ombros, seios e pernas dela, com uma minuciosa avaliação. "Vou precisar de reanimação boca a boca."

"Isso pode ser arranjado."

Ele sugou outra respiração ofegante quando, mais uma vez a avaliou. A atenção dele iniciou um dolorido desejo que fervia em seu sangue. "*Fuck-me sideways*."

Fuck-me sideways: expressão de assombro como "uau!", mas ela brincou com o duplo sentido malicioso da expressão, que é sexo de lado.

Ela sorriu como um riso escapou. "Tenho certeza de que posso dar um jeito nisso também."

"Você é tão linda."

Um blush correu para o rosto dela. "Obrigada."

Um calor chamuscou entre eles quando os olhares se trancaram um no outro.

"Com fome", ele perguntou.

"Morrendo".

"Eu também".

Puxou uma cadeira para ela. Quando sentou, disse, "Eu espero que você ainda goste de salmão."

Ela levantou a tampa de prata do prato e inalou o delicioso sabor do peixe rosa. Cenouras e purê de batatas com alho completavam o prato. "Eu amo. Você se lembra?"

Ele cortou sua costela. "Eu acho que não esqueci nada sobre você, Autumn".

"Mas a última vez que eu mencionei que gostava de salmão foi quando você ainda era garoto."

"Nunca subestime o poder de memória das crianças."

As lembranças inundaram Autumn e ela começou a comer. Inesperadas lágrimas tocaram seus olhos conforme a ternura cresceu dentro dela. O fato de ele se lembrar deste pequeno detalhe a impressionou. Jack pegou o vinho e serviu a cada um uma taça. "Desculpe, eu esqueci o vinho". Como ele colocou a garrafa de volta no balde de gelo, ela observou as mãos dele. O homem possuía as mais masculinas, ainda sim, mais

atraentes mãos, que ela já tinha visto. Podiam ser calejadas pelo duro trabalho, mas os dedos tinham uma forma artística que combina suavidade e força. Ele ergueu os olhos do prato quando ela tomou um gole de vinho. "Algo errado?"

"Não. Está tudo certo."

Ele ergueu a taça para um brinde. "A nós".

O tilintar do vidro contra vidro soou como uma verdadeira nota e, seu coração sabia que ela queria mais de Jack do que apenas mais uma noite de paixão. Mas, por enquanto, iria se contentar com maravilhosas lembranças construídas neste quarto, neste momento. Deu um leve gemido de apreciação quando o salmão grelhado satisfez seu paladar.

"Isto é o paraíso."

"Sim", ele disse rousamente, olhando diretamente nos olhos dela. "É" "É".

Quando terminaram o curso principal e mordiscaram a torta Debouche de chocolate, a curiosidade dela se expandiu. "O que mais você se lembra de mim?"

Ele bebeu um gole de vinho. "De como você era. Eu era só um pré-adolescente, mas tive a pior paixão por você." Ele soltou um riso abafado. "É. Eu achava que tudo girava em torno de você."

Espantada, ela não sabia o que dizer.

"Eu teria feito qualquer coisa para te agradar." Afastou o prato e se inclinou sobre a mesa. "Eu ainda faria."

Prazer, como a sensação de reconfortantes braços deslizando em volta dela. "Isso é... isso é..."

"Loucura?"

"Não." Ela colocou o copo de vinho sobre a mesa antes que o deixasse cair. Traíçoeiras lágrimas ameaçaram os olhos novamente e ela fungou. "É lindo".

"Ei, ei" ele sussurrou baixinho. "Eu não quis fazer você chorar."

Ela sorriu. "Lágrimas de felicidade".

Parecendo aliviado, ele se recostou na cadeira. "Bom". Seu olhar segurou o dela durante vários segundos. "Tudo o que eu quero a partir de agora é a absoluta verdade. Sempre vou te dizer o que estou sentindo, se você prometer fazer o mesmo."

Engolida por uma tempestade de emoções, enxugou uma lágrima que escapara. "Prometo". O silêncio cresceu entre eles por alguns instantes, antes que ele falasse novamente.

"Tem uma coisa que eu deveria dizer." Ele se levantou e veio ao redor da mesa, caminhando com um propósito. "Algo muito importante."

Ela se virou para ele, perguntando o que ele pretendia. O medo se afastou quando a preocupação se aproximou. Ele se ajoelhou em frente a ela. "Você me salvou de muitas maneiras, eu nunca poderei te retribuir."

Com um sorriso gentil, ela repreendeu sua declaração. "Não fui eu. Sob toda a insegurança existia um menino forte, que queria deixar o mundo infeliz para trás. Eu podia ver isso. Quando eu soube, anos depois, que você estava indo bem, fiquei aliviada. Após o incêndio, quando éramos crianças... bem, muitas coisas poderiam ter acontecido."

Ele pegou uma das mãos dela na sua e a levou aos lábios. Ele beijou os dedos com reverência e, a sensação atirou tremores acelerados em cada canto de seu ser. Mais uma vez, ela sentiu como se ele acendesse um fogo dentro do seu corpo e alma. Ela mudou o peso do corpo de lado, gritava por gratificação. Ansiava, pura e simplesmente, levá-lo para baixo e fazer amor com ele até que não pudessem enxergar direito.

Ela o queria de costas, deitado em cima dela, em pé. Qualquer maneira que ela pudesse pegá-lo, ela precisava tê-lo.



Nem sequer a ternura poderia suprimir a maneira que os mamilos enrijeciam, o coração disparava. Envolveu o rosto dele com a outra mão. Ele se inclinou ao toque, em seguida, tocou-lhe as coxas. Seus dedos, quente e suave, a fizeram ansiar por mais.

"Muito rápido?", Perguntou ele.

Autumn sacudiu a cabeça. Se ele não fizesse mais... Se ele parasse, ela simplesmente entraria em combustão aqui e agora.

Capítulo Vinte e Um

Os dedos de Jack assaltaram sob o material do vestido de Autumn, deslizando ao longo das meias. A pulsação dela foi ao máximo quando ele avançou com o material do vestido de seda para cima, expondo-a ao carinho. A respiração aumentou o ritmo. Colocou as mãos sobre a dele ele, guiando o movimento, espantada e, além de satisfeita por ter sido corajosa e usado este vestido.

"O que te fez decidir usar isso?", Ele perguntou, os olhos ardendo.

As mãos de Jack separaram as coxas e deslizaram entre elas. Por um momento, ela não conseguia respirar e não conseguia pensar. "Eu queria seduzi-lo. Está dando certo?"

Ele gemeu. "Pode acreditar que está." O olhar mudou-se para os seios. "Você não está usando sutiã."

"Não. Gosta?"

Ele riu o som um pouco estrangulado. "Se eu gosto? Será que um gato tem gatinhos? Deus, sim."

Ela sorriu incapaz de controlar o delicioso desejo por este maravilhoso, suculento, bombeiro. Quando olhou nos olhos dele, tão quente por ela, tão cheio de desejo, ela se sentiu no topo do mundo.

Ele retornou o sorriso. "Lá em Detroit, percebi que, uma das razões pelas quais eu e minha namorada não demos certo, foi porque ela não era você. Ela não tinha o seu sorriso, o seu toque. Sabe o que eu costumava pensar quando estava sozinho na cama, à noite?" Seus lábios sorriram de forma sarcástica. "Pensava em como seria ter um incontrolável sexo cheio de gemidos com você."

"Oh?" Lá, estava ela de novo. Voltando às expressões monossilábicas, maravilhada.

"Ah, sim. Não apenas isso... eu queria um pervertido, um sexo liberal."

"Jack, Deus."

Seus dedos alcançaram o topo das meias. "Jesus, querida. Meias." O olhar dele inflamou com a paixão. "Incrível".

Guiou as mãos mais para cima e, mais para cima ainda. Seus dedos descansaram na maciez entre as coxas dela. Todo o ventre dela se fixou em um arrepio de pura excitação.

A boca dele capturou a dela, numa faminta explosão cheia de necessidade. Tomando imediata posse, ele não perdeu tempo com sutilezas. Sua língua se enroscou na dela, bombeando num primitivo, provocante ritmo que ela queria que durasse para sempre. Suas mãos agarraram os ombros dele e o puxaram para mais perto. Os dedos dele

brincaram com o início do laço das meias. Cada pequena esfregada dos dedos provocava o crescente desejo em sua vagina.

Ele gemeu na boca dela quando encontrou a pequena abertura da calcinha, os dedos deslizaram através das quentes e molhadas dobras. Afastou-se do beijo, seus olhos se encheram de uma inegável e voraz necessidade.

Delicadamente os dedos de Jack brincavam, provocavam, mas nunca chegavam ao clitóris. "Calcinha aberta?"

"Sim." Ela sorriu.

"Deus". Enterrou os lábios no pescoço dela. "Você está molhada."

"Mmm". Mordiscou a orelha dele. "Muito".

Ela se contorceu quando ele deslizou dois dedos lentamente, suavemente, para dentro até que ficaram enterrados até o fundo. Girou os dedos ligeiramente para cima, em seguida, começou um movimento lento.

Ela ofegou alto e se retorceu conforme a sensação tanto excitava quanto provocava. Ele olhou para ela e, ela descobriu que não conseguia desviar o olhar, incapaz de negar a intimidade que soltava faíscas e dançava entre eles. Os dedos mudavam, sondavam, acariciavam sua área apertada.

O calor dela ondulava em torno dele e, ele começou delicadamente a impulsionar e retirar; ela suspirou novamente e fechou os olhos. Inclinou a cabeça para trás e caiu em profundo êxtase onde somente o toque dele tinha importância, apenas aquele momento era importante. Cada movimento dos dedos dentro do canal enviava ondas de calor dentro dela e, ela cavalgava nos dedos dele com movimentos cada vez maiores, os quadris em contração muscular, a respiração vacilando. Ele não tinha sequer tocado o clitóris e o prazer era enorme conforme se reuniam dentro dela como uma tempestade. Os dedos se enterravam, retiravam, enterravam. Ela não podia agüentar – um pouco mais e ela se racharia, ficaria selvagem. Seus dedos apertaram os ombros dele, agarrando-o com uma frenética antecipação.

"Jack", ela sussurrou em uma agonizante necessidade.

"Venha querida. Tome."

E ela fez.

O êxtase a atingiu com uma rapidez que a fez gritar. Abriu os olhos para ver a pura apreciação masculina atravessando o rosto dele conforme sua vagina ondulava em torno dos dois dedos profundamente encaixados. Mas se ela achava que ele tinha terminado... Seus dedos deslizaram dela, em seguida, assediaram o clitóris. Ela engasgou com a bruta sensação. Ele sorriu lentamente, a determinação gravada em suas feições. Ele não estava satisfeito com ela por um longo tiro. Com dois dedos, ele puxou suavemente seu clitóris. Outro clímax se rasgou por ela, seus quadris chegando a sair da cadeira conforme tremia e se balançava.

Os olhos fechados, a cabeça inclinada para trás e, murmurou atordoadas palavras conforme a satisfação corria por seu corpo. "Ah, merda. Ah, merda."

Ela não conseguia pensar, mal conseguia respirar enquanto ele segurava o clitóris entre o polegar e o indicador para mais um aperto suave. Seu corpo inteiro tremeu sob o prazer, capturado em implacáveis ondas. Quando se puxou de volta um pouco mais tarde, ele disse "Uau".

"Eu que o diga."

Segundos passaram enquanto ela extraía profundas respirações e tentava acalmar seu acelerado coração. Apertou o rosto dele entre seus dedos e o acariciou. Ele tinha se barbeado e, ela percebeu que apreciava quando sua pele tocava a dele. Mais do que tudo, ela queria continuar a fazer amor, queria que se intensificasse.

Então, ele explodiu sua mente. Ergueu os dedos ainda úmidos com seu creme e lambeu um dedo de cada vez.

Seu estômago se apertou, a barriga girava pela excitação. "Você é um menino travesso, Jack."

Ele piscou. "Estou prestes a ficar muito pior."

Ela levantou uma sobrancelha quando ele empurrou o vestido acima dos quadris. A carícia do toque macio sobre suas coxas a fez tremer. Ele era tão gentil, mas seu afago fazia cócegas e atormentava ao mesmo tempo. Jack moveu as mãos mais para cima até que pudesse agarrar a calcinha e deslizá-la para baixo dos quadris. Ela ergueu os quadris até que tirá-la pelas pernas e pés. Atirou-a em uma cadeira.

O sorriso dele significava perigo e, ela sorriu de volta. Quando ela chegou à fivela da sandália, ele prendeu-lhe a mão. "Não. Fique com elas. Eu gosto delas."

Então, ele gostava de saltos altos durante as relações sexuais. Era uma boa informação para lembrar. Ela não perguntou o que ele pretendia, permitindo que a antecipação governasse seus pensamentos e sentidos. Ela abriu as coxas, permitindo mais acesso. Ele atraiu uma respiração e, ela soube que ele inspirou sua almiscarada excitação do seu sexo. Fechou os olhos. A escorregadia, e quente língua dele se suavizaram sobre o clitóris com um sedutor, longo toque. Ela estremeceu e deslizou as mãos nos cabelos dele para mantê-lo no lugar. Como indicado, ele manteve a atenção sobre o clitóris. Sua língua parecia seda, molhada, e a sensação cravava nela uma onda de prazer.

Seu corpo pulsava sua buceta úmida ficando cada vez mais molhada a cada segundo, conforme ele tendia o clitóris e os lábios, com um único propósito em mente – levá-la para fora de sua mente. Languidas lambidas a levavam alto, levavam sua mente para fora do corpo e a encerravam numa doce, suave satisfação. Longas batidas depois de batidas da língua banhavam seus tecidos despertos. Ele não a provava timidamente, mas rapidamente, um homem determinado, que ela conhecia a profundidade e a amplitude do seu desejo por ela. Ela não sabia quanto mais daquilo poderia agüentar.

Ela esperava que este orgasmo demorasse um pouco para ser construído, mas, diabos, ela estava errada. Jack permaneceu, lábios e língua, guiando-a em uma viagem de redemoinhos pelo corpo. Ele pegou o clitóris na boca e chupou-o delicadamente. Um suspiro de puro prazer deixou a garganta dela. Sim. Aí. Aí.

Quando ele empurrou sua língua dentro dela, ela gemeu alto, incapaz de se controlar.

A língua dele parecia diferente, muito diferente, uma vez que deslizou mais profundo em seu canal. Repetidamente ele a fodeu com a língua, cada traçada suave causava um gemido deixando a garganta dela.

Quando pegou o clitóris entre os lábios e sugou com força, ela se desfez com uma dura, rápida explosão de orgasmo que rolou através de seu corpo em pulsos maciços. Ela gritou. Um delicioso brilho a encheu pelo que pareceu uma eternidade, o prazer pelo que tinham feito juntos permanecia.

"Mmm". O Satisfeito som vinha de dentro dele, e ela quis fazê-lo soar assim novamente. Feliz, pronto para qualquer coisa.

"Autumn isso foi maravilhoso. Eu quero mais."

Ela ergueu a blusa dele e encontrou o áspero pelo no poderoso tórax. "Talvez pudéssemos dar um rápido mergulho na banheira de hidromassagem, os nossos corpos molhados deslizando juntos."

"Deslizando". Ele gemeu baixo e passou os braços a volta da cintura dela. "Parece bom. Vamos fazer."

Segundos depois, as mãos dele traçaram os lados dos seios dela, circulando ao redor, mas nunca tocando os mamilos. Ela sentia dor, querendo seu carinho mais íntimo com uma força surpreendente.

A boca dele capturou a dela novamente, provando e persistindo com a ternura mais requintada. Com paciência, ele a dirigiu mais acima, até que ela se moveu em seus braços com desespero. Seus seios doíam e o calor cresceu dentro dela.

Ele separou a boca da dela e sussurrou no ouvido: "Deus, eu quero você."

"Sim".

Ele envolveu um seio através do fino corpete. "Oh, Deus." Os dedos puxaram, gentilmente raspavam o mamilo sob o material.

Ela se empurrou ao toque, e ele entendeu o sinal. Com pequenas pinceladas e esfregadas dos dedos e polegares, ele se concentrou em atormentar seus mamilos. Ela olhou para seus seios e viu quando o olhar dele mirou os seios com reverência. Ele envolveu e fez forma dos seios dentro de suas palmas, os rosados mamilos ficaram rígidos sob a estimulação. Mais e mais, ele brincou com seus sentidos, exigindo uma resposta maior. Todo o tempo, ela o tratou com o deslize de seu toque, explorando seus músculos conforme as mãos espalmavam os ombros largos, varriam os braços, tórax e estômago.

Músculos peitorais duros como pedra se moviam sob os dedos dela, bíceps agrupados. Ele parou tempo suficiente para puxar o suéter sobre a cabeça antes de reuni-la em seus braços para outro beijo do fundo da alma. Ela estremeceu em doce antecipação quando ele puxou para o lado as alcinhas do corpete e deslizou as mãos por dentro. Apertou os mamilos entre os polegares e dedos e, ela gemeu de prazer quando um relâmpago eletrificou seu desejo. Com persistente atenção, ele a tocou e acariciou até que ela se contorceu.

Autumn queria mais do que uma ligação física, num momento em que as mentes se fundiram em busca do divino prazer e compreensão. Conforme ele circulava e pressionava, ela se arqueava contra ele em prazer. Aniquilada pela intimidade, um quente, feliz deleite assumiu o controle. Ela estremeceu inundada com uma ânsia que exigia satisfação. Ele procurou o ritmo certo até que seus gemidos e arfadas se intensificaram. Ela rompeu o beijo dele, sem fôlego e deslocando-se mais rápido pelos segundos. Ela nunca sentira nada mais extraordinário.

Jack inclinou-se para trás para prová-la, suas enlouquecedoras carícias fazendo sua excitação crescer.

Uma amostra levava a outra, e quando ele devorou seus mamilos, o apertado, formigante anseio dentro dela se apressou a uma altura quase insuportável.

*

Uma arrebatadora satisfação masculina foi construída dentro de Jack quando ele viu os olhos dela fechados e os lábios entreabertos.

Fazer amor com outras mulheres nunca havia sido assim. Seu pênis crescia mais conforme sua excitação tornava-se mais intensa. Ele não se cansava de tocá-la. Sua língua raspava sobre os mamilos enquanto a chupava e, ela resistia a ele. Autumn lhe dava tudo. Ela sabendo ou não, ele sentia a ternura no coração dela a cada roçada dos dedos dela sobre ele e, o prazer de agitar a alma espalhado sobre o rosto corado.

Ele poderia esperar com cada respiração que tomava que ela pudesse amá-lo.

Amor.

Ele quase parou, maravilhado com a verdade encarando-o de frente.

Eu a amo.

Ao mesmo tempo em que prazer entrava, ele sentia uma nova emoção ameaçando. Medo. Medo que ela não o amasse, não pudesse amá-lo e, não planejasse amá-lo.

Eu estou morto. Eu estou morto se ela não me amar.

Conforme seu corpo sussurrava pela insistente exploração, ela fez a coisa mais selvagem de todas. Deslizou a mão sobre o peito, abaixo da barriga, e envolveu sua ereção através da calça. O topo de sua cabeça quase explodiu quando os dedos exploraram seu pênis com uma intencional pressão.

Ele gemeu, em seguida, agarrou a mão dela. "Não, querida. Mais tarde."

Ela o desafiou com outra vagarosa carícia que fez os quadris dele levantarem.

Ele a puxou delicadamente para uma posição ereta.

*

"Podemos fazer isso na banheira?", Perguntou ela, imaginando se algo poderia superar o orgasmo de derreter a mente que tinha experimentado momentos atrás.

Olhos dele brilhavam com desejo, trouxe os dedos dela aos lábios. "Se é isso que você quer."

Quando ela escorregou a mão para fora, se afastou alguns passos, com maldade na mente. Ela tirou o vestido por baixo do corpo, em seguida, permitiu que o tecido de seda caísse aos seus pés. Ela pisou fora do vestido e empurrou-o de lado.

O olhar de Jack tomou um admirado registro da sua forma nua. A atenção presa nos sapatos de salto altos e, sorriu. "Você é linda".

O calor foi despejado em seu estômago chegou a um passo de febre. Ela acenou, movendo-o adiante, quando recuou para o seu quarto. Conforme a seguia, uma expressão hipnotizada cobriu o rosto dele.

Uma vez dentro do banheiro, ela abriu a água na banheira numa plena explosão, ansiosa em enchê-la para poder compartilhar o calor com Jack. Ela ligou a ação de hidromassagem. As bolhas dançavam, formadas pela torrente de água da banheira suficientemente grande para duas pessoas. Ela adorou o poder que tinha quando se inclinou para ajustar o fluxo de água e deu a Jack uma visão completa da suas nádegas. Ele gemeu. "Autumn".

Ela virou a tempo de vê-lo avançar sobre ela. Ele tirou os sapatos e os jogou de lado, então puxou o cinto para fora dos laços com um ruído que a fez saltar. O cinto aterrisou no chão. Seu zíper assobiou para abrir e, ele empurrou o jeans para baixo. Autumn observou seu corpo poderoso, com profundo apreço e desejo crescente. Como adversários num duelo de esperteza, eles se olhavam, assistiam, esperando, e avaliando o momento. O olhar latente de Jack ficou fervente. Sem nunca tirar os olhos dela, ele tirou a cueca e a jogou longe.

Ao invés de arrebatá-la nos braços, ele entrou na água e afundou-se com um gemido. Excitada, tirou as sandálias e meias finas e se juntou a ele. Repetindo o gemido de contentamento dele, ela permitiu que o calor e as vibrações sensuais da água aquecessem sua pele.

"Paraíso".

Jack caiu para trás de encontro à banheira e, ela parou de pensar completamente quando ele estendeu a mão. "Deslize para cá. Venha para frente até quase sentar em mim."

Satisfeita com a idéia sedutora, ela se estabeleceu em cima dele e saboreado a masculinidade de suas coxas duras. Ele manteve as mãos nas delas. Seus dedos entrelaçados, as palmas se tocando. "Quando eu estava na faculdade tinha essa fantasia."

Curiosa, ela tinha que saber mais. "Qual?"

Ele puxou-a ainda mais. "Uma banheira de hidromassagem. Eu dentro de você. Nós não estamos nos movendo, mas posso sentir como você está apertada em volta de mim. Como nós nos encaixamos perfeitamente. Eu costumava imaginar que você se desmanchando em meus braços."

"Conte-me mais." Ela beijou o queixo e o nariz dele com provocantes pinceladas dos lábios. "Eu acho que gosto da sua fantasia."

"Quer ouvir mais ou prefere que eu demonstre?" Beijos pontuavam cada uma de suas palavras, levando-a a um novo patamar de desorientação com cada carícia.

"Sim." Sua respiração aumentou e, o prazer cresceu num ritmo constante. "Oh, sim".

Ele mordiscou seu pescoço, a voz dele era um suave rosnado. "Eu quero que você esteja pronta."

Com excruciante deliberação, ele envolveu os seios dela e começou uma sedução do com pressão total. Manuseando seus mamilos com um toque firme, ele brincava com ela. "Mais rápido", ela sussurrou.

Se o tom exigente o surpreendeu, Jack não demonstrou. Ele ergueu um mamilo rígido em sua boca, chupando enquanto beliscava o outro mamilo em um formigante, excitado botão. Seus lábios se estabeleceram em provar, trabalhando cada mamilo, enquanto ele escorregou um, depois dois dedos em sua vagina. Seu polegar esfregava o clitóris, uma suave, firme, -nem muito forte ou fraca- provocação. Ela revidou. Com o ritmo certo, ela prendeu seu pênis duro como o aço nas mãos e o bombeou. Ele gemeu a vibração provocando em seu mamilo. Com um mergulho, depois dois, os dedos acariciaram seu núcleo. Levou-a ao extremo e, ela o queria dentro dela com uma dor tremenda.

A respiração de Autumn chiava enquanto ela suportava o irresistível prazer. "Jack, por favor. Eu vou... "

A boca dele sufocou a dela, levando o beijo a novas alturas. Quando ele recuou, sua voz era rouca com a necessidade. "Eu tenho que te foder."

Ah, sim. Até se relacionar com Jack, nunca tinha percebido o quão sexy essas cruas palavras podiam soar. Sorriu, a expectativa e o desejo empurrando-a ao limite da resistência. "Sim".

"Agora", ele disse baixinho.

"Agora".

Ele a levantou pela cintura e equilibrou por cima de seu pênis espesso. Ela moveu-se para baixo, para baixo, até que seus corpos se uniram firmemente. Sua cabeça caiu para trás, os lábios entreabertos pela incrível sensação de Jack pressionando seu ventre. Sentiu-se cheia, esticada e tonta de desejo.

*

Jack achava que nunca tinha visto nada mais belo do que a mulher em seus braços. Tentou desesperadamente não começar a cadência que o levaria ao clímax. Ele a queria de uma forma tão selvagem que ela iria implorar por liberação.

"Tudo bem?", Perguntou ele.

"Oh, sim. Sim".

O rouco riso dela enviou uma agulhada de calor em seus quadris e, seu pênis endureceu mais ainda. Ele rangeu os dentes. Ansiava pela oportunidade de explorá-la com despreocupação, sem regras, sem limite de tempo e, com nada além de um ranger de dentes de êxtase. Quando ela olhou profundamente em seus olhos, ele sentiu satisfação total.

Este era o lugar onde ele pertencia.

"Jack".

"Sim".

Ela começou o ritmo e, a promessa de fazer aquilo durar mais evaporou. Ele agarrou os quadris quando a molhada e quente buceta o engolia e liberava. O sedoso núcleo dela acariciava seu pênis conforme ela mantinha o ritmo lento, num caminho tortuoso que ameaçava mandá-lo em órbita a qualquer momento. Ele não agüentava mais e

pressionou os quadris para cima em um rugido, seu animal precisava explodir. Ela suspirou, depois sorriu a expressão cheia de um êxtase que o apressava adiante. Os quadris dele giraram, saltaram a foderam sem nenhum pensamento sobre diminuir a velocidade ou se acalmar.

*

Autumn pensou que iria morrer. Não por dor. Não por esperar.

Pela paixão irrompendo dela como um incêndio, uma explosão de calor e chamas subindo alto, estendendo-se ao limite e saltando até detonar toda a floresta. Perigo enchia os olhos dele, uma naturalidade que dizia que ele não lhe teria piedade. Ela não queria gentilezas agora. Ela precisava que fosse rápido, furioso, uma viagem quente e selvagem. A cada movimento rígido dos quadris dele, ela respondia e, deixava que aquilo a levasse à estratosfera, onde nada ou ninguém, além deles, existia.

Ela aumentou o ritmo e o atrito fez com que seus olhos alargassem. Com cada profundo mergulho do pênis, o prazer rugia, ameaçando enviá-la para fora do limite da Terra.

O pênis dele se movia dentro dela, deslizando contra os sensíveis tecidos molhados com pulsantes e fortes estocadas que a fazia tomar fôlego e sua vagina doer por liberação.

"Jack, por favor. Deus, eu não agüento mais."

Jogou a cabeça para trás e o aceitou como uma deusa. Dando e recebendo, ela chegou ao topo, reconhecendo pela fusão dos quadris que não poderia esperar pela implosão. Gemeu e suspirou. A explosão de êxtase foi tão forte que o mundo desapareceu dentro dela, ao seu redor. Os implacáveis golpes de Jack eram socados dentro dela. Ondas de um prolongado prazer surgiam com cada um dos impulsos.

Um último penetrante empurrão e, ele gritou, a gutural satisfação raspou no ouvido dela. Ela sentiu a pulsante liberação dele, a tensão de seus músculos. Ele se prendeu a ela e se firmaram na água com suspiros de satisfação.

Nesses íntimos momentos, ela não pôde mais negar a verdade.

Tinha se apaixonado por ele.

Capítulo Vinte e Dois

Autumn sonhava.

Um horrível incêndio envolveu sua mente e a transportou de volta aos eventos de dezessete anos atrás, quando sua vida mudou para sempre.

A mãe, o pai e Autumn à mesa de jantar comendo as sobras do piquenique no início do dia. Sua mãe remexia a comida, algo que andava fazendo por dias agora. Autumn quase perguntou se ela se sentia mal. Parecia estar perdendo peso, embora não precisasse emagrecer. O robusto apetite do pai dizia que ele poderia comer qualquer coisa e, não importasse o quanto, não ganharia uma grama. Autumn sabia que já tinha comido muito no piquenique e, por isso não se importava em comer mais.

O silêncio deixava Autumn nervosa. Sempre deixava. A sala inteira cheia de peso, o ar espesso com tensão e desconfiança.

Papai parecia pálido, seu olhar preso ao prato. Como um robô, pegou o garfo e olhou para a refeição, como se não visse nada. Os lábios de Autumn se abriram as palavras quase saíram de sua boca quando ele a pegou olhando. Ela deixou cair rapidamente o olhar para a comida e tentou ignorar a incômoda sensação de que um evento de grandes proporções poderia acontecer a qualquer minuto.

Seu Pai pousou o garfo e se recostou na cadeira. Cruzou os braços. "Nós temos que contar para ela."

Com uma careta que falava em um assunto sério, a mãe balançou a cabeça. "Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro."

Divórcio. Eles vão dizer que têm que se divorciar.

Autumn olhou do pai para a mãe. "Vocês não têm que me dizer. Eu já sei."

A face do pai assumiu a dura, absurda expressão que dizia que ela tinha feito besteira mais uma vez. "Você não sabe o que vamos dizer. Pare de tentar adivinhar tudo o que fazemos." A humilhação queimou por um caminho quente até seu rosto. Sua respiração pareceu parar. Após mais alguns segundos de um constrangedor silêncio, a mãe falou. "Estou grávida, Autumn".

"O quê?" A pergunta saiu de Autumn sem que ela pensasse. "Você não pode estar."

O rosto da mãe relaxou um pouco, o sorriso quase gentil. "Eu certamente posso estar. Não mudei ainda."

Embaraçada, Autumn pigarreou. "Eu sei. Quero dizer... você me pegou de surpresa. Eu não acho que..."

Ela deixou a idéia pendurada porque não podia dizer aquilo. Não disse o que estava realmente em sua mente, que não achava que eles ainda tivessem relações sexuais. Pensar nos pais nesses termos nunca passou por sua mente, de qualquer maneira.

As próximas palavras da mãe, porém, levaram todas as esperanças para longe. "E nós estamos nos divorciando. Imediatamente."

Autumn se encheu de dor. O que ela esperava? Sabia que aquilo tinha que acontecer logo. Virou-se para o pai. "Mas agora que a mamãe vai ter outro filho... Por quê?"

Os lábios dele apertaram, continuou com a cara feia por vários momentos antes de falar. "Eu não vou mentir para você, Autumn. Eu nunca menti para você."

"Dirk espera—" Mamãe começou.

Papai bateu na mesa com surpreendente violência e Autumn saltou. "Não. Ela tem que saber a verdade."

Autumn viu a dor, a raiva e o profundo pesar preencherem seu rosto. Ela pensou que já tinha visto todas as expressões cruzarem as feições dele antes. Agora, percebera que tinha estado errada. "Nós não nos divorciaríamos, Autumn, se o bebê fosse meu. Esta foi a última gota."

Lágrimas encheram os olhos de Autumn quando absorveu a chocante informação. Não precisava saber mais nada. A dor apertou sua garganta. Embora não devesse ter se surpreendido em um nível, decidiu que se todos planejavam ser sinceros, queria saber a história toda.

"Quem?" Autumn respirou fundo. "Quem é o pai?"

"Mitchell Dillon." Seu pai rompeu as palavras como se fosse veneno que não podia esperar para cuspir da boca. "A merda do Mitchell Dillon."

Autumn vacilou não acostumada ao pai usando uma linguagem dura. No entanto, não podia culpá-lo. Ele se levantou e caminhou para fora da cozinha.

Autumn não sabia qual emoção sentiu em primeiro lugar, resignação ou tristeza. Ambos os sentimentos encheram os olhos de lágrimas e o coração de pesar. Será que Jack sabia o que estava acontecendo? Será que ele tinha experimentado mesma

necessidade de chorar de dor, que parecia explodir o coração, pelo que jamais seria o mesmo?

Mamãe mudou o peso de lado na cadeira, os olhos escuros de raiva. "Eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo."

Com um suspiro, Autumn esticou o braço e tocou a mão de sua mãe. Sob o toque de seus dedos Autumn sentiu o frio. "Mãe, o que você vai fazer?" Ela mal conseguia fazer com que as próximas palavras atravessassem os lábios. "De quanto tempo você está?"

"Quatro meses".

Quatro meses. Quatro meses atrás, sua mãe tinha dormido com Mitchell Dillon e agora o mundo mudara. Em pouco tempo a família de Autumn cresceria com um irmãozinho ou irmãinha, mas ela não podia estar feliz com isso naquele momento e lugar. O remorso pelas coisas que ela não podia mudar, mas desejava poder, se ergueu e explodiu sua segurança em milhares de bits.

A mãe levantou-se, sua expressão em madeira. "Eu não posso falar agora. Nós vamos discutir mais sobre pela manhã." Correu os dedos pelo próprio cabelo. "Você pode lavar a louça, querida?"

"Claro, mãe."

Quando a mãe virou o canto da cozinha, Autumn olhou para a mesa por uma eternidade, tentando achar o caminho em volta da dor no coração e, falhando. Depois que lavara a louça, foi direto para o quarto e desabou sobre a cama. Lágrimas a sufocavam, a garganta doendo por tentar segurar os soluços. Os eventos daquela noite rasgavam sua alma, exaurindo suas reservas quando permitiu que a dor, ainda fresca, engolissem seu ser. Seu desespero se aprofundou, puxando-a para baixo, como areia movediça, conforme imaginava o futuro sem sua pequena família junta. Então pensou em Jack e seu coração se contraiu. Deus, o que faria? Será que ele voltaria a comer demais? Ele teria problemas e esqueceria tudo sobre leitura que ela ensinara?

Como foi que tudo isso aconteceu? O abuso de George primeiro e, agora seus pais se divorciando com um bebê a caminho?

Encare o fato. Você teve uma ótima vida até agora. Quanto tempo esperava que durasse? Para sempre. Mais tarde naquela noite, talvez por volta das dez horas, Autumn acordou e percebeu que havia adormecido com a roupa que estava. Sentou-se e ouviu. No início, não conseguia identificar o bizarro som que ouvia. Uma estranha crepitação.

Sentiu o cheiro. Sua mente não quis acreditar naquilo por um momento. "De jeito nenhum."

Respirou fundo e, desta vez, o aroma inconfundível de fumaça a acertou. Mas os detectores de fumaça não deram o alarme. Acendeu a luz e viu fumaça flutuando sob sua porta. Fogo. A descrença governou suas ações por alguns segundos, em seguida, ela saiu correndo da cama. Correu e tocou a porta e a maçaneta, ao mesmo tempo. Fria ao toque, muito obrigada, Deus. Abrindo-a subitamente, ela olhou para fora. O fogo dançava como um dragão, consumindo o corredor e, indo em direção à escada.

Oh, Deus. Oh, meu Deus. Toda a lateral da casa queimava, formando labaredas contra as paredes e ondulando no chão. O Terror a atingiu. O calor ardia conforme a temperatura subia.

"Mãe! Papai! Mãe! Pai!"

A fumaça entrava em seus pulmões e ela engasgou e tossiu. Isso não é bom. Não é bom. Ela tinha que chegar à escada. Não havia tempo para molhar uma toalha no banheiro. Correu em direção às chamas, ciente de que elas poderiam alcançá-la antes que ela chegasse às escadas. Línguas de fogo a alcançaram e, ela gritou quando recuou para as grades da escada, no segundo andar. O Pânico enviava dedos mortais direto para ela.

Não há tempo.

Ela achou que ouvia uma sirene ao longe, alguém chamando seu nome.

Através do gritante calor consumindo a lateral da casa, ouviu a voz novamente e olhou por cima das grades.

Sr. Dillon estava na porta. Parecia que tinha quebrado a porta. Ele correu em sua direção até ficar embaixo dela.

"Pule Autumn! Pelo amor de Deus, pule! Eu vou te pegar! "

"Meus pais!" Ela estendeu uma mão para ele, como se ele pudesse salvá-los.

"A ajuda está a caminho! Pule! "

Ela sabia que não tinha escolha. As chamas estavam quase em cima dela. Ergueu-se sobre as grades de madeira que ficavam na borda.

Sr. Dillon ergueu os braços. "Agora!"

Ela saltou.

Sr. Dillon a pegou nos braços, cambaleou para trás e, em seguida, caiu. Sua respiração escapou e, sem outra palavra, ele agarrou seu braço e puxou-a para cima. "Vamos!"

À medida que corriam para fora, um carro de bombeiros parou na calçada. Ela agarrou o Sr. Dillon pelo braço, mas ele correu de volta para a casa. O terror galopou sobre a pele dela em grandes ondas. Ele voltara lá para dentro *Oh, Deus. Oh, Deus.*

Conforme os bombeiros corriam em direção ao incêndio, um paramédico a envolveu num cobertor.

Atordoada, ela não respondia as perguntas sobre sua condição. Muda de medo, ela mal percebeu quando Jack correu com a mãe em velocidade.

"Onde está o papai?" Jack perguntou os olhos arregalados e vidrados de medo.

Autumn abriu a boca, mas nada saiu.

Bitsie engasgou e, em seguida, gritou. "Ele está lá dentro. Oh, meu Senhor, ele entrou lá por ela. "

Um enorme som de sucção, estrondoso e ameaçador, foi emitido pelo ar um segundo antes da frente da casa explodir em um círculo raivoso vermelho e amarelo.

"Papai!" O aterrorizado grito de Jack varou a noite.

Bitsie ajoelhou-se e varreu o filho em seus braços, apertando seu rosto contra ela. Pálida como papel e com os olhos arregalados, Bitsie soltou uma indefesa, pequena lamúria.

Um fino tremor correu por todo o corpo de Autumn quando o paramédico insistiu em levá-la para a ambulância. Conforme seu mundo inteiro ficava em chamas, ela percebeu que Jack e Bitsie não veriam o Sr. Dillon novamente.

Seus pais deviam estar mortos.

As coisas tinham mudado para sempre.

* * * *

Autumn se lançou do terrível sonho com um suspiro. Sentou-se, trêmula e fria.

"Autumn?" Jack passou pela cama e acendeu a lâmpada da cabeceira. "O que há de errado? Você está bem?"

Quando seus fortes braços foram em torno dela, ela sentiu a reconfortante presença profundamente em seu coração. Enterrou a cabeça contra o peito nu dele. "Eu estava... eu sonhei com a noite em que eles morreram."

"Oh, querida." Ele a tocou suavemente, segurando-a firmemente enquanto acariciava os ombros e costas. A agonia em sua voz mostrava como bem a entendia. "Oh, cara." Lágrimas se recusaram a serem contidas, derramando de seus olhos e, ela deu um suspiro. "Por que agora? Eu não sonhava com aquela noite há anos."

Ele apertou um beijo contra sua testa, então no nariz. "É por tudo que vem acontecendo ultimamente. Os incêndios criminosos. O acidente no antigo edifício esta semana. Poderia destruir os nervos de qualquer um."

"Lembrei de como os alarmes de fumaça não soaram. Tínhamos esquecido de mudar as baterias. Papai era um bombeiro e esqueceu de trocar as baterias." Ela soluçou. "Foi horrível, Jack. Eu... foi tudo a mesma coisa. Não é exatamente um sonho, é mais uma lembrança." Ela fungou e se agarrou aos ombros dele quando o encarou. "Eu não poderia suportar te perder assim."

"Você não vai." A voz áspera, embargada pela emoção. "Agora você sabe o que eu sinto quando penso em você enfrentando um incêndio novamente".

Lágrimas brilharam nos olhos dele e então caíram, e o coração dela foi roubado para sempre.

"Jack", ela sussurrou. "Jack".

Quando as mãos dele traçaram o corpo dela num febril inventário, os olhos brilharam em bruta paixão. Deitou-se e puxou-a por cima dele. Como se nunca a tivesse tocado antes, suas mãos acariciaram, apertaram e encontraram os lugares que tinha explorado horas atrás. No ofuscante brilho da luz do lampião, ela viu as rígidas superfícies do rosto dele. Viu o desejo firme e inflexível, refletido nos olhos.

"Me aceite novamente, Autumn".

O sexo podia ser momentâneo. Poderia ser um momento de um milhão de minutos. Mas, ela sabia que neste pequeno espaço de tempo, queria cada segundo que pudesse ter no abraço de Jack.

Beijando e acariciando, ela mostrou com o toque o quanto se importava com ele. Cada movimento dos corpos parecia sedoso e certo, como se tivessem estado sempre juntos e sempre fossem estar. Quando as bocas se encontraram, ela revelou a frenética corrida em busca de uma ligação sexual. Ela o queria em todos os sentidos que pudesse tê-lo. Agora e na eternidade.

Um atordoante prazer se quebrou através ela. Para sempre.

Ela decidiu fazer um registro dele que nunca esqueceria. Escorregou para fora da cama. "Aonde você vai?", Perguntou ele.

"Meias".

"O quê?"

"Basta esperar para ver."

Ela voltou para a cama alguns instantes mais tarde, com suas meias. "Agarre a cama."

Um sorriso masculino entreabriu os lábios. "Sim, senhora".

Ela poderia dizer que ele sabia que ela tinha em mente e gostara da idéia. Enquanto ela trabalhava para amarrar os pulsos ao postes da cama, o pênis dele cresceu grosso e duro. Ela lambeu os lábios, já antecipando pegá-lo na boca.

Uma vez que as mãos estavam presas, ela montou o quadril dele. Apertou suas dobras contra o grosso, e longo pênis. "Agora, o que devo fazer com você?"

"Tudo o que quiser." Sua voz era rouca e profunda.

"Mmmm. Diga-me o que você quer Jack. "

*

Jack se ergueu numa profunda respiração, animado por ela mostrar determinação em seu encontro. Emoções subiram pela garganta dele. Deus, ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto. A mais sexy. A mulher com quem ele podia se vir passando dias e noites rolando na cama, fodendo em todo e qualquer lugar. Com os cabelos jogados ao redor dos ombros, os olhos brilhantes com apaixonadas intenções, os lábios rosados e entreabertos, parecia sensual, pronta para foder com ele até o esquecimento. Excitado pela abordagem de pseudo-escravidão, seu pênis cresceu, o suor se formou no lábio superior e, a respiração acelerou. Lambeu os lábios, faminto por provar mais desse ultra-apaixonado e malicioso lado dela.

"Você sabe o que faz comigo?", Perguntou ele.

"Não. Me diga." Moveu-se para baixo, até que a boca ficou logo acima do pênis dele.

Arqueou os quadris pelo pensamento dos lábios dela tocando sua ereção. "Você me deixa louco. Te quero malditamente tanto que não consigo ver direito. Quero ficar nessa cama com você para sempre."

A suavidade entrou nos olhos dela. Deslizou as mãos para cima, sobre as coxas dele e ele ofegou pelo prazer.

"Eu tenho esquecido o mundo. Ultimamente. Enquanto estou com você", disse ela baixinho.

Salpicou beijos ao longo do corpo dele, partindo do estômago. Com toques suaves, ela o levava a uma nova loucura. Ele respirou fundo quando a sensação de penas do toque dela endureceu mais seu pênis, fez seu coração bater mais rápido. Ela passou o dedo sobre os músculos do estômago, provocando, então vagou indolentemente para cima até atingir seu peitoral. Pressionando um macio beijo nos músculos do peito, ela puxava o outro mamilo. Puta merda, ele não sabia quanta provocação mais conseguiria agüentar. Sua garganta trabalhava conforme engolia em seco e olhava. Ele queria tocar aqueles lindos seios, envolvê-los, espremê-los, mas não conseguia. Ela gemia baixo enquanto trabalhava um mamilo e depois o outro com minúsculas lambidas, então profundas sucções. Espirais de calor eram atirados para sua virilha com cada puxada dos lábios e cada traçada dos dedos dela. Ele permitiu que um gemido deixasse sua garganta. Ele estava fodidamente fora de controle, as pernas se movendo incansavelmente, o coração batendo rápido.

"Tire-me da miséria." Ele trincou as palavras através dos dentes.

Seu delicado, provocante sorriso voltou. "Tudo o que você quiser, tem que implorar. Você quer que eu te cavalgue?"

O desejo ameaçava incinerá-lo. "Sim".

"Bem, eu acho que existem alguns pontos que eu não explorei ainda".

Ele gemeu quando ela provou o que queria dizer. Autumn não concentrava todos os esforços num determinado local, as mãos agitavam aqui e ali, espalmando sua barriga, provocando abaixo dos bíceps aos antebraços.

Quando ela se virou de costas e montou o corpo dele novamente, apresentou sua exuberante, linda parte de trás. Merda. Não era como se ele nunca tivesse visto a doce bundinha antes, mas ela estava tão perto e ele não podia provar ou tocá-la.

Quando ela apertou a ereção em uma mão e esfregou os dedos para baixo, ele se impulsionou. "Oh, sim".

"Você gosta disso?", Perguntou ela.

"Se eu gosto? Deus, sim."

Ela lambeu a cabeça, introduzindo um firme golpe sobre a ponta, enquanto trabalhava com a mão. Ele gemeu pela sensação de derreter a mente, o olhar preso na bunda dela e apreciando a vista.

Ele fechou os punhos, morrendo de vontade de tocá-la, querendo acariciar Autumn a um frenesi. A boca dela envolveu a cabeça do pênis e depois deslizou para baixo, descendo, descendo até englobar a maior parte da ereção. Ele sibilou em uma respiração. Ela balançava a língua, sugava, bombeava, dando-lhe o melhor boquete da vida. Seus músculos do estômago apertaram, a respiração saiu do controle quando se dirigia a explosão. "Desamarre-me", disse ele em um suspiro.

Ela parou de chupá-lo a tempo de olhar sobre o ombro e piscar. "Eu acho que não." "Vamos, baby".

"Não."

Ele resmungou. "Eu quero foder você. Eu quero entrar tão fundo que você não vai conseguir se lembrar de ter feito amor com nenhum outro homem."

Ela sorriu uma enlouquecedora maldade nos olhos. "Jack, você já conseguiu isso. Eu não consigo pensar em nenhum homem, além de você. Goze na minha boca."

Aquelas palavras fizeram se sentir completamente possessivo e querendo fixar no próximo morro e abaixo dele que ela o pertencia, sentiu as últimas barreiras quebrarem.

Ele não podia evitar o sorriso quando sussurrou novamente: "Você vai pagar, querida. Me chupe. Chupe-o com força."

O rosto dela ficou corado, mas antes que ele pudesse avaliar se a tinha envergonhado, ela sorriu.

Seus quadris levantaram. Ele plantou os pés e empurrou para cima em encontro às estocadas dela, fodendo a boca dela enquanto arfadas deixavam sua garganta. Ele não conseguia segurar os gemidos de atordoante prazer que explodiam de sua garganta. Quando navegava para o paraíso seus quadris se contorceram e ele explodiu.

Ela o tomou, o lavando e chupando enquanto ele chegava ao clímax num êxtase de derreter a mente. Quando ele terminou, ela saiu de cima dele e soltou os punhos de sua prisão. Ele não podia acreditar que ainda estava duro e ainda a desejava.

Autumn engasgou quando ele a girou e a deitou com as costas para baixo. Escorregou entre as coxas dela e penetrou profundamente. Ela se arqueou contra ele num assustado prazer.

Jack gemeu, fechando os olhos enquanto seus lábios se separaram. Seus quadris mergulhavam. "Eu não posso segurar."

"Então, não segure." Ela sorriu e arqueou-se contra ele novamente. "Apague o sonho, Jack."

Seus quadris se moveram um inexorável, movimento de energia quando ele socava no fundo.

Capítulo Vinte e Três

Poucas coisas o faziam mais feliz do que trabalhar sob disfarce. Exceto, talvez, um bom resplandecente incêndio.

Conforme empurrava o carrinho de produtos de limpeza ao longo dos quase vazios corredores do edifício Mackey, revelou como tinha delimitado o edifício na madrugada. Claro, ele já tinha estado ali antes, mas, a preparação era tudo. George não tinha entendido o conceito. Ele tinha descoberto não muito tempo depois do encontro com o imbecil, que o elevador do homem não ia até o topo. Não, um incendiário possuía uma confiança especial e sabia seu verdadeiro objetivo na vida. George devia ter tantas células cerebrais quanto uma semente de melancia. Talvez nem isso.

Autumn MacAllister e Jack Dillon escaparam dos incêndios de George, porque este era demasiado estúpido para saber como fazer aquilo direito. Desta vez, porém, as coisas seriam diferentes. Ele queria criar um espetáculo. Dar às pessoas a emoção de suas vidas e mostrar-lhes o quanto precisavam dele para adquirir aquele especial

êxtase. Se MacAllister e Dillon fossem apanhados pela confusão, tanto melhor. Derrubar duas pseudo-celebridades faria o gosto ser mais doce.

Ele sorriu. Não seria descuidado como George Beckett. Esta operação iria fluir como uma revolução de alta precisão. Revolução.

A luxúria crescia dentro dele a cada passo que dava e, se vangloriava de seu poder. Sua inteligência superava a dos idiotas que empurravam carrinhos de limpeza, mas o anonimato trabalhava a seu favor. Ele queria se misturar e, com este macacão e boné de beisebol, ninguém daria uma segunda olhada. Então, ainda, queria que as pessoas o conhecessem. Depois de hoje, elas iriam.

Deu uma olhada rápida no texto dentro do bolso do macacão. *Companhia de Limpeza Bufford*. Bufford. Que nome horrível. Ninguém em perfeito juízo iria chamar uma companhia de 'Qualquer coisa Bufford'.

Bufando uma risada, lembrou do pobre coitado que matara, a fim de arrancar este uniforme na noite passada. Ele olhou para o crachá. Eles encontrariam JP Margolies quando o lixo do Centro Mackey começasse a feder com um característico e particular odor.

Riu novamente. Sufocando o desejo de dar gargalhadas e dizer a todos o que planejava fazer, ele acelerou os passos. Planos correram por sua cabeça. Ele sincronizaria o incêndio dos armários e o do escritório para que comessem perto do meio da entrevista com Jack Dillon e Autumn MacAllister. Quando chegasse ao sétimo andar e acendesse as chamas em um armário ou dois, estariam quase finalizando a entrevista. A lenta construção das chamas devia torná-las pior. O incêndio cozinhará antes que alguém adivinhasse o que estava acontecendo.

Sim, é disso que eu preciso. Um incêndio preguiçoso. Quem sabia o que poderia acontecer em seguida? Antecipação enviou uma onda de pressa por seu sistema, empurrou o barulhento carro para o escritório de um advogado. Destrancou a porta e entrou, parando para inspecionar os instrumentos de destruição aninhados no carrinho. Sim, estas ferramentas realizariam o trabalho. Fechou o escritório e se certificou que ninguém se escondia lá dentro.

Satisfeito por poder trabalhar sem interrupção, encharcou um grande armário de suprimentos com uma generosa quantidade de óleo de polir madeira. Então jogou o óleo em uma lata de lixo perto de uma divisória por medida.

Ele sorriu quando acendeu o primeiro fósforo.

Este será fodicamente quente.

* * * *

Jack abriu os olhos e percebeu dois fatores importantes. Autumn já não estava ao seu lado e, hoje, Miranda Butterfield iria entrevistá-lo. Ambas as idéias o fizeram disparar da cama. Uma fraca luz era filtrada sob o fundo das cortinas fechadas. A alvorada chegara e interrompera o perfeito sonho de abraçar Autumn ao longo da noite. Por alguns segundos, sentado imóvel, imaginou que aquilo nunca tinha acontecido. Talvez as experiências sexuais de explodir a mente tivessem sido uma cruel ilusão. Então ouviu o chuveiro e soube que não tinha sonhado com a noite em seus braços. Fechou os olhos e lembrou o incrível prazer que sentiu ao se aconchegar dentro do corpo dela.

'Uma alteração da vida' não começava a descrever aquilo.

Com um gemido de relutância, deixou a confortável cama e foi até a porta do banheiro. Ouviu-a cantar e se perguntou se ela sabia como sua voz oscilava desafinada.

Um sorriso puxou-lhe os lábios. Não importava. Ele a amava mais do que tudo e todos neste planeta. Sem hesitar, abriu a porta do banheiro e arrastou a cortina de chuveiro.

Ela gritou pela surpresa e atirou bolhas de sabão nele. "Fedelho!"

Ele abaixou-se e as bolhas não o atingiram. A água espirrou em seu peito. "Ei, querida." Sem dar a ela uma chance de protestar, ele entrou no chuveiro e agarrou-a em seus braços. Ela, então, mostrou o que sabia sobre fazer amor no chuveiro. Quando ela caiu de joelhos na frente dele e sorriu, como se soubesse de algo que ele não sabia, Jack fechou os olhos reconhecendo o paraíso.

Quando deixaram o banheiro cheio de vapor, se vestiram e chegaram ao estacionamento, perceberam que não tinham muito tempo antes que precisassem chegar à estação de rádio. Autumn afivelou o cinto de segurança. "Nós perdemos o café da manhã."

Jack sorriu. "Alguém que eu conheço não me deixou seguir o roteiro."

O provocante sorriso dela o fez querê-la novamente, mas decidiu que sua libido teria que ficar atrás dos deveres.

Quando chegaram ao prédio da emissora, encontraram uma vaga na grande área do estacionamento e entraram de frente. Ao se aproximarem, Jack viu um andaime na frente do prédio que atingia o terceiro andar.

Dentro do protegido lobby, Jack instintivamente prestou atenção ao layout do prédio e percebeu saídas de incêndio. A área do lobby abrigava uma loja de noivas, uma cafeteria, um restaurante com serviço completo e outras empresas diversas.

Autumn olhou para o teto alto e franziu a testa. "Onde está o sistema de borrifadores de incêndio?"

Jack riu. "Uma vez bombeiro, sempre bombeiro." Ele examinou o teto. "Isso é estranho. Talvez eles estejam substituindo o sistema."

Depois que entraram num elevador, os nervos dele imediatamente fez seu estômago apertar e um suor fino escorrer da testa. A reação o surpreendeu e, a sugestão de que uma simples entrevista podia fazer aquilo com ele adicionou um embaraço à sua situação.

Você está aqui agora, então, supere.

Ela apertou a mão dele. "Algo errado?"

Ele piscou. "Estou pensando no que poderíamos fazer neste elevador, se tivéssemos tempo."

Ela expeliu um suspiro de uma simulada indignação. "Jack Dillon, você é um homem muito maldoso".

Sem poder se segurar, Jack deslizou o braço em torno dela e trouxe sua boca sobre a dela. O abafado gemido dela de surpresa e prazer era doce. Ele se entregou, tomando a boca dela com profunda exploração. Uma luxúria de dissolver os músculos luxúria o deixou duro em segundos e, ele desejou poder levá-la dali naquele momento. A felicidade o fazia querer gritar aos céus que a amava.

Case comigo.

As palavras gritaram em seu cérebro.

Ele diria aquilo naquele momento.

PLIN

Ele soltou-a com um empurrão.

Uma mulher pequena se encontrava na porta aberta dos elevadores, um sorriso tolerante nos lábios. A face de Autumn ficou de um vermelho brilhante e Jack engoliu em seco. Tinham chegado ao destinado oitavo andar, sem mesmo perceber.

Quando a porta começou a fechar a mulher enfiou o minúsculo pé e a mão dentro e parou o movimento. "Jack Dillon e Autumn MacAllister?"

"Somos nós", disse Jack.

A mulher sorriu um sorriso enorme. "Sou Miranda Butterfield. Bem vindos à estação." Jack limpou a garganta quando saíram do elevador. "Prazer em conhecê-la."

Apesar da sedutora voz de Miranda Butterfield, ela não parecia o que ele esperava. Tinha feito uma enorme suposição e, não podia dizer que estava orgulhoso de si mesmo. Ele sacudiu a mão estendida e sorriu para os menos de 1,56 m dela.

Com o cabelo grisalho cortado curto e o corpo magro, a mulher com a voz da cidade do pecado mais parecia à avó de alguém do que uma ninfa. Ao redor dos sessenta anos, ela tinha uma corajosa, revestida aparência de uma mulher que batalhava duro. Apesar de sua aparência desgastada, ela usava um profissional terno azul marinho com uma camisa de colarinho branco.

Depois das apresentações, Miranda abriu o caminho para os escritórios da estação de rádio. "Quantos anos tem este prédio?" Jack perguntou. "Percebemos que há andaimes na frente e não há borrifadores de água no lobby."

"Ele foi construído em setenta e dois", disse Miranda, sem afrouxar o passo. "Quanto aos borrifadores, eles estão fazendo muitos trabalhos de reconstrução nos últimos meses. Muitos inquilinos estão com raiva por levarem tanto tempo para corrigir os problemas."

Autumn franziu a testa.

"Mas eles estão atualizando para um sistema de borrifos, espero"

Miranda sorriu e acenou com a cabeça. "Ele já tinha um sistema de borrifos, mas parece que – perdão pela palavra – estava ferrado."

Autumn riu. "Eles estão trabalhando nisso, então?"

"Absolutamente. O problema é que ele está tomando mais tempo do que eles pensavam." Miranda deu de ombros e retomou o ritmo. "Papelada, burocracia. Você sabe como é." Chegaram aos escritórios da estação e atravessaram o pequeno lobby e a área de recepção em um longo corredor. Ela os levou para o gerente da estação, que apertou suas mãos e sorriu como um político. Miranda os apresentou a várias outras pessoas na estação, mas Jack achou que os rostos começaram a se confundir. A vontade de começar e, terminar, a entrevista saltou e deu um tapa na cara dele no último minuto. O engenheiro e produtor os assentaram atrás do vidro da sala de controle.

Miranda os levou para dentro do estúdio onde iria conduzir a entrevista.

"Eu não posso dizer o quanto estou feliz por vocês terem decidido nos visitar," Miranda disse depois de lhes oferecer café e um lugar para sentar perto do microfone. "Achei que certamente vocês continuariam a dizer não".

"Nós quase dissemos." Autumn disse.

Miranda fez uma pausa, em seu meio copo de café à boca. Permitiu que a cerâmica fizesse barulho de volta para no pires. "Você sabe, este arranjo foi até um pouco estranho." Ela suspirou.

"Eu tenho uma confissão a fazer. Quando esta situação de incêndios começou em Clifton, eu não tinha certeza que daria uma boa história. Algumas notícias desagradáveis, com certeza, mas só isso." Ela assentiu com a cabeça em direção a Jack. "Quando ouvi sobre o seu trabalho no *Ground Zero*, e o jeito que você salvou Autumn do incêndio da discoteca..." Ela deu de ombros. "Bem, foi isso. As pessoas estão implorando para saber o que aconteceu em Nova York. Eles querem conhecer seus sentimentos e experiências."

"Eu não tenho certeza se existe tanto a ser dito como todo mundo pensa", disse Jack.

"Você ficaria surpreso." Miranda escovou os fios curtos do cabelo para fora da testa, e seu relógio caro brilhou na luz do escritório. "Fiquei triste ao saber sobre os seus colegas de trabalho que ficaram feridos no outro dia e, feliz por saber que você não se machucou seriamente."

De certa forma, Jack desejava que ela não tivesse mencionado seus colegas de trabalho. Pensar neles agora causava dor e, não queria reconhecer. "Hank ainda está inconsciente. Os outros estão se recuperando bem."

Miranda deu-lhe um generoso sorriso. "Você se importa em mencioná-los durante a entrevista?"

"Não, claro que não", disse ele.

Miranda jogou um olhar para Autumn. "Já decidi se quer falar sobre suas experiências sobre aqueles anos atrás? Ou será que ainda esta fora dos limites?"

Ele prendeu a respiração, temendo que a abordagem direta da mulher pudesse ofender Autumn novamente.

Em vez disso, Autumn esboçou um sorriso. "Isso não vai ser fácil."

Ele pegou a tristeza que pairava na voz dela e, por um momento, seu coração apertou e sua garganta se estreitou. A beleza dela, por dentro e por fora, fazia seu coração acelerar. Mesmo no meio de uma conversa, ela poderia excitá-lo com um sorriso ou um olhar. Ele tocou seu braço, esperando que ela achasse reconfortante. "Você não precisa fazer isso."

O olhar de Autumn foi compreensivo e carinhoso. "Vai ser terapêutico. Sim. Vou fazê-lo."

Miranda sorriu. "Entraremos no ar em trinta minutos."

Alguns momentos depois, começaram a entrevista oficial e Miranda apresentou-os a Billings. Conforme ele respondia as perguntas iniciais de Miranda sobre Nova York, ele observou que não era tão doloroso quanto pensava que seria. Para sua surpresa, ela não lhe perguntou nada mais difícil do que o inquérito que Autumn tinha apresentado durante a entrevista simulada em seu condomínio. Ela perguntou um pouco sobre os extensivos incêndios em Clifton e, ele contou apenas às coisas que os investigadores não achavam fora dos limites.

Embora a entrevista parecesse durar para sempre, Jack relaxou e quase aproveitou a oportunidade para discutir sua profissão e as pessoas maravilhosas dentro dela.

"Vamos voltar para os telefonemas", disse Miranda.

O produtor concordou com Miranda e ela pegou uma das linhas que piscavam. "Bem vindo ao nosso show. Qual é seu nome?"

"JP Margolies." A profunda voz do homem parecia longe, a ligação ruim.

"Esta pergunta é para o bombeiro Jack".

As sobrancelhas de Jack subiram quando olhou para Autumn e Miranda. Bombeiro Jack? Por que ele teve a impressão, apenas com uma frase, de que esse cara era um esquisito de primeira classe?

"Pode perguntar", disse Jack, tentando impedir que a hesitação se mostrasse em sua voz. A voz do outro lado evoluiu para um profundo e inquietante estrondo.

"Você acha que por ser bombeiro, é mais corajoso ou melhor do que um cara qualquer da rua?"

A enojada expressão de Autumn, dizia 'oh, ótimo, um desses caras'. Miranda inclinou-se na cadeira, os olhos arregalados como se estivesse animada com a pergunta e, talvez, ansiosa por um pequeno tumulto.

Jack se endireitou. "De maneira nenhuma, Sr. Margolies. Um bom combate a incêndios não envolve ego, envolve salvar vidas e propriedades. Uma pessoa com um ego monumental não vai muito longe ao combate a incêndios. Eventualmente ele vai alcançá-los. É sobre habilidades e compromisso com o trabalho."

Autumn saltou. "O mesmo ocorre com os Saltadores de fumaça e as Equipes de bombeiros de terrenos selvagens. Indivíduos com motivações erradas para virar bombeiros se desgastam rapidamente. "

"Mas eu acho que alguns passam despercebidos" Miranda perguntou.

Jack esfregou os tensos músculos da parte de trás do pescoço. "Claro."

"Você não acha que um ego saudável é importante?" Miranda perguntou.

Jack conseguiu manter sua contrariedade em segredo. Miranda tinha deixado as perguntas invasivas da entrevista até este momento.

"Exagerada auto-importância e necessidade de reconhecimento e poder não são tolerados pelos outros bombeiros. Esse tipo de comportamento faz com que as pessoas se descuidem e bombeiros podem morrer."

"Sr. Margolies, temos tempo para mais uma pergunta ", disse Miranda.

"Bom", disse o homem. "Senhorita MacAllister e Sr. Dillon, vocês acham que grandes egos mataram seus pais bombeiros?"

O silêncio encheu a sala, e os músculos de Jack ficaram tensos. O Ressentimento jorrava em seu sangue como ácido. Ele prendeu a respiração e olhou para Autumn. Sua expressão de pedra dizia que ela não iria responder à pergunta do verme.

Miranda franziu a testa e balançou a cabeça "Mr. Margolies, eu não tenho certeza... "

"A arrogância vai te matar, Sr. Dillon. Hoje, na verdade," disse o homem.

A linha de telefone ficou muda.

Eles olharam um para o outro conforme o silêncio enchia a sala.

Miranda pigarreou. "Bem, pessoal, podemos ver que diferenças de opinião sobre combate à incêndios acontecem. Estaremos fazendo uma pausa."

O engenheiro colocou um comercial de creme dental.

Autumn não pôde reprimir um bocejo e, ela colocou a mão sobre sua boca. "Desculpa". Miranda a olhou preocupada. "Por que não faz uma pausa, também? De fato, se não quiser estar na nesta última parte da entrevista, não tem problema." Ela balançou a cabeça. "Aquele último cara foi um pouco assustador."

Jack cruzou os braços. "Não deixe que isto atinja você. Ele era provavelmente inofensivo. Louco, mas inofensivo."

Autumn levantou-se da cadeira. "Os loucos não resistem, vou dar uma volta até as máquinas de café. Algum de vocês quer alguma coisa?"

"Eu poderia ter uma infusão de açúcar", disse Jack. "Traga-me alguma bebida sem caféina, por favor?"

Autumn dirigiu-se para a porta. "Descafeinado a caminho."

Ela saiu da sala e se dirigiu ao final do corredor. Alguém mencionara anteriormente que as máquinas estavam em uma sala perto das escadas. Pelo menos não precisaria andar até os restaurantes primeiro andar. Um homem baixo, gordinho vestindo um macacão da empresa de limpeza empurrava um carrinho pelo corredor à sua esquerda e em direção a ela. Algo familiar nele quase a fez parar.

Em vez disso, continuou até que chegasse ao final do corredor. Autumn agarrou a maçaneta na porta rotulada 'Máquinas de venda'. Nada aconteceu. Tentou novamente, mas a porta não se movia. Ouviu o barulho do carrinho de limpeza vindo em sua direção, mas o ignorou. *Ok. Novo plano. Tente um outro andar.*

Ouviu um som por trás e se virou. O baixinho estava ali, um satisfeito sorriso bobo nos lábios. O reconhecimento se lançou por ela, era o repórter que estava do lado de fora do apartamento de Jack. Repórter? Não, não podia ser.

Ele chegou com velocidade relâmpago, às mãos apertando a garganta dela como um torno. Seu suprimento de ar imediatamente cessou. Antes que ela pudesse fazer mais

do que liberar um ruído estrangulado, o cara a manipulou pela porta da escada. Autumn não podia aspirar uma única respiração enquanto cravava a carne dele com suas unhas. Nuvens negras pairavam no limite de sua visão.

Sem tempo para respirar.

Sem tempo para pensar.

Ela chutou para cima e atingiu o joelho direito dele. Ele uivou de dor e a libertou, tropeçando para trás na aterrissagem. Ela sugou um salvador fôlego quando sua garganta queimava e ardia. Correu para as escadas, mas ele a agarrou pelo braço. Agarrando-a de volta para que o enfrentasse, ele girou o punho e a acertou no queixo. Uma incrível dor esfaqueou seu crânio, seguida por uma onda de tontura. Ela lutou para permanecer consciente. Em vez disso, caiu como uma pedra. Uma explosão de cor vermelha a levou para baixo quando não queria ir.

Capítulo Vinte e Quatro

"Aprendi muito com a minha experiência em Nova York", Jack respondia a última pergunta de Miranda.

"Então, mesmo com esta tragédia horrível, você aprendeu algo valioso." Voz de Miranda ficou séria e convincente. "De todas as suas experiências em Nova York, qual você acha que vai ficar com você para o resto da vida?"

Jack sabia que Miranda esperava uma resposta dramática, mas ele não mordeu a isca. "Todas vão ficar comigo, por todos os dias da minha vida. Eu não deixei que me consumisse. Isso não seria saudável."

Miranda começou a fazer outra pergunta, quando uma explosão de ruído de alta-frequência correu pela área. Os olhos de Miranda se arregalaram. "Por favor, me diga que não é o que eu acho que é."

Jack ficou de pé num pulo, ao mesmo tempo em que seu coração saltou na garganta. "Alarme de incêndio".

Miranda falou no microfone. "Nós temos uma situação aqui, fiquem ligados."

"Não há tempo para interatividade no rádio, Miranda. Nós estamos saindo daqui".

"Mas"

A voz do produtor veio sobre o sistema enquanto ele apontou para eles. "Nós temos um problema."

O gerente da estação correu para a sala. Seus olhos, atingidos pelo pânico diziam tudo. "Nós estamos pegando fogo."

Não me diga. Jack esmagou de volta o medo e confiou em seus afiados instintos de trabalho. Os Pensamentos em Autumn fizeram sua garganta apertar. "Você ligou para o 911?" "Sim".

"Onde está localizado o fogo?"

O velho sacudi a cabeça careca. "O segurança do piso de baixo, disse que o alarme vem do sexto, sétimo e oitavo andares. A evacuação começou."

Quando Miranda e Jack correram para a área do escritório principal, a mulher agarrou a manga de Jack. "Você é um bombeiro. O que devemos fazer?"

Jack virou-se para a mulher e falou com volume alto para que todos pudessem ouvi-lo. "Evacuar imediatamente as escadas."

"Nós não podemos descer as escadas", disse o engenheiro, os olhos castanhos alargados, pela crescente tensão. "Vamos ficar presos lá."

"Não seja louca." Miranda olhou para a mulher de média idade. "Essa é a única saída."

Jack deu um olhar duro para Miranda. "Vamos verificar a saída primeiro para ter certeza de que não há fumaça."

"Eu não posso fazer isso", outra mulher gritou o rosto jovem de olhos arregalados com o pânico crescente.

Jack sabia que devia agir imediatamente ou essas pessoas iriam pitar e, ele perderia o controle.

Manteve as mãos para cima. "Nós vamos tomar as escadas para baixo rapidamente."

"E o elevador?" Cameron perguntou.

"Não!" Jack sabia que tinha falado em voz alta, mas queria ter certeza que todos tinham ouvido. "Os elevadores vão parar nos andares que estão com fogo."

"Oh, Deus. Então viraremos bacon", disse outro homem com o lábio superior pontilhado de suor.

Jack viu arrepios coletivos correrem pelo pequeno grupo. "Não há motivo para ficarem em pânico. Estaremos bem contanto que vocês façam tudo o que eu disser. Me sigam."

No corredor, o ar parecia limpo. Quando chegaram próximos as escadarias da suíte, as pessoas dos outros andares já se derramavam num constante fluxo.

"Talvez seja alarme falso", disse um homem.

"Não há muitas chances para isso", disse a gerente da estação. "O segurança disse que há definitivamente incêndios em dois andares abaixo."

"Como podemos descer para lá se há fogo?" O engenheiro perguntou sua voz inclinada para a ansiedade.

Jack olhou para Miranda e para a gerente da estação. "Vocês sabem se esse prédio tem escadas interiores separadas para incêndio?" Jack perguntou de forma sucinta. Ele sabia que era um tiro no escuro que eles soubessem a resposta.

"Sim", disse a gerente da estação conforme ele enxugava a testa com um lenço. "Eu ouvi alguém falar sobre isso e, eles têm estado finalizando-as há alguns meses."

Jack suspirou. "Bom".

Com isso, Jack mandou-os descer a escadaria.

Miranda esperou até que a última pessoa passasse pela porta. Jack virou-se para ela.

"Eu te seguirei até que a multidão chegue ao sexto andar. Então vou voltar para cima. Depois que me separar de você, mantenha todos em ordem e não os deixe parar até que estejam fora do edifício."

Miranda agarrou seu braço. "E Autumn? Ela deve ter ouvido o alarme."

Uma sensação de enjôo encheu o estômago dele. "Ela já deverá estar de volta nesse momento, mas talvez esteja tentando ajudar os outros." Jack apressou Miranda para a escada. "Vou encontrá-la."

Os olhos de Miranda demonstravam preocupação. "Eu estou com um sentimento estranho sobre isso."

"Eu também" Ele pegou seu crachá de identificação do bolso da calça e o prendeu ao cinto. "Não há tempo a perder."

* * * *

Um barulho estridente encheu os ouvidos de Autumn e aumentou sua dor de cabeça. Depois que o imbecil a tinha socado, ela desmaiara. Quanto tempo ficara inconsciente, ela não sabia.



Confusa, avaliou de cada pontada que invadia seu corpo. Uma violenta dor no joelho a dizia que tinha machucado a área danificada durante o terrível incêndio do último salto da carreira de saltadora de fumaça. Uma dor aguda esfaqueou as costelas quando tentou se mover. Um gemido escapou de sua garganta.

Ok. Você pode ter quebrado uma costela. O joelho foi mandado para o inferno. De novo. Droga, droga, droga.

Espere. Fungou. É melhor não ser o que eu acho que é. Ela deu um suspiro profundo e confirmou seus temores. *Fumaça.*

Se tivesse sorte, este arranha-céu teria sido projetado com escadas que mantivessem afastados o fogo e a fumaça. Ou eles não tinham atualizado o prédio às especificações ou algo estava terrivelmente errado.

Sua memória estalou em foco. O repórter. O homem da limpeza. Onde diabos ele tinha ido?

O pavor ondulou no estômago dela, criando uma náusea que poderia ser tanto pelo ferimento na cabeça quanto pelo medo. Forçou-se a sentar conforme a dor dilacerava seu lado. Ela não podia agüentar um suspiro. "Merda".

Ela deveria estar morta. Ele queria que ela morresse. Por quê?

Pense depois. Saia agora. Se ele estiver em algum lugar perto, pode querer terminar o trabalho.

O impiedoso concreto parecia uma chapa gelada no espaço de trabalho de um médico legista.

Com que tipo de louco ela tinha se deparado? Que sorte ferrada ter seu rabo preso em dois incêndios tão próximos— Claro que não.

Não parecia realista que o incendiário que tinha iniciado tantos incêndios em Clifton tivesse seguido ela e Jack até Billings. Fosse qual fosse o caso, ela não podia se dar ao luxo de pensar.

Quando olhou para o número na porta daquele andar, percebeu que havia caído alguns degraus. Não admirava estar se sentindo tão horrível.

Lembrou-se do plano de incêndio do edifício. As janelas não abriam neste edifício, e mesmo se abrissem os equipamentos de combate a incêndios não poderia alcançar além do sétimo andar. Ela sabia que uma tentativa de resgate de helicóptero pelo telhado não podia ser garantida. Hora de se levantar e encarar a música. Com esforço, puxou-se para cima. Uma estúpida dor se lançou das costelas e, ela bateu a mão contra sua lateral em reação. Cautelosamente, tentou colocar o peso sobre o joelho. A agonia atravessou o maltratado membro, e ela gritou. Afundou-se para trás até se sentar em um degrau. Ouviu gritos vindos de cima, então alguns tiros. Sua respiração acelerou. Oh, maldito.

"Não se mova, garotinha."

Enrijecendo, ela fez o que ele mandou. O homem corpulento que a tinha colocado nesta precária situação descia as escadas em direção a ela. A arma aninhada na pálida mão branca. Ela se fixou nos pelos vermelhos que salpicavam o pulso dele. Então seu olhar disparou ao rosto dele. Se as feições não a lembrassem um cachorro da raça *Pug*, ela não o teria reconhecido como um dos repórteres que participaram da perseguição paparazzi, que encontrara em Clifton. Dezenas de sardas polvilhavam o nariz. Ao contrário da roupa limpa que ela o vira vestindo em Clifton, hoje ele usava um sujo macacão de uma empresa de limpeza. Como repórter, ele parecia lustrado com cuspe.

Vestido para matar, ela adivinhou.

Sim, ele era exatamente como um *Pug*. Tão feio quanto, mas não fofinho.

Comigo não, verme pegajoso. Você não vai me matar.

Então ela viu o nome em seu macacão. Margolies JP. O homem que ligou para a estação de rádio.

* * * *

Enquanto a multidão na frente de Jack descia as depois do sexto andar, ele pediu a Miranda que levasse todos pelo resto do caminho abaixo, em seguida, começou a voltar para cima. A porta para o sétimo andar abriu num estouro ao lado dele. A jovem morena de olhos selvagens, com pânico gravado no rosto, pegou em seu braço. "Por favor, ajude! Meu namorado ainda está aqui e ele não está me ouvindo. Eu disse a ele que temos que sair e ele acha que é o super-homem. Ele pensou ter ouvido alguém em um dos escritórios. Por favor, me ajude! "

Jack correu para o corredor, com medo que alguém fosse morto ou se machucasse se a cabeça fria e o bom senso não prevalecessem. "Onde ele está?"

Ela puxou com força seu antebraço, as unhas dela mordendo a pele dele. "Por aqui".

Os longos cabelos chicotearam em volta de si quando ela girou a cabeça. "Ele ouviu vozes perto da outra escadaria. Alguém disse que um homem louco está desse lado do prédio e atirando em tudo. Ninguém está indo nessa direção e eu lhe disse para não ir para lá. Há fumaça do outro lado do corredor."

Uma trituradora apreensão abria um buraco Jack conforme ele seguia a mulher. Ele tinha que ajudá-la e, ainda assim, seu coração gritava para que encontrasse Autumn agora.

O medo por Autumn ameaçava minar sua normal calma abordagem no combate aos incêndios. Ele conhecia a besta e entendia seus muitos caprichos. Isso não significava que as pessoas que permaneciam no edifício entendiam. Alguns deles faziam coisas estúpidas por ignorância ou arrogância.

Isso poderia significar a morte.

Um suor frio na testa. Seu coração disparou.

Ele não podia dizer por que ou como soube, mas no fundo de seu estômago uma inquietação começou a ameaçar. Apesar de Autumn saber como sobreviver a um incêndio, o medo agarrou-o com unhas afiadas como navalhas. Ele não conseguia afastar a terrível sensação que corroia sua fria cabeça.

Querido Deus, algo de ruim aconteceu a Autumn. Pressa. Pressa.

Mil imagens agonizantes estouravam em sua cabeça sem dó ou piedade. A culpa, muitas vezes, dilacerava aqueles que sobreviviam, quando outros não. Seu pai correndo de volta para a casa em chamas de Autumn e sacrificando-se por outras pessoas, ainda não os salvando. Bombeiros dentro do World Trade Center e sacrificando-se na tentativa de salvar os outros. Ele faria o mesmo, assim como sabia que Autumn não hesitaria em salvar uma vida.

Com toda a convicção do coração, ele prometeu que quando a visse novamente, ela ouviria as palavras do seu coração.

Eu te amo, Autumn. Eu te amo.

De repente, um homem disparou de um dos escritórios, quase correndo em direção a Jack. Jack agarrou seu braço.

"Esse não é o meu namorado." Ela prendeu o braço de Jack e começou a puxar. "Por aqui".

O homem magro sacudiu a cabeça, um claro terror sendo construído em seus olhos. "Eu estava lá trabalhando, quando ouvi o alarme." Ele ergueu a pasta. "Então lembrei que tinha deixado minha maleta e voltei."

Idiota. Jack apertou seu aperto no ombro do homem. "Você viu algum sinal de um homem perto da escada lá embaixo?"

"Não."

"Vamos!" A mulher puxou o braço de Jack.

Jack olhou para ela, então deu atenção novamente para o homem. "Ainda tem alguém nesse andar?"

O homem passou longe de Jack. "Como diabos eu poderia saber?"

O homem precipitou pelo corredor para a liberdade.

Jack pegou o ritmo e quando avançou, um cheiro de produto químico agrediu seu nariz. Andar pelos corredores respirando gases tóxicos iria matá-los. Então viu uma porta entreaberta e um sinal de fumaça vindo daquela direção. A mulher apontou. "Pronto! Lá!" Sua pele se arrepiou. Ele não gostou da aparência daquilo.

Quando alcançou a porta, viu um homem olhando para dentro de um escritório. Uma fração de segundo passou antes que Jack percebesse o intuito do homem. Jack viu o sopro indicador de fumaça por baixo da porta.

"Peter!" A mulher começou a avançar, mas era tarde demais. Tudo correu em câmera lenta para Jack, sua mão saltando como se ele pudesse impedir o homem de selar seu próprio destino. Jack sabia que não teria tempo, mas as palavras vieram. "Não abra"

O homem estendeu a mão para a maçaneta da porta e a girou quando olhou para Jack e a mulher.

A mente de Jack sussurrou-lhe. *Filho-da-mãe.*

Jack agarrou o braço da mulher. "Corra!"

* * * *

"Bem mocinha, o quanto você gostou do passeio no andar de baixo?" o cara de *Pug* sorriu para Autumn como se tivesse ganhado um cheque de um milhão de dólares. "Você se machucou?" Ela tentou endireitar a posição sentada, mas a dor apunhalou sua perna e costelas. Ela segurou um suspiro de volta. Sua garganta doeu.

Assentiu com a cabeça em direção à fumaça ondulando acima das escadarias como finas gavinhas de um longo cabelo.

"Nós não podemos ficar aqui."

"Nós podemos e vamos. O carro de limpeza está pegando fogo no andar de baixo. A porta está recostada aberta nele."

A sensação de doença girava dentro de Autumn. Ela tossiu. "Você é repórter em Clifton."

Ele sorriu. "Esse é o meu trabalho real." Ele apontou para o equipamento de limpeza. "Este é a minha ocupação secundária de hoje."

Sem estar cem por cento certa das intenções dele, ela perguntou: "Mas o que você está fazendo em Billings?"

"Vamos lá, você deve saber."

"Fogos de artifício"?

"Esse é o rótulo, querida", disse o homem numa pobre imitação de Humphrey Bogart.*

* **Humphrey DeForest Bogart** (Nova Iorque, 25 de dezembro de 1899 — Hollywood, 14 de janeiro de 1957) foi um ator de cinema e teatro dos Estados Unidos, eleito pelo American Film Institute como a maior estrela masculina do cinema norte-americano de todos os tempos.

"Você e eu estaremos vendo fogos de artifício importantes em breve."

Ela não iria perguntar se ele tinha plantado uma bomba. Nem queria acrescentar a possibilidade ao cenário. "Que tipo de fogos de artifício?"

"Do tipo grave. Um pouco de óleo de polimento de madeira aqui e ali."

Autumn estremeceu. Sabia que óleo de polimento de madeira e os ingredientes usados faziam um incêndio mais perigoso. O material iria queimar se a temperatura certa estivesse presente, ou se alguém o tivesse juntado com outra substância como o cloro. Misture novamente com outros tóxicos produtos químicos de mobília e o perigo aumentaria mais ainda.

Ela engoliu o alarme cortando em seu coração fazendo-a esquecer a dor física no momento. "Quantos incêndios?" Ele deu de ombros. "Um em cada seis." Ele ponderou um instante. "Meia dúzia de sete. Pelo menos, três aqui em oito. Coitada da pobre alma que ficar no caminho desse aí. Fiz questão de colocar o carrinho de limpeza em chamas na entrada de um caminho."

"É por isso que não há fumaça nas escadas."

"Exatamente."

"Eu ouvi disparos. Foi você?"

"Sim. Algumas pessoas estúpidas queriam usar esta escada. Agora eles entendem."

"Você matou alguém?"

"Não. Eu atirei para cima das cabeças. Embora tenha sido tentador derrubar alguns"

Suave e mortal, a risada dele mostrava que a loucura se encontrava na superfície, tão quente como a besta flamejante. Ele bufou. "Pobre Jack. Ele está, provavelmente, te procurando agora."

Jack. Oh, Jack, por favor, deixe o prédio.

Mas se ela conhecia Jack de verdade, ele ajudaria os outros a saírem e que se danasse a própria vida. Ela sabia no fundo do coração que ele viria por ela. Agarrou-se à esperança e temia aquilo, ao mesmo tempo.

Se não podia apelar para o medo do cara de *Pug*, poderia influenciar o que restava do seu cérebro de ervilha. "Por que você está fazendo isso?"

"Porque aquele asno estúpido do George Beckett, não poderia terminar o trabalho. Eu o assisti trabalhar, sabe. Ele não sabia o que estava fazendo e, eu odeio incompetência no trabalho. Ninguém acerta. Eu sempre tenho que fazer isso por eles. Ele era um desastrado, atrapalhado, uma merda idiota."

"O que ele estava tentando fazer que você teve que consertar?"

"Os incêndios garota. Beckett era uma vivo e andante tocha. Sempre procurando um novo lugar para incendiar. Você não sabia isso dele, eu acho."

George um incendiário? De alguma forma, não a surpreendeu. "Diga-me mais."

"Ele gerou a maioria dos incêndios em Clifton. Na verdade, ele me contou um doce segredinho. Ele fez aquilo com a casa dos seus pais todos esses anos atrás."

O ultraje gritou em seu cérebro. Um negro, profundo buraco foi aberto dentro dela. A garganta apertou com uma dor mais profunda do que qualquer outro horror que tinha imaginado antes. "O quê?"

"Ele transformou sua casa em uma grande pilha de cinzas."

Os olhos do cara de *Pug* ficaram animados e ansiosos. "Ele disse que nunca teve mais satisfação do que quando incendiou sua casa. Feriu-te porque você o feriu. Você sabe a besteira. Que idiota patético." Limpou o suor da testa. "Ele queria vingança, porque você não iria deixá-lo te comer".

Autumn lutava para manter os olhos abertos quando uma curiosa vertigem encheu sua cabeça. "Por que ele iria te contar sobre os incêndios que criou?"

"Ele não me disse imediatamente. Só depois de mostrá-lo que podia confiar em mim." Ele riu. "Conhecemos-nos após o incêndio do *Top 'O The Morning Club*. Eu pensei que talvez pudesse aprender alguma coisa com ele. Vim para Clifton depois de

ouvir sobre os incêndios. Parecia um ótimo lugar para me misturar" Ele encolheu os ombros. "Infernos, se outro idiota estava começando fogos, eu poderia lucrar com a satisfação. Poderia criar minha obra-prima e ninguém saberia que eram duas pessoas diferentes."

"Ele confiou em você depois de um encontro?"

"Sim. Provavelmente porque tínhamos algo em comum. O fogo".

Mantenha-o falando, Autumn. "Então, você já criava incêndios antes de vir a Clifton?"

O homem bufou. "É claro, garota."

"E ninguém te pegou?"

Ele riu, tossiu e ela rezou para que se a intoxicação por inalação de fumaça chegasse para ambos, o atingisse primeiro para que ela tivesse uma chance de escapar.

Os olhos dele ficaram vidrados e ela se perguntou se ele tinha ingerido drogas antes de iniciar este incêndio. "Merda, garota, ele não podia sequer pegar o estúpido do George Beckett. O que te faz pensar que eles poderiam me pegar?"

O orgulho na voz dele fez aumentar a fúria dentro dela, a pior raiva que ela já tinha experimentado na vida.

"Então, você criou os incêndios depois das chamas do pub?"

"Isso mesmo." A próxima risada saiu rouca. "Mas este foi o meu melhor. George era um tolo."

"Você diz 'era' quando fala de George. O que quer dizer?"

"Você não terá que se preocupar com ele mais. A polícia de Clifton já deve tê-lo encontrado nesse instante. Ele me encontrou no parque. O verme não sabia que era realmente o último negócio dele. Acho que ele pensou que eu ia ser seu parceiro até o fim." O suor eclodiu na parte de trás do pescoço. "Você está dizendo que o matou?"

"Pode apostar sua doce bundinha." A voz cheia de sarcasmo. "Ele mereceu. Era um incendiário insignificante que não valia o espaço que assumiu. Começou alguns incêndios na Alemanha, quando estava no exército. Era uma praga doentia que não sabia manter o pinto nas calças. E, acredite em mim, gostava de mostrar a qualquer um que olhasse. Ele me mostrou na primeira noite que o conheci. Um pacote surpreendente."

Mais náuseas subiam em seu estômago.

Não vamos tão longe, seu nojento pedaço de carne. Ela engoliu em seco e decidiu mergulhar através da repulsa.

Uma respiração ofegante, depois uma tosse a agarrou. "Se ficarmos aqui vamos morrer." Ele deu de ombros.

Uma renovada fúria venceu sua ansiedade. "Você não está fazendo isso para acabar com a insanidade de George. Você recebe uma carga sexual da carnificina".

Os olhos do cara de *Pug* se estreitaram quando se acalmou. "Meu pai fazia isso também. Poderia dizer que está tudo em família, sabe." Ele mudou para um sotaque sulista. "Papai sempre disse que um inferno era bom para a limpeza da alma."

"O ar está ficando ruim." Ela tossiu. "Você não quer morrer desta maneira."

O cara de *Pug* apontou a arma para Autumn e, ela pensou que seu coração pararia. "Você não sabe o que eu quero garota."

Um arrepio se locomoveu sem esforço sobre sua pele quando um pressentimento a encheu. Seus olhos ardiam, ela sabia que não demoraria muito mais antes que ambos tombassem.

Ela se rebelou contra a idéia. Lutaria para sobreviver, mesmo que isso significasse encontrar uma maneira de matar este homem.

Mudou o peso do corpo de lado, então segurou um gemido de dor nas costelas. "O que você quer?"

"Fama. Chutar a bunda de alguém."

"Como vai poder desfrutar da fama, se estiver morto?"

"Eu não preciso de platéia. Deixei a prova no meu computador. A confissão completa."

As náuseas de Autumn aumentaram, mas ela não sabia se a fumaça ou o crescente medo que causavam o problema.

"George Beckett ficará na história como um idiota que provoca incêndios por uma doente liberação sexual", disse ele. "Vou entrar para a história como o criminoso que fazia isso porque queria. Não porque tinha que fazer."

Ela não acreditou nele, sabia que ele sentia a mesma compulsão por incêndios que George ou não faria aquilo de forma nenhuma. O que poderia dizer a um homem tão convencido de sua invencibilidade? "Você está orgulhoso do que faz."

Um acesso de tosse o fez dobrar o corpo para frente e ela pensou em correr e tomar a arma.

Eu estarei morta em uma batida de coração.

Ele endireitou-se, o rosto corado pelo esforço. "Claro que estou orgulhoso. Eu faço e crio as coisas de um modo muito mais interessantes do que as notícias do jornal. Se eu não puder criar notícias mais interessantes do que aqueles criminosos insignificantes... Bom, fodam-se eles. Infernos, eu sou melhor do que eles."

Fantástico. Um incendiário megalomaníaco que acha que sabe tudo.

"Você era a voz no rádio hoje. Qual é o seu nome verdadeiro?"

"Belton Arro".

Uma nova trepidação a cortou como uma ponta glacial afiada correndo sobre a pele desprotegida. "O que quis dizer quando disse no rádio que era a nossa hora de morrer? Por que queria nos machucar?"

"Você tem opções secundárias. Eu sou repórter, mas às vezes as emoções de Montana não são suficientes. Diabos, eu estava em Nova York e vi toda a destruição em 11 de setembro, e isso me deu idéias. Pecaminosamente boas idéias. Só me levou alguns meses para colocá-las em movimento. George decidiu criar mais incêndios no mesmo dia dos ataques terroristas. Ele me disse que estava em um bar quando tudo aconteceu. Viu na TV. Aquilo o excitou para ver destruição maciça."

"Então você foi mais esperto que George?" Sua respiração era curta e difícil.

"Você convenceu-o que podia derrubar os policiais e investigadores, iniciando a segunda série de incêndios? Por que ele iria entregar as rédeas a você?"

"Ele reconheceu uma mente superior, quando a viu. E ele queria ajuda para destruir Dillon." Ele tossiu. "Beckett odiava o sucesso de Dillon e tudo que ele tinha. A garotinha dele queria Dillon, também."

Ela engoliu em seco, a boca seca, olhos coçando e enchendo de lágrimas. "E você não está com ciúmes?"

O sorriso esticado e fino, fez subirem arrepios em sua espinha. "Claro que não. Você não tem nada que eu queira. Nada além de matar as celebridades de Clifton como hobby, eu acho. Isso é um privilégio."

Ela notou a espessa fumaça flutuando até as escadas. "Olha, porque não saímos daqui e você pode me contar mais?"

Quando ele riu, seus pensamentos se voltaram para Jack. Será que ela nunca o veria novamente? Ela o amava com uma profunda e inabalável convicção.

Não. Eu vou conseguir. Eu vou sobreviver. Oh, Jack, eu te amo.

Com esse claro pensamento, ela descartou a idéia de arrancar a arma do cara de *Pug*. Tudo o que conseguiria com isso era levar um tiro. Claro que se esperasse muito tempo, ela poderia dar um beijo de adeus na própria bunda.

Espantada com o seu nível tranqüilo de sentimento, se perguntou para onde seu tinha medo tinha ido. Sentiu-se ainda feita pedra por dentro, como se um anjo ou, alguma outra força assegurasse-lhe que tudo ficaria bem.

Sentia que estar assim tão calma não poderia ser normal, mas pelo momento decidiu ser grata. Se apavorar significaria morte certa.

"Olha, a fumaça está..." Como se para afirmar um ponto de vista, ela tossiu. Não que pudesse ajudá-la. "... ficando pesada. Você não vai poder me contar seu grande plano se morrermos, vai? Você tem a arma, para que possa nos levar para outra sala no andar de cima, certo? Ninguém vai saber."

O cara de *Pug* mudou a arma para a mão esquerda e manteve-a na mira. "Não, garota, eu não penso assim. Este é o fim da linha para nós dois."

Autumn engoliu em seco, a alma mergulhada nas profundezas do desespero conforme olhava para o cano da arma. Ela tossia quase sem parar agora e, ele engasgou e tentou fingir que a fumaça não o afetava. "Levanta", ele sibilou.

Ela escalou para uma posição de pé, a dor se irradiando para sua lateral e joelho. Autumn pensou ter ouvido a voz do pai e supôs que estava tendo alucinações.

Vá. Vá agora. Escape.

Como, pai? Como?

Então ela viu o brilho nos olhos do homem e soube.

Ele planejava puxar o gatilho.

O rosto do cara de *Pug* ficou vermelho naquele momento e, então, para surpresa de Autumn, ele tossiu ferozmente. Os olhos fecharam e o corpo estremeceu.

Se mova agora. Se mova ou morra.

O rosto do cara de *Pug* parecia quase roxo agora.

Com um empenho que ela não sabia que possuía, se endireitou e se preparou para tomar uma posição final. Uma navalhante dor aguda esfaqueou sua perna e ela gritou.

As luzes se apagaram na escada.

* * * *

Jack e a mulher que lutava e gritava quase chegavam à esquina do corredor, quando a explosão os atingiu.

A morte o tinha encontrado. Tudo o que podia esperar era que o fogo não os fritasse. Conforme o calor ameaçava suas costas, ele ficou de pé ofegando enquanto a falta de oxigênio devorava seus pulmões. O Fogo lambia o teto do corredor, se movendo em sua direção, consumindo combustível.

A mulher saltou para os pés e encaminhou-se para o fogo novamente, gritando o tempo todo. "Oh, Deus! Peter! Peter!"

Jack agarrou o braço e a puxou de volta. "Vamos sair daqui!"

"Nós não podemos deixá-lo!"

"Você não pode ajudá-lo!" Quando ela lutou, com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele há sacudiu um pouco para que ouvisse. "Você não pode ajudá-lo agora. Desça as escadas imediatamente."

"Não!"

Ele não queria ser cruel, mas para sobreviver, ela deveria escutar a razão. "Ele está morto!" Um soluço estourou da garganta quando a realidade a golpeou.

Tossiu violentamente em torno das horrorizadas arfadas. "Oh, Deus! Deus!"

Uma equipe de bombeiros explodiu pela portas das escadas. Um bombeiro carregava um pacote com uma mangueira de cinco centímetros, com uma válvula dupla para dividir a mangueira original em duas linhas de ataque.

Outros bombeiros traziam roscas de uma polegada e meia de mangueira.

"Ei, o que você está fazendo aqui em cima?" O primeiro bombeiro que perguntou tinha as palavras abafadas pelo aparelho de respiração. Então viu o crachá de Jack preso ao cinto. "Você é um bombeiro?"

"Sim. Houve backdraft um momento atrás."

Ele explicou sobre o homem abrindo a porta e suas consequências. Outro bombeiro levou a mulher que chorava e tremia em direção às escadas e, ela foi sem argumentar. Conforme Jack ajudava a equipe a ligar as mangueiras ao sistema de fonte de água e, a criar as linhas de ataque, começou a tossir.

Um bombeiro agarrou-o pelo braço. "Está tudo bem?"

Jack balançou a cabeça. "Há uma mulher desaparecida. Ela é bombeira, também. Eu tenho uma sensação ruim de que ela precisa de ajuda. Alguém também disse que há um louco atirando no prédio, na outra escada."

Os olhos do outro homem se encheram de compreensão. "Nós vamos te ajudar a encontrá-la."

Jack deu ao homem uma rápida descrição de Autumn. O bombeiro concordou e deu instruções para dois de seus homens acompanharem Jack. "Se houver fogo lá em cima, ligue aqui para baixo e peça uma mangueira." O bombeiro falou através do rádio, "Carregue as mangueiras!"

Quando Jack voltava para a escada e para o oitavo andar, ouviu a água através das mangueiras e as mensagens para os homens avançarem e atacarem à besta.

* * * *

Jack levava o pacote enquanto dois bombeiros o seguiam para cima. A pressa corria em seu sangue. Autumn devia estar bem. Ela tinha que estar. Ele não aceitaria outra alternativa. Quando chegaram ao oitavo andar, avaliaram a possibilidade do fogo do outro lado e encontrou a porta fria. Passaram e Jack correu em direção ao primeiro som que ouviu quando viravam uma esquina do corredor. Tosse. Um barulho de esgano.

Segundos depois, um dos bombeiros apontou para o corredor. "Não!"

Um homem rastejava pelo chão de bruços, sua cabeça careca brilhando, suas arfadas por fôlego audíveis. Eles correram para ajudá-lo. O homem os viu e sua mão saiu num pedido de ajuda. Pouco antes de o alcançarem, o homem empolado se puxou até ficar de joelhos e, foi quando Jack viu o crachá. JP Margolies.

Então olhou melhor o rosto do homem. O reconhecimento queimava nos olhos do homem enquanto tentava alcançar o bolso do macacão. Jack viu o cinza frio do metal brilhante e, antes que o enfraquecido homem pudesse apontar, Jack saltou.

"Cuidado!" Jack alcançou o pulso do homem e o torceu violentamente, apontando a arma para o teto. Um tiro ecoou.

Com um suspiro murmurante para o ar, o homem se atracou com Jack pela arma. Jack golpeou com o joelho o queixo do homem que se debatia. Quando a cabeça do homem estalou bruscamente, os olhos rolaram. Ele caiu para trás, deixando inofensivamente a arma cair no chão. Jack pegou a arma, colocou a segurança e prendeu a arma na parte de trás de sua cintura.

Um bombeiro caiu de joelhos ao lado do homem inconsciente. "Que diabos está acontecendo?"

Jack correu se passou rápido pelo homem caído. "Eu acho que é o homem que iniciou o fogo."

Os outros bombeiros o seguiram enquanto ele continuava correndo pelo corredor. "Como você sabe?" Um homem perguntou.

Jack não tinha tempo para explicar. "Autumn está aqui em algum lugar."

* * * *

Autumn se recusava a morrer.

Ela lutava enquanto a negra, abafante fumaça a sufocava. Um ambiente cinza a cercava, ameaçando cobri-la com uma permanente escuridão.

Ela se arrastou até as escadas a um doloroso passo de cada vez, forçando o joelho a trabalhar, apesar das difíceis escadas e a dor aguda. A porta se abriu sobre ela e ela percebeu que o cara de *Pug*, não queria morrer, depois de tudo. Ele fugira escada acima. *Uma chance é tudo que eu tenho.*

Eu quero ver Jack.

Vou ver Jack.

Por favor, por favor, por favor.

Autumn encontrou a porta e empurrou a barra conforme agüentava mais uma tentativa. Um empurrão e a porta começou a abrir. Ouviu gritos quando empurrou mais e conseguiu segurar a porta aberta o tempo todo. A fumaça flutuava pelo corredor. Ela caiu no chão o lado de fora da porta e esta bateu.

Tossindo, se arrastou para frente. Avançando, avançando, avançando. O ar parecia mais fresco ali, a fumaça não tão densa.

Então, ouviu mais vozes e olhou pelos lacrimejantes e ardentes olhos. Jack.

"Autumn!" Ele correu na direção dela.

A expressão sombria dele mostrava uma cruel determinação e um incrível alívio misturado com medo. Jack ajoelhou-se perto dela. Ela se agarrou a camisa dele e saboreou abençoado calor do seu toque.

Quando ela tossiu desta vez, seus pulmões realmente não gostaram. Ela mal conseguia encontrar fôlego. Viu o cara de *Pug* deitado no chão e, os olhos dele cintilaram abertos e pegaram os dela.

Uma raiva pura fervia e, ela olhou para ele. "Eu estou viva, bastardo imundo", ela resmungou. Começou a tossir de novo. Jack pegou-a nos braços.

"Temos que tirá-la daqui", disse Jack.

Mais bombeiros chegaram ao fundo do corredor e ela desvanecia dentro e fora da consciência.

Os vários minutos seguintes passaram em um borrão para Autumn quando Jack levou-a ao fundo do corredor, para as escadas sem fumaça. Gritos de bombeiros, passos chocalhavam as escadas conforme mais homens subiam.

Ela abriu a boca para falar, mas não conseguia parar de tossir.

Autumn pensou ter ouvido a voz de Jack, preocupada e tensa. "Calma, querida. Respire. Venha, respire".

Assim que chegaram ao fresco ar livre, impressões desconexas se misturaram à dor até que ela não podia dizer o que era real. Sentia a solidez de algo em suas costas, então percebeu que alguém estava tocando seu pulso. Uma voz lhe pedia para abrir os olhos. Não era Jack. "Jack", disse ela, sua garganta ferida. "Onde—" Outra tosse a colocou em silêncio.

Ela sentiu a mão de Jack segurando a dela. "Eu estou bem aqui. Você está bem. "

Cada respiração tornara-se dolorosa enquanto suas costelas protestavam. Sentia que o joelho poderia ser do tamanho de uma melancia.

Ouviu Jack dizer ao outro paramédico que ele era paramédico, também.

"Abra os seus olhos, querida." Jack parecia desesperado, a sua própria voz áspera pela fumaça. A voz dele veio novamente, perto de sua orelha. "Eu te amo. Autumn, eu te amo". "Senhor, precisamos ajudá-lo também. Venha. Ela vai ficar bem", disse uma voz masculina. Jack soltou a mão dela e, por um segundo, um terrível pânico a fez tremer. Então lágrimas de alegria queimaram seus olhos. Jack a amava também.

A máscara ia sobre o nariz e a boca e, conforme o abençoado oxigênio fluía, ela inalava avidamente. "Calma, calma", uma voz feminina murmurou próximo. "Vá devagar".

Com um esforço supremo, Autumn abriu os olhos e absorveu a coisa mais abençoada que tinha visto no longo dia.

Jack sentou-se no outro lado da ambulância, o seu rosto suado e coberto de fuligem, decorado com a sua própria máscara de oxigênio. Quando ele a viu acordar, seu olhar iluminou de pura felicidade e ele sorriu.

A alegria removeu todas as lembranças de dor. Ela sorriu de volta. Estava tudo bem.

Epílogo

11 de setembro de 2002

"Whoooooohooooo!" Hank gritou quando cravou a bola de vôlei sobre a rede pelo que parecia a Autumn a oitogentésima vez.

Comemorações e palmas eclodiam dos espectadores assistindo ao jogo no grande quintal de Hank e Ginger.

Hank e Jack eram membros da equipe Azul e passaram a tarde chutando alguns traseiros da equipe amarela.

Ela assistia a duas equipes de bombeiros disputando e sentiu-se imediatamente com inveja. Seu joelho não permitia esse tipo de ação. Pelo menos ainda não. Talvez nunca. Quando se levantou da cadeira, resolveu que não ficaria deprimida pelas duas cirurgias que sofrera nos meses passados. Sabia que nunca seria Saltadora de fumaça novamente. Parou de correr de uma vez por todas e ficou impressionada pelo conceito não ter sido tão esmagador como imaginara que poderia ser.

Tentara se distanciar.

Tudo o que queria de Jack era amizade e um sexo sem compromisso. Se distanciar das emoções, de amar um homem novamente. Mas Jack mostrou a ela o significado do mais profundo, mais sincero amor e, agora, ela já não podia se proteger de viver ao máximo.

Quando olhou para Jack, ele bateu nas costas de Hank e os dois homens riram.

Um morno, e carinhoso sentimento floresceram dentro dela. Não, ela não podia se queixar de nenhuma coisinha sequer.

Tempo e reflexão mantinham muitos pesadelos na baía e, se divertir com bons amigos, como estes baniam as escuras, e dolorosas lembranças. Ela não pensava muito no cara de *Pug*, que ficaria na prisão pelo resto da vida. Além disso, seu coração estava muito mais empenhado em mostrar seu amor por Jack. Ela fora morar com ele uma semana depois dos acontecimentos em Billings.

Hoje poderia ter sido um dia triste conforme recordassem os acontecimentos do ano anterior. Com o incentivo de Hank e Jack, o Departamento de Incêndios de Clifton decidiu honrar os que caíram, mas também celebrar a vida. Considerando o que suportaram, ela podia apreciar curtir a vida a cada minuto, cada segundo do dia.

Quando voltaram de Billings, após o incêndio do arranha-céu, a polícia confirmou que Cherry Guillett fora encontrada espancada e estrangulada até a morte. Evidências mostraram que George a tinha matado.

Por sua vez, a polícia localizou George em um parque perto da periferia de Clifton com um tiro fatal. A balística confirmou que a mesma arma que Belton Arro havia usado para aterrorizar Autumn tinha matado George. Ela balançou a cabeça e decidiu que hoje não pensaria na loucura envolvendo os dois incendiários e o destino de Cherry.

Uma brisa arrefecia o ensolarado dia e, ela virou-se com a aba do seu grande chapéu de palha e olhou o brilho do claro céu de Montana. Respirava o ar fresco da montanha e desfrutava dos tentadores aromas de flores, da grama recém cortada e de uma deliciosa comida.

Risos ecoavam em torno da área. O Newfoundland* de Hank, apropriadamente chamado Mammoth, perseguia as crianças ao redor das mesas. Mais alegria tocou no meio da multidão como os bombeiros faziam palhaçadas ao redor e, o coração de Autumn brilhava de contentamento. Guturais gritos masculinos subiam no meio da multidão enquanto ela observava o jogo de vôlei.

O jogo terminou e a equipe amarela recebeu um completo chute na bunda.

"Caramba", disse Ginger enquanto caminhava em direção a Autumn. "Você imaginaria que eles estão na melhor equipe ou algo assim." Elas caminharam em direção as grelhas onde os cachorros-quentes e hambúrgueres chiavam.

Autumn sorriu. "Homens".

Sabia que Ginger se referia ao jogo de futebol realizado na costa leste entre o FDNY o NYPD a cada ano.

"Eu não acho que eles estão prontos para uma equipe de futebol, não é?"

Ginger riu e colocou o braço em torno de Autumn. "Provavelmente não. Então, eu ouvi rumores de que alguém fará um grande anúncio hoje."

"Quem?"

Ginger balançou as sobrancelhas. "Não vou contar. É segredo."

"Você está tentando me dizer que você e Hank finalmente estão noivos?"

"Eu não disse isso".

Suspirando, Autumn parou no caminho. "Ginger, se você não... "

Hank soltou outro grito de guerra, assustando elas quando correu para Ginger e a pegou nos braços. Ele a girou e a beijou minuciosamente.

Enquanto Autumn ria, olhou ao redor pela única pessoa que, de repente, faltava nessa multidão de felicidade. Jack.

Onde está o homem dos meus sonhos, afinal?

*O **terra-nova** é uma raça de cães natural do Canadá. Com pelagem longa e de cores variadas (preto, bronze e landseer), têm como característica a pelagem impermeável, devido ao gosto por água. Acredita-se que é uma das origens do labrador. É proveniente da província de Terra Nova, Canadá. Nos países de língua inglesa, são conhecidos como **Newfoundlands**, e apelidados de *Newfies*.

Como se conjurado a partir de um desejo, ele surgiu de um grupo de bombeiros torcendo. Ela acenou para ele e depois acrescentou uma piscadela além do necessário. O perverso sorriso dele em resposta fez sua pulsação acelerar.

Ele passeou em sua direção e, ela sentiu um espesso, quente desejo em seu estômago. O homem mais bonito do planeta andava em sua direção sem camisa, e o ondulado, musculoso físico e deixava enfeitiçada. Os jeans rasgados exibiam poderosas pernas. Bem, a vida não poderia ficar melhor do que isso.

Ele parou na frente dela e pegou sua mão. Como sempre, beijou os dedos e lhe deu um sorriso enorme. "O que uma mulher bonita como você está fazendo num lugar como este?"

Ela favoreceu-o com seu mais sedutor sorriso. "Esperando a pizza."

"De jeito nenhum. Você estava pensando em comer a sobremesa primeiro?"

Ela permitiu que seus dedos pincelassem sobre a coxa dele por um segundo, então se lembrou de onde estavam. "Não." Uma sobranceira se levantou. "A menos, claro, você seja a sobremesa." Jack inclinou-se e lhe deu um beijo carinhoso com um macio esfregar de lábios contra lábios.

A ternura se aprofundou nos olhos dele e a fez dizer às palavras que tinha repetido muitas vezes em poucos meses.

"Eu te amo", ela sussurrou.

Ela envolveu o rosto dele com as duas mãos e esfregou os polegares sobre a sua pele com uma reverência apaixonada

"E eu te amo." A voz rouca e profunda, fez a ânsia dela por ele subir mais alto. "Quando esse evento acabar, eu digo que devemos ter a nossa própria festa".

Ela se permitiu deixar a mão à deriva sobre os músculos do peito dele. "Uma festa muito íntima e pessoal?"

O olhar dele foi térmico quando prendeu a mão dela contra o seu peito. "Deus, sim." Depois de compartilharem outro doce beijo Jack disse: "Eles estão se preparando para fazer a cerimônia." A cerimônia. Ele não tinha que explicar.

Alguns momentos depois, começaram uma solene homenagem. Em um pequeno palco criado no quintal, a esposa de um bombeiro cantou uma canção de amor, paz e esperança para o futuro. Logo depois que terminou de cantar, Chefe Hallam pediu um momento de silêncio. Pouco mais tarde, o chefe começou o seu discurso.

"Esse poderia ter sido um dia difícil para todos nós, quando honramos aqueles homens, mulheres e crianças que perderam suas vidas, há um ano." Ele limpou a garganta. "Mas eu sei que eles querem que sejamos felizes e mantenhamos a luz em nossas vidas. Estamos aqui para salvar vidas e propriedades, senhoras e senhores e, é isso que vamos continuar a fazer." Ele ergueu seu copo de cerveja. "Para aqueles que perderam suas vidas durante o ano passado. E um brinde especial ao Departamento de Incêndios de Clifton.

Depois de todos brindarem e o chefe deixar o palco, A testa de Jack se enrugou em uma carranca. Ele olhou para Autumn. "Parece que foi ontem. Então outra vez, eu

tento não pensar muito nisso." Seus dedos traçaram os dela num repetitivo, suave movimento. "Tenho tudo o que preciso aqui mesmo."

Alguém bateu contra um utensílio de vidro e, o barulho atraiu a atenção de todos. Gritos de calma eram soltos no quintal.

Hank deslizou o braço em torno de Ginger e quando olhou para a multidão, levantou uma taça de vinho.

"Amigos, eu gostaria de propor vários brindes." À medida que os indivíduos levantavam os copos, Hank continuou. "Temos muitas coisas para agradecer nestes dias. Primeiro, meus amigos e eu sobrevivemos ao desabamento do edifício e, estamos todos de volta ao trabalho." As pessoas gritavam e aplaudiam e Hank esperou o júbilo diminuir antes de falar novamente. "Segundo, a ameaça dos incêndios sumiu desta cidade." Mais gritos de afirmação e um apito agudo de aprovação soaram. "Terceiro, Ginger e eu estamos felizes em anunciar nosso noivado."

A celebração impediu Hank de falar novamente, de imediato. Os olhos de Autumn arderam com lágrimas de felicidade.

Jack deslizou o braço em torno dela e sussurrou em seu ouvido. "O que há de errado?"

Ela sorriu. "Eu estou tão feliz."

Hank fez um gesto para Jack e Autumn se juntarem a ele e Ginger na frente.

Quando pararam na frente, Jack pegou suas mãos e olhou para a mulher que ele amava mais do que a própria vida. Desde que a segurara nos braços em Billings e sentira o poder do seu amor por ela, ele soube que queria estar na vida dela para sempre. Olhou para sua mãe. O sorriso e o aceno dela mostraram felicidade.

Autumn esperou pacientemente enquanto Jack limpou a garganta.

"Autumn, eu te amo mais do que minha própria vida. Não pode haver nenhuma outra mulher para mim enquanto eu viver e, eu quero compartilhar esta vida maravilhosa com você como marido e mulher. Quer se casar comigo?"

Um silêncio instalou-se na multidão.

O coração de Autumn parecia poder parar então aquilo trovejou em seus ouvidos quando a felicidade a dominou por completo. Ela caiu nos braços dele e lhe deu resposta. "Sim, Jack. Eu quero me casar com você."

Hank soltou um 'yahoo', e Ginger gritou. Uma rodada de abraços, aplausos e apertos de mão assumiu o controle.

Jack sussurrou no ouvido de Autumn. "Vamos levar esta festa para casa, Autumn."

E eles a levaram.

Fim



